

Bianca

Romance Místico

926

RS 10,90

KATHY LOVE

*Sob o Domínio
da Lua*

225

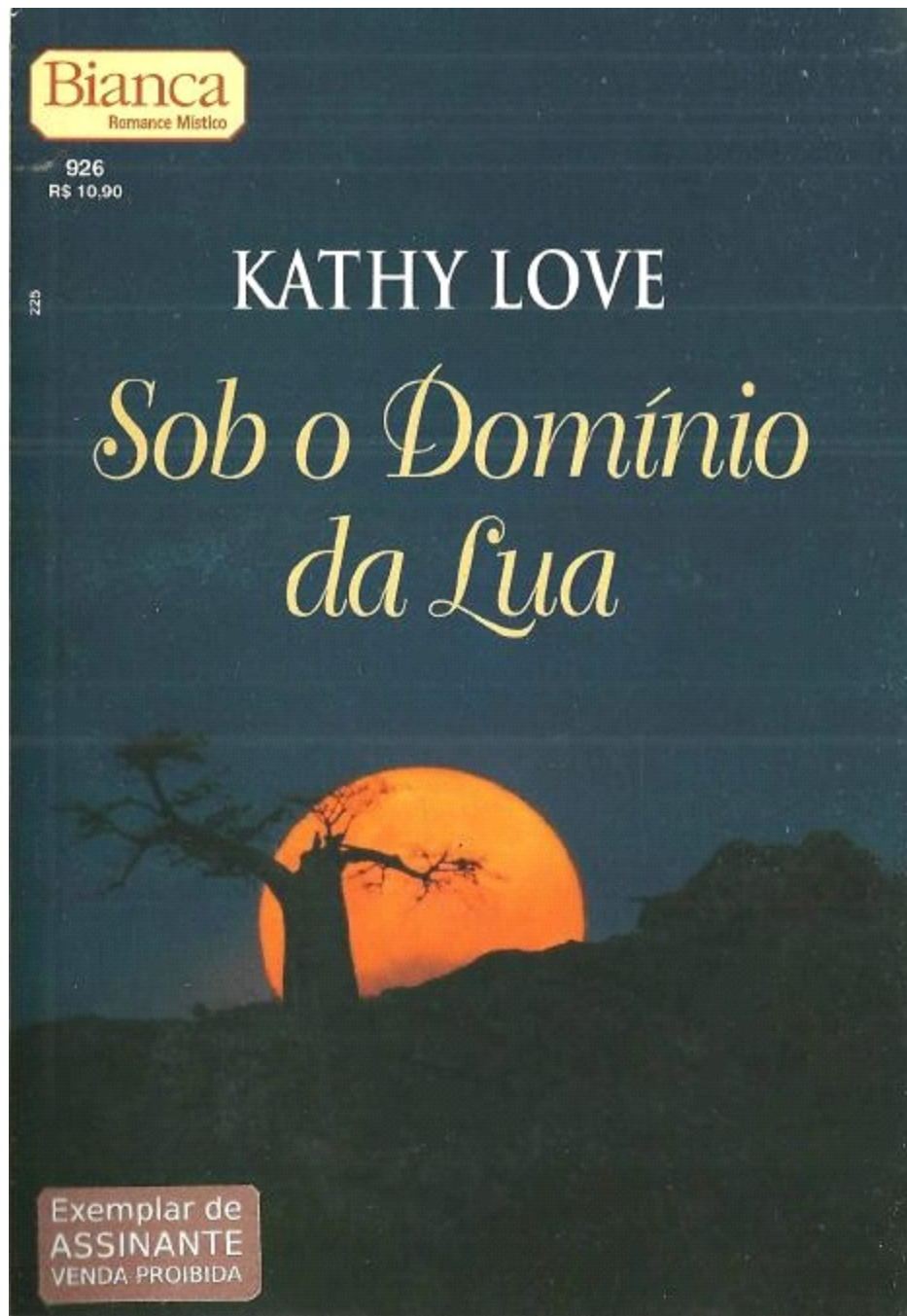




Sob o Domínio da Lua

My Sister Is A Werewolf

Kathy Love



O perigo da lua cheia

Os irmãos de Elizabeth Young acham que têm uma vida difícil como vampiros? Pois sim... O que dizer, então, de Elizabeth, que sonha em ter uma vida normal, um marido, filhos e, principalmente, não ter de se preocupar com depilação atrás de depilação? Infelizmente, a vacina que ela pesquisou ainda não foi aprovada. E pior, logo será período de lua cheia, e um bando de lobisomens aparecerá à sua porta. Para ganhar tempo, ela precisa fazer amor, com frequência, e com um homem mortal, o primeiro que ela conseguir encontrar...

O veterinário Jensen quer apenas esquecer suas mágoas, quando uma morena estonteante, vestida em roupas de couro, lhe faz uma proposta irrecusável. Da noite para o dia, ele se vê envolvido em uma empreitada estranha, perigosa e... é preciso admitir... muito sensual! Ele sabe que sua nova namorada está escondendo alguma coisa, e ela tem uma estranha conexão com a lua, mas ele sabe reconhecer o verdadeiro amor, e desta vez não irá abrir mão, por mais "cabeludas" que as coisas se tornem...



Querida leitora,

*Você, que vem acompanhando as excitantes histórias dos irmãos Young, em Bianca 900 - **Amor à Primeira Mordida**, Bianca 922 - Nas **Garras de um Vampiro** e Bianca 925 - **Memórias de um Vampiro**, vai conhecer agora a história da irmã deles, Elizabeth, uma mulher-lobo que se apaixona por um mortal e que vivência várias experiências perigosas e emocionantes!*

Leonice Pompônio Editora

Copyright ©2007 by Kathy Love

Originalmente publicado em 2007 pela Kensington Publishing Corp.

PUBLICADO SOB ACORDO COM KENSINGTON PUBLISHING CORP.

NY, NY — USA Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: MY SISTER IS A WEREWOLF

EDITORA

Leonice Pomponio

ASSISTENTES EDITORIAIS

Patrícia Chaves

EDIÇÃO/TEXTOS

Tradução: Eliana Campos

ARTE Mônica Maldonado

MARKETING/COMERCIAL Andréa Riccelli

PRODUÇÃO GRÁFICA Sônia Sassi

PAGINAÇÃO Ana Beatriz Pádua

© 2010 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Texas, 111 - sala 20 - Jd. Rancho Alegre - Santana do Parnaíba

CEP 06515-200 — São Paulo — SP

www.novacultural.com.br

Capítulo I

— Oh droga!

Elizabeth jogou a pinça para longe e apertou as pálpebras para aliviar a irritação nos olhos. Gradualmente, a dor e a visão embaçada diminuíram. Esfregou a área avermelhada sob as sobrancelhas e avaliou seu reflexo no espelho sobre a pia do banheiro.

As sobrancelhas já estavam bem desbastadas. Não precisavam de mais atenção. Com o que se ocuparia a seguir para acalmar a inquietação interna?

Ela suspirou. O que estava acontecendo? Seu pensamento estava acelerado como se ela tivesse tomado litros de café. O corpo parecia ter recebido uma descarga elétrica, e ela queria rastejar para fora da própria pele. Aquilo era muito estranho. As reações peculiares se reservavam às noites de lua cheia, momento auspicioso do mês que ainda estava distante.

Saiu do banheiro e vagou pela casa, parando em todos os cômodos à procura de alguma coisa fora do lugar que exigisse sua atenção. Tudo se encontrava na mais perfeita ordem.

Ela se sentou no sofá da sala e apoiou o rosto nas mãos. Olhou ao redor, admirando pela centésima vez a arquitetura da construção antiga.

Aquele casarão na fazenda abandonada fora um achado. Ela não teria se importado de ter pagado o dobro do valor do aluguel pela propriedade, se fosse necessário. A antiga construção localizava-se em meio a um bosque intocado, ladeado por montanhas verdejantes. Possuía quartos amplos e iluminados, uma envolvente varanda que circundava toda a fachada, cozinha imensa e muita privacidade. Era exatamente o lugar onde sempre quisera viver. Simplesmente perfeito!

Então, por que aquela sensação de que havia algo errado persistia? Por mais que tentasse relaxar, Elizabeth não conseguia se livrar de uma espécie de presságio, como se algo estivesse para acontecer. O medo infundado a fazia paralisar a cada ruído que ouvia. Os sentidos estavam em alerta, como os de um animal enjaulado.

A princípio, ela atribuiu a ansiedade ao novo ambiente, mesmo sabendo que era apenas uma

desculpa. Ela se mudava com frequência, e já ficara em locais ainda mais isolados do que a fazenda. Nunca se sentira tão tensa como naquele momento.

Não. “Tensa” não chegava nem perto de descrever. Era como se estivesse enlouquecendo lentamente. Todos os seus sentidos estavam em alerta, preparados para se defenderem de algo que ela não podia ver, ouvir ou sentir. A sensação era tão angustiante e intensa que ela não conseguia se concentrar em nada.

Elizabeth ponderou não pela primeira vez que talvez fosse algum efeito colateral do novo soro. E, novamente, ela rejeitou a justificativa. A sensação opressora começara antes da última injeção.

O que poderia ser?

— Você está ansiosa para ouvir a opinião do dr. Fowler — ela murmurou para si.

Aborrecida, foi para a varanda e passeou de um lado para outro. O soro que finalmente poderia curá-la aparentemente não tivera efeito algum, exceto provocar aquela agitação angustiante. Não era o que ela esperava. Certo, havia uma discreta mudança nas células, mas nada definitivo.

Elizabeth entrou, percorreu toda a extensão da sala de estar com passadas rápidas e começou a subir a escada, disposta a esgotar até a última gota de energia. Quem sabe, se chegasse ao extremo da exaustão, conseguisse dormir algumas horas de sono?

Não via a hora de receber notícias do dr. Fowler. Tinha de saber a opinião dele sobre a amostra que enviara. Estava convencida de que, dessa vez, tomara o caminho certo.

Um estrondo interrompeu seus pensamentos. Ela parou no topo da escada, girou nos calcanhares e desceu os degraus de madeira com passadas silenciosas. Com cuidado, aproximou-se das janelas e afastou as cortinas para espreitar o jardim.

O sol já havia desaparecido por entre as árvores e montanhas, deixando um rastro alaranjado e róseo no céu. Os olhos de Elizabeth se ajustaram prontamente à luz difusa. Podia ver o jardim tão claramente como se estivesse iluminado pelo sol do meio-dia.

Outro estrondo nítido soou, fazendo-a congelar. Ela enrijeceu os músculos. Cada parte do seu corpo permaneceu paralisada, exceto os olhos, que examinavam cada detalhe do jardim.

Ela concentrou a atenção no celeiro. A ampla construção de madeira, situada na lateral do terreno, se erigia contra o céu noturno. Outra rajada de vento soprou através das árvores, e a porta de madeira bateu com força. Aquela era a origem do ruído. E o mais estranho era que podia jurar que havia fechado a porta ao sair.

Ela balançou a cabeça, irritada com a própria reação. Como era possível que estivesse em pânico? Nunca se abalava facilmente, mesmo com...

A porta bateu novamente e o barulho interrompeu o curso dos pensamentos. Esperava ver alguém lá fora, confundindo-se com as sombras, mesmo sabendo o que havia causado o ruído. Esse

era outro sintoma do estranho nervosismo que a acometera: a sensação de estar sendo vigiada, embora não houvesse nenhum sinal que validasse o sentimento. Era inexplicável... A não ser que *ele* estivesse por perto.

Não, não era possível. Depois de muitos anos de ausência, *ele* sequer sabia onde encontrá-la. Porém, não significava que a esquecera.

Tal lembrança a abalou, e Elizabeth teve de se conter para não gritar.

O que havia de errado com ela? Normalmente, era uma pessoa serena, capaz de manter controle absoluto sobre suas emoções. Há muito tempo ela tivera de aprender a se controlar; isso foi quando percebeu a importância de dominar suas reações, o que era fundamental em sua nova vida. Manter-se calma era a melhor forma de gerenciar o incontrolável.

Agora, sentia-se sem rumo definido, exatamente como quando descobrira no que havia se tornado.

Claro, ninguém poderia culpá-la por ficar agitada com a descoberta. Afinal, não é todo o dia que um simples mortal descobre que perdeu para sempre sua condição humana por ter se transformado num lobisomem.

A princípio, a noção de que era uma mulher-lobo fora devastadora para Elizabeth. No entanto, ela aprendera a conviver com os fatos. Aliás, tivera o privilégio de quase dois séculos para realizar seu aprendizado.

Ela saiu para o jardim e seguiu apressada em direção ao celeiro. Fechou a porta atrás dela como se pudesse manter os sentimentos angustiantes do lado de fora. E, principalmente, tentando impedir que *ele* não a alcançasse.

Contudo, sabia que, eventualmente, *ele* apareceria. Afinal, ainda era a companheira de Brody. Segundo as leis da matilha, a união entre lobos era eterna.

Elizabeth estremeceu. Por que estava pensando em Brody? Não o via fazia muitos anos. Por que agora?

Ela respirou fundo para se acalmar. Decididamente, estava ficando paranóica. No entanto, a cura estava próxima. Quando aprimorasse seu soro, ela voltaria a ser uma mulher como outra qualquer. Somente assim poderia ser verdadeiramente livre.

— A cura está próxima — repetiu como um mantra familiar para se acalmar, enquanto caminhava até o final do galpão.

As baias do velho celeiro haviam sido derrubadas, e as cortinas de plástico grosso colocadas em pontos estratégicos ocupavam o lugar de paredes improvisadas. Aquele era o laboratório de Elizabeth, não tão sofisticado quanto o de Nova York, mas ela gostava do espaço. Planejava comprar a fazenda e reformar o velho celeiro para transformá-lo num laboratório apropriado. Isto é, se ainda

precisasse. Talvez conseguisse chegar ao soro perfeito dentro de pouco tempo.

Ela afastou a cortina da última divisória e franziu a testa diante da bagunça. Sua estação de trabalho estava repleta de tubos de ensaio fora do lugar, placas de amostras espalhadas pelo balcão e lâminas descartadas pelo chão. Normalmente, ela era metódica e organizada de forma quase compulsiva. No entanto, a ansiedade por encontrar a cura o mais depressa possível a deixara descuidada.

Ademais, estava cansada. Mal conseguia dormir nas últimas semanas. Sabia que estava perto da cura, mas a urgência de prosseguir com a pesquisa não era a única razão da insônia. A falta de sono era mais um dos sintomas que surgira logo depois da mudança para a nova casa.

Ela abriu o refrigerador e retirou uma amostra de células. O vento uivava do lado de fora, anunciando a tempestade iminente.

— Acalme-se — disse para si em voz alta, sentando-se diante do microscópio. — Você está perto.

Ela estava tão confiante de que faltavam apenas algumas sequências de genomas para serem desvendadas, que enviara o relatório para seu mentor, o dr. Fowler, antes de se certificar dos resultados. Ele seria capaz de analisar as mudanças nas células e descobrir onde estava a cura. Ela sabia que estava perto.

— Esse é o seu problema — resmungou, apoiando os cotovelos na bancada do microscópio. — Você está muito apressada, Elizabeth Young!

De repente, ela ouviu um som similar a uma voz abafada, vindo de algum lugar acima da cabeça dela.

Sentiu o sangue congelar. Ela crispou os dentes, pronta para atacar. O plástico grosso parecia tremer como o vento sibilante, assim como as placas de madeira do teto.

Sem relaxar a postura de ataque, ela levantou a cabeça, atenta ao menor ruído. As paredes de estanho rangeram sob outra rajada de vento, agitando as folha secas do lado de fora. Então, a voz soou novamente.

Com passadas precisas, ela se aproximou da entrada. O plástico farfalhou com outra rajada de vento. Ela hesitou por uma fração de segundo antes de abrir a cortina e desvendar o mistério. Mais uma vez, aquela voz indistinta que parecia zombar dela ecoou do alto.

Elizabeth ergueu a cabeça e olhou para cima, seguindo a direção do som. Mesmo às escuras, ela discriminou as formas ovais alinhados nas vigas. Grandes olhos amarelos piscaram para ela.

Elizabeth inclinou a cabeça, surpresa.

— Corujas? — ecoou, com um sorriso desconcertado.

Sim, corujas. Havia confundido o crujar da coruja com a voz humana.

Ela riu e observou-as por um momento, divertindo-se com a visão rara. Ou melhor, uma visão rara para ela. Quando fora a última vez que vira uma coruja de perto? Nos estábulos da propriedade de sua família em Derbyshire?

Avançou um passo, esperando que as aves se intimidassem e voassem para longe. Para sua surpresa, porém, elas permaneceram imóveis, com exceção de um piscar ocasional dos olhos impassíveis.

Franzindo o cenho, Elizabeth parou debaixo da trave. As aves não mostraram nenhuma inclinação para fugir. Em vez disso, uma delas inclinou a cabeça e a fitou com incríveis olhos dourados.

— O que vocês estão fazendo, suas malucas? — perguntou, balançando a cabeça com um sorriso.

Outra rajada de vento atingiu o celeiro e a alcançou. A lufada de ar frio arrepiou-lhe a pele e penetrou nos cabelos como tentáculos de gelo. Ela engasgou com o toque invisível, impactada com a força que pareceu atravessá-la. Acima de sua cabeça, o ruído de asas se agitando preencheu o ar, juntando-se ao caos.

Ao menos, as corujas não estavam completamente sem direção. Pareciam perceber a mudança poderosa dentro dela, e a autopreservação as impelira a voarem para longe... Mas, espere! Elas não estavam se afastando, e sim, chegando ainda mais perto!

Boquiaberta, Elizabeth assistiu quando, uma a uma, as corujas se empoleiraram na trave mais baixa, a poucos palmos da cabeça dela. Definitivamente, aquilo era muito estranho.

Um trovão ressoou à distância, e Elizabeth questionou se os pássaros tinham decidido que ela era menos ameaçadora do que a tempestade se aproximando.

Demorou-se um pouco mais assistindo as aves tranquilamente alojadas perto dela. Por fim, sem saber quanto tempo tinha passado, ela se sentiu sob controle.

Lentamente, uma a uma, as corujas voltaram para o poleiro anterior. Enfileiraram-se e permaneceram imóveis, olhando para ela.

— Por que vocês estão aqui? — perguntou, confusa.

Uma das aves arrulhou, outra piscou, e nenhuma lhe respondeu, obviamente.

De repente, o insólito dos últimos dias, a agitação dentro dela, a ansiedade pela resposta que procurava, até mesmo as corujas olhando para ela, tudo foi demais.

Ela precisava de uma pausa. Não faria mal algum perder algumas horas de trabalho. Era óbvio que precisava descansar. Na manhã seguinte, estaria com as ideias refrescadas, e teria mais clareza

para pensar.

Ela olhou para cima e sorriu para as corujas, a personificação da tranquilidade. Sim, ela precisava sair daqui.

Elizabeth abaixou o descanso da motocicleta no instante em que a tempestade despencou do céu. Estacionou a Harley Night Rod preta o mais perto possível da lateral do prédio, esperando que, assim, ficasse protegida da chuva. Com passos rápidos, percorreu a calçada e entrou no bar, retirando o capacete somente quando passou pela porta.

Ela olhou ao redor, em busca do irmão. Localizou-o por trás do balcão, ocupado em encher uma caneca com cerveja. Vê-lo ainda fazia seu coração bater mais rápido.

Christian. Seu irmão. Sua família, que ela acreditava ter perdido para sempre. O fato de que o irmão rico e aristocrático que ela se lembrava agora estar servindo canecas de cerveja num bar, adicionava certo surrealismo à cena.

— Elizabeth — ele a cumprimentou com um sorriso que evidenciava a surpresa.

Elizabeth caminhou até ele, com os saltos das botas ressonando sobre o piso desgastado. Perguntou-se se sua expressão também refletia a própria surpresa. Afinal, contrariando todas as expectativas, ela estava viva. Os três meses desde que reencontrara a família ainda não fora tempo suficiente para que ela pudesse elaborar a fantástica descoberta. Seus amados irmãos estavam vivos!

Os olhos de Christian passaram do rosto para as roupas por uma fração de segundo. A alegria deu lugar a um brilho indefinido, talvez espanto por perceber que ela não era mais a irmãzinha caçula que ele se lembrava. Mas, acima de tudo, os olhos claros irradiavam o prazer de tê-la ali.

— Estou feliz que você tenha aparecido — Christian contornou o balcão e abraçou-a com carinho. — Jolee e eu estávamos pensando em ir visitá-la para ter certeza de que estava tudo bem. Você virou uma eremita desde que se mudou para a fazenda.

Elizabeth apertou os lábios, disfarçando a onda de culpa que a inundou. Quando acreditava que os irmãos estavam mortos, ela havia chorado a perda durante anos. Revoltara-se contra Deus e suplicara para tê-los de volta. No entanto, agora que finalmente os reencontrara, mal tinha tempo para vê-los.

— Minha pesquisa tem me mantido muito ocupada — justificou-se, consciente de que era uma desculpa esfarrapada, mesmo que fosse verdade. Porém, não toda a verdade.

No fundo, temia que o irmão não entendesse e, principalmente, não gostasse da pessoa que ela se tornara. A mulher reclusa e livre era muito diferente da jovem ingênua que Christian conhecera.

Christian continuava bonito... Não, estava ainda mais bonito, se é que fosse possível. Porém, as feições perfeitas não haviam sofrido os efeitos do tempo. Ele era o mesmo de que ela se lembrava e acreditava ter morrido em 1822. A passagem dos anos não afetava vampiros, exceto por deixá-los

mais atraentes.

Quanto a ela, o tempo não fora imparcial. Era o bebê da família, quase dez anos mais nova do que Christian. Agora, aparentavam ter a mesma idade. E esse era apenas o começo das mudanças.

Ele se perguntaria onde teria ido parar a fútil, despreocupada e inocente irmãzinha que conhecera um dia? E quem seria aquela mulher feita, livre e determinada que estava na frente dele?

— Você está ótima — Christian disse como se adivinhasse o que ela estava pensando, e a abraçou novamente.

Dessa vez, Elizabeth fechou os olhos e abraçou-o de volta. Deus, como sentira falta dele!

— Então, essa é a irmã desaparecida?

Elizabeth olhou para o dono da voz grave. Desde que se mudara, estivera duas vezes no bar de Christian, ou melhor, da companheira dele, Jolee. Mesmo assim, ela reconheceu o homem velho, magro, com barba espessa e olhos atentos. Ocupava o mesmo banco no balcão onde o vira pela última vez, com uma caneca de cerveja diante dele e um cigarro pendurado nos lábios.

— Elizabeth, você se lembra de... — Christian começou, mas o velho homem o interrompeu.

— Apenas me chame de Trader Vic.

Elizabeth franziu a testa ante o olhar divertido no rosto enrugado, e então percebeu a piada. Ele havia se referido a um personagem que caçava lobisomens. *Werewolves of London*, de Warren Zevon, era como um hino de sua espécie.

Ela devia ficar irritada que aquele estranho, aquele mortal, soubesse o que era, mas algo nos olhos do velho assegurou-lhe de que o segredo estava bem seguro com ele.

— Olá, Vic. Acho que você sabe que eu não sou a Chapeuzinho Vermelho, não é?

O homem riu e apanhou a caneca de cerveja. Christian lançou olhar perplexo de um para outro e balançou a cabeça.

— Agora, que as apresentações foram feitas, sente-se e deixe-me oferecer-lhe uma bebida.

Elizabeth assentiu, colocando o capacete no chão ao lado do banco.

Sim, precisava de uma bebida. Pensou em pedir uma dose de uísque, mas o que o irmão pensaria se o bebê da família, que nunca havia provado nada além de alguns goles de ponche agüado, pedisse uma dose de bebida destilada?

— Quero uma cerveja light — decidiu por fim, optando por não chocar Christian.

Vic se inclinou na direção dela com os olhos argutos brilhando.

— Cerveja light não era exatamente o que você queria, não é?

Elizabeth confirmou com um gesto discreto da cabeça, simpatizando cada vez mais com o velho homem.

— Elizabeth! — Jolee chamou dos fundos do bar. Ela estranhou o som do seu nome nos lábios de alguém estranho. Christian e os irmãos a chamavam de Elizabeth, o que era natural. Mas, durante muitos anos, todos que a rodeavam a conheciam por Lizzie. De alguma forma, era mais fácil aceitar o apelido, pois Elizabeth havia morrido com sua família na mesma noite em que Lizzie nascera.

— Como você está? — Jolee perguntou, com o sotaque lento e o sorriso caloroso que faziam com que parecesse impossível que aquela mulher fosse uma vampira.

Elizabeth supunha que o caloroso charme sulista daquela vampira fosse tão apropriado quanto o charme aristocrático do irmão. Charme era algo inerente a vampiros. Porém, não se aplicavam a lobisomens. Ao menos, aos que ela conhecia.

Ela voltou a se focalizar na pergunta da cunhada.

— Eu estou bem, Jolee. Obrigada por perguntar.

— Está gostando da casa nova? Elizabeth assentiu com um sorriso.

— Sim, eu amo isso aqui. — O que era verdade, mesmo que estivesse nervosa e tensa desde que se mudara. — A Virginia Ocidental é linda.

Jolee sorriu de volta e, novamente, a sala pareceu se inundar de calor. Não era de admirar que Christian se sujeitasse a servir bebidas naquele bar remanso. Elizabeth suspeitava de que ele faria qualquer coisa que Jolee pedisse só por aquele sorriso.

— Se fosse por Jolee, toda a família se mudaria para esse lugar esquecido por Deus — Christian disse com uma risada, colocando a cerveja diante de Elizabeth.

Jolee deu uma palmada no ombro do marido, mas sorriu com a provocação.

— Você pode imaginar Sebastian vivendo no campo? — Ela riu. — O irmão de vocês não abre mão das mordomias da vida urbana. Mas Rhys...

Ela levantou uma sobrancelha, como se conseguisse visualizar Rhys e a esposa, Jane, morando na Virginia.

— Se você conseguir trazê-los para cá, talvez Sebastian e Mina os acompanhem. — Christian se inclinou para beijar a face da companheira, quase com reverência.

Elizabeth observou com uma pontada de inveja. Como seria ter um relacionamento assim?

A ideia foi imediatamente excluída de sua mente, dando lugar à esmagadora aflição, assim

como o que ela tinha experimentado no celeiro horas atrás. Que diabos estava acontecendo com ela?

Ela soltou o ar lentamente, focalizando-se nas garrafas da prateleira atrás do balcão, verdes, marrons e azuis. Tentou se concentrar em nada, mas a atração entre o irmão e sua companheira provocou uma necessidade furiosa girando através dela.

— Como está a pesquisa? — Christian perguntou, parecendo notar a agitação interna a irmã.

Ela pestanejou, levando alguns segundos para reassumir o controle das emoções.

— Está indo bem.

— Você está perto de encontrar a resposta que procura?

Ela assentiu e tomou um longo gole da cerveja para esconder a frustração. Decididamente, não podia mais conviver com aquela agitação incontrolável dentro dela. O líquido dourado desceu pela garganta, deixando um travo amargo, mas não era o gosto que ela desejava saborear.

A família, a pesquisa, a bebida... Nada parecia ser satisfatório como deveria. Nada aplacava os sentimentos perturbadores que a inquietavam. A estranha agitação interna continuava a golpeá-la, impedindo-a de relaxar.

— Oh... — Jolee olhou para o pequeno palco no outro extremo do bar. — A música está terminando.

Ela correu para o aparelho de karaokê e sorriu para a mulher com o microfone na mão.

Elizabeth girou o corpo para observar melhor, surpresa por não ter registrado a cantora. Agora, que a voz penetrara em seu cérebro estressado, parecia impossível não ter notado antes. Ela cantava fora do tom e atrasada com relação à música.

— Vocês ouviram *Love is Like a Butterfly*.

O tom alegre de Jolee sugeria que ela apreciara a apresentação, o que provava que a cunhada realmente era uma vampira gentil.

— E agora... — Ela consultou as anotações numa folha. — Jill Lewis...

Um gemido envergonhado veio de uma mesa perto do palco. Elizabeth observou a mulher indignada, sentada defronte a um homem para quem ela olhava e mais um casal. Ela continuou a encarar o homem enquanto acenava com as mãos inflexíveis num sinal universal de negativa. Mas o protesto não funcionou. Todos à mesa insistiram para que ela subisse ao palco.

— Aqui vamos nós de novo!

A voz de Christian desviou a atenção de Elizabeth por um momento. Mas antes que pudesse perguntar o que ele queria dizer, voltou-se para assistir o desfecho da cena. Por um segundo, sentiu

simpatia pela pobre mulher, que ainda se recusava a subir ao palco. Era óbvio que ela não queria cantar.

Para surpresa de Elizabeth, ela se levantou. Talvez estivesse apenas fazendo charme, afinal.

Alcançando a cerveja, Elizabeth tomou mais um gole, e, pela primeira vez naquela noite, sentiu-se um pouco mais normal. A atmosfera parecia envolvê-la, como se ela estivesse predestinada a estar ali. Um sentimento reconfortante de alegria a preencheu. A conversa, o riso, o cheiro de cerveja e amendoim torrado... Tudo a fez se sentir estranhamente melhor.

Sim, havia sido uma boa ideia ter saído naquela noite. No dia seguinte, voltaria para a pesquisa mais relaxada e focada.

Elizabeth sorriu quando Jill Lewis finalmente subiu ao palco. A mulher relutante balançou a cabeça, olhando bem-humorada para seus amigos.

— Muito bem! — Jolee aplaudiu, entregando-lhe o microfone, e os amigos explodiram em aplausos. Elizabeth aplaudiu junto com eles.

Jolee começou a música e a voz poderosa encheu a sala desde a primeira nota. Elizabeth reconheceu a canção, uma melodia alegre e contagiante. E a mulher cantava mais do que bem. Não era para menos que os amigos a forçaram. Na verdade, ela era fantástica.

Elizabeth olhou para a mesa, curiosa acerca da reação dos amigos. O homem com quem a cantora ralhara e a mulher estavam enlevados, e batiam palmas no ritmo da música. O outro rapaz apenas observava. Parecia distante dos outros.

O amigo se inclinou sobre a mesa para dizer-lhe alguma coisa, e Elizabeth viu o rosto dele pela primeira vez.

O sorriso dela desapareceu. O desejo, tão intenso que quase a fez gritar, aniquilou qualquer vestígio de tranquilidade que ela conquistara. Todos os músculos do seu corpo ficaram tensos, cada sentido se aguçou até que todo o seu ser estivesse focalizado no homem diante dela.

Sem dizer nada a Christian, ela se levantou e atravessou o bar com os olhos fixos no desconhecido. Parou a duas mesas de distância, e os fragmentos de sua mente assumiram o controle. Ela olhou para o bar. Christian a observava, e quando os olhares se cruzaram, ele se ocupou em anotar o pedido de um cliente.

Seu irmão podia sentir seu desejo. Vampiros podiam sentir emoções, e ela sabia que as dela eram muito fortes. Uma onda de vergonha cobriu seu rosto de rubor. Entretanto, ela continuou a olhar para o homem na mesa.

Ele era lindo. Cabelos escuros, feições esculpidas, lábios sensuais que qualquer mulher mataria para beijar, e, no conjunto, eram pecaminosamente masculinos... Ele era mais do que bonito. Elizabeth já vira muitos homens bonitos na vida, mas nunca reagira assim. Seu corpo se acendeu

violentamente, umedecendo a calcinha. Os mamilos intumesceram e ela passou a língua pelos lábios.

Controle-se!, a voz da consciência a alertou. O que ela estava fazendo?

Mas, em vez de voltar para o balcão, ela deu mais um passo em direção à mesa. Passou lentamente por trás da cadeira do homem, sem chamar a atenção para si. Queria observá-lo sem ser notada. Precisava inalar o cheiro dele, uma combinação de colônia masculina, sabonete e xampu, além de vestígios de creme dental mentolado. O aroma rico quase a impeliu a erguer a cabeça e uivar.

Elizabeth contornou a mesa até tê-lo por completo em seu campo visual. Então, sentou-se e o estudou.

Sim, desejava aquele homem. Por apenas um momento, ela fechou os olhos enquanto a razão assumia o tênue controle. Por que aquilo estava acontecendo? Era como se a loba dominasse sua metade humana. Nunca acontecera antes. Alguns lobisomens conseguiam, como Brody. Ele era mais lobo do que homem na maior parte do tempo. Ela, no entanto, nunca permitira que seu lado animal sobrepujasse o humano.

Elizabeth ergueu as pálpebras. Ela soube que o homem a encarava antes de fitá-lo. Os olhares se encontraram. Mesmo na penumbra, ela adivinhou que as íris eram uma intrigante combinação de marrom e verde.

Mais uma vez, o corpo lembrou-a da urgência do desejo. Não era possível agir de outra forma. A necessidade estava no controle. Elizabeth sabia que estava agindo como uma fêmea no cio. E ela não se importava.

Jensen ouvia a conversa em torno dele sem registrar as palavras. Onde estava com a cabeça ao aceitar o convite dos amigos para sair?

Como não conhecia aquele bar, supôs que não devia evocar memórias. Porém, o problema não era esse.

Ele olhou para o homem sentado à sua direita. Brian Lewis, seu melhor amigo desde a infância. Brian mudara muito pouco. Ficara mais encorpado, com ombros mais largos. Porém, conservara a mesma natureza calma e senso de humor debochado. E ele ainda tinha Jill. Estavam casados havia cinco anos. Ela também mudara pouco, e ficara mais madura e refinada.

Uma imagem de Jill e Katie imediatamente surgiu em sua mente. Uma morena e a outra loira, ambas de rabos de cavalo. As duas amigas eram inseparáveis como ele e Brian tinha sido no passado. Os quatro achavam que nunca se separariam, não importava o rumo que a vida tomasse.

Entretanto, às vezes, bastava um simples evento para mudar o rumo de uma vida. Jensen seguira por uma direção muito diferente do que ele imaginara, longe demais para voltar a ser a

pessoa que ele havia sido quando Brian e Jill o conheceram.

Ele não vira os amigos por mais de três anos, até seu recente regresso a West Pines. Evitara os contatos, mas depois de Brian convidá-lo para sair mais de dez vezes, ele percebeu que não poderia esquivar-se para sempre, não numa cidade do tamanho de West Pines.

Encontraram-se algumas vezes e, mesmo ele tendo percebido que ainda gostava muito de seus velhos amigos, havia muitas lembranças despertadas pela simples presença dos dois. Memórias de...

— Oh, por favor, cante, Jill!

Jensen pestanejou e afastou os pensamentos. Virou-se para a jovem loura sentada na cadeira ao lado da dele. Melanie.

Os amigos a convidaram para fazer-lhe companhia.

— Não. Esta noite, não.

— É o que você pensa — Brian disse, erguendo as sobrancelhas, um gesto que Jensen se lembrava bem.

— O que você andou aprontando, Brian Andrew Lewis? — Jill exigiu.

— Nada! — ele assegurou, mas o sorriso divertido contrariou a negativa.

— Você colocou meu nome na lista para cantar enquanto fui ao banheiro?

— Talvez...

— Ele fez isso, Jensen? Sei que posso conseguir a verdade de você! — Ela apontou para o marido. — Jensen sempre foi o mais sincero dos dois.

Jensen se forçou a engolir o gole de *club* soda. As bolhas de gás machucaram sua garganta. Sincero. Sim, isso mostrava o quão pouco sabiam dele agora.

Felizmente, ele foi salvo de ter de responder. Naquele momento, a dona do bar chamou Jill Lewis ao palco para cantar.

— Você... — Jill começou a rosnar para Brian, embora não houvesse raiva nos olhos dela.

De repente, Jensen voltou no tempo e a viu exatamente como ela era muitos anos atrás, no Festival de Inverno da universidade. Jill sempre corava violentamente antes de subir ao palco.

Katie também ficava nervosa, embora ninguém imaginasse. Ela sempre conseguia manter a aparência calma e composta. Somente ele sabia a verdade, pois quando segurava as mãos delicadas momentos antes de ela subir ao palco, os dedos tremiam, frios como gelo.

Ele fez uma pausa, e a memória vagou para um lugar escuro que ele não queria voltar. Afastou as recordações perturbadoras e escolheu apenas a parte agradável: o show de talentos da universidade.

As lembranças estavam vívidas em sua mente. Katie subira ao palco com Jill como se não tivesse medo de nada. Elas cantaram *Everything Changes*, de Kathy Troccoli, e venceram.

Agora, a mesma canção parecia estranhamente profética.

— Por favor — Brian pediu, e a voz distante se tornou parte da memória. — Você sabe como adoro ouvir você cantar.

Jensen se lembrou do quanto ele e Brian tinham torcido por elas naquela noite.

Jill se levantou, e o movimento trouxe a atenção dele de volta para o presente. As bochechas dela haviam assumido tom ainda mais brilhante de rosa. Ela assentiu e caminhou até o microfone sem demonstrar nada além de uma imperceptível hesitação nos passos.

Jensen sorriu e aplaudiu com o restante da plateia, mas foi apenas uma reação reflexa. Na cabeça dele, ainda estava no show de talentos, ouvindo a voz de Kathy em vez de Jill.

— Ela continua ótima como sempre, não acha? — Brian se inclinou sobre a mesa, mais uma vez, trazendo-o de volta das memórias.

Ele pestanejou, confuso por um momento.

— É verdade — concordou. De repente, a penugem da nuca se eriçou, e ele endireitou a coluna. Olhou por cima do ombro, como se esperasse ver Katie. Ela tinha aquele efeito sobre ele, fazendo seu corpo ficar em alerta pelo simples fato de entrar no ambiente.

Jensen soltou o ar, frustrado. Era óbvio que ela não estava lá. Na certa, todas aquelas memórias haviam sido desenterradas por ver seus velhos amigos e ouvir Jill cantar. Era por isso que os evitava. As lembranças eram demais.

O traço de algo picante, como uma mistura exótica de baunilha e canela, flutuou no ar ao redor dele, crescendo cada vez mais em intensidade até se tornar quase opressor. Ele lançou um olhar para Brian, tentando ver se também sentia o perfume, mas a atenção do amigo estava focalizada na esposa.

Em seguida, olhou para Melanie, que também assistia Jill cantar até perceber que era alvo de atenção. Ela sorriu, sem demonstrar a menor indicação de que sentira o perfume inebriante.

Obviamente, ele estava tendo alucinações. As memórias haviam se tornado muito reais, embora o perfume no ar não era do tipo que Katie teria usado. Ela gostava de aromas leves e florais. Aquele cheiro era rico e fecundo, e o fazia lembrar-se de especiarias e terra úmida. Era selvagem e exótico.

De repente, Brian e Melanie estavam de pé, gritando e aplaudindo, e Jensen percebeu que a música havia cessado. Levantou-se automaticamente e aplaudiu junto com eles. Ainda assim, o

perfume o envolveu. O que seria?

Ele ouviu os elogios a Jill quando ela voltou para a mesa. Murmurou seu próprio elogio, embora não soubesse o que dizia. Arrependeu-se por ter aceitado o convite para sair. Mas, como poderia prever que aquela noite seria tão estranha?

— Isso merece outra rodada de bebidas! — Brian deu uma palmada afetuosa nas costas de Jensen.

— Não sei... Acho que já vou embora.

— Não. Ainda é cedo. — Brian pareceu realmente desapontado. — Pagamos para a babá ficar até a meia-noite.

Aquele era outro detalhe surreal. Brian e Jill tinham filhos, um menino e uma menina. A família perfeita.

Mais uma vez, Katie apareceu em sua mente. Os dois costumavam se deitar no gramado de seu avô, planejando um grande futuro.

— Terei um menino e uma menina — Katie dizia como se tivesse certeza.

— E se tivermos dois meninos ou duas meninas?

— Seria ótimo também. Mas eu sei que teremos um filho de cada sexo.

— Jensen... — A voz de Jill o trouxe de volta. — Por favor, fique. Nós mal nos vimos desde que você voltou.

O primeiro instinto de Jensen foi se levantar e ir embora. Já fora oprimido demais pelas memórias. Ele achou que poderia lidar com isso, mas, decididamente, ainda não conseguia.

Desde o momento em que reencontrara seu velho amigo, Brian havia deixado claro que ele devia seguir em frente. Mas Brian não tinha todos os fatos. Ele nunca teria.

Talvez, se concordasse em ficar mais um pouco, ele e Jill ficassem satisfeitos e não insistissem em falar nada muito pessoal.

— Está bem. Só mais um drinque — concordou por fim.

— Espere aqui. Dessa vez, é por minha conta. — Brian se levantou com um sorriso satisfeito. — Você quer outro *club* soda?

Ele assentiu, e quando o amigo se afastou dois passos, Jill deu um pulo da cadeira.

— Vou com você — avisou, juntando-se ao marido. — Você quer vinho, Melanie?

— Sim, por favor — a voz suave ecoou à esquerda dele.

Quando os amigos se afastaram, Jensen desejou novamente desaparecer dali. Poderia dizer que não estava se sentindo bem. Aliás, não seria mentira. Afinal, ele fora deixado sozinho com uma estranha que os amigos achavam ser a escolha perfeita para que ele seguisse em frente e esquecesse Katie.

— Jill me disse que você cresceu em West Pines — Melanie rompeu o embaraçoso silêncio.

— Sim.

Melanie sorriu. Ela era uma mulher bonita, com traços delicados e cabelos cor de mel, olhos cinza-azulados e sardas na ponta do nariz. Não era difícil imaginar por que Brian e Jill a apresentaram. Cabelos loiros e rosto jovial, como Katie. Sabiam que ela era do tipo que o atraía. O problema era que ele não sentia nada por Melanie.

Ele decidiu que teria uma conversa franca com Brian. Diria que apreciava a preocupação, mas, dali por diante, bastava de encontros arranjados.

— E você é médico veterinário? Ele assentiu em silêncio.

— Jill disse que você está assumindo a clínica do seu avô, que também era veterinário.

— Ele ainda é, embora esteja ficando velho para certas intervenções. Mas ele ainda não percebeu isso.

Melanie riu, e o som flutuou no ar. No entanto, não o contagiou. Ele forçou um sorriso, mas a curvatura forçada dos lábios se desmanchou quando sentiu novamente o formigamento na nuca. Era como se alguém o observasse.

— Eu não sou daqui — Melanie disse, e ele percebeu que, provavelmente, devia ter perguntado. — Cresci em Chicago, e foi uma grande mudança para mim. Mas adoro este lugar. A região é linda e as pessoas são realmente agradáveis. Sou professora do ensino fundamental e adoro meu trabalho. As crianças são muito divertidas.

A estranha sensação persistiu enquanto ele tentava seguir as palavras de Melanie. Um formigamento correu seu corpo como dedos roçando a pele quente. Ele olhou ao redor, mas em vez de Katie, avistou uma mulher sentada na mesa diante dele. Seus olhos foram atraídos para os dela como se fossem ímãs.

A posição da cabeça, ligeiramente inclinada para trás, expunha o pescoço longo e elegante. Ele percorreu com o olhar a farta cabeleira ondulada que caía sobre os ombros como uma cascata de fios escuros, e seguiu pelo queixo delicadamente proeminente até os lábios cheios. Os olhos fechados e os lábios entreabertos sugeriam que ela estava quase em êxtase.

A ereção dolorosa pressionou o brim áspero da calça jeans. Atordoado, ele desviou o olhar e tentou focalizar Melanie.

Uma onda de algo semelhante à náusea se juntou ao desejo. Mas que diabos? Ali estava ele, dizendo a si mesmo que não estava interessado em relacionamento algum, e seu corpo reagia como se tivesse vida própria!

Jensen se inquietou na cadeira, reafirmando para si que não estava interessado em relacionamento algum. Sua libido entrara num hiato havia muito tempo. E então, num piscar de olhos, ele tivera a mais poderosa ereção da sua vida só de olhar para uma estranha!

— Você gostou? Jensen piscou os olhos, percebendo que Melanie ainda estava falando com ele.

— Desculpe. — Ele piscou diversas vezes, tentando se concentrar. — O que você disse?

Ela sorriu, demonstrando não notar a distração.

— Jill disse que você foi para a faculdade em Nova York. Gostou de lá?

— Ah, sim... — ele conseguiu dizer, sentindo o olhar da outra mulher acariciando seu corpo.

Sem resistir à urgência, deslizou o olhar na direção dela.

As íris azuis pálidas, quase brancas, o fixavam diretamente, sem piscar. Quem era ela? Por que o encarava como se quisesse devorá-lo?

— Eu não sabia se conseguiria me adaptar numa cidade pequena como esta. Exceto por algumas crises ocasionais de solidão, eu adorei a mudança. Cidades pequenas são exatamente como eu sempre ouvi dizer: todos se conhecem e sabem da vida um do outro, mas se preocupam e se ajudam mutuamente. É muito bom.

Jensen assentiu em silêncio, e imaginou que provavelmente Melanie achava que mover a cabeça para cima e para baixo representava toda a extensão de sua habilidade em se comunicar.

Com a visão periférica, ele manteve o foco na mulher da mesa à frente. Um homem se aproximou dela, e Jensen deduziu que fosse o marido ou namorado. Porém, em vez de relaxar, ele sentiu uma inexplicável onda de ciúme.

Melanie sorria e conversava como se não notasse seu desinteresse. No entanto, ele não conseguia parar de olhar para a estranha.

Ela se mantinha imóvel, com a atenção concentrada nele. Parecia não registrar o homem ao lado dela.

Jensen balançou a cabeça mais uma vez, simulando estar ouvindo o que Melanie dizia. Seu corpo reagia àquele olhar como se fosse um toque acariciando e provocando sua pele com dedos de fogo.

— Aqui estamos nós! — Brian anunciou, colocando a garrafa de água com gás na frente dele.

Brian e Jill tomaram seus assentos, bloqueando a visão da outra mulher.

Jensen respirou fundo, entre frustrado e aliviado. Ao menos, não podia mais vê-la.

Na certa, sua reação àquela mulher fora uma aberração causada pelas lembranças.

Ele pediu licença para ir ao banheiro e se levantou. Não suportaria ficar nem mais cinco minutos ali. Tinha de ir para casa e esquecer a loucura temporária que vivera naquela noite.

Capítulo II

— O que uma mulher bonita como você está fazendo sozinha?

Elizabeth lançou um rápido olhar para o homem que apoiou os braços sobre a mesa, inclinando-se para ela. Voltou a atenção para o outro, com os olhos da cor do mais profundo verde da floresta.

Contudo, o rápido olhar foi suficiente para avaliá-lo. Altura média, corpo musculoso, boa aparência, embora um tanto rude. Cabelos loiros desalinhados e calça jeans suja de graxa na região das coxas, como estivesse trabalhando no motor de algum carro e utilizasse o tecido para limpar as mãos. As unhas também mostravam vestígios de óleo de motor.

— Posso pagar-lhe uma bebida?

— Não — ela se ouviu dizer, sem olhar para ele. Simplesmente não conseguia desviar o foco dos olhos verdes. Tinha de estudar cada um dos movimentos de sua presa,

— Ora, vamos... Um drinque não fará mal algum. Sou tão inofensivo quanto um cordeiro.

Elizabeth desviou o olhar do homem que a fascinara e fitou o intruso.

— Mas eu não sou — afirmou com a voz rouca como um grunhido.

Em vez de se intimidar pela advertência, o rapaz louro ficou ainda mais interessado. A excitação preencheu o ar com o cheiro almiscarado de um animal.

— Bem, é assim que eu gosto das minhas mulheres. Perigosas. — Ele sorriu, irradiando o

desejo.

Vá com ele. Leve-o para um beco escuro, devore seus miolos e obtenha o que você quer. Um macho humano servirá ao seu propósito tão bem quanto outro.

Não, não podia ser qualquer um, Elizabeth percebeu. Somente um homem lhe daria o que ela queria.

— Vá embora — advertiu, voltando a olhar para a mesa da frente.

Irritada, ela descobriu que a visão do homem fora bloqueada pela chegada dos amigos que haviam voltado. Mesmo assim, ainda podia vigiá-lo.

— Vamos...

— Vá embora. Agora! — ela rosnou, e dessa vez, a ira em seus olhos foi evidente, pois o rapaz encolheu os ombros e saiu.

O rejeitado caminhou de volta para a mesa dos amigos, três rapazes que os observava com interesse lúbrico.

Elizabeth se sentiu mais livre para vigiar sua presa. Ele tomava goles ocasionais de água com gás e ouvia os amigos, embora mal abrisse a boca para dizer alguma coisa. Era evidente que se esforçava para não olhar na direção dela.

Quem seria a bela loira ao lado dele? Tentou ouvir o que ela dizia, mas as palavras foram abafadas pela voz desafinada de outra cantora de karaokê. A loira tocou-o no braço enquanto falava com ele. Uma onda de possessividade percorreu o corpo de Elizabeth. Aquele homem era dela naquela noite.

Poderia ser a namorada ou esposa dele, a razão murmurou nos ouvidos de Elizabeth, mas a advertência não conseguiu atravessar a barreira maciça da necessidade carnal. Ela queria apenas usar o corpo dele. A loira poderia ficar com o que restasse.

— Vi que você não ficou interessada no meu amigo.

Um grunhido abafado brotou da garganta de Elizabeth com a interrupção. Ela sequer olhou para o rapaz que a abordou, sem perder sua presa de vista. Todos os seus sentidos se concentravam no homem da mesa à sua frente.

— Talvez eu seja mais o seu tipo.

Elizabeth reprimiu outro grunhido irritado e se virou para o homem perto demais dela.

Ele era mais alto e mais musculoso que o anterior. Usava cavanhaque e mostrava um toque de arrogância no sorriso seguro. Os cabelos estavam igualmente desgrehados, mas a cor era mais escura, entre loiros e castanhos.

Ela deixou o olhar se mover lentamente pelo corpo viril. Braços musculosos, peito largo, e uma protuberância visível sob a calça jeans desbotada.

— Não. Você não faz o meu tipo — ela afirmou com a voz sufocada pela necessidade, mas não daquele mortal.

Então, seu homem se levantou, e o olhar de Elizabeth foi imediatamente atraído para ele. Alto, magro na medida certa, com os músculos rijos escondidos sob a camisa azul, pernas longas dentro da calça jeans desgastada. Ela fez menção de levantar-se, com o intuito de segui-lo, mas o homem ao seu lado tocou-lhe o braço.

— Ei! Isso não é justo. Você não pode ir embora sem me dar uma chance — ele reclamou, segurando o pulso dela com a mão imensa.

Quando Elizabeth o encarou, não conseguiu abafar o rosnado profundo que retumbou em sua garganta. Os olhos do homem se arregalaram, mas ele não a libertou.

— Deixe-me ir — ela alertou, inflamada pela ira. Aquela era sua chance. Tinha de ir atrás de seu homem.

Não podia permitir que nada se interpusesse entre ela e sua escolha.

Ela recolheu o braço, mas, em vez de soltar o pulso, o homem puxou-a para si. Elizabeth encontrou a parede maciça de músculos. O contato enfureceu-a ainda mais. Todos os seus instintos a impeliavam para a luta. E ela obedeceu. Empurrou-o com violência, mal controlando a própria força, aumentada pela hiperestimulação. O homem foi lançado no ar e se estatelou numa mesa. O barulho chamou a atenção de todos os frequentadores, que se viraram na direção de Elizabeth.

A mulher no palco interrompeu a canção, assustada com o súbito silêncio da sala.

Elizabeth olhou à sua volta e fixou o homem caído. Recuou, chocada com o que ela... Ou melhor, a loba dentro dela tinha feito.

Estava perdendo o controle. Tinha de sair dali naquele exato instante, enquanto ainda podia contar com um resquício de razão.

— Elizabeth... — Christian apareceu do lado dela. — Você está bem?

Ela assentiu sem encará-lo.

A voz dele era suave e firme ao mesmo tempo, como se ele soubesse que estava falando com alguém que era mais animal do que humano.

A vergonha queimou o rosto de Elizabeth. O que seu irmão pensaria dela agora? Não havia mais como disfarçar. Ele saberia de uma vez por todas que ela não era a doce Elizabeth de dois séculos atrás.

— Você quer saber se *ela* está bem? — o homem que ela acabara de empurrar exigiu. — Foi ela quem me atacou. Sua cadela louca!

Ela abriu a boca para se desculpar, mas apenas um gemido esganiçado escapou de sua garganta. O rapaz estendeu o dedo no nariz dela, e Christian se colocou entre eles.

— Da próxima vez, não ponha as mãos numa mulher se ela não autorizar — ele advertiu, a voz ainda serena, mas firme o bastante para não dar margem a argumentos.

O homem olhou para ambos e chamou seus amigos, declarando em voz alta o que ele achava daquele estabelecimento e dos proprietários.

Quando o grupo saiu, Jolee pegou o microfone e anunciou o próximo cantor.

A música reiniciou, a paz voltou a reinar e tudo voltou ao normal, exceto para Elizabeth.

— Você tem certeza de que está bem? — Christian insistiu.

— Estou bem — ela assegurou, mesmo consciente da loba crescendo dentro dela. — Eu tenho de ir embora.

Christian abriu a boca como se quisesse argumentar, mas mudou de idéia e assentiu com um gesto da cabeça.

— Tenha cuidado. — Ele sorriu com ar de provocação. — Embora eu tenha certeza de que você é capaz de cuidar de si mesma.

Elizabeth julgou ter visto um brilho de orgulho nos olhos do irmão, mas o constrangimento a impediu de buscar a certeza.

Ela resmungou alguma coisa como despedida e correu para a porta. Precisava voltar para casa o mais depressa possível e se manter distante das pessoas. Era perigosa. Nunca agira assim. Nunca. Algo estava muito errado.

A chuva caía numa garoa constante quando Elizabeth caminhou pela calçada. Ela ergueu o rosto para o céu, rezando para que os pingos frios amortecessem parte do calor dentro dela. Porém, o fogo do desejo continuava ardendo, clamando pela satisfação.

Ela fechou os olhos e permaneceu ali, deixando que a garoa a molhasse. Não tinha idéia de quanto tempo se passara quando a porta do bar se abriu. A seguir, ela ouviu o som de passos no pavimento molhado. Seu corpo ficou tenso. Não precisa abrir os olhos para saber quem estava vindo em sua direção. Podia sentir o cheiro dele.

Elizabeth abriu os olhos para ver o homem que ela determinara que seria dela andando em sua direção. A silhueta poderosa se destacava contra a luz do bar.

Assim, a loba reassumiu o controle. Elizabeth saiu das sombras e surgiu na frente dele.

— Olá. — A voz era baixa, rouca e faminta. — Suponho que você não esteja interessado em me dar uma carona...

Jensen ficou num impasse quando a silhueta sombria apareceu entre dois carros estacionados. No instante seguinte, ela sumiu.

Levou apenas uma fração de segundo para reconhecer a forma esbelta. A mulher do bar, a mesma que o fascinara.

Ela se materializou para fora da escuridão, surgindo tão rapidamente quanto desaparecera.

Ele havia saído quando o gigante de aspecto rude se aproximara da mesa dela. Sentira-se estranhamente desapontado, mesmo sabendo que ele próprio não teria coragem de ir falar com ela.

Agora, ela estava ali, pedindo-lhe carona. E, por alguma razão, ele sabia que não estava pedindo simplesmente para levá-la para casa em segurança.

Mais uma vez, seus músculos reagiram, tensionados pela urgência do desejo. *Pare!*, ordenou à libido rebelde que escolhera aquela noite para reclamar pelo tempo que ficara negligenciada.

— Você está tendo problemas com seu carro? — perguntou, obrigando-se a manter o tom de voz mais relaxado do que sentia.

— Não.

Ela deu um passo na direção dele.

O movimento a levou para o círculo de luz proporcionado pelo poste da rua.

— Seu parceiro não pode levá-la para casa?

— Não — ela repetiu com um sorriso.

O pulso reagiu imediatamente à visão dos lábios carnudos. Os músculos de Jensen vibraram com o desejo. Ela era a mulher mais bonita que ele já vira.

Você não está interessado, ele se lembrou, apesar de seu corpo contradizer as palavras. Ao mesmo tempo, imaginou como seria estar sozinho com ela no carro. Ainda assim, ignorou o entusiasmo do próprio corpo.

— Então, se não está tendo problemas com o carro nem está esperando pelo seu parceiro, não sei por que precisa da minha carona.

O sorriso indulgente se alargou nos lábios sensuais, como se ela soubesse que Jensen não ficava confortável com a ideia de estar sozinho com ela.

— Estou com minha moto. — Ela inclinou a cabeça na direção do modelo preto estacionado

perto do bar, — O tempo não está bom para pegar estradas sinuosas, pelo menos em duas rodas.

Para ilustrar, ela estendeu as mãos com as palmas para cima. Num segundo, as palmas macias ficaram recobertas de minúsculas gotículas.

Jensen não teve como argumentar, mas se manteve imóvel. Não podia ficar a sós com aquela mulher.

— Bem, se você não estiver interessado em ajudar uma dama em apuros... — Ela ergueu os ombros e começou a andar em direção à moto.

Jensen a observou, pensativo. A motocicleta era grande demais para ela. Se já parecia quase impossível que conseguisse equilibrá-la numa estrada seca e reta, ele imaginou como seria numa pista molhada e cheia de curvas.

Não, ele não podia ter mais uma mulher pesando em sua consciência.

Basta dar-lhe uma carona e depois ir para casa. Não é grande coisa, ele disse para si.

— Minha caminhonete está ali — ouviu-se dizer, afastando-se sem olhar para ela. Como se isso fosse suficiente para interromper a reação explosiva de seus hormônios!

De repente, ouviu os saltos da bota no pavimento, e ela surgiu do lado dele. Embora estivesse a pelo menos um metro de distância, ele podia sentir o calor que irradiava da presença vibrante. Seu corpo reagiu com entusiasmo crescente. Isso não era nada bom...

Ela destravou a motocicleta e, com a ajuda de Jensen, colocou-a na carroceria da caminhonete. Depois de prendê-la com um cabo, ele caminhou para a porta do passageiro e abriu-a, certificando-se de manter uma distância que não permitia nenhum contato com ela.

— Muito gentil — ela murmurou com um outro sorriso, deslizando para o banco.

— Eu não diria isso — Jensen riu, ironicamente.

Ao menos, não era como estava se sentindo no momento. Ele contornou a frente da caminhonete, abriu a porta do lado do motorista e se juntou a ela na cabine escura. Não ousou fitá-la enquanto girava a chave na ignição.

— Eu não quero que você seja tão gentil... — ela ronronou, numa sugestão sedutora.

O desejo crepitante percorreu os membros de Jensen, deixando uma trilha de fogo sobre a pele. Ele lançou um olhar rápido para a mulher ao seu lado e pôs o carro em movimento.

— Qual é o caminho para sua casa? — indagou, reduzindo a marcha ao se aproximar do cruzamento.

— Vire à direita — ela indicou, sem deixar de fitá-lo.

Ele assentiu, tentando se concentrar na direção, o que não era tarefa fácil. A noção de que ela o avaliava com voracidade o impedia de pensar.

— Acho que eu deveria me apresentar — ele rompeu o silêncio tenso. — Sou Jensen.

— Olá, Jensen.

Ela sorriu, mas não revelou seu nome. Novamente o silêncio preencheu a cabine. O único som que se podia ouvir era o chiar dos pneus no asfalto molhado e o vaivém monótono do limpador de pára-brisa.

No entanto, os sentidos de Jensen foram tomados pela presença vibrante. Ele podia sentir o cheiro dela, percebendo que o aroma picante e rico que o envolvera no bar era dela, embora não parece possível.

— Vire na próxima entrada à direita.

A voz rouca o assustou. Ela apontou para uma estrada de terra estreita que ele jamais teria reparado.

Jensen reduziu a marcha e fez a curva acentuada. A caminhonete foi engolida pela escuridão da via circundada por um bosque de bordos, carvalhos e ciprestes.

— Pode parar por aqui — ela avisou depois de percorrerem alguns metros.

— Aqui? — Jensen olhou em volta, sem avistar nenhum sinal de luz na mata fechada.

No entanto, fez o que ela pediu. Conduziu o carro para a margem e se virou. Ela o fitava com aqueles olhos incrivelmente claros, sem dizer nada.

— Onde é sua casa?

— Perto daqui — foi a resposta lacônica.

Então, ela estendeu a mão e roçou a ponta dos dedos nos lábios dele, num toque suave e provocante.

Jensen prendeu a respiração, com os músculos contraídos num estado de alerta doloroso.

— Sua boca é linda. Não consigo parar de olhar.

Ele inalou com dificuldade. Ondas violentas de desejo o assaltaram, enquanto o dedo continuava a traçar a pele sensível dos lábios.

— Você me viu observando-o.

As palavras eram uma afirmação, mas ele sentiu necessidade de responder.

— Sim.

— E você gostou.

Os dedos percorreram o rosto, o queixo, a lateral do pescoço. Ele pensou em pedir que ela parasse, mas as palavras não vieram.

— Eu quis você desde o momento em que o vi — ela murmurou com voz baixa e rouca, absolutamente sexy.

Ele também a quisera, mesmo que ainda não soubesse.

Jensen mirou os olhos claros, tão azuis que mais pareciam duas pedras preciosas. Os cabelos escuros emolduravam o rosto alvo, realçando a beleza feminina. Maças do rosto salientes, queixo triangular, e os lábios...

Jensen prendeu a respiração. Nunca vira lábios tão sensuais. Antes que ele percebesse o que pretendia fazer, sua boca estava sobre a dela, provando-a com uma avidez que ele não podia conter.

Ela respondeu no mesmo tom, abrindo a boca para deixá-lo penetrar na doce umidade, até que as línguas se encontrassem.

O beijo se transformou num frenesi. Ele queria devorá-la, num crescendo de desejo que o tomou por completo. Enlaçou-a pela cintura e a puxou para mais perto. Ela se moldou voluntariamente contra o peito largo, as mãos acariciando seu rosto e ombros.

Quase com desespero, consumiram um ao outro. Ela gemeu, os lábios deixando um rastro de fogo ao percorrerem o pescoço, enquanto os dedos se moviam com habilidade para abrir os botões da camisa.

Então, ela pousou beijos molhados sobre o peito largo, a língua provocando a pele incendiada.

Jensen prendeu a respiração quando ela mordiscou seu mamilo, sugando-o com volúpia. O desejo explodiu em ondas cálidas, numa sensação fronteira com a dor, como o sangue que retorna a um membro adormecido.

Ela se afastou com os olhos semicerrados, mas tão intenso como antes.

— Quero fazer amor com você.

Ele poderia considerar vulgar um convite como aquele, mas a voz suave, quase ronronando, era a coisa mais erótica que já tinha ouvido. O membro rijo pulsou com um espasmo pontiagudo, doloroso.

Fascinado, ele a observou despir a jaqueta de couro para revelar a camiseta preta colada à pele. Mesmo na penumbra, pôde ver que ela não usava sutiã. Os mamilos erigidos dos seios pequenos e arredondados marcavam escandalosamente o tecido, como se pudessem furá-lo.

Em seguida, os dedos pousaram no botão da calça de couro. Ela soltou-o e desceu o zíper, meneando o quadril para deslizar a peça até o tornozelo e expor a minúscula calcinha preta. Ela chutou a calça juntamente com as botas, num gesto apressado.

— Isso é loucura — Jensen balbuciou, refreando o ímpeto de tocá-la.

No entanto, ela deslizou para mais perto e acariciou-o novamente, seus dedos percorrendo a linha firme da mandíbula.

— Você quer estar dentro de mim? — ela murmurou contra os lábios dele.

Deus, sim! Todo o corpo de Jensen clamava por isso. Porém, em vez de dizer as palavras, ele a fitou profundamente.

— O que você quer?

Ela hesitou por um breve momento de incerteza. Pela primeira vez desde que a vira, interrompeu o contato visual antes dele.

Sim, seria melhor parar. Tudo acontecera rápido demais, totalmente fora de controle.

No entanto, para surpresa de Jensen, as mãos delicadas se moveram para o botão da sua calça e trabalharam avidamente para abri-la.

Ela puxou o zíper lentamente e insinuou os dedos sob o cós da cueca até encontrar a ereção massiva.

Ele gemeu, lutando contra a necessidade de se movimentar contra a palma macia. O sorriso que curvou os lábios carnudos revelava que ela tinha consciência da sua luta para manter o controle.

— Erga o quadril — sussurrou ela, e a voz rouca vibrou na cabine.

Ele obedeceu, e fechou os olhos ao sentir o brim áspero deslizar por suas pernas. A seguir, ela deslizou a cueca, libertando a ereção pujante. Então ela sorriu, e havia algo de selvagem naquele sorriso.

— Oh... Muito, muito bom.

Então, ela se inclinou para a frente e percorreu toda a extensão do membro ereto com a língua quente e aveludada.

Jensen gemeu, prestes a explodir. Queria aquela mulher mais do que jamais desejara alguém.

Com um gesto ágil, suspendeu-a pela cintura e posicionou-a sobre o banco. Aturdida pela mudança repentina, ela levou alguns segundos para reagir. Em seguida, envolveu-o pela cintura e cruzou os tornozelos por trás do quadril estreito.

Os lábios de Jensen arrebataram os dela, experimentando a maciez, mordiscando a pele de veludo. Enquanto continuava o assalto à boca, seus dedos deslizaram sob a calcinha, encontrando a feminilidade pronta para ele.

Ela estava tão lubrificada, tão quente, que por um momento, Jensen quase perdeu o controle. Obrigou-se a se concentrar e Tateou o ponto sensível intumescido, acariciando-o com movimentos suaves.

Os lábios deixaram os dele, e ela pendeu a cabeça para trás. Um gemido gutural que soou como um rosnado escapou dos lábios entreabertos, e o som estimulou ainda mais a excitação crescente de Jensen.

Aumentou o ritmo das cadeias, e ela arqueou a coluna, implorando por mais. A sensação de possessividade o arrebatou como uma nova descoberta. Ele se inebriou com o poder de dominar o êxtase daquela mulher.

— Quero que você chegue ao clímax — ele ordenou com agressividade.

Os olhos brilhantes reluziram como luas gêmeas quando ela o encarou.

— Não sem você.

Ela empinou a coluna, capturando os lábios de Jensen. Movendo-se com agilidade, retirou a calcinha e posicionou-se sobre ele para friccionar o sexo lubrificado contra a ereção dolorosa.

Com um gemido, ele a segurou pelo quadril e posicionou-a sobre o membro latejante. Com um movimento agressivo, estava dentro dela, penetrando-a profundamente. O calor úmido da gruta incrivelmente apertada o envolveu por completo. Ele gemeu, e a cabeça pendeu para trás contra o assento.

Jensen não se moveu, deixando que a parceira se acomodasse ao seu membro enterrado dentro dela.

Contudo, a urgência dela não permitiu que ele sequer respirasse. Inclinou a pelve, mexendo-se num ritmo sensual.

Jensen a agarrou pelos ombros enquanto ela o cavalgava, aumentando a velocidade. Incapaz de se conter, ele a segurou pelo quadril, guiando-a, conduzindo-a para penetrá-la cada vez mais fundo para, a seguir, suspendê-la até que quase perdesse o contato com seu membro.

Ela gemia a cada penetração, e seus movimentos se tornaram ainda mais violentos, mais frenéticos.

Quando Jensen estava certo de que não poderia adiar por mais tempo seu prazer, ela gritou numa libertação violenta, o som entre um grunhido e um gemido. Seus músculos se apertaram em volta dele, com espasmos que a estremeceram da cabeça aos pés.

Sem conseguir mais se conter, Jensen chegou ao clímax junto com ela, numa explosão selvagem de prazer.

O calor dela ainda o prendia, com contrações discretas da musculatura interna. Totalmente atordoado e drenado, Jensen relaxou os ombros contra o banco, as mãos ainda segurando-a pelo quadril.

Depois de alguns momentos, percebeu que ela permanecia na ponta dos pés, e os corpos não se tocavam exceto pelas anatomias íntimas.

Os cabelos fartos caíam sobre o rosto, e ele afastou uma mecha, esperando ver as íris claras. Porém, ela mantinha os olhos fechados, aparentemente tão exaurida quanto ele.

Jensen passou os braços em volta dela e tentou puxá-la para perto. Ela abriu os olhos e fitou-o com intensidade, fazendo força contrária para se manter afastada.

— Você não parece estar confortável. Encoste-se ao meu peito para descansar — ele murmurou, puxando-a novamente.

Ela hesitou por uma fração de segundo, e, por fim, cedeu à exaustão. Fechou os olhos e se moldou ao abdômen largo, com a cabeça aninhada no ombro dele.

Jensen a abraçou, espantado com a delicadeza do corpo em seus braços. Ele deixou a cabeça cair sobre o encosto e fechou os olhos, esgotado de todas as energias.

Não soube ao certo por quanto tempo ele cochilou, mas quando acordou, a mulher estava sentada no banco do motorista com uma das botas na mão. Como de costume, os olhos pálidos o estudavam. Porém, daquela vez, havia algo além da intensidade do desejo. Ele discriminou uma emoção que não vira antes, algo profundo e nebuloso como melancolia.

Quando ela percebeu que estava sendo observada, virou-se para Jensen e sorriu. Tudo o que ele julgara ter visto desapareceu.

Ela voltou a atenção para a bota e, depois de calçá-la, passou a pentear os cabelos com os dedos.

Jensen se tornou consciente de que ele ainda descansava contra o banco, nu da cintura para baixo e com a camisa aberta. Quando se endireitou no banco para arrumar as roupas, ela se inclinou e pousou-lhe um beijo no queixo.

— Obrigada — disse, antes de abrir a porta do carro e saltar para o chão.

Com agilidade espantosa, ela subiu na carroceria e suspendeu a motocicleta. O ronco do motor rompeu o silêncio um segundo antes do salto no ar, e o veículo desapareceu na noite.

— Espere! — Jensen gritou, apressando-se em fechar o zíper.

Ele empurrou a porta e perscrutou a escuridão do arvoredo.

— Ei...

Jensen ficou com a boca aberta, sem que nenhum som saísse. Sequer sabia o nome dela!

Ele prendeu a respiração, atento, buscando descobrir em que direção ela seguia. Não captou nenhum som a não ser o tamborilar da chuva suave na vegetação rasteira.

Ficou ali por vários minutos, tentando ouvir qualquer ruído que lhe desse alguma pista. Nada. Ela simplesmente havia desaparecido. Gritou mais algumas vezes, sem receber resposta.

Ao longe, um chamado melancólico cortou o silêncio. Na certa, era algum cão uivando para a chuva. Ele contemplou a escuridão por mais um momento e então, com relutância, fechou a porta da cabine.

Para seu alívio, o motor rugiu logo que ele girou a chave na ignição. Olhou no relógio digital do painel. Os números brilhavam, anunciando uma hora e vinte e dois minutos da madrugada. Não que o horário tivesse qualquer importância, já que ele não tinha idéia de quando havia chegado ali.

Jensen olhou em volta mais uma vez, divisando a vegetação iluminada pelos cones de luz dos faróis, e engatou a marcha à ré para voltar à estrada de terra.

Quando tomou a via principal de volta a West Pines, ele começou a desconfiar de que aquele encontro fora apenas fruto da sua imaginação. Na certa, experimentara uma espécie de alucinação provocada pela emoção de estar de volta a sua cidade natal, com todas as memórias que o encontro com os amigos haviam evocado.

A única falha em sua teoria era o fato de que, se ele fizera amor com uma mulher criada pela sua imaginação, ela não teria de ser Katie?

Katie. De repente, uma onda de náusea revirou seu estômago, e ele se obrigou a engolir a sensação e a se concentrar na estrada à frente dele.

A mulher, imaginária ou não, fora a primeira com quem ele fizera sexo depois da morte de Katie. Por três anos, nunca havia se interessado por ninguém. Até aquela noite, ele podia jurar que seu corpo e seu desejo estavam tão mortos quanto Katie.

Diversas mulheres tinham tentado se aproximar. O problema era que ele não se interessava. A apatia de sua libido chegara a tal limite que ele começara a acreditar que nunca mais teria vida sexual.

E então, surgira aquela estranha, com olhos misteriosos. E ele acabara numa estrada deserta, possuindo-a no banco dianteiro da caminhonete como um adolescente enlouquecido pelos hormônios.

Outra onda de náusea retorceu seu estômago. Ele rangeu os dentes, enojado com o próprio comportamento. De alguma forma, sentia que havia traído Katie outra vez. Não era justo para a

memória dela que sua primeira relação desde que a perdera fosse com uma estranha sem nome.

Quando estacionou na garagem da casa do avô, a mesma onde ele passara a infância, Jensen ainda tentou se convencer de que o encontro fora uma espécie de sonho, uma fantasia criada por sua mente estressada. Mas, quando abriu a porta, ele avistou a minúscula peça de renda preta.

Ele suspendeu a calcinha, e uma onda de repulsa o estremeceu. Chegara a pensar que toda a repugnância que poderia sentir se esgotara quando Katie morreu. Porém, estava enganado.

Assim que a viu, ele soube que havia algo diferente. Brody Devlin podia sentir essas coisas. Claro que, depois do que acabara de testemunhar, não havia a menor dúvida de que Lizzie não era mais a mesma. Na verdade, ele não estava preparado para aceitar tamanha mudança.

A princípio, passara a observá-la das redondezas da casa. Assistia a todos os movimentos dela, tentando decidir o que havia mudado. Fora por isso que não se aproximara ainda. Tinha de saber exatamente qual era a extensão da mudança. Afinal, não queria ter surpresas desagradáveis. Definitivamente, aquela não era a garota que ele havia deixado na calada da noite, sete anos atrás.

Ele passeou com movimentos silenciosos sobre as folhas molhadas. Tinha de admitir, gostara de observá-la com aquele mortal. Não que quisesse alguém, especialmente um ser humano do sexo masculino, colado à sua mulher.

Em breve, faria amor com ela também. Estava com saudade do corpo sexy, que não havia mudado, exceto para melhor. Ele sempre a cobiçara, mesmo que a recíproca não fosse verdadeira. Lizzie sempre o tratara com frieza.

Ela se considerava superior para permitir-se a reagir a ele. Do alto da fortaleza em que ela se isolava do mundo, nada podia afetá-la.

Lizzie... *Tão* aristocrática, tão bem-educada, tão linda... Um pouco perdida, certo, mas não podia culpá-la. Ela fora arrancada de seu mundo perfeito e jogada numa realidade assustadora e desconhecida. E ele nunca fizera parte daquele mundo perfeito.

Não. Ter Lizzie o elevara. Com ela, tornara-se alguém.

Ela o deixara arruinado e humilhado. Agora, estava ali para buscá-la. Ele a teria de volta, mesmo contra a vontade dela. Afinal, ela era sua companheira. Claro, nunca reagira a ele da mesma forma que se entregara àquele mortal.

Brody rosnou baixinho. Ele a odiava!

Lizzie abriu os olhos e pestanejou, com a mente confusa. Levou alguns segundos para perceber que estava na cama, aninhada sob *as cobertas*. *O sol* cintilava lá fora, mas *o quarto* estava às

escuras.

Ela bocejou e esticou os braços acima da cabeça, deixando-os cair pesadamente nos travesseiros. Não sabia que horas eram, mas supôs ter dormido por um longo tempo, pois sentia-se incrivelmente bem.

Bocejou novamente e alongou todo o corpo, com a deliciosa sensação de bem estar. A sensibilidade agradável em sua intimidade a remeteu aos eventos da noite anterior, desdobrando-se em seu cérebro com a lenta expansão dos músculos.

Sentou-se na cama e olhou ao redor, subitamente desperta.

Oh, Deus! O que ela fizera? Escolhera um mortal no bar do irmão para satisfazer seus instintos primários, o que significava que Christian e Jolee haviam testemunhado seu comportamento devasso.

— Oh, Deus! — repetiu em voz alta, apoiando o rosto nas mãos.

E quanto ao mortal? Jensen era o nome dele. O que estaria pensando dela?

Com outro gemido, ela caiu contra os travesseiros. Agora, teria de se haver com Christian.

Todavia, não era tão mal quanto ela pensava. Afinal, o irmão não sabia o que ela fizera com o mortal na cabine da caminhonete dele. Vira apenas a agressão ao cliente do bar, o que seria bem mais fácil de explicar do que o sexo selvagem com um desconhecido.

Mas, como explicar a si? Ela nunca fizera nada parecido antes. Seu comportamento fora muito, muito vulgar... Embora o sexo com o mortal tivesse sido muito, muito bom.

Ela gemeu, com um misto de autorrecriinação e prazer. O que estava pensando? Aquela fora a atitude mais constrangedora de toda sua vida.

O que havia acontecido com ela desde que chegara a Shady Fork? A Virgínia teria algum poder oculto sobre sua espécie? Afinal, ela agia como louca o tempo todo, em vez de apenas na lua cheia. Na verdade, não tivera um dia normal desde que chegara.

A princípio, estava bem, mas cerca de duas semanas depois de ter se instalado, ela começou a se sentir estranha. Por incrível que pareça, o único período em que agira de forma "normal" fora na lua cheia, quando seu corpo todo se cobrira de pelos, na mais fidedigna representação de um *Canis Lúpus*.

A diferença era que ela sabia o que esperar, ao contrário da noite anterior. Jamais poderia imaginar que a agitação interna que a perturbava poderia se transformar em... Ela não sabia no que havia se transformado. A única palavra para descrever era luxúria... Pura e desenfreada luxúria.

Isso tinha de estar relacionado com o soro. Era a única coisa que fazia sentido. Tinha de falar com o dr. Fowler. Imediatamente!

Lizzie se arrastou para fora da cama e correu para o telefone sem fio esquecido sobre a cômoda. Digitou os números de memória e esperou com impaciência. O telefone tocou várias vezes até entrar no correio de voz.

Frustrada, deixou uma mensagem dizendo apenas que precisava falar com ele logo que possível e desligou.

Ela ficou parada no meio do quarto com o telefone na mão, debatendo sobre o que fazer.

O que acontecera na noite anterior fora muito estranho. Mas, o mais estranho era que ela não sentia mais aquela inquietação que estava deixando-a maluca. Depois do sexo, o sentimento desaparecera.

Na verdade, havia desaparecido logo que ela chegara ao clímax.

Mas não era o orgasmo impressionante que continuava vivido em sua mente, e sim o momento seguinte, quando ela repousara a cabeça nos ombros de Jen... Daquele mortal, corrigiu, evitando usar o nome, deliberadamente. Ouvira o coração bater no mesmo ritmo que o dela. E era essa sensação que ainda se encontrava vivida em sua mente e em seu corpo.

Lizzie soltou um suspiro desesperado. Não podia ficar sentimental por algo que não dizia respeito a sentimentos. O comportamento dela na noite anterior fora motivado pelo soro. Portanto, nenhum sentimento era verdadeiro, com exceção da luxúria.

Definitivamente, aquilo fora real.

Ela não podia mais perder tempo. Tinha de voltar ao laboratório e analisar o que estava acontecendo.

Elizabeth largou o telefone e abriu o armário. O que acontecera com ela fisiologicamente? Agira como se estivesse no cio, o que não era possível. Em mulheres-lobo, a necessidade de preservação da espécie invariavelmente era despertada pelo macho, que estimulava os hormônios femininos para o acasalamento. Machos humanos não tinham tal poder. Podiam ser atraídos, obviamente, mas os lobisomens preferiam acasalar-se com iguais. Essas eram as regras, a menos que a última vacina tivesse alterado seu metabolismo.

Por um breve momento, o rosto de Brody dançou em sua mente. Brody. Seu companheiro. O homem a quem ela se ligara quando ainda era uma jovem assustada e sozinha. Ela percebera o erro rapidamente, mas precisara dele para ajudá-la a entender sua nova e assustadora transformação. E Brody, por sua vez, a usara sem escrúpulos. A troca havia sido justa, até que ela deixara de depender dele.

As reflexões provocaram uma onda de náusea. Queria não ter ficado tão magoada com a infidelidade dele, mas não conseguira. Não importavam as circunstâncias com Brody, ela jamais o traíra.

E era por isso que trabalhava com afinco para descobrir a cura. No fundo, ela sabia que era mais humana do que loba. A cura era sua única chance de livrar-se de vez daquela maldição, sua única chance de encontrar o verdadeiro amor e ficar em paz com a família que ansiava ver por quase dois séculos.

Razão pela qual ela tinha de começar a trabalhar, Elizabeth lembrou-se, apanhando a calça e a jaqueta de moletom.

Tudo o que importava no momento era que a agitação interna se dissipara. Agora ela podia retomar o foco. Claro, teria de lidar com as lembranças perturbadoras da noite anterior, mas seria muito mais fácil e agradável manter as recordações sob controle do que suportar a agitação incessante em seu corpo.

Ela suspirou e foi para o banheiro. Não podia ficar perdendo seu precioso tempo com as lembranças da noite anterior. Tinha de voltar ao trabalho e se concentrar no futuro.

Contudo, quando se enfiou sob a ducha, não conseguiu apagar da memória aqueles olhos verdes de um estranho chamado Jensen...

Capítulo III

— Você chegou tarde ontem, não é, filho? Jensen olhou sobre o jornal quando o avô entrou na cozinha.

— Mais tarde do que eu pretendia — concordou, tomando um gole de café. — Espero não tê-lo acordado.

Charles Adler podia estar em idade avançada, mas ainda era um homem ativo. Ele saía de casa antes de Jensen conseguir se arrastar para fora da cama e fazia sua caminhada matinal todos os dias antes de se sentar à mesa com as palavras-cruzadas do jornal.

— Não. Eu me levantei para tomar um copo de água e não vi a caminhonete.

— Como foi o golfe? — Jensen perguntou, sentindo necessidade de mudar de assunto.

— Minha colocação foi péssima — resmungou o avô. — Aquele maldito Harold Wilks faz mágica com a bola.

Jensen riu. O avô chamava o melhor amigo de "aquele maldito Harold Wilks" desde que ele se lembrava por gente.

Observou-o encher uma xícara com café e sentar-se diante dele na mesa da cozinha. Folheou os cadernos do jornal que Jensen deixara de lado à procura das palavras cruzadas e retirou a lapiseira sempre presente no bolso da camisa antes de estudar o quebra-cabeça.

Jensen voltou à leitura, e nos dez minutos seguintes, o único som que se podia ouvir era o ruído macio do grafite sobre a folha de jornal.

— E você? Divertiu-se ontem à noite? — Charles perguntou em tom casual, sem desviar a atenção das palavras cruzadas.

Jensen franziu as sobrancelhas. Conhecía seu velho avô, e sabia que a pergunta desinteressada escondia uma curiosidade sem fim.

— Oh, sim. Foi divertido.

O avô assentiu e escreveu outra palavra. Jensen, por sua vez, abriu o caderno de esportes e se concentrou no artigo sobre alpinismo.

— E a diversão tinha nome?

Jensen ergueu a cabeça. Conhecía as artimanhas do avô para arrancar todos os seus segredos. Aquele homem parecia ficar cada vez mais arguto com o passar dos anos.

— Não. A diversão não tinha nome — respondeu com a mais absoluta sinceridade.

Charles assentiu, aparentemente desinteressado, e Jensen se levantou para pegar mais uma xícara de café.

Estava exausto. Passara a noite toda com os olhos cravados no teto, lembrando-se de Katie... Lembrando-se da vida em West Pines, naquela mesma casa, naquela mesma cama... E lembrando-se da mulher com, os olhos claros e nenhum nome.

Na verdade, ficara admirado por passar tanto tempo pensando nela. As cenas que vivera com ela, desde o bar até a cabine da caminhonete, se repetiam em sua mente como um filme em câmera lenta. Ele quase podia senti-la em seus braços. O gosto dos lábios carnudos ainda estava vivido em sua língua. Seu corpo todo clamava pelo momento de tocá-la mais uma vez.

E ela era apenas uma mulher sem nome que se entregara a um estranho para depois desaparecer. Definitivamente, não era nada parecida com Katie, ou com qualquer mulher que ele pudesse se relacionar.

— Sabe, você devia sair mais e viver a vida. Não é saudável para um jovem como você viver enfiado dentro de casa, tendo como companhia somente um velho homem.

— Eu estou vivendo, vovô. E não estou enfiado dentro de casa. Eu voltei para assumir a clínica que o senhor começou.

— Mas não era o que planejava fazer.

— Bem... — Jensen ergueu os ombros. — Agora, é o que tenho.

— Filho, eu só quero que você seja feliz.

Ele sorriu para o avô, tentando transmitir a maior sinceridade possível.

— Eu estou feliz.

Charles o estudou por alguns segundos e voltou a atenção para o jornal, e o ruído do lápis sobre o papel se reiniciou.

— Não pense que eu deixei de notar que você omitiu comentários sobre a companhia de um velho homem — murmurou depois de alguns instantes.

Jensen riu. Adorava o humor cáustico do avô. Ele pegou o café e voltou para a mesa. Passou a folhear o jornal em busca de outra seção. As páginas de esporte não tinham conseguido prender sua atenção como era habitual.

Ele leu a seção de notícias locais, parando em um artigo sobre um animal misterioso perto de uma fazenda nos arredores da cidade. Era o segundo artigo sobre a criatura na mesma semana.

Jensen balançou a cabeça enquanto lia o mais recente relatório sensacionalista, que descrevia o animal como "uma besta gigante" e "um lobo selvagem". Talvez a criatura mítica não passasse de um cão feroz.

— Você tem planos para hoje à noite?

Ele franziu a testa. O avô ainda não desistira de obter mais informações?

Em vez de responder, ele perguntou:

— O senhor já ouviu toda essa bobagem sobre o lobo selvagem que foi visto nas imediações da cidade?

O avô ergueu os olhos das palavras cruzadas e o encarou com expressão grave.

— Gordon Banks disse que viu o lobo na Rota 219, perto de Shady Fork, e que não se parece com nada que já tenha visto antes.

Jensen olhou para o avô por um momento, tentando avaliar se ele estava falando sério. Gordon Banks era o mesmo homem que jurava ter visto um OVNI no parque da cidade.

No entanto, Jensen não conseguia ler a expressão do homem mais velho, que voltara a se concentrar nas palavras cruzadas.

— Bem, você não me respondeu. Vai sair hoje? Jensen suspirou.

— Não. Estou planejando ficar em casa esta noite.

Sair provara ser demais para ele. Muito, muito mais complicado do que ele imaginara.

Como se quisesse confirmar sua sugestão, o telefone tocou, perturbando o silêncio. Ele apertou os lábios. Esperava que não fosse Brian ou Jill. Eles ainda não tinham ligado para repreendê-lo por escapar quando pedira licença para ir ao banheiro.

Como o avô se manteve imóvel, ele se levantou e atendeu ao terceiro toque. O aparelho de telefone do avô ainda era o antigo modelo com disco giratório, preso à parede da cozinha.

— Alô?

— Jensen? É você, querido?

— Sim, sra. Anderson. Como está?

Ele sorriu ao ouvir a voz da graciosa viúva que seu avô namorava havia muitos anos.

— Estou bem, querido. Charles disse que *você não tem* saído muito de casa.

Jensen riu. Aparentemente, o avô compartilhava a opinião dele com toda a cidade.

— Eu estou bem, sra. Anderson. Quer falar com meu avô?

Jensen passou o telefone, e ouviu quando o homem mais velho fez planos para a noite.

Ele tomou um gole do café. O que a mulher da noite anterior estaria fazendo? Como poderia encontrá-la novamente?

Irritado com o curso dos pensamentos, ele colocou a xícara na mesa com mais força do que necessário. O que estava pensando? Tinha se divertido na noite anterior, não podia negar. Porém, tinha de esquecer aquele encontro de uma vez por todas. E, por enquanto, o melhor plano de ação era ficar enfiado dentro de casa e evitar qualquer possibilidade de encontros futuros.

Elizabeth ajustou mais uma vez as lentes do microscópio, frustrada por não conseguir afinar a amostra em foco. As células na lâmina encolhiam e ampliavam a cada oscilação, sem que ela

chegasse aos detalhes mais precisos.

Ela fez mais uma tentativa, e os músculos das costas protestaram, doloridos pela tensão. Ela gemeu e culpou as longas horas de pesquisa. Mas sabia que não era a verdadeira causa da dor, assim como a incapacidade de se concentrar na lâmina não era culpa do microscópio. Sabia também que a sensação vivida entre as coxas se transformara, passando de um lembrete do que ela tinha feito a um alerta para repetir o desempenho.

A familiar agitação cresceu dentro dela. Agora, ela sabia do que seu corpo precisava. Sexo. Mas não com um homem qualquer. Tinha de ser Jensen.

O que ele estaria fazendo? O que pensava sobre ela e sobre o que acontecera?

Não pela primeira vez, ela teve vontade de voltar ao bar e tentar encontrá-lo. Não conseguia para de pensar na forma desesperada como ele a possuía, num encontro selvagem, descontrolado.

Fora apenas sexo, ela tentou se convencer. E, mais uma vez, seu corpo e sua mente não acreditaram nas palavras.

— Sim... Luxúria — ela disse em voz alta para a sala vazia.

Bem, quase vazia. As corujas ainda estavam pousadas na trave do teto, como na noite anterior. Além das aves, um animal de pelagem branca e preta surgira naquela manhã, passeando pelas vigas completamente despreocupado com a presença dela.

Definitivamente, havia algo de muito estranho com os animais da Virgínia! Inclusive ela própria, ponderou. Nenhum deles parecia ter o menor senso de autopreservação.

Ela nunca imaginara que qualquer animal, com exceção dos humanos, pudesse dormir na presença dela. Nunca vira comportamento semelhante em todos aqueles anos de licantropia. Teve de admitir que gostava da companhia dos bichinhos. Assim, não se sentia tão sozinha.

Ela se levantou da bancada e alongou os músculos. Precisava de uma pausa. Sua mente estava divagando além da conta.

Decidiu que estava na hora de encerrar o trabalho. Faria um jantar apetitoso, tomaria um banho demorado e iria para a cama. O fato de ter dormido fora fundamental para acordar bem-disposta e trabalhar mais do que nunca no laboratório.

Entretanto, ela sabia por que conseguira dormir tão bem. Jensen.

Elizabeth ponderou que teria de pular essa parte. Ficaria bem com um bom jantar e uma noite de repouso. No dia seguinte, estaria tão bem-disposta quanto naquela manhã.

— Vocês verão! — avisou as corujas e o gambá, confortavelmente instalado num nicho do telhado, antes de sair do laboratório improvisado.

As aves não reagiram, e o marsupial se encolheu sob a viga. Elizabeth suspeitou que, assim como ela, os animais também não acreditaram na promessa.

— Eu já vou.

Jensen parou de picar a cebola e olhou para seu avô, trajando camisa branca, limpa e recém-passada, e calça cáqui esportiva. Os fios que restavam dos cabelos estavam bem esticados com gel, e a pele do rosto recendia a loção pós-barba. Ele deu um assovio baixo e sorriu.

— Você está elegante demais para um jogo de bingo.

— Talvez — concordou o avô. — Não importa aonde vou, desde que não fique preparando um guisado de carne num sábado à noite.

— Você não sabe o que está perdendo. O ensopado promete ser um dos meus melhores — Jensen provocou com uma piscadela.

Ele riu quando o avô fez uma careta e saiu pela porta dos fundos. Voltou ao preparo do guisado, passando para as cenouras.

Cozinhar podia não ser a coisa mais emocionante para se fazer num sábado à noite, mas era bem mais seguro do que sair e se sujeitar aos acontecimentos da noite anterior. Ele preferia cortar legumes a encontrar aquela mulher novamente.

Jensen riu. Nem ele próprio acreditava na mentira. Não se sentia orgulhoso, mas passara a metade da noite e o dia todo pensando nela, apesar de todos os esforços para esquecê-la. E era por isso que estava ali, cortando cenouras com mais força do que o necessário, como se fossem culpadas pelos pensamentos angustiantes.

Ele terminou com as cenouras e acrescentou-as à carne, chiando na panela em fogo brando. Em seguida, ocupou-se com a limpeza da cozinha.

Quando não havia um só pires fora do lugar, Jensen se encontrou sozinho com seus pensamentos, sem nada para fazer.

Talvez devesse ter se juntado ao avô, pensou. Porém, sabia que o bingo na Igreja Congregacional não era o que seu avô tinha em mente.

Olhando ao redor da cozinha, ele não conseguiu encontrar nada para mantê-lo ocupado. Mudou-se para a sala e desabou no sofá. Com o controle remoto nas mãos, passeou pelos canais da televisão sem encontrar nada que o interessasse.

— Quem você está tentando enganar, afinal? — murmurou, jogando o controle remoto sobre a mesa de centro depois de desligar a televisão.

Nada parecia capaz de manter a mulher misteriosa afastada do seu pensamento. Ele andou até a janela. A brisa agitava as folhas do enorme carvalho na frente do gramado. O sol desaparecera por trás das montanhas.

Talvez o ar fresco da noite pudesse esfriar a necessidade que crescia dentro dele. Com isso em mente, ele saiu para a varanda e o vento agitou seus cabelos.

Jensen inalou o cheiro úmido da terra e das flores do jardim, e sentiu os músculos relaxarem. Caminhou até a calçada, ouvindo o crepitar das folhas secas sob os pés. O farfalhar das copas das árvores e a brisa fria penetrando no tecido fino da camisa exerceram efeito calmante sobre ele.

Aquela era a época do ano favorita de Katie. Ela adorava as cores e os cheiros do outono. Adorava o Halloween. Ela era o único adulto que planejava seu traje com meses de antecedência.

Ele inalou com força. Sim, agora tudo voltara ao normal. Estava pensando em Katie. Pisava em terreno familiar, e não na areia movediça que representava a natureza selvagem dos desejos que vivera na noite anterior.

Na verdade, ele não queria entender. Queria apenas desfrutar o crepúsculo e perder-se em suas memórias de Katie.

Jensen andou mais um pouco até que o frio deixou de ser estimulante e passou a incomodá-lo. Ele deu meia-volta e seguiu pela calçada de volta para casa, sentindo-se mais calmo e normal.

— Ei! Olá.

Jensen estacou no meio do caminho ao ouvir a voz rouca flutuando no ar. Não, não era possível. Na certa, o som saíra de sua mente. Obviamente, ele estava fantasiando.

Mas ele se virou na direção da suposta fantasia. Parte dele esperava constatar que o som não passava do farfalhar das folhas secas. Mas lá estava ela, encostada no parapeito da varanda da sua casa de infância.

— Olá — conseguiu balbuciar, percebendo que parecia tão surpreso quanto ela.

Eles se entreolharam por um momento, até que ela saltou para o chão com um gesto gracioso.

— Suponho que você não queira me convidar para entrar...

Aquele parecia ser o padrão de abordagem usado por ela. "Suponho que você não queira...", deixando que Jensen preenchesse o espaço em branco.

Claro, ele sabia que a verdadeira questão não era aquela. Tinha consciência do que ela estava pedindo, assim como soubera na última noite.

— Você está tendo problemas com sua casa? — perguntou ele, utilizando também a mesma abordagem anterior.

Não podia deixá-la entrar, mesmo que seu corpo estivesse mais do que disposto a convidá-la. Aliás, parte dele já estava apontando o caminho.

O problema era que ela parecia tão tentadora... Ainda mais do que ele se lembrava.

Parecia diferente de alguma forma, também. Então, ele percebeu que a calça de couro e a jaqueta haviam sido substituídos por uma saia longa e rodada, com estampa colorida, e jaqueta jeans desabotoada. O estilo *hippie* era ainda mais clichê do que o de motociclista, e ainda mais irresistível. Até mesmo os cabelos pareciam mais cheios, enquadrando as feições delicadas.

Jensen suspirou, decidindo que poderia ficar ali a noite toda, apenas admirando-a.

Percebeu que ela o fitava, sorrindo abertamente.

— Não. Minha casa está ótima. Eu só queria conhecer a sua.

Ele balançou a cabeça em afirmativa e, quase contra sua vontade, caminhou na direção dela.

Assim que se aproximou, o aroma picante o envolveu. O cheiro delicioso e tentador o inflamou, fazendo seu corpo reagir. Ele empurrou a porta aberta e se afastou para lhe dar passagem.

Que diabos estava fazendo?

Ela não demonstrou pressa. Obviamente, não conseguia ver a guerra interna que ele travava. Parte dele repetia sem parar que o mais certo era mandá-la embora, enquanto a outra ignorava abertamente, implorando para que ela entrasse.

Ou, talvez, ela tivesse visto, e já soubesse que lado iria ganhar.

Ela passou por Jensen, e o braço roçou no dele. O breve contato inflamou as veias e incendiou os sentidos dele.

— Como você me encontrou? — ele quis saber, seguindo-a para a sala.

— Pelo seu cheiro. Eu o farejei até aqui — disse ela, lançando um sorriso por cima do ombro.

Ele quase gemeu. Deus, ela era mais do que sexy! E quando fez uma pausa na sala, virando-se para fitá-lo, os olhos pálidos o devoraram com a fome do desejo.

Jensen cruzou as mãos diante do corpo, rezando para que ela não visse o contorno de sua ereção marcando o tecido. Por sorte, a camisa estava para fora da calça.

O olhar lascivo se demorou um momento a mais na região pélvica, percorreu o abdômen até encontrar os olhos. Ele limpou a garganta.

— Eu estava fazendo o jantar. Gostaria de se juntar a mim?

— Seria ótimo.

Mesmo sabendo que agia como um adolescente agitado, ele saiu da sala com tanta pressa que parecia ter medo de ser atacado. Ou, pior, de atacá-la.

Jensen se ocupou com o guisado, lutando para encaixar a tampa velha e amassada na caçarola. Olhou para a mulher, e ela sorriu lentamente. Teve a sensação de que o sorriso era tanto pelo ridículo da luta inglória quanto por ela estar ali.

— Meu avô realmente precisa de panelas novas — resmungou, sem nenhuma outra razão a não ser quebrar o silêncio.

Ela se recostou à mesa da cozinha, de braços cruzados, e fitou-o com interesse.

— Você mora com seu avô?

Jensen assentiu, com olhar fixo nas mãos delicadas com dedos esguios e elegantes.

— Ele está em casa?

— Não. Vovô foi ao bingo.

A mulher sorriu, e ele podia jurar que havia certo brilho predatório naqueles olhos claros. O sangue correu mais rápido nas veias dele, concentrando-se em uma parte do corpo que já estava roubando uma quota mais do que justa.

— Então, estamos sozinhos?

— Pois é.

Pelo menos, ele conseguiu que uma frase soasse sem deixar evidente sua insegurança de adolescente assustado.

O sorriso dela se ampliou. Jensen se viu fascinado, sem conseguir desviar o olhar.

De súbito, as mãos dela deslizaram para baixo, sobre as coxas, e suspenderam o tecido da saia. Lentamente, ela reuniu os babados da barra, suspendendo-os mais e mais até que as pernas estivessem expostas.

Jensen subiu o olhar pelas pernas alvas e macias até chegar às coxas. Finalmente, as mãos se detiveram quando todo o tecido foi suspenso o suficiente para que ele vislumbresse a curvatura do sexo e a penugem de caracóis negros que escondia a umidade entre as pernas.

Ele prendeu a respiração. Seu corpo todo se retesou. Mesmo que quisesse, ele se viu incapaz de desviar os olhos da tentação doce e irresistível.

— Eu achei que...

Ela se calou, e as palavras o tiraram do transe atordado. Quando os olhares se cruzaram, Jensen viu apenas um vislumbre de apreensão nas íris claras.

— Eu achei que talvez nós pudéssemos ter uma repetição da noite anterior.

Por apenas um breve momento de sanidade, Jensen hesitou. Eles não podiam fazer sexo novamente. Ele não podia. Não queria ter outro dia torturante de culpa, arrependimento e anseio por mais.

— Você me quer? — ela perguntou, e novamente Jensen detectou a incerteza na voz.

Estudou-a por um momento. Será que ela estava brincando? Que homem poderia recusar um convite daquele?

Talvez um homem cujo amor morrera nos braços dele, seu cérebro lúcido tentou informar. Contudo, a mente anuviada pelo desejo se recusou a registrar a informação.

Jensen avançou na direção dela e parou bem perto, fixando os olhos pálidos. Ela mantinha a saia levantada, e o tecido fez cócegas nos braços dele.

Como na noite anterior, os dedos traçaram a curva dos lábios, das bochechas, do queixo... Exceto que, agora, era a vez de ele fazer a exploração.

Ela permaneceu perfeitamente imóvel, mas os olhos pareciam tocá-lo de volta.

— Por que eu? — Jensen finalmente perguntou.

Aquela mulher poderia ter qualquer homem que desejasse. Por que o escolhera? Por que voltara a procurá-lo? Por que o desejava? Teria passado o dia inteiro se lembrando, assim como ele?

— Eu... — Ela passou a ponta da língua pelo lábio superior, buscando as palavras. — Eu não sei.

Jensen não se satisfez com a resposta, mas ponderou ser justo que ela também não compreendesse o que acontecia entre eles. Segurou-a pelo queixo e capturou a boca exuberante num beijo quase selvagem.

Assim como na noite anterior, o contato das línguas incendiou todos os sentidos. Luxúria não era forte o suficiente para descrever o sentimento que explodiu dentro dele. Era como se, a partir do momento em que vira aquela mulher, ele tivesse sido tomado por uma força imperativa de possuí-la. Queria se apropriar dela da forma mais elementar possível.

A mão esquerda mergulhou nos cabelos fartos, enquanto a outra se deslocou até a cintura. Jensen suspendeu-a com um gesto firme e a colocou sobre a mesa da cozinha. Posicionou-se entre as coxas, e ela ofegou com um gemido gutural. Ele fez uma pausa.

— Eu a machuquei?

— Oh, não! Você me fez bem.

Jensen sorriu, imaginando coisas que ele gostaria de fazer para deixá-la se sentindo muito, muito melhor.

Mais uma vez, acariciou o rosto de tez macia, traçando a curva delicada do queixo e o desenho benfeito dos lábios carnudos.

— Sabe... — Ele se moveu para tão perto que as bocas quase se tocaram. — Eu estava começando a acreditar que a noite passada não passava de invenção da minha cabeça.

— Agora você acredita que foi real?

— Bem, entre você estar aqui agora, e a calcinha que encontrei na cabine da caminhonete, eu acredito que sim.

A primeira reação dela foi se afastar e arquear as sobrancelhas em surpresa. Então ela riu, e o som rico e melodioso o aqueceu.

Ele sorriu também, e a beijou de novo, tragando o som para sua boca. O riso se transformou num gemido, um som ainda mais atraente e muito mais desesperado.

Mesmo sabendo que estava indo rápido demais, Jensen deslizou os dedos para a parte do corpo que ela lhe oferecera de forma deliciosamente sedutora. A penugem úmida fez cócegas nas pontas dos dedos, e o calor ardente os queimou. Ele foi dominado pelo perfume que experimentara no bar.

O cheiro provocou uma vertigem, tragando-o para um redemoinho de desejo. Ele a empurrou para trás, e com o canto dos olhos, registrou o movimento das folhas de jornal se espalhando no chão.

O perfume inebriante o instigava a provar o gosto dela. Ele se inclinou para a frente e beijou-a, sorvendo a saliva como quem busca saciar a sede inesgotável.

Porém, Jensen queria mais. A boca deixou os lábios úmidos e desceu para o pescoço. Encontrou a barreira da camiseta em seu caminho descendente, e prosseguiu até se alojar entre as pernas.

Ele pousou um beijo no joelho e deslizou a ponta da língua através da pele acetinada da parte interna da coxa. Quando chegou perto do local que mais ansiava por provar, ele sentiu a tensão crescente nos músculos retesados das pernas que o evoluíram pela nuca.

— Você está bem? — perguntou, inclinando-se propositadamente para mais perto da feminilidade ardente.

— Estou... — ela assentiu depois de uma breve hesitação. Jensen estranhou a súbita indecisão. Timidez não combinava com a mulher que tinha acabado de se oferecer para ele. Afinal, ela fora

procurá-lo com a inequívoca intenção de seduzi-lo.

Mas não era hora para questionamentos. Mesmo que quisesse, ele não seria capaz de raciocinar.

Ele deslizou as mãos até as coxas, afastando-as para ter melhor acesso à anatomia íntima.

Elizabeth gritou quando sentiu a ponta da língua deslizar sobre sua feminilidade lubrificada. Ela cruzou os tornozelos ao redor dos ombros largos, contorcendo-se sob a boca insaciável. O que ele estava fazendo?

Claro, ela não era tão ingênua a ponto de não saber que um homem poderia dar prazer a uma mulher com a língua e lábios. Porém, nunca tivera aquela experiência. Não era algo que desejasse de alguém que não fosse Jensen.

Ele focalizou a atenção em seu centro de prazer, circulando-o com a língua quente e aveludada. Em seguida, sugou-o com volúpia, mordiscando-o com a força exata entre o prazer e a dor para, a seguir, alternar a carícia agressiva com toques suaves e gentis.

— Jensen... — ela murmurou, sabendo que o nome soava quase como uma reverência.

Como resposta, ele fechou os lábios ao redor da delicada saliência, pressionando-a com movimentos rítmicos que a levaram à loucura. Ela gemeu, contraindo o quadril.

Jensen se afastou e passou a massageá-la com a ponta da língua, deixando-a ainda mais lubrificada. Ela arqueou a coluna, incapaz de manter-se por mais tempo.

Um caleidoscópio de luzes brilhantes e coloridas explodiram atrás das pálpebras fechadas. Onda após onda, ela se entregou a mais pura sensação de êxtase.

No instante seguinte, ela sentiu o membro pujante penetrá-la. Seu corpo o recebeu, envolvendo-o em toda sua extensão. As estocadas profundas tiveram o efeito de potencializar o clímax que ainda se irradiava através dela.

Ela gritou novamente, e a voz soou rouca, como se ela estivesse chorando em seu arrebatamento. Talvez realmente estivesse. Ela não podia se lembrar. Não conseguia pensar em mais nada além de Jensen e seu corpo se movendo dentro dela, embalando-a em direção a algo que prometia mudar sua vida.

Em algum lugar obscuro da mente, ela arrazoou que deveria estar com medo, mesmo que seu corpo lhe dissesse o contrário. Com as pernas ancoradas em torno do quadril estreito, puxando-o para o mais profundo dentro dela, Elizabeth vislumbrou um relance de insegurança. Não seria mais seguro parar?

Ela teria rido da impossibilidade ridícula do pensamento, se tivesse sido capaz. Em vez disso, sibilou outro suspiro, outro gemido, e mais uma vez, o nome de Jensen escapou de seus lábios.

Ela abriu os olhos para encontrá-lo de pálpebras semi-cerradas e expressão intensa, como se estivesse decorando todas as reações dela. E aquele olhar e sua intensidade foram o gatilho que a impulsionou para o abismo da libertação.

— Jensen... — ela sussurrou, apertando-o com mais força no elo de suas pernas, mantendo-o completamente contido dentro dela enquanto um violento clímax a estremecia.

E ele pulsou em resposta, explodindo seu prazer até preenchê-la por completo.

A realidade se insinuou na mente enevoada de Elizabeth. Ela recuperou o foco lentamente, até perceber que estava deitada de costas, olhando para a lâmpada no teto. O cobre envelhecido do lustre se tingia de tons esverdeados.

O peso de Jensen a aprisionava contra o tampo da mesa de madeira. No entanto, em vez de confinamento, a sensação era agradável.

A cabeça dele se aninhava entre seus seios, e quando ela espichou o pescoço, avistou o rosto sereno. Ele mantinha os olhos fechados e os lábios entreabertos, e a respiração desacelerava gradualmente para o ritmo regular. Sim, era um homem bonito, muito mais do que qualquer mortal que ela conhecia.

Por um momento, seu coração disparou com a idéia de que aquele homem era dela. Então, a realidade se abateu novamente, numa verdade crua e implacável.

O que ela fizera? Fora até a casa dele com a intenção de vê-lo, e nada mais. Pretendia se desculpar pelo comportamento da noite anterior e explicar que fora um acaso, uma estranha anomalia que a acometera de repente.

E então, ela levantara a saia e se oferecera para ele, como uma prostituta barata.

Não, ela corrigiu com um sorriso amargo. Prostitutas eram mais sutis. Era inútil negar sua intenção ao procurar Jensen. O fato de estar sem calcinha era a prova definitiva do que pretendia, embora ela não se lembrasse de ter se vestido para sair de casa. Aliás, ela sequer sabia como chegara ali.

A última coisa que sabia era que estava em sua casa, descansando no sofá da sala. No instante seguinte, estava na varanda de Jensen.

Havia algo muito errado com ela.

Uma onda de pânico a inundou, e um som estrangulado brotou de sua garganta.

Imediatamente, Jensen levantou a cabeça e seu olhar procurou o dela.

— Estou muito pesado?

Ele se levantou antes da resposta. Seus olhos percorreram o corpo feminino como se

procurassem sinais óbvios de desconforto.

Subitamente constrangida pela nudez, Elizabeth tentou abaixar a saia. Vendo a luta das mãos com as camadas de tecido amontoadas sob o quadril, Jensen encontrou os babados da barra e puxou-a para baixo com gentileza. A seguir, envolveu a cintura delgada e suspendeu-a para a posição ereta.

Quando viu que ela estava recomposta, Jensen se dedicou a arrumar as próprias roupas.

Lizzie observou, incapaz de se mover. Quando terminou, ela demorou um instante para perceber que estava consciente do seu olhar.

— Eu tenho de dizer... — Ele sorriu quase com timidez. — Você sabe como chamar a atenção de um homem.

Elizabeth olhou para aquele sorriso e algo se apertou em seu coração. Um estranho calor queimou seu rosto. O que aquele homem pensaria a respeito dela? O que ela pensava de si mesma? Nada de bom, certamente.

Mas, em vez de mostrar sua vergonha, ela ofereceu-lhe um sorriso arrogante.

— Bem, esse era o plano.

Somente então ela se deu conta de que, em seu subconsciente, planejara seduzir Jensen durante o dia todo, embora tivesse jurado que não aconteceria de novo.

A noção a assustou. E se ela tivesse encontrado Jensen na forma de mulher-lobo?

Ela mordeu os lábios. Não, não era possível que tivesse se transformado fisicamente para chegar até a casa dele. Teria percebido os efeitos colaterais. E ela não sentira nenhuma das sensações que sempre acompanhavam as transformações.

Porém, poderia ter acontecido.

Deus, ela tinha de sair dali e nunca mais voltar! Não podia ver Jensen de novo. Uma dor aguda feriu-a no coração. Aquele sentimento não podia ser real.

Ela respirou fundo, tentando dissipar a tensão dolorosa, e forçou um sorriso despreocupado para Jensen.

— Obrigada.

O final era o mesmo da noite anterior, só que dessa vez, ela não voltaria. Não podia ver aquele homem novamente.

Ela olhou na direção da sala, planejando sair pela porta da frente. Entretanto, Jensen pareceu pressentir sua intenção e tomou as mãos dela.

— Espere.

Os dedos fortes e quentes a fizeram desejar voltar atrás. Mas ele não podia ajudá-la. Ele não conseguiria explicar-lhe o que estava acontecendo, e tudo o que ela podia oferecer-lhe era a incerteza do seu coração.

Elizabeth contemplou os olhos verdes. A preocupação emprestava tonalidade mais escura às íris translúcidas.

— Qual é seu nome?

Ela abaixou o rosto, envergonhada. Fizera amor com ele por duas vezes, e ainda não se apresentara. Ponderou que talvez fosse melhor se ele não soubesse.

Não, ela não podia suportar que Jensen se lembrasse dela como uma amante anônima. Afinal, nunca mais o veria novamente.

— Li... — Ela hesitou e corrigiu a tempo: — Elizabeth. Ela não soube dizer por que lhe dera o nome que não usava havia séculos.

— Elizabeth... — ele repetiu, saboreando o nome com a ponta da língua. — Você tem sobrenome?

Ela hesitou novamente antes de assentir.

— Young. Elizabeth Young.

Agora, a mentira estava completa. Lizzie Devlin. Esse era seu nome. Porém, para aquele homem, ela se permitiu ceder ao desejo de voltar a ser a pessoa que fora um dia.

— Bem, Elizabeth Young, por que você não fica para o jantar?

Capítulo IV

Pela primeira vez, Elizabeth percebeu que a cozinha cheirava a algo delicioso.

Seu estômago roncou. Somente então ela notou que estava faminta por outra coisa além dos prazeres carnavais. Supôs que era bom sinal. Com exceção das últimas semanas, ela sempre tivera bom apetite. Na certa, estava voltando ao normal.

Ela fechou os olhos e inalou o aroma tentador. Dessa vez, o perfume de Jensen se confundiu com os vapores aromáticos que flutuavam na cozinha. Foi o que bastou para que ela abrisse os olhos, assustada.

Não podia repetir o que tinha acontecido ali. Ela tinha de sair. Levantou-se e fez menção de seguir para a sala.

— Você não pode ir ainda — Jensen declarou, adivinhando a intenção dela. — Rezam as regras do decoro social que, uma vez que tenha feito sexo na mesa da cozinha, você tem de ficar tempo suficiente para comer na referida mesa.

O sorriso de Jensen provocou uma estranha sensação em Elizabeth, como se mil borboletas fizessem cócegas em seu ventre.

— Acho que não...

Jensen passou o braço sobre o ombro dela e a conduziu de volta à mesa, puxando uma cadeira com a mão livre.

— Por favor, sente-se.

Outro sorriso cativante, e Elizabeth se viu incapaz de recusar. Contra sua vontade racional, ela se sentou na beirada da cadeira, como se o fato de permanecer pouco confortável a fizesse se sentir melhor.

No fundo, sabia que ficar era péssima idéia. Não podia se dar ao luxo de gostar daquele homem. O que fizera com ele, até agora, era tanto imperdoável como inexplicável. Ela não conseguia compreender por que gostava dele, além de estar absolutamente desconcertada com a noção de que a simples lembrança dele tinha o poder de deixá-la no cio.

— O guisado de carne está quase pronto — ele anunciou, movendo-se para o fogão.

Mais uma vez, ele travou uma batalha silenciosa com a tampa rebelde da panela, vencendo-a depois de usar um garfo como alavanca. O vapor que subiu da caçarola preencheu o ar e penetrou nas narinas de Elizabeth, deixando-a com água na boca.

— Tirei uma fornada de pão agora há pouco. Ainda devem estar quentes. E temos manteiga também. — Ele enviou um olhar de desafio para Elizabeth. — Você não seria tola a ponto de perder isso, não é?

— Eu não posso — ela insistiu, porém, sem muita convicção. Quando fora a última vez que

fizera uma refeição real? Obstinada, ela lutou contra a tentação de ficar. Se ao menos pudesse estar com aquele homem e não atacá-lo como uma loba faminta... Sim, isso a faria se sentir melhor. Assim, não pensaria que o que tinham feito fosse tão estranho, tão aleatório. Ou melhor, o que *ela* tinha feito. Não fora Jensen que a perseguira.

Ela observou-o se movimentar pela cozinha com naturalidade. Os bíceps bem desenhados pareciam saltar da manga da camiseta quando ele abriu a torneira e esfregou as mãos com vigor. A seguir, cobriu a mesa com uma toalha limpa e colocou pratos, copos e talheres antes de retirar a caçarola do fogo e colocá-la sobre a mesa. Ele completou com o pão ainda quente, manteiga, salada de folhas e suco de laranja.

Sim, ela definitivamente entendia por que o achava tão atraente. Só não entendia por que agira como um animal selvagem. Aquilo fora anormal ao extremo.

— Você mora por aqui? — Ele perguntou ao se inclinar para colocar uma generosa porção do guisado no prato dela.

Elizabeth não soube dizer o que era mais atraente, se o aroma apetitoso do cozido ou o cheiro másculo de Jensen.

Ele voltou para a pia e procurou uma faca para cortar o pão.

— Eu moro bem perto daqui — ela respondeu de forma vaga, espetando uma porção da carne com o garfo.

Inalou e fechou os olhos ao levar a comida à boca. Delicioso. Seu paladar se regozijou com o sabor marcante de ervas frescas combinado à textura macia da carne.

— Perto daqui? — Ele a fitou, enquanto colocava a mantegueira na mesa. — Então você pode fazer sexo comigo, mas não pode me dizer onde mora?

Elizabeth sustentou o garfo perto dos lábios entreabertos, e dirigiu-lhe um olhar envergonhado.

— Eu não o conheço. Você poderia ser um lunático. Ele riu e balançou a cabeça.

— É verdade. Acho que, para uma mulher indefesa, cuidado nunca é demais. Você sabe, é importante seguir regras simples como evitar entrar na caminhonete de estranhos, ficar sozinha com um estranho na casa dele, esse tipo de coisa.

Elizabeth sabia que devia ficar envergonhada, mas as palavras soaram tão bem humoradas que ela não pôde deixar de achar graça.

— Exatamente — concordou com uma risada, levando o garfo à boca. — Eu moro em Shady Fork.

— Perto do bar que nos conhecemos, não é? — Ele terminou de cortar o pão e organizar as fatias num prato. — Qual é o nome daquele bar?

— Leo's — ela respondeu, automaticamente, e quase acrescentou que o bar pertencia a sua cunhada, mas se conteve.

Não podia dar nenhuma pista que o ajudasse a localizá-la. Afinal, aquela seria a última vez que o veria.

Estudou-o discretamente quando ele se instalou na cadeira à esquerda e ofereceu-lhe um pedaço de pão. Seu coração se apertou. Pelas regras dos lobos, Jensen estava atuando exatamente como um macho alfa deveria proceder. Os machos garantiam que sua fêmea comesse antes que ele. A menos, claro, que estivesse acasalando com uma loba devassa como ela. Nesse caso, nenhuma das duas leis, humana ou animal, deveriam ser aplicadas.

Elizabeth saboreou a textura macia do pão ainda morno. Não queria pensar naquilo. E certamente não queria pensar sobre o quanto desejava se relacionar com Jensen, pois seria inútil alimentar aquele desejo. Ele era humano, e ela não passava de uma aberração. E, depois de terem partilhado a refeição, ela nunca mais o veria novamente. Era perigoso para ambos, tanto mental quanto fisicamente.

— Você quer mais?

Ela franziu o cenho, sem entender a pergunta. Então, percebeu que ele olhava para o prato vazio diante dela. Uma onda de calor se expandiu do peito para o rosto de Elizabeth. Deus, como se precisasse acrescentar seu apetite colossal à lista de coisas desagradáveis sobre ela!

— Não, obrigada. Estou satisfeita — mentiu, mesmo sabendo que poderia facilmente devorar todo o guisado da caçarola.

— Eu insisto. — Ele sorriu e serviu-a com outra porção, ainda mais generosa que a primeira.

Uma pontada de ternura aqueceu o peito de Elizabeth. Aquilo não era desejo sexual. As emoções que Jensen lhe despertava era a mais completa novidade para ela. Não se lembrava de ter desfrutado de segurança e bondade, ao menos, depois de ter se transformado.

De súbito, a noção de que tinha de se afastar daquele homem se abateu sobre ela com o peso de séculos. Não tinha de ir embora pelo constrangimento por seu comportamento depravado, mas porque gostava de estar com Jensen.

— Jensen, eu prefiro não repetir. Tenho mesmo de ir embora.

Ele fez uma pausa com a colher do guisado na mão.

— Eu ainda não comi, e não quero jantar sozinho.

Jensen não tinha idéia de por que estava praticamente implorando para que ela ficasse, quando, antes, havia hesitado em deixá-la entrar. Sabia apenas que não estava pronto para vê-la ir embora.

Elizabeth o fascinava, e não apenas pela natureza pouco ortodoxa da relação que haviam

estabelecido. Ele gostava do simples fato de tê-la ali, na cozinha da casa do avô.

Ela olhou na direção da porta dos fundos, como um animal selvagem desesperado por escapar. Mas, em vez de se levantar e desaparecer, suspirou e assentiu.

Aliviado, Jensen terminou de servi-la e colocou o prato diante dela. Mais uma vez, ele comparou-a a um animal acuado, e observou-a apanhar o garfo com certa hesitação.

Os dois comeram em silêncio por alguns instantes, até que ela finalmente se manifestou.

— O cozido está delicioso. Você é um ótimo cozinheiro.

— Achei que ficou muito salgado — ele criticou, franzindo a testa. — Vovô sempre me diz que tenho tendência a exagerar no sal.

Elizabeth balançou a cabeça em negativa e sorriu.

— Está perfeito. — Ela endereçou-lhe um olhar especulativo. — Você não parece ser do tipo que fica em casa cozinhando num sábado à noite.

— De que tipo pareço ser?

Elizabeth ergueu os ombros, e um sorriso curvou os lábios exuberantes.

— Não sei.

Ele devolveu o sorriso e se inclinou sobre a mesa para dizer baixinho:

— Eu pareço ser do tipo que fica em casa num sábado à noite e faz sexo na mesa da cozinha?

Ele se arrependeu da piada ao ver Elizabeth interromper o contato visual, com o rosto tingido de rubro. Por que o comentário a constrangeria? A mulher que entrara na sua casa e levantara a saia para seduzi-lo não parecia ter o perfil de quem se embaraçasse facilmente.

No entanto, Elizabeth parecia mortificada diante dele. Então, Jensen se lembrou de ter notado a insegurança dela pouco antes de fazerem amor.

— Só quero que saiba que eu nunca agi assim antes — ele anunciou de repente.

As maçãs salientes do rosto se tornaram ainda mais rubras, se é que fosse possível.

— Eu também não — Elizabeth admitiu, esperando que a admissão a fizesse se sentir melhor. — Eu realmente tenho de ir. Obrigada pelo jantar, e... por tudo.

— Bem, acho que sei uma coisa sobre você — Jensen declarou, com esperança de que seu anúncio pudesse detê-la.

Ela o fitou com expressão confusa.

— Você está sempre com pressa.

Antes que ela tivesse tempo de pensar, Jensen puxou a cadeira para mais perto dela, segurou-a pelo queixo e a beijou. Ela permaneceu imóvel por um momento, e então, a boca respondeu lentamente, movendo-se contra a dele. Permaneceram por um longo tempo inclinados sobre a mesa, beijando-se suavemente, sem pressa, num contato diferente de tudo que haviam compartilhado até então.

Jensen se afastou e fitou-a com gravidade.

— Nunca imaginei que você pensasse em sair comigo. Ela endireitou a coluna e abaixou o rosto.

— Na verdade, eu não acho que seja uma boa idéia.

— Parece ser uma idéia natural para mim.

Por que estava dizendo aquilo? Ele não queria se relacionar com ninguém, exceto Katie. E Katie estava morta. Por que estava sugerindo um relacionamento com aquela mulher devassa, com a moral de um gato de rua?

Decididamente, ele não gostava da idéia de ser usado como objeto sexual. Muitos homens gostariam, mas ele não era um deles.

Contudo, em vez de expressar seu descontentamento e simplesmente deixá-la ir embora, Jensen insistia para que ela ficasse.

— No que você trabalha? — perguntou, julgando que se sentiria mais seguro se a conhecesse melhor.

— Sou cientista — foi a resposta lacônica.

— Sério? Que tipo de pesquisa está fazendo?

Ela se inquietou na cadeira, pondo-se a brincar com as migalhas de pão sobre a mesa.

— Citologia. Mutação e regeneração de células. Ele balançou a cabeça, genuinamente surpreso.

— E você? — ela quis saber, voltando a encará-lo.

— Sou veterinário.

Os olhos de Elizabeth se arregalaram discretamente, e ela riu.

— É claro que é!

Jensen franziu a testa, sem entender a reação. Ela percebeu que ele não entendera a piada, e o sorriso se desmanchou.

— Você mora aqui, ou você está apenas visitando seu avô?

— Eu moro aqui. Passei minha infância nesta casa, e fui para Nova York cursar a universidade. Eu me formei no verão passado e voltei há cerca de um mês. No dia quinze de agosto, para ser exato.

Ele só se lembrava da data exata porque era aniversário de seu avô. Jensen ia acrescentar a informação quando percebeu que havia algo errado com Elizabeth. A cor fora drenada do rosto dela, e se mantinha ereta, como se estivesse congelada.

— Você está bem?

Ela assentiu, olhando para ele como se estivesse diante de um fantasma.

— Quer um copo de água? — Jensen ofereceu, receando que ela fosse desmaiar.

— Não, obrigada. Eu... Eu costumo ter dores de cabeça terríveis. Você tem algum analgésico?

— Claro. Está no banheiro. — Ele se levantou. — Eu volto já.

Ela assentiu com um gesto débil, e Jensen correu para a sala e subiu a escada para os quartos de dois em dois degraus. A gaveta do gabinete antigo rangeu quando ele puxou-a com pressa. Vasculhou os frascos de medicação do avô, procurando qualquer coisa que pudesse ser útil.

O que estava acontecendo com ela? Certo, problemas como dores de cabeça e enxaquecas eram comuns, embora não surgissem tão rapidamente. Ainda assim, havia algo muito errado.

Ele encontrou um frasco de ibuprofeno e correu escada abaixo.

— Aqui está — anunciou, estendendo o medicamento diante dela.

Porém, em vez do olhar de alívio que ele esperava encontrar, Jensen se deparou com o vazio. Ela não estava na cozinha. A cadeira fora afastada da mesa e o prato fora deixado sobre a pia. Até o amontoado de migalhas sobre a mesa havia desaparecido.

Elizabeth tinha *ido* embora, deixando apenas o inebriante aroma de baunilha picante.

Jensen ficou parado no meio da cozinha, sem saber o que fazer. Olhou para o jornal espalhado no chão, e a manchete sobre a criatura selvagem em forma de lobo saltou aos olhos dele.

Alguns moradores tinham visto lobos misteriosos, enquanto ele tinha sua loba misteriosa particular.

Ele suspirou e colocou o frasco sobre a pia. Era melhor assim, disse a si mesmo. Afinal, o que esperava daquele relacionamento? Eles não tinham nada em comum, e tudo o que sabia dela se limitava a duas ou três informações questionáveis e inúmeras perguntas sem *resposta*.

Por que ele? Por que ela sempre desaparecia depois de se encontrarem? O que a fazia parecer tão desinibida num minuto, e tão tímida no outro? O que queria dele?

No entanto, Jensen não pedira nenhuma explicação, e agora, não podia ter as respostas que desejava.

Brody seguiu Elizabeth, mantendo distância segura entre eles. Não que ela tivesse notado sua presença. Estava ocupada demais em correr para longe da cena da sua mais recente indiscrição, e não perceberia nada que estivesse acontecendo ao seu redor.

Ele tinha de admitir, já não achava o comportamento dela tão divertido quanto da primeira vez. Aliás, vinha pensando muito no comportamento de Lizzie desde que deixara a matilha.

Contava com ela para lhe dar credibilidade, e se ela continuasse a agir assim, bem, a alcateia não acreditaria que ele havia mudado. Veriam apenas a mudança dela.

Não, não funcionaria. Precisava da antiga Lizzie, majestosa, fria e refinada.

Mas outra coisa o incomodava mais do que o novo comportamento dela. Aquele perfume. O odor que flutuava no ar da floresta, era nocivo, sufocante. Ele julgara ter se enganado na primeira vez em que ela se encontrara com o mortal. Mas agora, não havia dúvida.

Brody pulou sobre o tronco caído no caminho e as patas pousaram no chão em silêncio enquanto ele se movia. Ela corria ao longo do terreno irregular, não tão graciosa em sua forma humana como quando assumia o aspecto de loba.

Talvez devesse simplesmente matá-la, e ninguém suspeitaria dele. Talvez nem mesmo a encontrassem por semanas. Os humanos não estavam aparelhados para correr, movendo-se apenas sobre dois longos apêndices desajeitados.

Chegou mais perto, o suficiente para farejar o odor picante que alimentava sua ira. O lobo se preparou para o ataque, e ele obrigou-se a refrear o instinto. Ainda não podia matá-la. Não antes de conseguir o que queria dela.

Lizzie era seu passe de acesso de volta ao grupo. A matilha não o aceitaria sem ela. Lizzie estava acima de todos, e eles sabiam disso. Odiava admitir, mas precisava dela. E uma vez que conseguisse o que queria, ele a faria pagar. Ninguém o traía impunemente, especialmente sua fêmea.

Elizabeth desabou no sofá, inalando com sofreguidão para recuperar o fôlego. Um lobisomem podia correr mais rápido do que um mortal, mas ela não quisera se arriscar a ser vista.

Atravessar correndo a floresta fora loucura. Seu coração parecia explodir, e os pulmões queimavam, necessitados de ar.

Entretanto, ela não pensara nos efeitos sobre seu corpo quando fora procurar Jensen. Além do mais, seu corpo estava satisfeito, tal como da última vez que estivera com ele.

O problema era o efeito psicológico daqueles encontros.

Ela não conseguia parar de pensar sobre o que ele dissera. Jensen se mudara cerca de um mês atrás. Quinze de agosto. Talvez ela não estivesse se lembrando das datas corretamente.

Respirou com calma até regular o ritmo das batidas do coração e foi para a cozinha. Parou diante do calendário pendurado atrás da porta, decorado com cachorros e gatinhos, aparentemente inócuo a não ser pelos dias de lua cheia em destaque na cor alaranjado brilhante.

Voltou uma folha e procurou o dia quinze de agosto. Os olhos dela quase saltaram das órbitas. O dia vinte de agosto estava destacado em amarelo, cor que ela usava para marcar o dia da inoculação do soro. Também fizera uma pequena anotação em dezoito de agosto, algo que não significava muito para ela no momento. Apenas um lembrete de que tomara um ansiolítico para ajudá-la a dormir. Valeriana. Fora por isso que havia esperado dois dias para aplicar o soro, receando que pudesse interferir.

Aquilo provava que sua inquietação começara antes da vacinação. Na verdade, ela estava certa de que tinha começado no dia quinze... O mesmo dia em que Jensen chegara na cidade.

A inoculação não era a responsável por ela agir como louca, embora pudesse agravar sua condição. Então, seria Jensen? Ele era o gatilho para todos aqueles sentimentos? Ela poderia tornar-se fisicamente consciente dele antes de se conhecerem?

Não, não era possível.

Um lobisomem podia pressentir outros lobisomens, especialmente seu companheiro. Mas ela nunca tinha ouvido falar de alguém da sua espécie em sintonia com um ser humano.

Ela afastou-se do calendário e caiu em uma cadeira da cozinha. Certo, não podia mais deixar que acontecesse novamente. Precisava se concentrar na pesquisa. Talvez tivesse sido vítima de insônia e estresse por causa da investigação, e de alguma forma, quando tomou o soro, algo acontecera... Algo que a tornara ciente da existência de Jensen.

— Isso não faz sentido — ela disse em voz alta.

Porém, nenhum dos acontecimentos do mês anterior faziam sentido.

Levantou-se e verificou a secretária eletrônica sobre o balcão. Nenhuma mensagem. Quando o dr. Fowler entraria em contato? Ela precisava mais do que nunca da ajuda dele.

Ela estudou o calendário. Tinha vários dias pela frente antes da próxima lua cheia. Teria tempo para se concentrar na pesquisa. Talvez conseguisse detectar a mutação das células responsáveis pelas reações inexplicáveis do seu corpo. Ela se levantou, caminhou até a porta e parou com a mão na maçaneta. Talvez devesse tomar um banho e colocar roupas íntimas antes de ir para o laboratório.

— Eu não posso acreditar que você fugiu! — Brian exclamou, inclinando-se sobre o balcão da clínica.

Jensen o fitou, constrangido.

— Eu não estava me sentindo bem e decidi ir para casa dormir. — *Com um pequeno desvio no caminho*, completou para si.

— Você devia ter nos avisado. — Brian balançou a cabeça, e o habitual sorriso retornou. — Além disso, você perdeu toda a emoção. Uma mulher arremessou para longe um homem que era o dobro do tamanho dela enquanto você estava no banheiro.

— Sêrio? — Jensen tentou parecer interessado, enquanto verificava as chamadas da secretária eletrônica.

Não havia nenhuma mensagem. As pessoas resistiam em aceitar novos veterinários.

— Foi incrível! Ela era alta e magra, e atingiu-o com uma facilidade espantosa. Eu não ouvi, mas dizem que ela rosnou como um animal selvagem.

Jensen ficou subitamente alerta. Poderia ter sido Elizabeth?

Ele abriu a boca para pedir mais detalhes, mas mudou de idéia. Tinha de esquecer Elizabeth. No entanto, embora detestasse admitir, ficara decepcionado por ela não ter aparecido em sua porta novamente desde domingo.

Na certa, nunca mais a veria. Provavelmente, ela já havia encontrado outro homem que lhe despertara fantasias em outro bar.

Não. Elizabeth dissera que nunca agira daquela forma, E, mesmo que ele não pudesse imaginar por quê, acreditava nela.

— ...realmente gostou de conhecer você — Brian dizia, e Jensen percebeu que não ouvira metade da sentença.

— O que você disse? Desculpe, eu estava distraído.

— Melanie. Ela gostou de você, ao menos, antes da sua saída triunfal.

Jensen assentiu, sem saber o que dizer. Não pretendia dar ao amigo a ilusão de que gostaria de ver Melanie novamente.

Infelizmente, Brian entendeu o silêncio como estímulo para prosseguir.

— Ela adoraria sair com você — sugeriu, erguendo as sobrancelhas com malícia.

Jensen soltou o ar e se afastou do balcão, ansioso para encerrar aquele assunto.

— Não estou interessado, Brian.

O amigo endireitou a coluna e colocou as mãos na cintura.

— Droga, Jensen, você não pode deixar de viver porque Katie morreu.

Ele apertou os dentes. *Aqui vamos nós de novo*, pensou com desgosto. Ouvira a mesma frase de dezenas de pessoas desde que Katie se fora. Pela primeira vez, no entanto, ponderou que talvez seus amigos estivessem certos.

Porém, a simples noção provocou uma onda opressora de culpa. Afinal, não se tratava apenas da morte de Katie. O pior era seu papel na morte dela. Seu egoísmo tinha custado a vida de Katie.

— Melanie é uma boa moça — Brian estava dizendo, e Jensen levantou a mão para detê-lo.

— Brian, eu sei disso. Acontece que simplesmente não estou interessado.

Brian o fitou por um momento, como se tentasse decidir se devia pressionar ou não. Finalmente, acenou em negativa com a cabeça.

— Eu sei que você teve momentos difíceis, parceiro. Jensen assentiu. Brian não tinha idéia.

— Ei, você soube que foi visto mais um lobo gigantesco perto da fazenda Steadbetter?

Jensen sabia que aquela era a maneira de Brian deixar o assunto desconfortável de lado, e agradeceu secretamente ao amigo.

— É mesmo? Meu avô me contou que Gordon Banks disse que o animal era enorme, e que nunca tinha visto nada parecido.

Brian arregalou os olhos e fez uma imitação questionável de um uivo. Jensen riu e balançou a cabeça.

— Acho que os moradores de West Pines estão desesperados por notícias. É muito monótono por aqui.

— Concordo. É por isso que a reação daquela mulher no Leo's foi o assunto da semana.

— Conte-me melhor como foi — Jensen pediu ao amigo.

— Bem, eu não vi a cena, mas encontrei o grandalhão na saída. Ele estava realmente chateado.

— Como era a mulher? — Ele tentou parecer casual. — Você disse que ela era pequena?

Brian sorriu, parecendo se aquecer com a mudança do tema.

— Ela era alta e esguia. Definitivamente, não era forte o suficiente para derrubar um homem.

Alta e magra... Poderia ser Elizabeth. Ela estava conversando com um homem quando ele saiu do bar. Mas estava perfeitamente composta quando a encontrou no estacionamento. Não parecia ter acabado de arremessar um homem pelos ares.

Além disso, parecia calma e equilibrada.

— A única coisa que me lembro dela são os olhos — Brian prosseguiu, interrompendo seu curso de pensamento. — Nunca vi olhos como aqueles, de um tom de azul mais claro que eu já vi. Eles pareciam estranhos, quase irreais.

Jensen prendeu a respiração. Sim, poderia ser Elizabeth.

— Não, isso não é verdade — Brian corrigiu. — Percebi que os olhos do *barman* tinham a mesma cor pálida. Ele foi ter com ela depois da briga. Talvez sejam parentes.

Jensen considerou por um momento. Lembrou-se de que o *barman* tinha olhos azuis. Quais eram as chances de ser parente de Elizabeth?

— Vá para casa — Jensen murmurou para si, reduzindo a marcha da caminhonete.

Mas, em vez de fazer meia-volta e ir embora, ele passou novamente pela rua do bar. As luzes de néon vermelho do letreiro à entrada atraíram sua atenção.

Não, corrigiu a tempo. O que o atraía era a idéia absurda de que o garçom pudesse estar de alguma forma relacionado a Elizabeth. E tudo por causa de um comentário casual de Brian, sugerindo que o rapaz também tinha olhos azuis.

Brian nunca fora bom observador. No colégio, Jill sempre se aborrecia com ele por não reparar em novos penteados ou roupas.

No entanto, o argumento não foi suficiente para rebater sua rebuscada teoria. Ao contrário, ele ponderou que, se Brian havia percebido, significava que o *barman* realmente tinha olhos idênticos aos da mulher.

Jensen hesitou por um momento a mais e deu um suspiro profundo. Que mal faria entrar naquele bar e confirmar se o garçom lembrava Elizabeth? E mesmo que não tivesse olhos azuis como os dela, perguntaria se a conhecia. Talvez Elizabeth fosse uma cliente regular.

Uma onda de antecipação o percorreu. Mesmo que ninguém a conhecesse, ele poderia simplesmente pedir uma cerveja e passar algum tempo por ali. Talvez, com um pouco de sorte, ela pudesse aparecer.

Excitado com a idéia, ele parou a caminhonete numa vaga do estacionamento. Tentou se convencer de que não estava perseguindo Elizabeth. Estava apenas tentando encontrá-la porque queria que ela lhe desse alguma explicação sobre seu comportamento.

Ele empurrou a porta e entrou. O bar estava relativamente vazio. Um grupo de rapazes, obviamente trabalhadores da construção civil, reunia-se depois do expediente para relaxar. Ao menos, foi o que ele deduziu, a julgar pelas camisetas sujas e amassadas. Três outros rapazes, trajando jaquetas de couro e calça jeans, ocupavam uma das mesas redondas. Bebiam em silêncio, olhando ao redor com certa tristeza, como se esperassem que algo acontecesse de repente. A tatuagem de uma lua cheia no braço de um deles chamou-lhe a atenção. Ao balcão, um homem velho passava o cigarro preso nos lábios de um lado para o outro. Uma ruiva atrás do balcão lavava os copos e fazia algum comentário ocasional com ele.

Jensen olhou ao redor. Não avistou ninguém cujos olhos tivessem o mesmo tom pálido dos de Elizabeth. Ele considerou dar meia-volta e ir embora quando uma figura esguia saiu da sala dos fundos. O rapaz usava camisa e calça de corte impecável, e o porte altivo emprestava-lhe certa arrogância aristocrática. Era como se ele não pertencesse àquele ambiente.

Todavia, do ângulo onde estava, ele não conseguiu discriminar a cor dos olhos. Mudou de posição e contornou as mesas, com o incômodo pensamento de que, além de perseguir Elizabeth, agora ele também perseguiu rapazes!

Sentindo-se patético, ele avançou alguns passos e a autocrítica desapareceu quando o rapaz se virou para o senhor, oferecendo-lhe melhor ângulo de observação.

Jensen estacou no lugar. Não havia nenhuma dúvida. Aquele rapaz tinha de ser parente de Elizabeth! Os olhos era idênticos, mesmo que fosse o único traço comum. Enquanto os cabelos de Elizabeth eram castanho-escuros, os dele eram mais claros e leves.

Excitado, Jensen concluiu que aquela era a sua melhor chance de encontrá-la. Talvez a única.

Caminhou na direção do balcão, enquanto uma pergunta o corroía. Como perguntar sobre Elizabeth sem soar como um assédio?

Ele soltou o ar com força. Não importava. Tinha de encontrá-la. Estava desesperado.

— Olá — saudou, ocupando o banco ao lado do velho homem.

O senhor olhou para ele e resmungou uma saudação por entre os lábios apertados.

— Ei — o homem com os olhos de Elizabeth o cumprimentou, colocando um suporte de copo diante dele. — O que posso fazer por você?

— Um *club* soda, por favor — Jensen pediu, apesar de ponderar que, se quisesse obter informações, seria mais indicado comprar uma bebida alcoólica.

No entanto, o garçom não demonstrou nenhum incômodo com o pedido, ao contrário do velho.

— Quem vem a um bar como esse para tomar água com gás?

A ruiva, que parecia estar fazendo um inventário das bebidas, enviou um olhar reprovador ao senhor.

— Ignore-o — ela sugeriu, oferecendo-lhe um sorriso largo e caloroso.

Jensen não pôde deixar de sorrir de volta.

— Bem, eu também acho que pode parecer estranho entrar num bar em plena noite de segunda-feira e pedir um *club* soda para beber sozinho.

O homem com íris claras voltou e parou perto da ruiva, com um brilho possessivo nos olhos incomuns.

— Essa é uma questão interessante — ele concordou. — O que o trouxe aqui esta noite?

Jensen teve de admitir que nunca recebera intimidação tão direta. Ele tomou um gole da bebida e tentou pensar em como perguntar sobre Elizabeth da maneira menos comprometedora possível.

— Estou procurando alguém — disse por fim, optando pela verdade. — Uma mulher que conheci aqui no fim de semana.

O rapaz de olhos claros o estudou por um momento, e o olhar se fixou em algum ponto sobre seu ombro. Jensen percebeu que ele fixava os homens que ocupavam a mesa redonda. Talvez pressentisse problemas, já que aqueles rapazes pareciam ser do tipo que não respeitavam regras.

Porém, no instante seguinte, a atenção voltou para ele. As íris tinham a mesma intensidade perturbadora das de Elizabeth.

— Você sabe o nome dela? — a ruiva perguntou, e Jensen notou que o homem ao lado dela não pareceu satisfeito pela disposição em ajudar.

Definitivamente, era do tipo possessivo. Contudo, ponderou que ele próprio seria se sua mulher trabalhasse num bar. E aquela ruiva era uma mulher deslumbrante, não tão impressionante como Elizabeth, claro, mas ninguém seria.

Ele congelou o pensamento. Katie era ainda mais bonita que Elizabeth. Ela era perfeita. Fora sua companheira de corpo e alma, e tudo o que ele sempre quisera, enquanto Elizabeth...

Elizabeth era um enigma. Uma estranha obsessão.

— Estou procurando uma mulher chamada Elizabeth.

Os olhos claros se aguçaram quando Jensen disse o nome.

— Elizabeth?

— Sim. Você a conhece?

Ele inclinou a cabeça, e pela primeira vez, Jensen notou algo estranho em sua aparência. Era quase como se as feições fossem muito simétricas, perfeitas demais.

Jensen pestanejou. Nunca prestara muita atenção na beleza masculina, mas a daquele homem era estranhamente desconcertante. Olhou para o ruiva, e percebeu que ela tinha o mesmo tipo de beleza. A perfeição absoluta.

Ele piscou novamente, perguntando-se por que estava considerando a aparência daquele casal, quando só queria informações sobre Elizabeth.

— Elizabeth é minha irmã. Direi a ela que você esteve aqui.

Jensen não ficou surpreso com a descoberta, ou pelo fato de que ele não estava disposto a dar nenhuma informação adicional. Na certa, não era o primeiro a procurar por Elizabeth naquele bar.

— Obrigado.

Ele tomou outro gole, tentando agir como se não fosse capaz de matar ou morrer por qualquer fragmento de informação, por menor que fosse.

O irmão de Elizabeth parecia convencido de que o assunto estava encerrado, mas a ruiva sorriu, como num pedido de desculpas, e saiu para trocar o CD do karaokê.

Jensen apoiou o cotovelo no balcão e tomou mais um gole sem vontade, rezando para que Elizabeth aparecesse. Sentindo-se patético, ele vasculhou os bolsos da calça à procura de dinheiro.

— Sabe, eu ouvi dizer que a propriedade na velha estrada Boyd foi alugada há pouco tempo — o velho próximo a ele se inclinou para a frente e disse em voz baixa.

Jensen franziu o cenho, e o homem endereçou-lhe um olhar significativo, levantando as sobrancelhas até quase se encontrarem com a linha dos cabelos.

— Ah... — Jensen assentiu, compreendendo subitamente. — É mesmo?

O velho acenou com a cabeça, os olhos brilhando.

— Só há uma casa naquela estrada.

Jensen o encarou, surpreso. Por que aquele homem estaria lhe dando o endereço de Elizabeth? Afinal, ele poderia ser um assassino psicopata.

— Por que está me dizendo isso? — quis saber, intrigado.

— Eu a vi olhando para você na outra noite. — Ele acenou com a cabeça como se aquilo fosse suficiente para esclarecer tudo, mas, em seguida, acrescentou: — Ela gosta de você.

Jensen quase engasgou com o *club* soda. Contudo, de alguma forma, a observação do velho o fez se sentir um pouco menos tolo.

A dúvida se evidenciou no rosto dele, e o senhor se inclinou um pouco mais, cutucando-o com o cotovelo ossudo.

— Confie em mim. Eu sou bom com esses tipos — murmurou com olhos brilhando maliciosamente.
— São muito mais fáceis de se ler do que a nossa espécie.

Jensen franziu o cenho. Nossa espécie? Que diabos ele estava falando?

Talvez aquele homem fosse apenas um bêbado maluco.

— Esses dois ainda estariam andando em círculos em torno dos sentimentos, se não fosse por mim.
— E ele indicou com o queixo o irmão de Elizabeth e a ruiva.

O casal conversava, alheio aos dois, mas Jensen pôde ver facilmente a adoração nas expressões de ambos. Ele deu um suspiro profundo. O bêbado maluco parecia ser sua única opção.

Deixou algumas notas no balcão e acenou em despedida para o velho, que retribuiu de uma forma que parecia dizer: "vá conquistá-la".

Jensen saiu do bar desejando que ela quisesse ser conquistada. Na verdade, daria-se por satisfeito se ela simplesmente respondesse algumas perguntas, já que uma relação com Elizabeth parecia ser algo completamente fora do seu alcance.

Capítulo V

— Aquele velho maluco tinha razão! — Jensen murmurou para si, reduzindo a marcha da caminhonete ao avistar o casarão semi-escondido pelo bosque, ao final da estrada Boyd.

Ele se sentia como um intruso, mas a tentação de ver Elizabeth era maior do que seus escrúpulos. A não ser pelas luzes que brilhavam nas janelas do piso térreo, o lugar parecia deserto.

Estacionou o carro a poucos metros do jardim e galgou os degraus da ampla varanda, parecida com a da casa do avô. Bateu à porta da frente e, enquanto esperava pela resposta, espiou pela vidraça. Avistou a sala e, ao fundo, a cozinha impecavelmente arrumada. Não havia sinal de vida no interior da casa.

Impaciente, Jensen bateu tornou a bater, dessa vez com mais força. Talvez Elizabeth estivesse vendo-o lá fora e quisesse evitá-lo. Ergueu a mão para insistir, mas se deteve. Não pretendia forçá-la. Se ela não quisesse vê-lo, teria de aceitar.

O ruído abafado de algo duro e pesado caindo soou atrás dele. Jensen girou o corpo, perscrutando a escuridão, sem ver de onde viera o som. Ele prendeu a respiração, imóvel. Distinguiu outro som, diferente do primeiro. Dessa vez, um grunhido retumbou pelo jardim. Decididamente, era o um animal.

— Olá? — chamou, voltando para o jardim.

Silêncio. Ele andou com passadas vagarosas pelo gramado, tentando enxergar através da escuridão. Quando se aproximou do celeiro, percebeu o facho de luz escoando pelas dobradiças das velhas portas duplas. Outro estrondo como algo caindo ecoou de dentro da construção.

Jensen correu para o celeiro e puxou as portas. As dobradiças rangeram, e ele ouviu um som miúdo, como o de dezenas de ratos correndo para se esconder. O interior do celeiro estava relativamente vazio. Rolos de feno empilhados a um canto, teias de aranha, ancinhos enferrujados, tudo ali denunciava os sinais da falta de uso, exceto a cortina de plástico pesado no outro extremo do espaço. Ele deduziu que o aparato separava parte da área do celeiro. Parecia ser uma sala improvisada, que brilhava como um casulo iluminado por dentro.

Ele franziu a testa, dando um passo cauteloso, e quase pisou num pequeno gambá de olhos turvos. O animal ergueu o focinho para ele sem demonstrar a menor preocupação.

Jensen lutou contra o desejo de voltar. Qualquer movimento inesperado poderia assustar a criaturinha e provocar resultados catastróficos. Porém, o gambá ignorou-o e desapareceu numa das antigas baias abandonadas.

Ele soltou o ar, aliviado. Era estranho que o pequeno animal não se defendesse. Aquele não era o comportamento habitual de um gambá ameaçado de ataque, mas ele estava grato por ter sido poupado.

Jensen deu uma olhada rápida ao redor, à procura de outros animais errantes, e deu mais um passo no celeiro sombrio, iluminado apenas pelo casulo de plástico. Notou uma sombra por trás da cortina, semelhante a uma silhueta imóvel, agachada, pronta para atacar.

— Elizabeth? — sussurrou, com todos os sentidos em alerta.

Um arrepio gelado percorreu sua espinha. Havia algo errado. O ar se tornou pesado, como se denunciasse a presença de uma ameaça muito mais perigosa do que o inocente gambá.

Marsupiais errantes, barulhos estranhos e um casulo sinistro de plástico, tudo levava a crer que havia razões de sobra para ter cuidado.

— Elizabeth? — chamou, um pouco mais alto.

Jensen tinha a sensação de que ela estava ali, e em perigo. Deu outro passo, quando outro barulho congelou o sangue em suas veias. Que diabos tinha sido aquilo? Ele olhou para cima e avistou várias corujas alinhadas numa das vigas expostas. As aves agitaram as asas, e ele reconheceu o som que acabara de ouvir. Não passava do farfalhar das penas longas das asas.

Ele voltou a atenção para a sala improvisada, e o vulto escuro havia desaparecido.

— Elizabeth! — gritou, sem esconder a preocupação.

Ele não sabia o motivo, mas tinha certeza de que ela estava em apuros.

Caminhou com passos decididos em direção à sala improvisada e puxou o plástico com um movimento brusco. Antes que seus olhos pudessem se adaptar à mudança na luz, algo o atacou, projetando-se sobre ele com tanta força que o jogou para trás. O agressor voou por cima dele, atravessou a cortina e caiu contra uma pilha de caixas de madeira na área sem luz do celeiro.

Atordado, Jensen ficou deitado, esforçando-se para encher os pulmões de ar. Arriscou um olhar para o lado, e avistou a coisa agachada num canto escuro, fitando-o com olhos incrivelmente claros.

Com movimentos cuidadosos, ele girou o corpo e se sentou, com a atenção fixa no vulto parado a poucos passos dele. Se fosse um animal selvagem, a melhor estratégia era ficar o mais quieto possível.

A sombra também permaneceu imóvel, como se não respirasse.

Então, Jensen percebeu que a forma semelhante a um animal começou a se modificar. Os membros se alongaram lentamente até assumirem contornos humanos.

Ele pestanejou, certo de que seus olhos estavam equivocados. Não era possível que a forma grotesca, negra e ameaçadora, se transformasse naquele corpo, enrolado sobre si em posição fetal.

— Elizabeth?...

A forma levantou a cabeça, e Jensen discriminou os cabelos longos, o queixo proeminente e o medo nos olhos claros.

— J... Jensen? — a voz de Elizabeth soou atordoada. Superando a própria confusão, Jensen se ergueu de um pulo e correu para perto dela. Afastou os cabelos caídos sobre o rosto e a estudou,

como se quisesse se certificar de que ela era real.

Na certa, ele havia imaginado aquela sombra desmedida, de força brutal.

A mão fez uma pausa na bochecha febril. A pele estava em chamas.

Ele afastou a mecha de cabelos empapada de suor e verificou a temperatura da testa.

— Elizabeth, você está queimando.

— Jensen, você deve ir embora.

Ela tentou se levantar, mas perdeu o equilíbrio, caindo sobre as pernas dobradas num ângulo desajeitado sob o corpo.

Pela primeira vez, Jensen percebeu que ela estava nua. Estendeu a mão para ela, tentando ajudar, mas Elizabeth o empurrou, arrastando-se para mais longe.

— Não me toque!

— Elizabeth, você está doente.

Jensen rezou para que fosse algo simples como um resfriado. No entanto, a sensação de que alguma coisa estava terrivelmente errada o angustiou. E se ela tivesse sido atacada por aquela coisa que ele tinha acabado de ver?

A risada rouca e sem humor de Elizabeth chamou-lhe a atenção.

— Você não tem idéia, Jensen.

Ele franziu a testa, sem entender as palavras. Ponderou que a febre devia estar alta o bastante para provocar delírios. Somente assim se explicava o fato de ela estar nua.

Porém, não explicava o que ele tinha visto.

Elizabeth choramingou, e ele se inclinou na direção dela. Ignorou os protestos e puxou-a contra o peito, segurando com firmeza os punhos agitados. Ela se debateu com força surpreendente, mas Jensen a envolveu num laço apertado com os braços e a acalentou com palavras suaves.

Aos poucos, ela se acalmou, e o corpo febril pesou contra o dele.

— Como você me encontrou?

Jensen pensou em mencionar o homem velho... Qual era mesmo o nome dele? Mas achou melhor não deixá-lo em apuros.

— Eu segui seu cheiro.

Elizabeth ergueu o rosto com vagar.

— Você não pode fazer isso. É apenas um humano. Jensen se lembrou das palavras enigmáticas do velho.

Então, Elizabeth emitiu um gemido débil, e ele ponderou que ela provavelmente não tinha idéia do que estava dizendo.

Ela precisava de um médico. No momento, era tudo o que importava.

Tomou-a nos braços e atravessou o celeiro, tentando lembrar o caminho mais rápido para o hospital.

— O que você está fazendo? — Elizabeth perguntou com voz arrastada.

— Tenho de levá-la a um hospital. Estou preocupado com essa febre.

A reação de Elizabeth o tomou de surpresa. Ela enrijeceu os músculos e se debateu violentamente, determinada a se libertar. Jensen quase a deixou cair antes de fechar os braços com firmeza em torno da cintura dela.

— Pare, Elizabeth! — ordenou, esperando que as palavras autoritárias tivessem algum efeito.

Ela não respondeu imediatamente, embora parasse de se contorcer. Ainda assim, seu corpo permaneceu em alerta, como se ela planejasse lutar a qualquer momento.

— Eu não preciso ir ao médico — declarou em voz baixa e esganiçada enquanto Jensen atravessava o jardim.

Ele tentou abrir a porta da caminhonete, o que se mostrou impossível com as duas mãos ocupadas em prender Elizabeth.

— Você está muito doente. Por favor, deixe-me levá-la ao pronto socorro.

Ela balançou a cabeça com veemência.

— Não. A febre vai passar. Além disso, você está aqui. Jensen riu.

— Elizabeth, eu sou veterinário.

Ela sorriu com uma leve curvatura dos lábios.

— Eu sei. É tão apropriado, não acha?

Jensen não tinha idéia do que ela queria dizer. Porém, não era o momento para procurar a lógica das palavras.

Mesmo consciente de que estava tomando a decisão errada, ele caminhou na direção da casa. Assim que Elizabeth percebeu, seu corpo relaxou e ela fechou os olhos. Os dedos se enroscaram na gola da camisa, como se quisessem se certificar de que Jensen não a deixaria.

Ele estendeu a mão e girou a maçaneta da porta da frente. Felizmente, não estava trancada. Fechou-a com o pé e olhou ao redor, decidindo para onde seguir. A primeira coisa a fazer era abaixar a febre de Elizabeth.

— O banheiro é no andar de cima? — perguntou, em parte para despertá-la.

Ela não respondeu. Jensen subiu a escada e avistou o banheiro no final do corredor. Levou Elizabeth para lá e colocou-a deitada sobre o tapete, satisfeito ao constatar que havia uma banheira.

A seguir, procurou por uma toalha para cobri-la e se agachou ao lado dela, examinando-a para se certificar de que não estava ferida. A pele acetinada não mostrava nenhum arranhão nem sinais de luta. Aliviado, cobriu-a com a toalha e abriu as torneiras da banheira, testando a temperatura da água para deixar o banho não tão frio a ponto de provocar um choque térmico, mas fresco o bastante para abaixar a febre.

Enquanto a banheira enchia, ele abriu as gavetas do gabinete. Precisava de algum antitérmico, e o mais depressa possível. Como não achou nenhum medicamento, abriu a porta espelhada do armário sobre a pia e vasculhou as prateleiras perfeitamente organizadas com itens de higiene pessoal.

Não encontrou nada que fosse útil. A única coisa que Elizabeth tinha em abundância eram produtos depilatórios. O armário estava repleto de ceras, pinças e lâminas de barbear.

Ele arqueou as sobrancelhas, intrigado, mas o gemido fraco de Elizabeth desviou sua atenção. Virou-se e a encontrou tentando se levantar.

— Shh... Fique quietinha, querida — murmurou, ajoelhando-se para abraçá-la. — Você precisa repousar.

Elizabeth ergueu o rosto para ele com expressão confusa.

— Por que você está me chamando assim? Eu não sou sua querida... Ou sou?

Ele sorriu, ponderando que ela não teria feito a pergunta se estivesse totalmente lúcida, e tomou vantagem do fato de que ela provavelmente não se lembraria no dia seguinte.

— Eu gostaria que você fosse minha querida.

Com um sorriso, ele afagou os cabelos úmidos de suor e ela suspirou, demonstrando gostar do toque.

— Não, você não gostaria — ela murmurou, as palavras suaves cheias de convicção.

Mais uma vez, Jensen se perguntou por quê. Num minuto, Elizabeth queria estar próxima, e no

instante seguinte, voltava a se fechar numa concha impenetrável.

Deixando as perguntas de lado, ele a suspendeu e colocou-a na banheira quase cheia. Ela não se mexeu quando ele posicionou a cabeça na borda, de forma que ficasse confortável.

Ele espalhou o xampu nas palmas das mãos e friccionou o couro cabeludo até conseguir uma espuma rica e perfumada. A seguir, embebeu a esponja com o musse de banho e espalhou o gel perfumado sobre todo o corpo.

— Eu gosto disso. Jensen a contemplou.

Ela mantinha os olhos fechados e os lábios carnudos entreabertos. Não devia estar ali, admirando a beleza arrebatadora, quando ela estava tão doente que ele não tinha idéia do que estava acontecendo.

— Eu gosto quando você me chama de querida — ela murmurou, e as palavras provocaram uma deliciosa onda de calor em Jensen.

Ele continuou a molhar o rosto e a cabeça, mantendo-se focado em abaixar a temperatura. Aos poucos, a pele resfriou e o rosto perdeu a coloração rosada avermelhada da febre.

Jensen arregaçou as mangas já molhadas e mergulhou as mãos na água para suspendê-la. Levou-a para o boxe e deixou-a sentada sob a ducha quase fria, até se certificar de que a febre havia cedido.

Com cuidado, ele envolveu a toalha ao redor do corpo molhado e a tomou nos braços. Parou no corredor, tentando decidir qual era o quarto dela, o que não foi difícil.

Um dos aposentos estava vazio, enquanto o outro fora tomado por caixas empilhadas. O terceiro, perto do banheiro, mostrava uma decoração feminina, com a ampla cama de ferro forjado e colcha com a mesma estampa floral das cortinas esvoaçantes. Um toucador e uma cômoda antigas completavam a decoração. A um canto, duas poltronas modernas e uma mesa com um abajur forneciam o ambiente perfeito para a leitura de um livro.

Não se parecia com o que ele esperava do quarto de Elizabeth. Imaginava cores escuras e lençóis de cetim, num estilo mais sensual. Não que ele pensasse sobre o quarto de Elizabeth, é claro, tentou corrigir, voltando a atenção para ela.

— Para onde estamos indo? — ela perguntou, mal levantando a cabeça.

— Vou colocá-lo na cama.

— Eu não posso. Tenho de trabalhar. Jensen riu, secamente.

— Elizabeth, você não conseguiria trabalhar mesmo que eu a amarrasse à sua mesa no laboratório.

Ela abriu a boca para argumentar, mas mudou de idéia. Jensen entrou no quarto e colocou-a de pé perto da cama. Ela cambaleou e conseguiu manter o equilíbrio.

— Querida, eu não quero colocá-la molhada na cama.

— Está bem — ela concordou de bom grado, e estendeu os braços para que ele a secasse.

Jensen quase gemeu. Será que ela tinha idéia da tentação que o corpo nu representava?

Rapidamente, ele friccionou a toalha sobre a pele molhada e tentou secar os cabelos fartos o melhor que pôde. Conduziu-a para o colchão macio e olhou ao redor, à procura de algum lençol para cobri-la. Avistou uma porta na parede oposta e, ao abri-la, deparou-se com um amplo closet, com prateleiras impecavelmente arrumadas. Encontrou um edredon leve e cobriu a nudez de Elizabeth antes que idéias pervertidas voltassem a perturbá-lo.

Satisfeito, ele deu dois passos na direção da poltrona, consciente de que Elizabeth estava fraca demais para ficar sozinha, quando ela o chamou.

— Por favor, deite-se comigo, Jensen.

Ele fez uma pausa, hesitante. Aqueles olhos peculiares pareciam ainda mais sedutores assim, sonolentos e lânguidos. Seu primeiro impulso foi recusar. Não confiava em si mesmo, sabendo que ela estava nua sob a coberta.

Mas decidiu que tinha controle suficiente para se deitar com Elizabeth até ter certeza de que ela estava bem.

Ele contornou a cama e sentou-se na beirada. Considerou puxar o edredon e se juntar a ela, mas sabia que seria tentação demais. A última coisa que aquela mulher cansada e doente precisava era de uma ereção furiosa perturbando seu sono.

Resignado, ele se estendeu na cama, e Elizabeth imediatamente se aconchegou ao corpo dele.

— Você está todo molhado — ela se queixou, tremendo de frio. — E melhor tirar a roupa, ou vai ficar resfriado.

Os dedos trêmulos tatearam o cóis até encontrarem o botão logo abaixo do umbigo, perto demais da ereção pressionando o tecido da calça. Jensen se sentou e despiu-se rapidamente, jogando a roupa no chão ao lado da cama. Ele fechou os olhos, obrigando-se a dormir, e os manteve fechados até que a exaustão o vencesse.

Elizabeth foi surpreendida pelo conforto da cama. Macia, quente, perfumada com um odor amadeirado e... masculino?

Ela abriu os olhos para ver o perfil Jensen iluminado pela lâmpada do abajur. A luz tênue delimitava a linha do maxilar, a forma maravilhosa dos lábios, os cílios escuros emoldurando os olhos verdes.

O que ele estaria fazendo ali? Ela estendeu a mão para tocá-lo, como se não conseguisse acreditar que a presença fosse real. Seus dedos tatearam os lábios, macios como veludo.

Ela suspirou, descendo a mão para o peito, enroscando-se nos pelos encaracolados. O desejo que ela estava tentando manter sob controle durante dois dias despertou para a vida. Deus, ela amava tocar aquele homem! .

As palmas traçaram a curvatura dos músculos bem desenhados do torso, arrastando-se lentamente para baixo. A penugem encaracolada se tornou mais espessa em torno do umbigo, provocando cócegas ao contato.

Ela fechou os olhos, adorando todas as texturas do corpo viril, e pensou nas áreas que ainda não tivera oportunidade suficiente para explorar. Seus dedos afinados encontraram o os pelos sedosos e a ereção quase obscena.

— Elizabeth...

Ela sorriu ao ouvir a voz sonolenta. Adorava esse som! Seus dedos se enroscaram em torno da masculinidade pujante, movendo-se ao longo do comprimento.

Jensen soltou a respiração e contraiu os músculos ao toque.

— Querida — ele conseguiu balbuciar com voz rouca. — Você está doente.

Elizabeth sorveu a rouquidão profunda, e uma onda de excitação aqueceu-lhe o ventre.

Doente? Sentia-se ótima, agora que ele estava ali.

— Eu estou bem. Mais do que bem. — Ela se arrastou para fora das cobertas, posicionando-se de quatro. Pela primeira vez, a posição não causou repulsa. Ela não estava pensando no passado nem no que ela era. Pensava somente no que ela queria. Jensen. Queria estar com ele, sentindo sua pele contra a dela, sentindo-o profundamente dentro de si.

Mas antes, queria prová-lo e lhe dar prazer, da mesma forma que ele fizera.

Então, posicionou-se entre as pernas dele e correu as mãos pela parte interna das coxas. Ela sorriu com a sensação de maciez nas palmas. Alcançou a penugem espessa na virilha e mergulhou os dedos, percorrendo-a lentamente até encontrar o membro ereto. Explorou-o com a sensação de posse, e uma alegria intensa a invadiu ao constatar o que estava fazendo com ele. Seu companheiro. Por apenas um segundo, a parte de sua mente humana a corrigiu. Seu homem, talvez, e não seu companheiro.

Em seguida, todos os pensamentos se foram, ficando apenas a sensação tátil da masculinidade pulsando sob a ponta dos dedos. Ela gostava disso. Gostava de sentir todo o seu poder.

Elizabeth se inclinou e mergulhou o rosto nos pelos sedosos, inalando o aroma almiscarado. Umedeceu os lábios, ansiosa por provar a excitação.

Quente e picante, e mais deliciosa do que ela poderia ter imaginado. A respiração ofegante de Jensen a excitou ainda mais, e ela assumiu o controle, sugando com volúpia o membro ereto.

— Elizabeth... — ele sussurrou, levantando o quadril quando sentiu a umidade quente da boca o envolver.

Ela continuou o jogo sensual até que Jensen a suspendesse por baixo dos braços e a puxasse sobre seu corpo. O atrito da pele a incendiou. Então, a boca sequiosa se apoderou da dela, assumindo o controle.

Ele girou o corpo e se deitou sobre ela, pressionando-a contra o colchão macio. Com os joelhos, afastou-lhe as pernas, e ereção firme encontrou a umidade macia da anatomia íntima pronta para ele.

Elizabeth estendeu as pernas para enlaçá-lo, implorando em silêncio para que ele a possuísse. Como se lesse seu pensamento, ele obedeceu, penetrando-a com um golpe profundo.

O corpo de Elizabeth reagiu de imediato, *pulsando e* vibrando num crescendo que a fez gritar, a voz embargada no auge do êxtase.

Jensen ainda se moveu dentro dela com estocadas exigentes, até que ela não pudesse dizer onde um orgasmo encerrara e outro começara.

Finalmente, ele se juntou a ela, sua própria liberação explodindo no interior quente e receptivo.

Ele caiu sobre Elizabeth com a respiração acelerada e o coração disparado no peito.

Elizabeth sorriu, sentindo os dois corpos pulsarem no mesmo ritmo. Após alguns instantes, ele deslizou para a cama e se deitou ao lado dela, envolvendo-a nos braços fortes como se nada nem ninguém pudesse separá-los.

Elizabeth abriu os olhos com um sobressalto. Seu último pensamento antes de adormecer havia sido que ela finalmente se sentia curada, calma e em paz.

A luz do alvorecer penetrava pelas frestas das janelas, trazendo-lhe a clareza do que ela tinha feito. Mais uma vez.

Podia sentir Jensen ao seu lado. O calor e a força se irradiavam como uma energia viva. O cheiro e gosto dele ainda estavam em suas narinas e lábios, embora ela não se lembrasse de como ele fora parar na sua cama. No entanto, lembrava-se de terem feito amor, o que não era suposto acontecer.

— Sabia que você morde o lábio inferior quando está preocupada?

Ela sorriu antes de se virar para ver Jensen do seu lado, com a cabeça apoiada na mão, olhando para ela.

Ele sorriu, e seu coração acelerou quase dolorosamente no peito.

— Não, eu não sabia.

Como um sorriso podia afetá-la tanto?, pensou, sem conseguir desviar os olhos da boca viril.

Jensen esticou o braço e afastou os fios rebeldes do rosto dela antes de pousar as costas das mãos na testa.

— Você ainda está um pouco quente, mas nem se compara como a noite passada.

— Estou me sentindo bem.

Ela se afastou. Como explicar a um veterinário que, assim como os caninos, sua temperatura estava sempre alguns graus mais elevada que a de um humano?

— Com que você está preocupada?

Ela fechou os olhos ao ouvir a voz suave.

— Com você. Comigo. Com tudo. — Elizabeth suspirou fundo. — Eu não lembro como você veio parar na minha cama.

Sem contar que ela também não conseguia explicar como, de uma hora para outra, ela passara a se sentir normal.

— Do que você se lembra?

Ela sentiu a mão possessiva moldar a curva da cintura. Queria que ele continuasse a tocá-la, mas o desejo não possuía o mesmo teor desesperado e selvagem de antes. No entanto, era tão perigoso quanto.

— Eu estava trabalhando no laboratório...

— Trabalhando, enquanto estava doente?

A mão percorreu a curva do quadril. A maciez dos dedos longos e fortes contrastava com as discretas calosidades nas palmas.

— Eu ainda acho que você deveria ir ao médico. A febre estava muito alta. Na certa, você teve uma alucinação, pois estava nua no celeiro.

Elizabeth congelou sob o toque. Nua?

As palavras forneceram a chave para o quebra-cabeça em sua mente. Febre alta. Nua. Ela tinha se transformado! Poderia ter machucado Jensen, ou, pior, tê-lo matado.

Ela lutou contra a vontade de saltar da cama. Afastou-se e colocou mais espaço entre eles para mantê-lo seguro.

— Eu estou bem — conseguiu balbuciar. — Só estou muito pressionada com a pesquisa.

Claro, ela não estava bem. Passara a se transformar mesmo sem a lua cheia. Isso nunca tinha acontecido. E diante dos olhos de Jensen.

Decididamente, ela não estava nada bem.

— Como está sua investigação?

Ela piscou, deixando os pensamentos de lado.

— Eu... Eu não me lembro se fiz algum progresso ontem à noite.

— Como eu disse, você estava muito doente. — Ele acariciou a pele macia do ventre. — Eu a encontrei no celeiro. Você estava...

Elizabeth o encarou com a respiração suspensa. Estava como? Coberta de pelos? Assustadora? Parecida com um animal selvagem?

— Você estava ardendo em febre.

Ela respirou, aliviada. Na certa, ele não a vira na forma de lobo, ou não estaria ali.

Suspeitava de que o motivo da transformação fora o desgaste de energia por lutar duramente para ficar longe dele. Ela estivera no limite, e bastara um estresse a mais para que o instinto prevalecesse. Seu instinto de lobo.

De repente, ela sentiu necessidade de se afastar dele. Era como se pudesse contaminá-lo só pelo simples fato de estar próxima.

Elizabeth começou a se afastar, mas ele a segurou pela cintura.

— Aonde você vai?

— Preciso ir ao banheiro. Ele sorriu com indulgência.

— Vai mesmo, ou está fugindo de mim novamente? Elizabeth tentou parecer ofendida, mas falhou. Não conseguia esconder os sentimentos de Jensen.

— Vamos fazer um trato: você responde algumas perguntas, e eu deixo você ir.

— Isso quer dizer que sou sua refém? — ela perguntou com uma risada nervosa.

Não tinha certeza de que pudesse responder as perguntas que imaginava que ele fosse

perguntar. Não pretendia acrescentar mentiras na sua lista infundável de pecados.

— Está bem — disse, lentamente. — Mas lembre-se do risco que está correndo.

Ele levantou uma sobrancelha, provavelmente achando que ela se referia à bexiga cheia.

— O que é tão importante na sua pesquisa, a ponto de você trabalhar doente?

Aquela era uma pergunta relativamente fácil. Não seria necessário mentir.

— Venho trabalhando nesse problema particular por um longo tempo, e o prazo está se esgotando.

— Você trabalha para uma empresa ou laboratório particular?

Ela hesitou, consciente de que as questões ficariam cada vez mais difíceis.

— Meu trabalho é independente, mas se eu conseguir encontrar a cura, poderia ajudar muita gente.

— A cura? Então, é uma vacina. Para que doença?

Ela respirou fundo. Como era estranho falar sobre isso com um humano.

— É uma vacina para curar uma doença rara. Duvido de que você tenha ouvido falar a respeito.

Ou que acreditasse que existia, ela completou para si. Lobisomens, vampiros, fadas, os mortais nunca acreditavam nessas criaturas... Até que conhecessem alguma delas. Então, desejavam voltar a serem descrentes.

Jensen a fitou com olhar ainda mais atento.

— Experimente. Já ouvi falar de muitas doenças.

— Dessa, você não ouviu — ela assegurou-lhe.

— Mas você tem a doença, não é? Foi o que aconteceu na noite passada? Você teve uma crise?

Os olhos escureceram como o verde profundo da floresta ao anoitecer, uma cor que, agora ela sabia, mostravam preocupação.

Elizabeth pensou em negar. Não havia propósito em Jensen saber que ela precisava da cura mais do que ninguém. Porém, estava se tornando cada vez mais difícil mentir para ele.

— Sim.

Ele acariciou seu rosto, o toque dolorosamente doce.

— A febre é parte dos sintomas?

Ela assentiu. O aumento extremo da temperatura corporal sempre acontecia depois da transformação. Depois da lua cheia, ela passara muitos dias acamada, com seqüelas da transformação. Alguns lobisomens conseguiam mudar de um estado para outro sem quaisquer conseqüências. Ela não era uma deles.

— Costuma passar em um ou dois dias. Eu não vou morrer por isso... Só não posso ter uma vida normal. — Ela fechou os olhos, lutando contra as lágrimas. — Eu prefiro não falar mais sobre isso.

Jensen a estudou demoradamente e concordou. Ficaram em silêncio por um momento, e ele pareceu se lembrar de que tinha mais perguntas a fazer.

— Portanto, essa não é a sua forma habitual de se aproximar dos homens.

Ela franziu a testa, surpreendida pela mudança de tópico.

— Definitivamente, não.

Por que era tão importante Jensen saber que ela não era uma vadia qualquer? Elizabeth quase riu. Isso não fazia sentido, quando a verdade era muito pior: ela não era uma mulher devassa, e sim, uma loba.

— Uma vez que esta não é a sua forma normal de se aproximar de um homem, como você me escolheu?

Elizabeth percorreu com o olhar os cabelos despenteados, os olhos lindos, a boca viril. Viu inteligência, bondade, humor... A aparência daquele homem certamente a atraía, mas foi o que ela viu nas íris verdes que a fez sentir como se pudesse mergulhar nas profundezas da alma dele. Entretanto, ela não podia dizer isso. Já havia revelado muito.

— Eu o vi e o desejei — declarou. Não era mentira, mas não toda a verdade.

Jensen sorriu e assentiu lentamente.

— Eu acho que é justo, pois eu senti o mesmo.

Ela pestanejou com descrença, e o sorriso se alargou nos lábios dele.

— Você não percebeu?

Elizabeth sentiu a onda de rubor queimar seu rosto.

— Bem, eu achei que você não teve escolha, já que foi atacado.

— Admito, você deixou suas intenções muito claras, mas eu também tive meu quinhão de ataque.

Ele se inclinou e a beijou, num contato suave, doce e persistente. Um tipo muito diferente de ataque, mas muito eficaz.

Mesmo que ela dissesse a si mesma para se afastar, Elizabeth deixou-se envolver pelos braços fortes. A manta escorregou pelos seus ombros, e os seios nus se pressionaram contra o peito firme. Braços e pernas se entrelaçaram, confundindo-se. Jensen pousou vários beijos nos lábios macios antes de recuar a cabeça e olhar para ela.

— Eu tenho mais uma pergunta, embora seja um pouco tarde para isso... Mas minha única desculpa é que, quando estou com você, eu esqueço de todo o resto.

— O que é?

— Você usa algum método de controle de natalidade? Temos sido lamentavelmente negligentes nessa área.

— Controle de natalidade...

Ela fez uma pausa. Como explicar que ela nunca precisara se preocupar com isso? Mulheres-lobo só concebiam quando estavam no cio. Além do mais, ela não poderia conceber com Jensen.

— Não se preocupe com isso — disse de forma vaga.

Aquela fora a primeira mentira, e quase não podia ser considerada como tal, mas, mesmo assim, Elizabeth sentiu-se mal.

— Bem.. — ele se inclinou para beijá-la novamente —, nesse caso, fico mais tranquilo.

— Estou liberada para ir ao banheiro?

Ele sorriu e balançou a cabeça em afirmativa.

— Claro. Você já esperou tempo demais.

Jensen observou-a pegar sua camisa e vesti-la antes de sair do quarto.

O corpo delicado desapareceu dentro da peça, duas vezes maior que o número dela. Jensen observou-a encostar a porta, pensando que ela ficara absolutamente sexy com sua camisa.

Como era possível que estivesse tão apaixonado por aquela mulher? O sentimento chegava a intoxicá-lo física, emocional e mentalmente.

Talvez por isso se preocupasse tanto com ela. O que havia de errado com Elizabeth? Muitas doenças podiam causar febre, mas qual seria a enfermidade rara que a acometia? Ela estaria

mentindo quando disse que não era fatal? Certamente, tratava-se de algo grave, pois ela trabalhava na pesquisa como se estivesse correndo contra o tempo.

Quando a vira acuada num canto do celeiro, nua e assustada, ele ficara muito preocupado. Não. Preocupado não era a palavra certa. Ele ficara apavorado.

De repente, ele tinha de vê-la. Tinha que saber que ela estava bem. A necessidade o tomou num crescendo angustiante. Jensen conteve o impulso de ir até o banheiro. Afinal, intrometer-se na intimidade dela não ajudaria em nada. Então, resignou-se a permanecer na cama e esperar que ela retornasse. Ainda assim, uma estranha ansiedade o oprimiu, como se algo perigoso e ameaçador espreitasse do lado de fora da casa.

Ele respirou fundo, tentando se acalmar. Pensou no súbito desejo de mantê-la protegida de seu mundo frágil e levá-la para algum lugar que fosse somente deles.

Riu do pensamento. Não sabia sequer se era isso que ela queria. Tinha ainda mais perguntas sobre aquele relacionamento do que quando chegara. Na verdade, para cada resposta que ela lhe dera, abrira-se outra questão.

Ele não tinha sequer chegado à resposta do que mais ansiava por saber: o que Elizabeth queria dele? Por que de fato o escolhera, quando podia ter qualquer homem a seus pés?

Jensen queria acreditar que era por alguma razão romântica. Novamente, a idéia de que ela estava doente voltou a incomodá-lo. Então, lembrou-se do que vira no celeiro.

Elizabeth parecia quase desumana. Não havia explicação válida para aquilo. Que doença poderia transformar tanto um ser humano, a ponto de deformá-lo? A não ser que fosse algum tipo de transformação física...

Ele balançou a cabeça com vigor. Estava imaginando coisas.

Olhou para a porta semifechada do quarto e prendeu a respiração, tentando distinguir os ruídos. A casa repousava no mais absoluto silêncio. Impaciente, Jensen decidiu que não podia esperar mais. Arrastou-se para fora da cama e vestiu a calça ainda úmida. Queria mais respostas.

No entanto, ele se deteve com a mão na maçaneta, percebendo que não podia exigir mais respostas quando ela estava usando o banheiro. Não havia muita definição sobre o status do relacionamento, embora ele ponderasse que ainda não haviam chegado naquele nível de intimidade.

Com um suspiro resignado, pôs-se a passear pelo aposento, procurando por algum detalhe que revelasse mais sobre ela.

Podia dizer que Elizabeth era extremamente organizada. Tudo se encontrava no seu devido lugar, na mais perfeita ordem.

Uma caixa de madeira sobre o toucador chamou-lhe a atenção. Parecia ser antiga, e o tampo mostrava entalhes de folhas e flores esculpidos. Supôs que fosse uma caixa de jóias. Havia também

um frasco de perfume que parecia igualmente antigo, com o líquido de uma cor dourada envelhecido pelo tempo. Ele levou o frasco ao nariz e fez uma careta ao sentir o cheiro enjoativo. Não era o mesmo perfume picante e sensual que pairava como uma aura ao redor de Elizabeth.

Ele colocou o frasco de volta, tomando o cuidado de deixá-lo no local exato. Virou-se e caminhou pelo quarto, parando para observar as fotografias penduradas nas paredes. Surpreendeu-se com a qualidade das poses. O fotógrafo encontrara os pontos precisos, a luz perfeita. Ele se inclinou e leu as iniciais minúsculas na parte inferior da imagem. "EY". Elizabeth?

Procurou a inscrição da próxima fotografia, e notou que a sigla estava presente em todas. "EY". Algumas pareciam ser muito antigas, e ele supôs que fosse algum efeito fotográfico, ou a erosão do sol sobre o papel.

Um retrato na parede da cama o atraiu em particular. Parecia muito antigo e frágil. Quando ele se aproximou para observar melhor, um som fez com que ele desviasse a atenção. Era como um baque distante, no andar de baixo, talvez.

Ele franziu a testa e olhou para a porta. Fazia quanto tempo que Elizabeth estava no banheiro?

Novamente, a sensação de que algo não estava certo serpenteou através dele. Decidiu que não faria mal algum ir ao banheiro e bater à porta. Ela podia achá-lo invasivo, mas era melhor do que não saber o que estava acontecendo.

Assim que ele pisou no corredor, soube que algo não estava certo. A porta do banheiro estava aberta e a luz fora desligada.

— Elizabeth? — chamou, espiando para o interior escuro.

Sem receber resposta, ele voltou pelo corredor parando em cada quarto. O andar de cima estava vazio.

Talvez Elizabeth tivesse ido à cozinha comer alguma coisa, ponderou. Ele desceu a escadas, e a sensação de que havia algo errado se tornou ainda mais forte.

A luz da cozinha estava acesa, sem nenhum sinal de Elizabeth. Frustrado, ele estava a ponto de sair quando avistou uma folha presa na porta da geladeira com fita adesiva amarela.

Hesitou, incerto se o recado era para ele. Mesmo assim, a curiosidade o impeliu a ler a caligrafia pequena, precisa e feminina:

Jensen,

Desculpe-me. Isso não vai dar certo. Eu não posso vê-lo novamente. Sinto muito. Elizabeth.

Jensen olhou para o papel, com a fita adesiva presa às pontas dos dedos.

Elizabeth fizera de novo! Como sempre, ela desaparecera. Só que dessa vez, ele tinha uma

resposta. Não havia relacionamento algum. Decididamente, não era possível se relacionar com aquela mulher. Não fazia questão nem de pegar de volta a camisa que ela estava usando.

Agora, que isso estava claro, faltava apenas esquecê-la.

Capítulo VI

Escondida nas sombras do bosque, Elizabeth observava a casa. Depois do que pareceu uma eternidade, Jensen saiu para a varanda. A primeira coisa que notou foi que ele não estava usando camisa. Então, ela se sentiu ainda pior em relação a suas ações, apesar de serem as mais acertadas.

Não podia mais vê-lo. Não enquanto ela ainda fosse aquela aberração subumana.

Na noite anterior, poderia tê-lo ferido gravemente. E o pior era pensar que fora pura sorte, pois suas ações como loba não dependiam do seu controle racional.

Não tinha idéia de por que a transformação acontecera, e não podia arriscar que acontecesse de novo. Licantropia era facilmente transmissível, e ela não queria correr o risco de contaminar Jensen, ou ele a odiaria para sempre.

Elizabeth viu quando ele lançou um olhar ao redor à sua procura, mesmo após a nota fria e impessoal. Não entendia por que ainda a queria.

Ele a queria... Tal noção tornou quase impossível permanecer lá, escondida, observando. Mas Elizabeth se manteve firme, com os músculos absolutamente imóveis, mal respirando. Não tinha certeza se era por não querer que ele a detectasse, ou se porque estava muito ocupada, tentando apagar Jensen da lembrança.

A pele dele parecia ouro na luz da manhã, os músculos se retesavam com as passadas descendo os degraus da varanda.

Ele olhou para o celeiro, vacilou um segundo e seguiu naquela direção. Entrou e ficou apenas o tempo suficiente para ver que ela não estava lá. Então, seguiu para a caminhonete. Elizabeth abriu a boca para chamá-lo. Contudo, refreou o ímpeto e estalou os lábios, mordendo a parte interna da bochecha até que a dor ofuscasse a angústia de ver Jensen ir embora.

Sim, era o melhor para ambos. Mesmo que ele aceitasse uma namorada que ficava coberta de pelos uma vez por mês, restava a inconveniência igualmente monumental do acasalamento. Lobisomens e mortais, não podiam procriar e constituir família. Jensen nunca poderia ter filhos *com* ela.

Os dois problemas juntos eram insuperáveis. Ela sabia que estava fazendo a coisa certa, mas isso não diminuía a dor.

Brody assistiu à cena com a sensação presunçosa de satisfação. Aquela era sua Lizzie. Ela sempre fazia o que era certo.

Ele tinha visto a dor e a saudade quase esmagadora que a queimava durante os últimos dois dias. Ela ficara louca por aquele mortal patético, e poderia tê-lo usado até que o desejo se esgotasse. Mas sua Lizzie era nobre demais para corromper sua ridícula ética.

Ele passeou de um lado para outro, observando-a. Sim, ainda a desejava, não com a mesma cobiça desenfreada que ela sentira pelo mortal. Não. Ele a queria com a necessidade egoísta de macular aquela nobreza. Queria apenas sujá-la e ter certeza de que a levaria com ele para a degradação completa. Queria Lizzie misturada à escória da qual ele fazia parte.

Tal desejo o tornava poderoso. Tinha sido por isso que a matilha o expulsara. Ele era uma ameaça. E com Lizzie ao seu lado, tornaria-se uma ameaça com poder real.

Ele refreou a urgência de abordá-la. Não suportaria inalar de perto aquele cheiro repugnante do mortal impregnado na pele dela. Não queria que o grupo soubesse que sua fêmea o deixara mais uma vez, e por um mortal patético.

A caminhonete se afastou pela estrada de terra, mas Elizabeth não saiu do esconderijo. Brody a estudou, tentando ler a mente dela.

Talvez fosse o momento para se aproximar, enquanto estava vulnerável. Mas teria de esperar até compreender o que aquele odor significava. Não podia levá-la de volta para a alcateia com aquele cheiro exalando por todos os poros de Lizzie.

Ela finalmente saiu do arvoredor e cruzou o gramado. Ele lhe daria um pouco de tempo para lamentar sua perda. E se ela se *recusasse a acompanhá-lo, ele teria de lidar com isso*. Porém, não

podia matá-la ainda.

Quanto ao humano... Sim, este podia morrer.

Jensen cumprimentou o avô com um aceno, tentando não parecer um adolescente preso depois do toque de recolher, quando passou pela cozinha e seguiu direto para a sala. Não seria fácil explicar por que estava chegando em casa às nove horas da manhã, sem camisa.

— Espere! Onde diabos você esteve?

— Passei a noite fora — Jensen gritou do primeiro degrau da escada.

— Sim, eu percebi. — O avô o seguiu. — Onde está a sua camisa?

— Eu perdi.

O avô franziu a testa até que as sobrancelhas se juntassem numa linha reta.

— Você precisa ser mais específico, Jensen.

— Nada a declarar, vovô. Tenho de ir trabalhar.

O avô o fitou com olhar entre duvidoso e decepcionado.

— Quando um homem passa a noite fora de casa e volta sem a camisa sem nenhuma história para se gabar, significa que alguma coisa não deu certo.

— Isso é comigo. — Jensen galgou mais um degrau e olhou para o relógio sobre a lareira. — Tenho de ir. Seus clientes já não aceitam que eu assuma seu lugar. Se eu chegar atrasado, será mais um ponto na lista de comparações negativas.

Ele subiu correndo a escada, consciente do olhar de reprovação do avô. Porém, não tinha a menor intenção de contar sobre seu fracasso completo com a primeira mulher que havia capturado sua atenção depois de Katie.

Charles não estava em casa quando Jensen saiu do banho. Na certa, tinha ido procurar "aquele maldito Harold Wilks" para fofocar sobre o neto. Ele suspirou, sentindo-se abandonado.

— Ridículo! — murmurou, enquanto enchia a caneca até a borda com café.

Não queria continuar a conversa com o avô, de qualquer maneira. Além disso, precisava de tempo para considerar o que vira no celeiro de Elizabeth.

Na última vez que entrara no celeiro, naquela mesma manhã, havia sentido um odor forte pairando no ar, como o de algum animal selvagem. E se o lobo que fora visto na região estivesse lá?

Ele balançou a cabeça. Agora, começava a acreditar em lobos negros na Virgínia!

Nada fazia sentido. Mas, por que estava decepcionado? Ele próprio não fazia. Ficara ofendido por seu avô ter desaparecido, embora fosse o que ele queria. O problema era que, naquela manhã em particular, ele estava muito sensível ao desaparecimento das pessoas.

Com um suspiro, terminou de tomar o café, colocou o jornal debaixo do braço, pegou o laptop e foi para a clínica.

Tudo o que precisava para esquecer Elizabeth era mergulhar no trabalho. Desde que assumira o consultório do avô, ele estava tentando informatizar o serviço. Montara o *site* da clínica na internet e passara horas catalogando parte do arquivo repleto de fichas de prontuários amassados. O avô resistira à modernização até o último segundo, mas ele pretendia concluir o banco de dados o mais breve possível. Era nisso que precisava se concentrar, e não numa mulher cheia de problemas e, o principal, não o queria.

Jensen entrou na recepção da clínica e foi saudado por Molly, a recepcionista que trabalhava com seu avô desde que ele fundara a clínica.

Molly tinha o hábito de agir como se fosse a mãe dele. Mas, considerando que fora uma criança órfã de mãe e criada pelo avô, todos sentiam necessidade de agir como mãe dele.

— Você está atrasado — Molly ralhava, olhando para ele por cima dos óculos bifocais. — Eu quase liguei para o hospital.

Jensen sorriu e balançou a cabeça.

— Sempre tente meu celular antes do hospital.

Ele ergueu o aparelho no ar para provar que o carregava e também para mostrar a Molly o que era. A secretária era tão resistente à tecnologia como o avô.

Ela levantou uma sobrancelha com descaso e, em seguida, apontou para a agenda aberta sobre a mesa.

— Felizmente, seu primeiro cliente está atrasado.

Como se ouvisse o comentário, o sino na porta da frente soou. Cliente e proprietário entraram na recepção, e Jensen se virou para ver Melanie carregando um gato malhado obeso e com expressão absolutamente satisfeita.

— Olá, Jensen — ela saudou, oferecendo-lhe um sorriso caloroso.

Ele não pôde deixar de notar o interesse explícito naquele sorriso, e seu ego ferido se animou.

— Olá, Melanie. — Aproximou-se e estendeu a mão para o gato, afagando o pelo macio. — Quem é ele?

— Mort — ela informou, fitando o bichano com um sorriso apaixonado. — Vim trazê-lo para tomar as vacinas anuais, e talvez você possa prescrever uma dieta também.

— Ele é um rapagão — concordou Jensen.

— Bem, como eu lhe disse, eu me sinto solitária nesta cidade, e acabo mimando-o demais.

Jensen assentiu, consciente da referência à solidão. No entanto, não emitiu nenhum comentário. Fez um gesto para que Melanie o levasse para o consultório e ela o seguiu, despedindo-se de Molly com um aceno.

— Fiquem tranquilos. Não vou interrompê-los — a secretária anunciou com um toque de malícia.

Jensen enviou-lhe olhar fulminante antes de fechar a porta atrás da loira e seu gato obeso. Seria possível que todos naquela cidade sentissem necessidade de atuarem como malditos casamenteiros?

Melanie colocou Mort na mesa de exames e sorriu para Jensen. Ele sorriu de volta, consciente do frescor viçoso da pele clara. Na verdade, era difícil imaginar que ela estivesse solitária em West Pines. Na certa, havia uma fila de candidatos a preencherem sua solidão.

Ele se virou para o armário de medicamentos e instrumentos de exames. Retirou o estetoscópio e se pôs a examinar Mort, enquanto Melanie afagava o dorso do bichano, tranquilizando-o com palavras suaves.

Ele passou a examinar as orelhas do gato, pensando que o timbre da voz de Melanie era agradável, alto e claro. Diferente do de Elizabeth, rouco e sensual.

Jensen franziu a testa enquanto continuava a examinar o gato. Por que estava pensando em Elizabeth? Ela não queria vê-lo novamente. O bilhete preso com fita adesiva amarela dissera tudo. E, para ser honesto, ela não era seu tipo.

Olhou para Melanie, que continuava a murmurar palavras doces para seu gato. Brian e Jill tinham razão quando a convidaram para se juntar a eles naquela noite, no bar de karaokê. Melanie era seu tipo. E agora, que estava livre, talvez devesse considerar convidá-la para sair.

— Mort está ótimo — anunciou, pondo-se a preparar a vacina.

Ele injetou a primeira dose, e ao sentir a picada, o felino lançou-lhe um olhar destinado a matá-lo. Melanie segurou-o com mais firmeza, e sorriu agradecida quando Jensen terminou.

— Pronto! Embora esteja acima do peso, Mort está muito saudável. Evite oferecer-lhe guloseimas, e estimule-o a ser mais ativo. Isso deve resolver. — Ele sorriu e afagou as orelhas do bichano. — Ah, e mais uma coisa... O que você acha de sairmos nesta sexta à noite?

Elizabeth estava no meio da cozinha, tentando se lembrar por que estava lá. Frustrada, ela voltou para a sala e sentou-se no sofá. Pegou o controle remoto da televisão e ligou o aparelho. A voz do jornalista âncora do noticiário encheu a sala, irritando-a. Ela desligou o aparelho e olhou ao redor, entediada. Deus, por que não conseguia encontrar o foco?

Com um suspiro, levantou-se e passeou pela sala. Não se espantaria se encontrasse uma trilha no assoalho de madeira, de tanto ela andar de um lado para outro.

O fato era que não conseguia se concentrar em nada que não fosse Jensen. Não o via fazia três dias, e quanto mais o tempo passava, mais difícil ficava suportar a distância. E, por mais que soubesse que tinha de se dedicar à pesquisa, ela não conseguia fazer nenhum progresso. Estava desastrada e distraída, e tudo o que tinha conseguido fora bagunçar as amostras de células ainda viáveis. Agora, teria de esperar para colher novas amostras de sangue antes da lua cheia, quando a definição das hemácias era mais aparente.

De repente o telefone tocou, e o som pareceu estremecer a casa silenciosa.

— Alô? — ela atendeu, ofegante.

— Olá, irmãzinha.

Sebastian. Elizabeth mal conseguiu disfarçar a decepção ao ouvir a voz do irmão. No fundo, esperava que fosse Jensen.

— Ah, olá! Como você está?

Um longo silêncio se fez ouvir do outro lado da linha.

— Elizabeth? Você está bem?

— Claro que sim! — ela tentou soar mais empolgada. — Está tudo bem.

— Ótimo. Ouça, Mina e eu estamos planejando ir para West Pines na sexta-feira. O que você acha?

— Acho ótimo.

Elizabeth tentou se animar, mas o medo foi mais forte.

Ela não estava em forma para receber o irmão e a cunhada, embora estivesse com saudades deles.

— Mina e eu somos fãs de uma banda chamada *The Impalers*, e convencemos Christian e Jolee a contratá-los para uma apresentação no bar.

— É mesmo? — Ela não soube por que ficou surpresa. Sebastian teria feito o mesmo se estivessem no ano de 1800. Ele adorava música. Ele e Rhys costumavam contratar quartetos para os

bailes oferecidos na casa de campo. Na certa, aqueles tinham sido os primeiros músicos da história a quebrarem seus violinos no final de uma valsa particularmente empolgante.

— Mina é maluca pela banda. Na verdade, tenho um pouco de ciúme, mas ela fica tão selvagem na cama depois dos shows que não me importo de fazer um pequeno sacrifício.

Uma gargalhada descontraída escapou dos lábios de Elizabeth.

— Por favor, poupe-me dos detalhes da sua vida sexual.

Sim, seria bom rever a amiga. Mina, ou Wilhelmina, como Elizabeth havia conhecido, fora sua colega de quarto. Ela não havia percebido que, enquanto dividiam um apartamento em Manhattan, Mina estava apaixonada por Sebastian fazia muito tempo.

Seria bom vê-la, mesmo que não pudesse conversar com Mina sobre Jensen.

— Eu adoraria ver vocês — declarou com sinceridade.

— Ótimo. Vejo você na sexta-feira.

Na sexta-feira, Jensen se perguntou por que diabos decidira convidar Melanie para sair. Jill ligou três vezes, com a desculpa de pedir orientações sobre seu retriever dourado de dois anos de idade que adorava comer plantas dos vasos e artigos de vestuário. Porém, a preocupação com o cão guloso sempre acabava nas preferências de Melanie, fosse comida, flores ou vinho.

Brian irrompera pela clínica para sugerir casualmente o restaurante que Melanie gostava, e seu avô havia deixado duas embalagens de preservativos na gaveta do banheiro. Charles fizera o mesmo na noite em que Jensen acompanhara Katie ao baile de formatura, e ele tivera oportunidade de usar as duas.

Dessa vez, no entanto, deixou-as no lugar onde as encontrou.

Não pretendia ter relações sexuais com Melanie. Mas quando estava pronto para sair, seu olhar pousou na caixa de preservativos. Ele deveria ter se prevenido com Elizabeth. Ela dissera que não havia risco de engravidar, mas deixara entrever certo desconforto com o assunto.

Queria confiar nela, mas algo não parecia certo. Parte dele ansiava por procurá-la para perguntar novamente e se certificar de que ela não corria o risco de estar grávida. Porém, outra parte, a parte com o ego ferido, se lembrava da mensagem fria expulsando-o da vida dela.

Ele olhou para seu reflexo no espelho e alisou uma ruga invisível na camisa azul. Voltou para o quarto e pegou os sapatos. Quando se sentou na cama para calçá-los, olhou para a fotografia no criado-mudo, uma pose mostrando ele e Katie no dia em que tinham ido para Nova York.

Ele costumava olhar para o retrato todos os dias, analisando tudo o que sua estupidez e

incapacidade havia lhe custado. De súbito, percebeu que mal notara a imagem em mais de uma semana.

Deteve-se no sorriso alegre de Katie, os cabelos loiros em cascata sobre os ombros como um halo de luz pura. Ela ainda era a menina da casa ao lado que ele conhecera na infância, mesmo tendo se transformado numa mulher bonita.

O que acontecera na última semana? Nem mesmo uma semana havia se passado, na verdade, mas era como se Elizabeth fizesse parte da sua vida por muito tempo.

— O que você acha, Katie? — perguntou para a imagem sorridente.

Ele fixou os olhos cinza-azulados como se fosse encontrar uma resposta. Com um suspiro, voltou a amarrar os sapatos.

Sair com Melanie seria a coisa certa a fazer. Era o tipo de mulher que Katie teria escolhido para ele. Ambos possuíam as mesmas ambições: uma casa, uma família, a alegria simples e pura de compartilhar a vida.

Imediatamente, seu pensamento voltou para Elizabeth. Ela certamente não desejava esse tipo de coisa. Mesmo que se mostrasse interessada, tratava-se de um relacionamento que acabaria condenado ao fracasso.

— Você está certa — disse ao retrato, como se Katie tivesse respondido. — Melanie é a escolha certa.

Sim, ela era a escolha inteligente, e segura.

— Eles não são o máximo?

Mina se inclinou sobre a mesa na direção de Elizabeth e gritou acima do ruído da música.

Ela concordou e olhou para a banda. Todos os membros, obviamente, eram algum tipo de imortais.

Elizabeth sorriu. Era bom ver a amiga feliz. Mina e Sebastian eram a prova viva de que existiam almas gêmeas. Na verdade, seus três irmãos eram a prova disso. A imagem de Jensen dançou em sua mente, e ela afastou a lembrança, concentrando-se na banda no palco.

Não havia como negar o efeito do rock pesado sobre a multidão que lotava o Leo's. Ela também tentou se contagiar, mas a lembrança de Jensen era mais forte. Talvez porque tivessem se conhecido naquele bar, ou simplesmente porque, ultimamente, ela não conseguia pensar em outra coisa que não fosse ele.

A banda encerrou a primeira parte da apresentação e o bar lotado explodiu em aplausos.

Elizabeth fez o mesmo, obrigando-se a não pensar em Jensen.

— Sebastian, você poderia pegar outra bebida para mim? — Mina sorriu docemente para o marido.

Ele assentiu e se afastou, deixando as duas amigas à sós.

— E então, o que está acontecendo? — Mina se inclinou sobre a mesa e encarou a amiga.

— Do que você está falando? — Elizabeth se fez de desentendida.

— Você ficou a milhas de distância durante toda a noite, e parece exausta.

Elizabeth se surpreendeu que Mina tivesse percebido alguma coisa além da música e de Sebastian.

— Tenho trabalhado muito.

Ela abaixou o rosto, consciente da mentira. Não conseguira desenvolver sua pesquisa nos últimos dias. Passava o tempo todo ansiando por Jensen com o patético coração partido.

— *Você sempre* trabalhou muito — Mina observou.

Sim, era verdade. Quando morava com Mina em Nova Iorque, ela se dedicava em tempo integral ao trabalho. Sua pesquisa era o foco principal, quase uma obsessão. Agora, só havia Jensen.

— Acho que estou ficando desanimada.

Também era verdade. Elizabeth estava frustrada com a última formulação do soro, uma vez que nada havia mudado. Na verdade, a lua atingiria a plenitude em poucos dias, e ela já sentia os prenúncios da mudança, como sempre fora nos últimos cento e oitenta e oito anos.

— Eu achei que a mudança para West Pines ajudaria. Você gosta do silêncio.

Normalmente, ela adorava o silêncio. Mas, e agora?

Ela suspirou, desejando compartilhar com Mina tudo o que estava acontecendo. Porém, não podia. Nem ela própria saberia como explicar sem soar terrivelmente sórdida.

— Aqui está seu vinho, amor. — Sebastian surgiu atrás delas, interrompendo o curso dos pensamentos.

Decididamente, não era momento para falar sobre Jensen. Sebastian colocou uma taça de vinho branco diante dela, e Elizabeth a afastou.

— Eu não pedi vinho — declarou, forçando um sorriso.

— Eu sei, mas achei que lhe faria bem.

O sorriso compreensivo do irmão sugeria que ele também notara algo estranho no comportamento dela.

— Vocês são amigos do pessoal da banda? — perguntou, desviando o foco da atenção para outro tema.

— Você não reconhece o vocalista? — Sebastian arregalou os olhos, incrédulo.

Elizabeth olhou para o palco e avaliou os músicos. Não, nenhum deles parecia familiar.

— Não — ela disse finalmente. — Quem é?

— Renauldo D'Antoni. Ele tocou piano no seu décimo-sexto aniversário.

Elizabeth avaliou-o com mais atenção e balançou a cabeça em negativa.

— Espere até o próximo intervalo, e vou apresentá-lo novamente.

Ela assentiu, sentindo-se estranhamente confusa. Só no mundo dos mortos-vivos e imortais era possível se deparar com alguém que ela não via desde seu aniversário em 1898. Mesmo sendo da mesma espécie, o fato ainda parecia surreal. E a constatação a fez pensar que aquele era mais um motivo para não se relacionar com Jensen. Eles nunca formariam um casal normal.

Ela imaginou como seria se encontrassem Renauldo por acaso na fila do cinema: "Jensen, esse é Renauldo. Ele tocou cravo no meu aniversário de dezesseis anos, na virada do século passado".

Elizabeth levou a taça de vinho aos lábios com o desejo de se afogar nele. Contudo, assim que a bebida envolveu sua língua, ela sentiu uma onda de náusea. Não costumava tomar vinho, mas sabia que Sebastian tinha escolhido uma boa safra. Talvez a reação fosse mais um efeito colateral do soro.

Suspirou, satisfeita por, pelo menos, Mina e Sebastian terem concentrado a atenção na música que voltara a preencher o ambiente.

Voltou a estudar o vocalista, tentando se lembrar de seu aniversário de dezesseis anos, quando um calafrio a percorreu, eriçando a penugem da nuca.

Ela sentiu todo o corpo se agarrando à vida, cada célula consciente da mudança na sala.

Lutou contra o desejo de se levantar e procurar o foco da inquietação que a acometeu. No fundo, ela sabia que somente uma pessoa poderia provocar aquela reação: Jensen.

Permaneceu imóvel por mais um momento, e então, lentamente, olhou por cima do ombro.

Jensen entrou no bar com uma mulher, a mesma loira da noite em que tinham se conhecido. Ele mantinha a mão sobre as costas dela, num gesto protetor.

Elizabeth apertou os dentes, reprimindo a ira, e forçou-se a se virar.

Jensen não era dela. Dissera-lhe que não queria vê-lo novamente. Ele tinha todo o direito de ter encontros e seguir em frente. Não podia se sentir traída por isso.

No entanto, foi o que sentiu. Uma dor pontiaguda atravessou seu coração como um punhal ao vê-lo tocar outra mulher. Testemunhar o amor da sua vida, o homem que ela confiava e adorava, com outra pessoa a aniquilou.

Ele não é o amor da sua vida. Ele é um mortal. Você é uma mulher-lobo. Seria como um pássaro e um peixe se apaixonarem.

Elizabeth se obrigou a fingir que a visão de Jensen com a mulher não a machucava. Talvez, se fingisse, deixasse de ser verdade.

Jensen disse a si mesmo que somente escolhera aquele bar porque o garçom do Pine Inn West lhe dissera que uma grande banda se apresentaria naquela noite.

O rapaz parecia ser muito jovem para apreciar rock clássico, mas ponderou que os clássicos nunca morriam. E o garçom não havia mentido. Jensen notou a qualidade da banda logo que entrou no ambiente lotado.

Como por milagre, ele encontrou uma mesa livre e sentou-se com Melanie. Não seria tão mal, ele pensou. Até que seria divertido assistir a um show, ouvir boa música e conversar.

De repente, ele se flagrou examinando o bar, à procura de longos cabelos escuros e olhos azul-claros. Forçou-se a mudar o foco da atenção e se concentrar em Melanie.

Esforçou-se para ouvi-la, e percebeu que ela perguntava alguma coisa sobre Brian e Jill.

— Desculpe... — Ele deu um sorriso envergonhado. — Eu não ouvi o que você disse. — Gesticulou em direção ao palco. — A música está muito alta.

Pelo menos, a desculpa foi razoável. Ela assentiu e se inclinou para mais perto.

— Eles são muito bons!

Jensen concordou, voltando a atenção para o palco. Mas dessa vez, não viu os músicos, e sim, exatamente o que esperava: Elizabeth.

Ele relanceou o olhar para Melanie, receando que ela percebesse seu interesse pela morena exuberante com traços delicados e olhos hipnóticos.

Era óbvio que Melanie não podia ver os olhos de Elizabeth. Ela estava de perfil, alheia à presença dele.

Jensen sentiu o suor frio banhar-lhe a testa. Pensou em dizer a Melanie que não estava se

sentindo bem, e que a música alta o deixara com dor de cabeça. Poderiam sair antes que Elizabeth percebesse sua presença.

Fitou-a de novo, contendo o desejo insano de ir até ela. Então, lembrou-se de que Elizabeth deixara bem claro que não queria vê-lo. Ademais, estava num encontro com outra mulher, que não merecia estar metida na sua confusão sentimental.

Que diabo ele estava pensando? Seria impossível ficar ali, parado, sabendo que Elizabeth estava a poucos passos de distância. Ele se virou para Melanie a fim de lhe dizer que aquele encontro havia sido um erro. Porém, quando abriu a boca para falar, o irmão de Elizabeth parou diante dele, com aquele olhar pálido penetrando sua alma. A julgar pela expressão hostil no rosto dele, era óbvio que se lembrava de Jensen, assim como não aprovava o fato de o homem que fora procurar por sua irmã dias atrás estar com outra mulher.

Claro, o rapaz não tinha idéia de por que ele perguntara pela irmã. Podiam ser apenas amigos, ou então, ele passara por lá para devolver algo que Elizabeth perdera. No entanto, Jensen ficou com a sensação de que o irmão dela estava consciente do motivo de querer vê-la. Estava na cara que aquele homem era do tipo superprotetor.

— Vocês querem alguma bebida? — ele perguntou com expressão inescrutável.

— Vodca com tônica para mim — Melanie pediu. — E para você, Jensen?

Ele se retraiu ante a animosidade do homem, o que considerou injustificada. Porém, era intensa o bastante para constrangê-lo.

— *Club* soda, por favor — mal conseguiu balbuciar.

O irmão de Elizabeth assentiu com a cabeça, os olhos gelados de inverno, e saiu para apanhar as bebidas.

— Você nunca bebe? — Melanie perguntou, sem julgamento no tom e voz.

— Não. Acho que sou um tanto caipira.

Para não mencionar um idiota total por tê-la levado àquele bar, ele completou para si. Se estivesse sozinho, poderia procurar outra mulher, a mesma que lhe dissera para desaparecer da vida dela,

— Bem, não beber é mais interessante do que beber demais. — Ela sorriu, assinalando que aquele era um ponto a favor de Jensen.

Ele sorriu, forçando-se a não olhar para Elizabeth, embora cada fibra do seu ser clamasse por estar perto dela.

— Oh, eu adoro essa música! — Melanie disse, chamando a atenção de volta para ela.

Ele registrou a canção, tentando desesperadamente se interessar por Melanie, enquanto seus olhos eram atraídos contra sua vontade na direção de Elizabeth.

Elizabeth assentiu sobre algo que Mina disse, possivelmente, sobre sua lua de mel. Mas ela não conseguia acompanhar as palavras da amiga. Na verdade, estava muito próxima de verter lágrimas, e sabia que não conseguiria disfarçar por muito tempo. A aflição que sentia parecia se espalhar como um perfume denso a sua volta.

— Elizabeth? O que há de errado?

Mina tinha percebido seu estado emocional, e a julgar pela carranca de Sebastian, ele também notara.

— Não há nada errado.

A afirmação não foi o suficiente para dissuadi-los, mas ela não conseguia pensar em mais nada para dizer. Engoliu a dor, tentando não olhar para Jensen. Porém, ele era como farol aceso na noite escura, e se não o fitasse, acabaria esmagada nas rochas.

Certo, talvez estivesse sendo dramática demais, mas naquele momento, a definição parecia perfeita. Deus, como o queria! E como a feria ver aquela mulher tocar seu homem.

Ela lembrou-se vagamente de observá-los no bar, uma semana atrás. Agora, parecia que aquela noite acontecera havia um século.

— Preciso de um pouco de ar fresco — ela murmurou, consciente de que não seria capaz de manter as emoções sob controle por muito tempo.

Levantou-se, quase derrubando a cadeira com a necessidade de escapar dali.

— Elizabeth! — Sebastian se levantou prontamente, embora com muito mais elegância que ela.

— Dê-me um minuto. — Ela ergueu a mão para detê-lo. — Eu ficarei bem.

Ela forçou um sorriso hesitante, duvidando de que algum dia pudesse ficar bem novamente. Apressada, correu por entre as mesas, tentando impor a maior distância possível de Jensen e aquela mulher. Ao passar pelo balcão, viu Christian, com uma carranca arruinando seus traços perfeitos. O irmão fez menção de chamá-la, e ela levantou a mão mais uma vez.

Uma vez fora do bar, ela contornou a esquina e desabou na parede lateral da construção, escondida pelas sombras.

Elizabeth cobriu o rosto com as mãos trêmulas e deixou escapar o grito estrangulado. Desejava desesperadamente a única coisa que não podia ter.

— Você a conhece essa mulher?

Jensen fez uma careta e desviou o olhar da porta que Elizabeth atravessara correndo. Fitou Melanie como se tivesse acabado de se lembrar que ela estava ali.

— Sinto muito — balbuciou, tomando um gole da bebida. — Que mulher?

— Aquela que passou correndo por aqui.

— N-não.

Ele forçou um sorriso. Na verdade, ele não sabia nada da vida de Elizabeth exceto que ela aparentava ter a mesma idade que ele, vinte e oito anos, era cientista, morava numa fazenda abandonada e tinha uma doença rara, além de exercer sobre ele uma atração capaz de aniquilar a razão. No entanto, em alguns aspectos, ela parecia ter ultrapassado sua vida a tal ponto que não conseguia se lembrar de uma época em que Elizabeth *não* estivesse em sua mente.

— Quero dizer, eu a conheço de vista — corrigiu.

Melanie assentiu, e ele quase podia ver as engrenagens girando por trás dos olhos azul-claros. Melanie era uma mulher inteligente. Jensen sabia que ela estava considerando a reação dele.

Olhou para a porta, que permanecia fechada. Onde Elizabeth teria ido? Na certa, desaparecera como sempre fazia.

Quando ele virou o rosto, encontrou Melanie observando-o, e ficou claro que ela não havia acreditado nas palavras vagas.

— Você me trouxe aqui para fazer ciúmes a outra mulher? — A voz modulada denunciou o ligeiro tremor.

— Não. Claro que não! Eu só...

O que poderia dizer? Jensen respirou fundo. Até então, não percebera que seu subconsciente havia tramado contra ele. Melanie se levantou e ajeitou a alça da bolsa no ombro.

— Talvez devêssemos encerrar a noite.

Ele pensou em impedi-la, mas não havia sentido em tentar consertar a situação. Agira como um bastardo com uma mulher que não merecia tamanha falta de consideração.

— Deixe-me pagar as bebidas.

Ele se dirigiu ao balcão e viu que o irmão de Elizabeth conversava com outro homem. A semelhança fisionômica entre eles era evidente. Os dois homens se voltaram para encará-lo. As

expressões duras não deixaram dúvida de que eram irmãos e, portanto, ambos relacionados a Elizabeth. E eles não estavam felizes.

— Olá — cumprimentou-os com um sorriso torto. — Eu gostaria de pagar a conta.

— Você vai sair? — perguntou o irmão que Jensen vira primeiro.

— Sim.

— Ótimo, porque você está perturbando nossa irmã. Jensen assentiu e retirou a carteira do bolso.

— Acredite, essa não é minha intenção.

Os dois homens se entreolharam como se não acreditassem.

— Então, quanto devo?

— Nada — disse o irmão de olhos pálidos. — Basta deixar Elizabeth em paz.

— Não se preocupe, eu não vou perturbá-la.

Mais uma vez, nenhum dos irmãos pareceu convencido.

— Obrigado — Jensen murmurou, voltando para perto de Melanie.

Ela se levantou sem dizer nada e o seguiu para a saída.

Uma vez no estacionamento, Jensen não resistiu ao impulso de procurar a moto de Elizabeth.

Recriminando-se pela fraqueza, concentrou-se em levar Melanie para casa, esperando não ter maiores aborrecimentos. Mortificado, relanceou o olhar para ela. Nunca fizera nada parecido com uma mulher. Desde que havia conhecido Elizabeth, passara a cometer um erro atrás do outro.

O percurso para a casa Melanie transcorreu num pesado silêncio. Ao estacionar a caminhonete na calçada, ela o encarou.

— Jill me disse que você foi muito apaixonado por sua noiva.

— É verdade — Jensen admitiu, olhando para um ponto invisível no pára-brisa.

— Ela também me contou que você nunca saiu com outra mulher desde o momento em que conheceu Katie. — Ele assentiu sem fitá-la. — E que você não notou ninguém desde que ela faleceu.

Jensen engoliu em seco. Será que Melanie queria dizer que duvidava das informações de Jill?

— Eu passei por um momento difícil e estou tentando seguir em frente.

— Sei disso. — Melanie o fitou com simpatia. — Qualquer um poderia ver o quanto você queria correr atrás daquela mulher no bar. Ela é a única que você quer?

Jensen respirou fundo.

— Não sei.

Contudo, ele sabia. Queria desesperadamente Elizabeth. Ela ofuscaria tudo o que ele sentia por Katie, embora admitir tal coisa o deixasse pior.

— Bem, eu sei — Melanie afirmou. — Estava escrito no seu rosto quando ela saiu do bar. Você devia ir falar com ela e revelar o que sente.

Ele já fizera isso, ou pelo menos, tentara. Elizabeth não o queria.

Melanie estendeu o braço e tocou-o com gentileza.

— Você precisa falar com ela. — Endereçou-lhe um sorriso encorajador. — Faça isso.

Ele a encarou por um instante, e um sorriso encabulado curvou seus lábios.

— Eu sinto muito por tê-la envolvido nessa bagunça, Melanie. Não era minha intenção quando a convidei para sair.

Ela sorriu de volta, embora a curvatura dos lábios denotasse mais tristeza do que alegria.

— Eu sei. Jill também me disse que você é um homem excepcional.

— Embora meu comportamento prove o contrário — ele acrescentou, mortificado.

— Não vou julgá-lo. — Melanie deu de ombros. — Não escolhemos a quem amar. O amor simplesmente acontece.

Jensen não teria acreditado nisso uma semana atrás. Agora, porém, sabia que era a mais pura verdade.

Capítulo VII

Elizabeth obrigou-se a voltar para o bar. Quando entrou, sabia que Jensen havia partido. O ar estava diferente. Em vez de se sentir melhor como imaginava, ela ficou ainda mais deprimida.

E se ele tivesse levado a loira para a casa dele?

— Lizzie? — Mina chamou, indo ao encontro dela. — Você está bem?

Elizabeth estacou ao ouvir o apelido. Não era chamada assim fazia algum tempo e se surpreendeu com a rapidez com que o abandonara. Precisava se lembrar quem realmente era, pois assim, seria mais fácil aceitar que não poderia estar com um mortal. Ela era Lizzie Devlin, mulher-lobo, companheira de Brody Devlin, e não Elizabeth Young, a fidalga que teria se casado, tido filhos e vivido uma existência normal. Tinha de se lembrar que Jensen teria tudo aquilo que ela havia perdido.

Fez um gesto indicando que se sentassem nas poltronas da entrada do bar e suspirou.

— Estou cansada, só isso — afirmou, incomodada por mentir.

Mina podia sentir todas as emoções que irradiavam dela. Mesmo assim, não podia dar voz à verdade. A amiga não entenderia.

— Quem é ele?

Elizabeth fingiu não entender a profundidade da pergunta.

Encolheu os ombros e tentou sorrir.

— Ele é apenas um homem comum.

— Um homem comum? — Mina meneou a cabeça. — Ele é muito mais que isso. Nós todos podemos sentir.

Ela abaixou o rosto, sentindo as lágrimas indiscretas marejar os olhos. Vampiros e sua capacidade de ler emoções!

— Sim, ele é. Eu não sei o quê, exatamente.

— Você está apaixonada — Mina definiu com precisão. Elizabeth fitou a amiga e ergueu os ombros com um sorriso resignado.

— Na verdade, é mais que uma paixão, querida. Você o ama, e ele também a ama. Está claro no ar.

— Não... Não! — Elizabeth gemeu, balançando a cabeça com força.

— Lizzie... — Mina se inclinou e pegou a mão dela. — Por que você está reagindo assim? Amar é maravilhoso!

— Eu não posso ficar com ele, Mina. Sou uma mulher-lobo.

— Shh... — A amiga olhou ao redor para ter certeza de que ninguém ouvira. — E daí? Ele pode aprender a aceitar. Veja Jane e Jolee. Elas aprenderam a aceitar seus irmãos.

— Não é a mesma coisa.

— Por que não? Vampiros são mais difíceis de lidar do que lobisomens. Afinal, você pode voltar ao normal no mesmo dia. O sol não é uma ameaça. Você pode comer. Enfim, pode ter vida normal, exceto na lua cheia.

— Você não entende. Eu não posso ficar com Jensen porque, mesmo que ele pudesse me aceitar, eu sou casada.

Mina a encarou, e ela leu a pergunta explícita na expressão dela.

— O nome do meu parceiro é Brody Devlin. E, francamente, ele não tem bom caráter. Encontrou-me por acaso, pois era um ressurreicionista. — Mina franziu o cenho, e ela explicou: — Ele desenterrava cadáveres frescos e vendia para faculdades de medicina ou cientistas. Ou seja, Brody violava túmulos.

Mina abriu a boca, sem conseguir esconder o choque

— Eu sempre tive saúde frágil... Isto é, antes de me transformar — ela explicou. — Quando estava com dezessete anos, fui atacada repetidamente pela vampira que transformou Christian e Rhys, como uma espécie de vingança. Lilah era o nome dela.

— Sebastian me contou a respeito. — Mina balançou a cabeça, indignada. — Rhys e Christian não se falaram por mais de um século por causa dessa criatura.

— Lilah drenou quase todo o meu sangue, e fiquei tão debilitada que todos julgaram que eu estava morta — Elizabeth prosseguiu com expressão distante. — No dia do sepultamento, Brody estava no cemitério, como sempre fazia quando havia algum funeral na cidade. Ele violou o túmulo logo que todos se afastaram e encontrou-me quase morta. Levou-me para a matilha e cuidou da minha saúde. Quando eu estava bem o suficiente para voltar para casa, tudo havia mudado. Meus irmãos tinham desaparecido. Acreditava-se que estavam mortos.

— Oh! Pobrezinha... — Mina murmurou, comovida.

— Então, concordei em ficar com a matilha. Aceitei me tornar um deles e acasalei com Brody.

— Seus irmãos sabem disso?

— Não de toda a verdade.

— Por quê? Tenho certeza de que eles entenderiam. Elizabeth olhou para Christian e Sebastian, que conversavam perto dali.

— Talvez. Mas eu não posso perdoar a mim mesma. A matilha de Brody era a escória da Londres. Ladrões, bêbados, prostitutas. E quando me vi sozinha, preferi ficar com eles em vez de fugir. Eu estava com muito medo de ir embora. Deixei de ser Elizabeth, a gentil dama nascida em berço de ouro, e me tornei Lizzie. Roubei, menti, violei sepulturas... — A voz se tornou embargada, e ela abaixou os olhos. — Não posso suportar a lembrança de tudo o que vi.

— Querida, você fez o que foi preciso para sobreviver, e foi embora quando estava forte o suficiente. — Mina apertou a mão dela com mais força. — Você não tem do que se envergonhar, e sabe que eu sou testemunha do seu esforço para seguir em frente e ter uma vida digna.

Elizabeth estudou o rosto da amiga, sentindo a mais profunda gratidão.

— Mas ainda sou casada. Então, como posso estar com Jensen?

Mina balançou a cabeça, considerando a pergunta.

— Eu não sei. Mas, pelo que senti no ar, vocês dois não podem ficar distantes.

Elizabeth suspirou. Mina estava certa. Fora ingênua ao pensar que poderia simplesmente mandar Jensen embora.

Jensen reduziu a marcha da caminhonete no final da estrada Boyd. O que estava fazendo? Ele havia jurado centenas de vezes que não procuraria Elizabeth enquanto dirigia sem rumo por mais de duas horas.

As palavras de Melanie ecoavam em sua cabeça.

Você precisa falar com ela.

E quando vira Elizabeth no bar, ela parecia magoada. Tinha de saber que estava bem.

Ele olhou para a estrada de terra, hesitando por um segundo, e girou a direção, seguindo pela pista esburacada.

A motocicleta estacionada no jardim confirmou a presença de Elizabeth. A casa estava às escuras, exceto pela luz brilhando na varanda. Ele estacionou a poucos metros de distância e saltou da cabine, notando o halo de luz na porta do celeiro. Talvez ela estivesse trabalhando.

Seguiu para lá sem saber o que diria e parou à porta com a mão na trava de madeira. De repente, percebeu um relance de movimento com o canto dos olhos. No instante seguinte, ele foi atingido com a força de um aríete.

O impacto foi tão intenso que bloqueou-lhe a respiração, enquanto era arremessado com violência contra o chão frio. Ele rolou, tentando inalar, mas antes que pudesse reagir, dedos poderosos o agarraram pela gola da camisa.

Jensen foi levantado do chão e atirado contra a lateral do celeiro. As ripas estalaram, ferindo-lhe as costas e ombros.

Ainda sem saber o que tinha acontecido e quem o atacara, ele foi agarrado novamente.

Obrigando-se a manter a calma, Jensen apertou os olhos, procurando discriminar as formas da criatura que o mantinha balançando no ar como um inseto.

— Você disse que não perturbaria Elizabeth.

A voz soava familiar, mas ele levou um momento para registrar o timbre de Christian. Notou a outra silhueta escura a poucos metros, andando de um lado para outro como se estivesse esperando ansiosamente pela sua vez.

— Você...

As palavras foram interrompidas por uma leve pancada por trás deles. Em seguida, a porta da frente da casa bateu com estrondo. Jensen permaneceu imóvel. A cabeça latejava e os ombros pareciam estar moídos. No entanto, ele conseguiu superar a dor quando Elizabeth surgiu no seu campo de visão, de pé na varanda, imóvel, como se tentasse entender o que estava vendo. De súbito, ela desceu correndo os degraus de pedra.

— Coloque-o no chão! — ela bradou, furiosa, parando ao lado do irmão. — Christian, o que você está fazendo?

— Ele foi avisado de que devia ficar longe de você. — Christian desviou o foco para a irmã. — Mas não quis ouvir.

— Oh, meu Deus! — Elizabeth gemeu. — Vocês acham que ainda tenho quinze anos e preciso dos meus irmãos mais velhos para cuidar de mim?

— Este idiota está aborrecendo você — o outro irmão se manifestou, avançando para perto de Jensen. — Nós não permitiremos que ele a incomode novamente.

Jensen tentou se defender, o que se mostrou inútil. Sem fôlego e pairando no ar, ele mal conseguiu fechar os olhos.

— Sebastian, não! Christian, coloque-o no chão agora mesmo!

Christian fulminou Jensen com o olhar um segundo antes de soltá-lo. Ele caiu como uma fruta madura, mal conseguindo ganhar o equilíbrio quando seus pés tocaram o chão. Reunindo toda a dignidade que lhe restava, ajeitou a gola da camisa obrigando-se a não mostrar sua dor.

— Vocês dois podem ir agora — Elizabeth dirigiu-se aos irmãos com voz mais rouca que o normal.

— De jeito nenhum! — Sebastian retrucou, cruzando os braços num gesto obstinado. — Elizabeth, deixe-nos mandá-lo embora.

— Não é preciso — Jensen finalmente encontrou a voz. — Se Elizabeth quiser, partirei de bom grado. — Ele a fitou, ansioso por ler sua expressão. — Elizabeth, é você quem deve me mandar embora, e não seus irmãos.

Christian emitiu um ruído abafado e deu um passo em direção a Jensen. Ele não se mexeu, mas retraiu o abdômen à espera de outro golpe duro. Contudo, antes do contato, Elizabeth segurou o irmão pelo braço.

— Não! Não toquem nele. Jensen, eu quero que você fique.

— Elizabeth... — Sebastian começou, mas ela se virou para encará-lo.

— Vocês dois precisam ir. Tenho de falar com Jensen.

Christian e Sebastian se entreolharam e afastaram-se com relutância. Passaram entre a irmã e o homem que, obviamente, julgavam ser a semente de Satanás.

— Desapareçam daqui! — ela grunhiu, como se estivesse espantando um par aborrecido de pragas.

— Elizabeth...

— Basta, Sebastian! Eu sou uma mulher feita. Posso lidar com isso.

Mais uma vez os irmãos se entreolharam.

— Não é com você que estamos preocupados — Sebastian declarou, e mesmo com a falta de iluminação, Jensen soube que olhava para ele como quem vê um degenerado.

— Por favor, deixem-nos a sós — ela insistiu, e o tom de voz denotou cansaço.

— Está bem — Christian finalmente concordou. — Telefone se precisar de alguma coisa.

Ela assentiu sem se mexer, e os dois homens se afastaram não sem antes endereçar um olhar a Jensen, anunciando que ele seria um homem morto se tocasse num só fio de cabelo de Elizabeth.

Logo que se afastaram, o ruído macio de um motor preencheu o silêncio, e Jensen avistou o Porsche prateado desaparecer na estrada. Ele deu um passo na direção de Elizabeth e ela ergueu a mão para detê-lo, tal como fizera com seus irmãos.

— Jensen, por que você está aqui?

— Eu tinha de vê-la.

— Por quê? Aquela loira parecia perfeita. Ela é linda e combina com você. Deveria voltar para ela.

— Bem... — Jensen avançou um passo, mantendo movimentos lentos e constantes como se estivesse se aproximando de um animal arisco. — Eu sei que seria melhor se eu estivesse com ela.

Mesmo na escuridão, ele percebeu a expressão incrédula no rosto de Elizabeth. Ela deu-lhe as costas e caminhou na direção da casa, com longas passadas.

— Vá atrás da sua loira! — ela gritou por cima do ombro. — Você não devia ter vindo.

Ele correu para alcançá-la nos degraus da varanda. Agarrou-a pelo braço e a impediu de se mover. Ainda assim, ela não se virou para fitá-lo.

— Elizabeth... — ele começou, suavemente —, você sabe tão bem quanto eu que não conseguimos ficar separados. Quero apenas que me diga por que você não quer nos dar uma chance.

Ela ergueu a cabeça e respirou fundo. Jensen fitou os olhos translúcidos e os lábios exuberantes. Notou que ela havia chorado, e sentiu-se o pior do mortais.

— Eu não queria magoar você esta noite.

Os olhos se estreitaram, e ele adivinhou as emoções em conflito que se escondiam por trás do brilho intenso.

— Eu não sou tão boa quanto você imagina — ela declarou, interrompendo o contato visual.

— Eu sei que você é.

— Como pode, depois da maneira como eu tenho agido? Por Deus, eu tenho perseguido você!

— E eu acho sua perseguição particularmente agradável.

Jensen sorriu, consciente de que o rosto dela estava ruborizado, embora a falta de luz não permitisse confirmar. Ele ainda a mantinha presa pelo pulso, e tocou-lhe o cabelo com a mão livre, ajeitando as mechas caídas sobre a testa.

— Elizabeth, nós não sabemos muito um do outro além dessa atração visceral que sentimos. Eu quero ter oportunidade de conhecê-la, se você permitir.

Ela começou a sacudir a cabeça, mas ele interrompeu o movimento, declarando bruscamente:

— Se você decidir que não sou o homem certo, vou deixá-la para sempre. Mas, antes disso, temos de nos conhecer.

— Jensen, eu não sou a melhor escolha para você — ela declarou com convicção.

— Eu gostaria de ter o direito de decidir. — Jensen sorriu e seu olhar recaiu nos lábios entreabertos.
— Por favor, confie em mim.

O sorriso dele se alargou, embora acentuasse o tom melancólico. Ela não estava negando o pedido, mesmo que não o confirmasse.

— Quero que você seja minha namorada.

Ela levantou uma sobrancelha diante da sugestão.

— Você acha que podemos namorar depois de... das "coisas" que já fizemos?

— Por que não? E não vamos fazer essas "coisas" até decidirmos que realmente gostamos um do outro.

Elizabeth abaixou o rosto. Era difícil olhar para Jensen, tanto pelo próprio constrangimento quanto por recear não resistir ao sorriso atraente.

— Você tem de admitir que primeiro fazer amor para depois namorar é uma maneira avessa de começar um relacionamento.

— E daí? — Ele deu de ombros. — Não há caminho certo ou errado. Eu só quero a oportunidade de conhecê-la.

Era o que Elizabeth também queria. No entanto, Jensen não podia saber tudo sobre ela.

As palavras de Mina ecoaram em sua cabeça. Sim, talvez ele entendesse. Bastava dizer-lhe que se transformava em loba uma vez por mês. Fora isso, o relacionamento poderia ser tão normal quanto qualquer outro.

Ela quase riu do pensamento. Era impossível se tornar a esposa de Jensen e viver com ele como se fossem um casal comum. Ademais, ela estava ligada a outro homem, mesmo que não quisesse.

Mesmo assim, quando fixou a esperança reluzindo nos olhos verdes, os lábios dela se movimentaram como se tivessem vida própria.

— Está bem.

O que ela estava fazendo? Não podia ser a namorada de Jensen! A idéia era ridícula!

Jensen ergueu o rosto para o céu e fechou os olhos, como se fizesse uma prece silenciosa de gratidão.

— Nesse caso, devemos começar nosso namoro agora mesmo. Quero voltar ao bar do seu irmão — ele declarou, decidido.

— Não é uma boa idéia, Jensen. Meus irmãos não estão exatamente morrendo de amores por você no momento.

— Sim, eu percebi.

Ela fez uma careta e pousou as mãos nos ombros dele. Os dedos se insinuaram pelo peito, abrindo os botões da camisa. Elizabeth soltou uma exclamação abafada quando viu os hematomas deixados pela agressão de Christian.

— Oh, meu Deus! Eu sinto muito, Jensen.

Ela arrastou os dedos levemente sobre as marcas como se o toque pudesse apagá-los.

— Você devia parar com isso — ele gemeu, ofegante. — Ainda não tivemos nosso primeiro encontro oficial.

Elizabeth franziu o cenho, confusa a princípio. Compreendeu somente quando percebeu a ereção massiva que seu toque provocava.

— E então, vamos para o bar? — ele insistiu.

Ela tentou afastar o desejo crescente e se concentrar nas palavras.

— O bar? Não, Jensen. Você está machucado. Seria melhor ir para casa descansar. Prometo que vou vê-lo amanhã.

— Não. Nós nos conhecemos no bar, e quero oficializar nosso namoro lá, num encontro real.

— Mas já passa da meia-noite — ela comentou, olhando no relógio de pulso. — Não é um pouco tarde para um encontro?

— O bar fica aberto até as três horas da madrugada. Não temos muito tempo, mas é um começo.

Elizabeth riu da persistência obstinada.

— Por favor, Elizabeth. Vamos começar tudo de novo.

— Eu não estou vestida para sair — ela argumentou, apontando para a confortável calça de moletom acinzentada.

Jensen deu um passo adiante e tocou-a de leve no rosto.

— Eu acho que você está linda. — Estudou-a por um momento e fez um gesto na direção da caminhonete. — E melhor irmos andando. Ouvi dizer que há uma grande banda se apresentando no Leo's esta noite.

O argumento a pegou desprevenida, e ela riu.

— Eu ouvi a mesma coisa.

Jensen estendeu a mão e ela a aceitou, adorando o contato da palma contra o calor que a envolveu.

Ele a conduziu até a porta do passageiro e abriu para que ela entrasse. Elizabeth lançou' um olhar de soslaio para a boca mais bonita que já tinha visto. Como resistir àquele homem?, pensou, observando-o contornar a frente da caminhonete e assumir a direção.

Elizabeth tentou se concentrar na estrada, no som do motor, em sua própria respiração, mas tudo o que conseguia se lembrar era do que havia feito naquela cabine.

— Isso é mais difícil do que eu pensava. As palavras a distraíram dos pensamentos.

— O quê?

— Fingir que este é nosso primeiro encontro.

— Sim — ela concordou. — E você ainda nem conheceu Rhys.

— Rhys? — Jensen se encolheu no banco. — Ele também está no Leo's?

— Não — Elizabeth respondeu com uma risada.

— Eu posso lidar com seus irmãos. Basta que eles parem de saltar sobre mim e de me suspenderem no ar.

Elizabeth mordeu a língua para não mencionar que eram vampiros, e que fora uma luta injusta. Mas decidiu que seria difícil de explicar.

— Meus irmãos são muito bons — ela sentiu necessidade de dizer, consciente de que, se eles conhecessem Jensen, concordariam que era o homem certo para ela.

Por um momento, a imagem de Brody brilhou em sua mente. Enorme, despenteado, grosseiro..., Ele não chegava aos pés de Jensen. Afastou o pensamento, arrependida das escolhas que fizera na vida. Desejou ter sido mais forte. Mas, como dissera Mina, ela tivera de sobreviver.

— Você tem três irmãos? — Jensen desviou os olhos da estrada e observou-a assentir. — Bem, não há dúvida de que você é amada. É a caçula?

— Sim, eu sou a caçula.

— Bem, é bom ter uma família que se preocupa com você.

Ela notou que as mãos de Jensen tremiam ligeiramente quando estacionou o carro diante do bar.

— Jensen, nós não precisamos entrar.

— Eu quero entrar — garantiu ele com convicção.

Ele estava determinado, e Elizabeth percebeu que sua decisão fora baseada em mostrar aos seus irmãos que não estava intimidado. Ela sorriu, achando a atitude estranhamente atraente e doce.

— Sim, é bom ter uma família — concordou com um sorriso. Reaver o amor dos irmãos havia sido uma das conquistas mais importantes da sua vida. — Mas tenho de informá-lo de que eles adoram agir como valentões.

Jensen ergueu os ombros de novo, como se não se importasse.

— Eu teria feito o mesmo, se tivesse uma irmã linda como você.

O bar ainda estava lotado, apesar do adiantado da hora. A banda ainda tocava no pequeno palco normalmente alocado para os cantores de karaokê.

Elizabeth viu Christian e Sebastian olharem na direção dela logo que entrou. Christian fez menção de contornar o balcão para abordá-los, mas Jolee colocou a mão em seu braço e o impediu. Sebastian observou cada movimento deles, sentado no banco ao lado de Mina.

— Quanto mais longe, melhor — Elizabeth murmurou, procurando uma mesa vaga num canto afastado.

Ela enviou um olhar de advertência na direção deles, e Christian assentiu a contragosto. Sebastian, no entanto, observou-os com curiosidade, até Mina segurá-lo pelo queixo e se inclinar para sussurrar algo ao ouvido dele antes de beijá-lo.

— Pelo menos, eles ouvem suas mulheres. Elizabeth se voltou para Jensen com um sorriso.

— Certamente. Eles viram cordeirinhos quando se trata de Jolee e Mina.

— Eles são casados?

— Sebastian e Mina se casaram há seis meses. — Ela sorriu com ar sonhador. — É engraçado, porque Mina e eu dividíamos o mesmo apartamento em Nova York, e eu não sabia que o namorado dela era meu irmão.

— Sério?

Mais uma vez, ela hesitou. Como explicar que ela não via os irmãos por décadas e décadas? Novamente, Brody surgiu em sua mente, e com isso, mais culpa.

— Eu me separei dos meus irmãos quando tinha dezessete anos. Acreditava que eles estavam mortos. Aconteceu de encontrá-los com Mina.

Jensen a encarou como se duvidasse.

— É como um conto de fadas — ela admitiu. — É como a fantasia que uma criança tem quando perde os pais, e acredita que, de alguma forma, eles vão voltar.

Elizabeth notou a expressão melancólica no rosto dele, e abriu a boca para perguntar a respeito quando Jolee apareceu na mesa.

— Olá, Elizabeth. Posso oferecer-lhes uma bebida? Elizabeth sorriu para a cunhada, grata por ela tentar manter a normalidade.

— Eu gostaria de um refrigerante.

— E um *club* soda para mim — Jensen completou. Jolee assentiu e se afastou com um sorriso.

— Acho que sua cunhada não está convencida de que eu sou Satanás. — Jensen suspirou, contente por alguém daquela família tratá-lo com simpatia.

— Pelo que sei, Jolee tem experiência com pessoas realmente maléficas. Sua própria família, por exemplo.

Jensen lançou um olhar para Jolee, que havia retornado ao bar para apanhar as bebidas. Christian parecia relutante em atendê-la, mas finalmente apanhou dois copos.

— Bem, acho que é bom que ela tenha alguém como seu irmão.

— Olá, Elizabeth.

Ambos se viraram para ver Mina. Ela estudou Jensen sem disfarçar a curiosidade.

Ele retribuiu o sorriso amigável da bela jovem, cativado pela doçura de Mina, provavelmente, a mesma qualidade que levou Sebastian até a mesa.

— Mina, este é Jensen Adler. Jensen, esta é Mina.

Ele se levantou e ofereceu a mão. Mina aceitou, apertando-a brevemente antes de Sebastian se apresentar.

— E eu sou Sebastian. — Ele enviou olhar aguçado para as mãos entrelaçadas.

— Creio que já nos conhecemos, embora sem uma apresentação formal — Jensen declarou, cumprimentando-o com um aperto firme.

O lábio de Sebastian se curvou com um toque divertido, o que deixou Elizabeth mais confortável.

Sebastian era o mais afável dos irmãos. Christian, no entanto, era uma outra história.

— Quando você se tornou um macho alfa? — ela murmurou no ouvido do irmão.

Sebastian estufou o peito, simulando vaidade.

— Eu sempre fui. — Ele olhou de relance para Mina. — Bem, desde que encontrei alguém que quero guardar para sempre.

Ele sorriu para a companheira, sem esconder a paixão.

— Por que vocês não se juntam a nós? — perguntou no tom mais casual que pôde.

Mina hesitou, mas Sebastian puxou uma cadeira prontamente e se sentou. Depois de um minuto de silêncio, virou-se para Jensen.

— E então Jensen, quais são suas intenções com a minha irmãzinha?

— Sebastian! — Mina disse por entre os dentes, com o rosto coberto de rubor.

Elizabeth lançou olhar mortificado ao irmão, mas, para sua surpresa, Jensen apenas riu.

— Bem, eu tenho que admitir que não são todas puras. Mas, basicamente, eu quero ficar com ela.

Sebastian riu, e ele considerou a resposta boa o suficiente.

Naquele momento, o vocalista da banda se aproximou para falar com Sebastian. Ele foi apresentado como Ren, e apertou efusivamente a mão de Elizabeth.

Mais uma vez ela foi esmagada pelo surrealismo ao seu redor: uma mulher-lobo, vários vampiros e um mortal completamente alheio a tudo aquilo. Porém, parou de pensar sobre a estranheza da situação ao perceber que o cantor estava falando com Sebastian sobre ela.

— Sim, eu me lembro de Elizabeth. — Ren enviou-lhe um sorriso largo.

Pela primeira vez, ela notou a íris esquerda do vocalista, totalmente sem pigmentação. Ela não se lembrava disso, mas recordou-se dele tocando cravo no imenso salão da casa dos pais. Então, lembrou-se de quem ele era...

Renauldo D'Antoni, o compositor que ganhara certa notoriedade dois séculos antes.

— Eu toquei na sua festa de aniversário.

— É verdade — confirmou, esperando que ele não dissesse mais nada.

Na certa, Renauldo percebeu a inquietação dela, pois anunciou que precisava voltar para o palco.

— Ele tocou no seu aniversário? — Jensen quis saber, curioso. — Quando?

— Oh, ela era adolescente — Sebastian respondeu antes que Elizabeth pudesse falar.

Tarde demais, ele percebeu que podia parecer estranho para Jensen.

— É curioso... — Jensen avaliou Ren. — Ele não pode ser muito mais velho do que nós. Se você estava com dezesseis, quantos anos ele tinha?

Elizabeth fulminou o irmão, e Sebastian se apressou em responder:

— Ren é muito mais velho do que aparenta.

Jensen pareceu aceitar, e não insistiu no assunto. Jolee e Christian caminharam até a mesa. Ela colocou o copo com refrigerante na frente de Elizabeth, e Christian se aproximou de Jensen.

Elizabeth prendeu a respiração, receando que o irmão pudesse reagir com agressividade. No entanto, ele entregou o copo com *club* soda para Jensen e inclinou a cabeça discretamente.

— Sinto muito pela forma como agi na casa de Elizabeth — disse a contragosto, deixando claro que estava atendendo a um pedido da esposa.

— Eu também ficaria preocupado se alguém perturbasse minha irmã — Jensen declarou com um sorriso amigável.

Elizabeth mordeu os lábios, reprimindo o riso. Não deixava de ser engraçado ver um vampiro de mais de duzentos anos arrastando os pés timidamente porque sua mulher o obrigara a se desculpar. Mas o momento de diversão se dissipou quando Jensen sugeriu que ele e Jolee também se juntassem a eles.

— Só por um minuto — Jolee concordou, com um de seus sorrisos adoráveis. — Ainda estamos muito ocupados.

Christian não demonstrou muita disposição para se sentar, mas imitou a esposa. Jolee realmente era uma dama poderosa. Ela sabia como manter seu irmão arrogante na linha, Elizabeth pensou.

Por um momento, a tensão pairou no ar. Aos poucos, graças às adoráveis cunhadas, a conversa fluiu facilmente, e Elizabeth se encontrou relaxada.

Ela observou Jensen conversando com os irmãos, o embaraço desaparecendo aos poucos. Por um momento, ela se permitiu imaginar que sua vida poderia ser normal.

— Bem, nós temos de voltar ao trabalho. — Christian se levantou e puxou Jolee.

Sebastian também se levantou e estendeu a mão para a esposa.

— A conversa está ótima, mas nós vamos prestigiar a banda. Restam apenas algumas músicas do show.

Quando Elizabeth ficou a sós com Jensen, notou que ele estava sorrindo.

— Seus irmãos realmente são bons — admitiu, alargando o sorriso.

— E você? Tem algum irmão?

— Não. Sou filho único. Não sei se meus pais planejavam ter mais filhos. Eles morreram num acidente de carro quando eu tinha seis anos.

Elizabeth alcançado a mão dele sobre a mesa.

— Eu sinto muito.

— Infelizmente, eu não me lembro deles. Meus avós me criaram, e foram os verdadeiros pais para mim. Na verdade, perder minha avó foi mais difícil do que perder minha mãe. Isso é terrível, não acha?

— Sei do que você está falando. Meus pais morreram quando eu tinha treze anos. Eu sofri muito, mas foi muito pior quando achei que tinha perdido meus irmãos. Eles foram os únicos que cuidaram de mim quando ficamos órfãos.

— O que aconteceu com seus irmãos?

Elizabeth se pôs a brincar com o guardanapo. Como responder? Dizer que acreditava que todos haviam sido mortos por uma vampira maléfica não parecia ser a melhor idéia. Não havia a menor possibilidade de ele acreditar. Na verdade, não podia sequer dizer o que acontecera com ela.

Era por isso que aquela relação estava condenada. No entanto, ela procurou a melhor maneira de explicar.

— Eu achei que eles haviam morrido, e por isso, acabei me envolvendo com um grupo de pessoas de moral duvidosa.

Jensen a estudou. Ele já vira antes a relutância de Elizabeth em falar sobre o passado. Porém, queria entendê-la, por mais que a história parecesse fantástica.

— Por que você achou que eles estavam mortos?

Ela hesitou novamente, e Jensen soube que procurava as melhores palavras para prosseguir.

— Eu acreditava que eles tinham sido assassinados.

— Assassinados?

Ela assentiu e respirou fundo. As palavras começaram a fluir livremente.

— Eu fui atacada e deixada para morrer. Felizmente, encontraram-me com vida, mas levou várias semanas para me recuperar. Quando fiquei bem, voltei para casa, e descobri que meus irmãos não estavam lá. A propriedade tinha sido vendida a um parente distante, e me disseram que eles haviam sumido.

— Quando isso aconteceu?

Jensen perguntou, horrorizado com a história fantástica.

— Há muito tempo, na Inglaterra. Você não teria ouvido falar. Não teria como esse tipo de

assunto atingir a mídia dos Estados Unidos — assegurou, como se soubesse o que ele estava pensando. — Bem, eu acabei ficando com o grupo que me descobriu. Fiquei com eles por muitos anos antes de decidir partir, percebendo que eu nunca me encaixaria àquele tipo de vida. Eu não queria me encaixar.

Jensen apertou os lábios, perturbado. Havia muitos detalhes que Elizabeth omitira deliberadamente. Quem seriam essas pessoas? Os pais adotivos? Uma gangue? Por que ela vivera com eles mesmo sem aceitar o estilo de vida? Por não ter mais ninguém?

— Quando sua avó morreu?

A pergunta o distraiu da divagações.

— Há quase quinze anos. Desde então, somos só meu avô e eu. Foi por isso que decidi voltar para West Pines depois de me formar. Quero cuidar dele da mesma forma que cuidou de mim.

Elizabeth sorriu com aprovação.

— Não sei como um homem como você não se casou.

— Um homem como eu? — Ele riu. — Eu poderia dizer o mesmo de você.

O sorriso desapareceu nos lábios dela, e mais uma vez Jensen teve a sensação de que havia muito mais a ser dito.

— Jensen, eu realmente estou cansada. Vamos embora?

Ele notou as sombras arroxeadas sob os olhos, e receou que a estranha doença pudesse estar voltando.

— Você está abatida. Está se sentindo bem?

— É apenas cansaço.

Jensen se levantou e puxou a cadeira para que ela se erguesse. Quando passou o braço possessivo sobre os ombros dela, Elizabeth não o repeliu.

No trajeto para a casa dela, Jensen se distraiu com os pensamentos. Certo, ela não queria falar sobre o passado, e com tudo o que já revelara, era fácil entender a razão. Ele ponderou Elizabeth só precisava de tempo para confiar nele. Apesar da velocidade vertiginosa do relacionamento, ele desejava ir devagar.

Quando estacionou no jardim, Elizabeth se virou para ele com um pedido silencioso no olhar.

— Sim, eu sei que você quer ficar sozinha — ele declarou com um sorriso.

— Eu preciso dormir esta noite, mas gostaria de vê-lo amanhã.

— Isso é ótimo, porque temos uma festa de aniversário.

— Uma festa?

— A recepcionista da clínica está celebrando o vigésimo quinto aniversário de casamento. Ela não fala de outra coisa há semanas. Será um grande evento.

Jensen percebeu a hesitação nos olhos dela. Por um momento, julgou que ela fosse recusar. Porém, Elizabeth o fitou e abriu um sorriso.

— Eu adoraria ir.

Eles estavam juntos novamente. Brody estava certo de que a noite anterior fora o fim. Agora, sabia que aquele homem representava mais para Lizzie do que ele imaginara. Não podia se arriscar fazendo algo estúpido, ou a alcateia não saberia como ela estava se comportando. A degradação de Lizzie era seu maior trunfo. Contava com isso para obrigá-la a voltar para a matilha e resgatar seu respeito e seu status. Naquela noite, ele pretendia levá-la de volta ao lugar onde ela pertencia.

Brody abriu a porta dos fundos e vagueou pela cozinha. As patas macias garantiam as passadas silenciosas. Ele estudou a sala impecável. Lizzie sempre quisera ter uma casa. E, desde o mobiliário até a decoração, ela conseguira um verdadeiro lar ali. Pena que aquela seria a última noite em que poderia desfrutar do seu ninho. Logo, estaria de volta à alcateia.

Ele começou a subir a escada e levantou o focinho para capturar o perfume distinto de Lizzie. Não sentiu o mesmo cheiro das outras vezes. Talvez estivesse errado sobre o que ela sentia. Agora, suas narinas aguçadas distinguiam apenas o cheiro doce e fresco, um aroma que ele se lembrava muito bem. Havia trabalhado duro para macular aquela pureza.

Ele emitiu um som entre um suspiro e uma risada e parou, imóvel. Suas orelhas pontudas contorceram-se, alertas aos sons. Nada além do silêncio. Mas ela estava lá.

Brody caminhou pelo corredor, seguindo o olfato. O cheiro o levaria diretamente para ela.

Lizzie estava aninhada na cama, com as cobertas puxadas até o queixo. Lembrava-se do cheiro dela, mas havia se esquecido de como era bonita. Um sorriso curvou os lábios por cima das presas. Ele se aproximou, dilatando as narinas, inebriando-se do perfume que pairava no ar.

Será que reagiria ao antigo companheiro da mesma forma libidinosa que se comportara com seu novo amante?

Brody se aproximou da cama, sentindo a urgência de provar o gosto daqueles lábios. Ela parecia doce e inocente no sono. Não perceberia se lhe desse apenas uma lambida antes de deixá-la saber que ele estava lá. A língua pendeu para fora da boca, sequiosa e ávida. Com um gesto ágil, ele contornou os lábios entreabertos e recuou. O sabor adocicado envolveu sua boca, um gosto até então desconhecido. Nunca o reconhecera em Lizzie, sua companheira.

Ele a estudou, e os olhos de lobo puderam vê-la claramente no quarto escuro. O instinto humano que restava dentro dele o impediu de uivar sua raiva.

Em vez disso, ele debateu sobre o que fazer. Seu único pensamento era matá-la. Era o que aquela vadia merecia. Inclinou-se para mais perto, com os dentes arreganhados e as garras pontiagudas afundando no tapete macio ao lado da cama. Podia simplesmente pular sobre ela e retalhar a garganta. Ela nunca saberia quem ou o que a atacara.

Mas, quando ele se preparava para saltar, um pensamento o impediu. Em silêncio, ele contornou o comprimento da cama, pensando sobre o que fazer.

Matar Lizzie... As palavras ecoaram em sua cabeça. Se a matasse, ele estaria na mesma situação que o obrigara a fugir. A alcateia estava descontente com ele. Matar Lizzie não servia para seus propósitos.

De súbito, seus olhos brilharam com uma nova esperança.

Sim, um herdeiro... Um filho e uma mulher seria suficientes para que ele recuperasse seu prestígio. E Lizzie poderia lhe dar ambos.

Brody olhou para sua companheira, dormindo tão profundamente que ela mal parecia viva.

Havia apenas um obstáculo: o homem que Lizzie amava. Não havia como negar o vínculo entre eles, por mais improvável e bizarro que fosse. Então, ele tinha de matar o humano.

Você tem de matá-lo, seu cérebro lobo sussurrou.

Ele girou nas quatro patas, movendo-se como uma sombra. Agora, sabia exatamente o que fazer.

Capítulo VIII

Jensen acordou sobressaltado como se algo o despertasse, embora não pudesse dizer o quê. Abriu os olhos, alerta, tentando identificar algum barulho que pudesse ter interrompido seu sono. Nada.

Sentou-se e olhou para o relógio. Passava das três horas da madrugada. Ele não sabia ao certo há quanto tempo estava dormindo, mas tinha a sensação que acabara de cochilar.

Atento ao menor ruído, constatou que não havia nada de anormal. Talvez tivesse reagido a algum pesadelo, decidiu, afastando as cobertas.

Quando abriu a porta do quarto, estranhou encontrar a luz do banheiro acesa. Deduziu que o movimento do avô no corredor o despertara. Ainda assim, não era comum que deixasse de apagar a luz. Charles nascera na época da Grande Depressão, e aprendera desde cedo a economizar energia elétrica. Mesmo que não parecesse ser grande coisa, ele teve a sensação de que havia algo errado.

Preocupado, caminhou até o quarto no outro extremo do corredor. A porta estava entreaberta, o que também não era comum. Jensen bateu levemente, e quando não recebeu nenhuma resposta, abriu-a um pouco mais para se certificar de que o avô dormia na imensa cama de dossel que estava naquela quarto desde que ele se lembrava por gente.

— Vovô?

O fecho de luz que entrava pela fresta da janela revelou que a cama estava vazia, com as cobertas reviradas. O sangue correu mais rápido nas veias de Jensen. Onde seu avô estaria? E se o tivesse chamado, e fora isso que o acordara?

— Vovô? — chamou mais alto, olhando ao redor para ter certeza de que ele não tinha caído.

O quarto estava vazio. Ele correu para o banheiro. Se ele tivesse caído lá, poderia facilmente ter batido a cabeça na banheira. Após uma análise rápida, constatou que tampouco estava lá. Com aflição crescente, ele desceu a escada de dois em dois degraus.

— Vovô? — gritou, apavorado. — Pelo amor de Deus, onde você se meteu?!

Assim que pisou no último degrau, uma explosão ecoou no ar, vinda dos fundos. Uma onda de pânico preencheu Jensen, enquanto disparava na direção da porta da cozinha.

Seu avô estava na varanda, apontando o rifle para o quintal.

— Vovô... — Jensen ofegou, mais aliviado. — Que diabos você está fazendo?

Charles não respondeu, ocupado em manter a mira. Finalmente, ele abaixou a arma e se moveu com surpreendente agilidade para trancar a porta antes de se virar para Jensen.

— Acertei um lobo negro.

— O quê? — Jensen arregalou os olhos, incrédulo.

— Eu atirei num um lobo negro. Levantei-me para usar o banheiro, e percebi movimento no quintal. Era um vulto grande e escuro, agachado perto da porta da cozinha. Ele estava observando a casa.

Grande e escuro... Agachado... Instantaneamente, Jensen se lembrou do que tinha visto no celeiro de Elizabeth.

— Era um lobo?

— A princípio, não pude vê-lo claramente. Então, peguei minha arma e vim até a cozinha para observar melhor. Quando cheguei, avistei-o na varanda de trás.

— Um lobo?!

— Quer parar de ficar repetindo? Sim, era um lobo! — o avô resmungou, como se o neto estivesse chamando-o de louco.

— E você atirou nele?

— Acho que só ficou ferido. Se você não tivesse feito um escândalo, eu o teria matado.

— Vovô, não existem lobos negros na Virgínia Ocidental. Deve ter sido o Newfoundland de Tim.

As sobrancelhas do avô se juntaram quando ele franziu a testa.

— Você não acha que eu sei a diferença entre um lobo e um Terra Nova? Não se esqueça, meu jovem, de que eu já trabalhava com animais quando você ainda usava fraldas!

Jensen respirou fundo. Era verdade que ninguém conhecia animais melhor que seu avô. Por isso mesmo, ele deveria ser o primeiro a saber que não havia lobos naquela região.

— Não poderia ter sido um cão feroz?

— Um gorila, talvez? — Charles ironizou, nomeando outra espécie inexistente na região. — Eu sei o que vi. Sei no que atirei.

Jensen balançou a cabeça, convencido. Ele sabia o que vira naquele celeiro.

Seria possível que ele e o avô tivessem o mesmo tipo de alucinação com aquela *criatura preta* agachada? Não era provável. Ademais, o avô era lúcido, talvez até mais do que ele próprio.

— Bem, vamos voltar para a cama. — O avô balançou a cabeça. — Acho que ele não vai nos importunar mais.

Jensen ficou parado, consciente de que não poderia voltar a dormir.

— Café? — perguntou, movendo-se para perto da pia.

O avô assentiu e sentou-se à mesa da cozinha, ainda segurando o rifle. A expressão usualmente serena mostrava sinais evidentes de tensão. E, assim como ele, Jensen também ficou abalado, como

se uma ameaça silenciosa rondasse a casa.

Elizabeth soube que havia algo errado logo que acordou. Não identificou nada concreto, mas, durante o dia todo, percebeu que havia um cheiro estranho no ar. Uma sensação incômoda a perturbou até o anoitecer, quando ouviu batidas suaves na porta da frente.

Quando abriu e se deparou com Jensen, perguntou-se se, de alguma forma, ele transmitira algum tipo de vibração que ela conseguira captar.

— Você está horrível! — exclamou, abrindo a porta para permitir que ele entrasse.

— E você está absolutamente deslumbrante — ele retrucou, admirando-a da cabeça aos pés.

Os olhos se demoraram no decote do vestido preto colado ao corpo, insinuando o delicioso vale entre os seios.

Prazer e arrependimento se confundiram dentro dela. Adorava quando Jensen a fitava daquela forma, e não devia ter feito o comentário sobre a aparência dele.

— Obrigada. Eu não devia ter dito isso. Você está ótimo. — Ela sorriu com aprovação ao avaliar o elegante terno negro. — Só que parece exausto.

— Eu estou exausto.

Elizabeth fez um gesto convidando-o a se sentar.

— Tem certeza de que ainda quer ir à festa? Parece que você precisa de uma boa noite de sono.

— E perder a chance de mostrar a mulher mais bonita de West Pines? — Ele balançou a cabeça com vigor. — Nunca!

— Tecnicamente, eu estou em Shady Forks — ela ressaltou, sentando-se ao lado dele. — Por que você está tão cansado? O que aconteceu?

Elizabeth não conseguia deixar de pensar se ele *também* fora vítima da mesma inquietação que ela. Teve de admitir que a estranha vibração que a acompanhara o dia todo era diferente dos outros dias.

Quando fora à cidade comprar o vestido novo, ela se sentira melhor. Porém, bastou pisar os pés em casa, e a sensação incômoda retornou no mesmo instante. Ela estava começando a questionar se havia algo errado com a velha casa da fazenda. Primeiramente, seu mal-estar, e depois, o desejo incontrolável por Jensen. Agora, aquele sentimento persistente de estranheza, com um vago cheiro desagradável que ela não conseguia localizar.

— Estou preocupado com o meu avô. Ela focou a atenção em Jensen.

— Ele está doente?

— Eu não sei. Talvez. Essa noite, encontrei-o na cozinha, com o velho rifle de caça. Havia atirado em algo que ele diz ser um lobo.

Elizabeth prendeu a respiração.

— Um lobo?

— Segundo ele, era um lobo enorme, preto.

Uma onda de inquietação obrigou Elizabeth a se levantar, respirando com dificuldade.

— No começo, tive receio de que ele pudesse ter atirado no cão do vizinho, um Terra Nova. Essa raça pode ser confundida com lobos, especialmente no escuro! Mas quando percorri o quintal esta manhã, em busca de vestígios de sangue, não encontrei nada. O que, devo dizer, me deixou aliviado. Porém, isso me faz pensar que meu avô está tendo alucinações, ou algo do tipo. Ele tem quase oitenta anos.

— Não havia marcas de sangue? — ela perguntou. Jensen balançou a cabeça em negativa, e um longo suspiro escapou dos seus lábios.

A informação não aliviou Elizabeth. O sangue de lobisomens se transformava em pó à luz do sol, tornando-se impossível rastreá-los. Essa era uma das dificuldades que ela encontrava em recolher amostras do seu sangue para análises do DNA.

— Você viu alguma coisa?

— Não. E por isso que estou preocupado. Tenho quase certeza de que vovô teve uma alucinação. Talvez ele esteja com sintomas da doença de Alzheimer.

Elizabeth não acreditava que o avô Jensen estivesse alucinando com a criatura. Ou melhor, ela receava que ele não estivesse. Brody não podia estar em West Pines, podia? Um lobo negro... Essa era a forma dele quando se transformava.

Ela olhou para Jensen, descansando no sofá com os olhos quase fechados. Porém, sob os cílios semicerrados, ele a estudava.

— O que você vai fazer? — perguntou delicadamente, resistindo à vontade de avançar alguns passos e alcançar a mão dele.

Jensen abriu os olhos e ofereceu-lhe um sorriso doce, cansado.

— Eu não sei. Vovô é teimoso, e ele não permitirá que o leve ao hospital. Eu nem ousaria sugerir isso. E, na verdade, é a primeira vez que ele age de forma estranha. Meu avô costuma ser mais lúcido do que eu.

— Talvez ele realmente tenha visto alguma coisa — ela sugeriu com cuidado.

— Talvez. Mas não há lobos nessa parte da Virgínia Ocidental. O que poderia ser?

Elizabeth sentou-se ao lado dele, com a sensação de que havia um pedido não revelado. Talvez estivesse apenas sendo influenciada pelo sentimento de culpa, decidiu.

— Eu já mencionei que acho lindo o jeito como você olha para mim? — ele murmurou com ar apaixonado.

Ela não respondeu, fitando-o com provocação sob os cílios espessos.

— Bem, mesmo que tenha mencionado, nada o impede de dizer mais uma vez — disse ela com um sorriso.

Elizabeth escolhera aquele modelo com Jensen em mente, ansiando por ver a reação dele.

Ele se inclinou e beijou-a. Sim, era aquela a reação que ela esperava. De repente, os pensamentos sobre lobisomens fugiram da sua mente. Jensen conseguia fazê-la se esquecer de tudo.

Ele provou-a lentamente até que ela se colasse ao peito largo, provocando-o de volta com a mesma languidez.

— Nós não temos de ir — ela insistiu, traçando os lábios viris com a ponta da língua.

— Sim, nós temos — ele gemeu com um sorriso arrependido. — Você não conhece Molly. Ela nunca me perdoaria.

Ela sorriu, encantada com o fato de ele se preocupar com os sentimentos da recepcionista da clínica. Aquele era Jensen, um homem essencialmente bom. Mais uma vez, o remorso a corroeu por tantos segredos e mentiras. Tentou afastar a sensação de culpa e se lembrar apenas de que ela merecia saborear a vida, mesmo que fosse por um breve momento.

— Para não mencionar — acrescentou ele, endireitando-se — que meu avô vai estar lá, e eu quero ficar de olho nele.

— Seu avô vai estar lá? Ele sabe que você vai levar uma garota?

— Na verdade, não. Será surpresa. Aposto que ele vai se emocionar.

— Jensen, não sei...

Ele endireitou ainda mais a coluna.

— O quê?

— Tenho medo de não ser o que seu avô quer para você.

Jensen pareceu preocupado por uma fração de segundo, e então, ele sorriu.

— Você está brincando? Vovô vai amar você. — Ele riu quando Elizabeth ergueu as sobancelhas, em sinal de dúvida.

— Acredite em mim. Só tenho de tomar cuidado para ele não roubá-la de mim.

Elizabeth não riu da provocação. Em vez disso, ela olhou para as mãos, preocupada.

Jensen estendeu o braço e segurou-a pelo queixo dela, forçando-a a fitá-lo. Inclinou e beijou-a de leve, apenas um toque breve de seus lábios contra os dela.

— A perspectiva de conhecer meu avô a deixa nervosa?

— Bem... — Ela inclinou a cabeça com timidez. — Eu não sou exatamente a garota da porta ao lado.

Jensen balançou a cabeça com um sorriso incrédulo.

— Eu não quero a menina da porta ao lado. Eu quero você. E quero ir a essa festa de braços dados com você.

Ela sorriu, consciente de que não demonstrava convicção.

— Além disso, eu já conheci seus irmãos — ele acrescentou. — E tenho as cicatrizes para provar. Agora, é a sua vez de conhecer minha família.

— Bem, seu avô não pode ser mais assustador do que meus irmãos — Elizabeth comentou com um suspiro.

— Veremos...

Elizabeth começou a duvidar seriamente da sua previsão logo que desceu do carro. A pousada onde a festa estava sendo realizada mostrava a arquitetura vitoriana, com uma ampla varanda, situada à beira de um lago. Ela se encantou com a vista deslumbrante, pensando para si que não pisava os pés num lugar requintado como aquele fazia quase duzentos anos, quando ainda morava na propriedade dos pais.

No período em que vivera com a matilha, seu tempo fora gasto em estabelecimentos muito menos respeitáveis. Mesmo depois de se afastar do bando, ela não freqüentara locais de classe, talvez por não se sentir digna.

Contudo, ela disfarçou a insegurança quando Jensen contornou a caminhonete e abriu a porta para ajudá-la a descer.

— E então? O que você achou do lugar? — ele quis saber, deixando evidente a expectativa da resposta.

— É lindo.

Ele sorriu e deu-lhe o braço enquanto percorriam o caminho de pedra para a varanda. A cada passo, sentia a hesitação da mulher ao seu lado.

— Você está bem?

Elizabeth assentiu, com dificuldade de tomar o fôlego. Não sabia como lidar com a situação. Aquele não era o tipo de ambiente que combinava com ela. Talvez aquela festa representasse um desastre.

Jensen abriu a porta da frente, e ela foi bombardeada pelo calor e o cheiro delicioso da comida, juntamente com o som de vozes e risos.

Ela parou, com a sensação de estar perto da antiga vida. Ao mesmo tempo, estava distante e dolorosamente acanhada. Ficou parada, incapaz de mover os pés.

— Tem certeza de que está tudo bem? — Jensen insistiu. Ela não respondeu de imediato. Uma infinidade de lembranças desfilou em sua mente como um filme em câmera lenta.

— Elizabeth?

Ela pestanejou, fixando os olhos verdes até encontrar o foco. Então, notou a preocupação existente neles. Tentou se concentrar, consciente de que seu comportamento era estranho.

— Eu...

— Jensen! — A voz feminina atrás deles a impediu de falar.

Uma mulher aparentando sessenta anos, com cabelos vermelhos e óculos no mesmo tom sorriu para eles.

— Olá, Molly. — Jensen cumprimentou a mulher mais velha, inclinando-se para beijar-lhe a bochecha. — Você está linda.

Ela riu, abraçando-o com carinho evidente.

— Estou tão feliz que você tenha vindo! — Ela dirigiu o olhar para Elizabeth. — E mais feliz ainda por estar acompanhado. Eu sou Molly George, recepcionista de Jensen, e do avô dele antes de se aposentar. Mas não conte para ninguém!

Elizabeth aceitou a mão estendida e recebeu um aperto efusivo. Um homem alto, ligeiramente calvo, com um sorriso cativante, parou ao lado de Molly.

— Acho que a festa do vigésimo quinto aniversário de casamento denuncia sua idade, querida.

Molly riu e deu uma palmada no homem.

— Eu poderia ter me casado aos doze anos.

— É verdade — ele concordou. — Jensen, estou feliz que esteja aqui.

— Eu não perderia por nada. Herb, esta é Elizabeth.

Jensen relaxou ao ver Elizabeth sorrir calorosamente para os George. Felicitou-os pelo aniversário e agradeceu o convite. Em segundos, o nervosismo desapareceu, encantada com a simpatia do casal.

Quando Molly e Herb pediram licença para cumprimentar outros convidados, Jensen pegou a mão dela e puxou-a para mais perto.

— Eu achei que você estava nervosa.

— Eu estava mesmo — ela admitiu. — Então, lembrei-me do quanto gosto de festas.

Ao conduzi-la pela sala, Jensen percebeu que estava descobrindo outra faceta de Elizabeth. Ela era uma anfitriã nata. Conseguia encantar até mesmo o mais anti-social dos presentes em questão de segundos. Afastou-se para apanhar vinho e observou-a de longe conversando com o indigesto Bob Turner. Somente ela conseguira fazer aquele velho rabugento rir!

Elizabeth era dona de uma vivacidade, uma verve que não podiam ser ignoradas.

— Molly disse que você veio acompanhado. É verdade?

Jensen se virou para ver o avô trajando o terno que ele usava somente em ocasiões especiais.

— É verdade. Eu estou acompanhado.

— Onde ela está?

— Bem ali. — Jensen fez um gesto na direção de Elizabeth.

Os olhos do avô se arregalaram, e ele soltou um assovio.

— Santo Deus! Jensen riu e pousou a mão no ombro dele.

— Pois é. Eu tenho que admitir que eu tive a mesma reação quando a conheci.

— Bem, vamos resgatá-la de Bob, antes que ela morra de tédio.

Eles caminharam até Elizabeth e esperaram Bob, que raramente dizia mais do que quatro palavras, terminar a fascinante história sobre sua última viagem de pesca com seu amigo Joe. Depois de alguns minutos, percebendo que a narrativa sequer se aproximava do final, Jensen passou o braço pelos ombros de Elizabeth.

— Desculpe-me, mas serei forçado a privá-lo da companhia de Elizabeth.

— Foi um prazer conhecê-lo, sr. Turner — ela disse com outro de seus sorrisos encantadores.

— Mas quero ouvir o final da história em outra ocasião.

O velho Bob parecia fascinado, e acenou em despedida com um sorriso de decepção.

— Elizabeth, este é o meu avô, Charles Adler.

— Pode me chamar de Charles — ele sugeriu com uma piscadela cúmplice.

Elizabeth sorriu para ele.

— Olá, Charles. É maravilhoso conhecê-lo. Seu neto contou-me tudo sobre você.

— É mesmo? — Charles enviou um olhar aguçado ao neto. — Ele não me disse nada sobre você. Mas esse é meu neto. Ele adora esconder segredos de seu velho avô.

— Bem, nós não nos conhecemos há muito tempo.

Jensen percebeu que as palavras eram verdadeiras, mas dado o que haviam compartilhado, era como se a conhecesse desde o princípio dos tempos.

— Quero que você vá tomar o café da manhã na nossa casa amanhã.

— Eu adoraria — ela aceitou prontamente.

— Sabe, vovô, não é educado convidar uma pessoa que você acabou de conhecer — Jensen censurou.

— Não se você realmente quiser a companhia dessa pessoa — salientou Elizabeth.

— Está vendo? — Charles disse com um arquear presunçoso das sobrancelhas grisalhas.

Jensen se regozijou. Obviamente, ela estava tão encantada pelo seu avô quanto Charles por Elizabeth.

— Agora, vocês, jovens, vão me desculpar, mas tenho uma dança guardada para Heddy.

Elizabeth acenou enquanto Charles caminhava na direção da sua amiga.

— Jensen, ele não parece nem um pouco confuso — Elizabeth comentou. — Aliás, ele está ótimo!

— É o que sempre achei, até ontem à noite.

Jensen balançou a cabeça, observando o avô enlaçar a amiga pela cintura e levá-la para a pista de dança.

— Talvez... Talvez ele não estivesse confuso ontem à noite. — Elizabeth parecia relutante, como se receasse ser taxada de louca também.

— Por quê? Você viu alguma coisa nas proximidades da sua casa?

— Não, mas... — Ela encolheu os ombros, embora o gesto sugerisse mais uma recusa em dizer do que a incerteza. — Só acho que seu avô está lúcido demais para ter tido uma alucinação.

Novamente ele teve a sensação de que havia mais a ser dito, mas Elizabeth se virou para ver os casais dançando.

— Quer dançar? — ele convidou ao ver a expressão quase melancólica.

— Oh, eu não danço há anos!

— Nem eu — Jensen admitiu. — Vamos reaprender juntos.

Ela olhou para a pista de dança, hesitante e finalmente assentiu. Os dois abriram caminho entre os casais rodopiando e posicionaram-se num canto mais afastado. Elizabeth pousou a mão no ombro dele, e subitamente, Jensen sentiu-se como um adolescente desajeitado. Depois de algumas voltas desencontradas, ele se afastou.

— Isso não vai funcionar.

— Você não está gostando? — Elizabeth arqueou as sobrancelhas, frustrada.

— Eu adoro dançar com você, mas não assim.

Ele puxou-a para mais perto, ainda segurando-a, e deslizou a mão livre para baixo, detendo-se na sutil curva do quadril. Com suave pressão, fez com que os corpos se colassem.

— Agora está melhor — murmurou ao ouvido dela. Elizabeth descansou a cabeça no ombro dele e permitiu que conduzisse os passos.

— Eu nunca dancei assim — confessou, o hálito quente fazendo cócegas no ouvido de Jensen. — Meus irmãos teriam me enviado para o convento se me vissem agarrada a um homem numa festa.

Jensen estranhou o comentário, e ponderou que talvez o puritanismo exagerado fosse mais comum na Inglaterra, onde ela fora criada.

— Bem, espero que Molly não tenha convidado nenhum dos dois. Seria constrangedor passar pela mesma situação de ontem à noite diante da cidade toda.

Elizabeth levantou a cabeça, e a mão que descansava no ombro se moveu lentamente, acariciando as costas de Jensen.

— Ainda está doendo?

— Não. É preciso mais do que dois irmãos valentões para me derrubar.

Ele não mencionou que seu peito e suas costas mais pareciam uma tela de pintura surrealista, com sombras interessantes de azul e roxo.

— Eles são mais do que valentões — ela murmurou, para, a seguir, morder os lábios, como se percebesse tarde demais que tinha dito as palavras em voz alta.

Jensen abriu a boca para perguntar o que ela queria dizer, quando a mão que explorava suas costas desceu ainda mais, percorrendo a linha da coluna até o cós da calça. Ele respirou fundo. Nunca havia percebido como aquela área do seu corpo era sensível. Porém, qualquer lugar que Elizabeth tocasse se transformava numa zona erógena.

— Talvez devêssemos sair um pouco — sugeriu ele, sentindo-se pouco confortável dentro da calça.

Quando Elizabeth o encarou com expressão de curiosidade, ele moveu a pélvis para que ela sentisse a ereção massiva. Os olhos dela se arregalaram, e um sorriso travesso curvou os lábios carnudos.

— Tem razão. Acho que você precisa de um pouco de ar frio.

— Muito frio — ele concordou.

De mãos dadas, eles caminhavam em direção às portas que se abriam para o jardim dos fundos. Jensen atravessou a ampla varanda na parte de trás da pousada e seguiu para o deque do lago.

Quando se afastaram dos olhares curiosos, ele puxou-a para o abrigo de uma árvore frondosa e pressionou Elizabeth contra o tronco áspero.

— Acho que isso não vai resolver o seu problema — comentou, esfregando-se sensualmente contra ele.

— Quem disse que isso é um problema?

Jensen capturou a boca molhada, e Elizabeth gemeu quando a língua possessiva abriu caminho entre seus lábios. As mãos percorreram suas costas sobre a seda fria do vestido, deixando uma trilha de fogo por onde passava.

Ocupado em beijar a curva delicada do queixo, ele levou alguns segundos para perceber que Elizabeth estava tensa. De repente, ela congelou, e o corpo vibrante se tornou rígido. Jensen levantou a cabeça, esperando ver alguém observando-os. Quando olhou ao redor, não havia ninguém por perto.

— Elizabeth, o que houve?

— Você ouviu isso?

Ele inclinou a cabeça, atento aos sons ao redor.

— Não.

Elizabeth permaneceu em silêncio. Instantes depois, um uivo longo e assustador *ecoou à distancia*.

— É apenas um cachorro uivando para a lua.

Ela continuou imóvel, e arregalou os olhos quando o mesmo som se fez ouvir.

— Por favor, vamos entrar — pediu, agarrando-o pela mão para puxá-lo com força.

Confuso, Jensen acompanhou as passadas rápidas de Elizabeth. Uma vez dentro da pousada, ela se acalmou imediatamente. Pensou em perguntar-lhe se tinha fobia de cães, e lembrou-se da convicção do avô ao afirmar ter visto um lobo negro. E, pior, ele também poderia ter visto um. Seu olhar se voltou para Elizabeth.

— Você está bem?

Ela assentiu com um movimento quase imperceptível.

— Acho que fiquei um pouco nervosa.

— Com o uivo ou com medo de sermos flagrados lá fora?

— Fiquei com medo de ser presa por atentado ao pudor — ela disse, forçando um sorriso.

Jensen ponderou que talvez ela tivesse medo de cães, e não quisesse revelar. Afinal, estava saindo com um veterinário. Cães, gatos e outros animais eram uma constante na vida dele.

— Quer beber alguma coisa?

— Água, por favor.

Ele foi para o bar com intenção de voltar o mais depressa possível. Não compreendia por que Elizabeth ficara tão abalada.

— Eu não pensei que você estivesse aqui — soou uma voz familiar atrás dele. Jensen se virou para ver Brian, pouco à vontade dentro do terno azul-marinho.

— Ei! Olá. — Ele deu palmadas amigáveis no ombro do amigo. — Você sabe que eu tinha de vir. Onde está Jill?

— Com Melanie.

A julgar pela expressão de Brian, não havia dúvida de que ele já ouvira todos os detalhes sórdidos do encontro.

— Você veio com aquela outra mulher?

Outra mulher. Jensen não gostou da definição. Elizabeth não era a outra mulher. Ela era a única mulher. Ele balançou a cabeça em afirmativa e indicou Elizabeth, parada perto dali, claramente desconfortável. Era quase impossível acreditar que pouco antes ela estivesse tão descontraída.

— Uau! Eu jamais imaginaria que vocês pudessem estar juntos.

Jensen franziu o cenho para o amigo.

— O que você quer dizer?

— Ela é diferente, só isso. Não posso negar, é linda.

Ele não tinha certeza do que Brian estava tentando dizer. Percebeu apenas que não gostava de Elizabeth. Aliás, ele tampouco gostou da forma como o amigo se referiu a ela.

Brian a avaliava, atento a cada detalhe. E os detalhes eram muitos, como o ajuste do vestido preto colado ao corpo sensual, valorizando a curva acentuada do quadril e o decote marcando os seios arredondados, firmes e voluptuosos.

— Espere um pouco... — Brian disse lentamente, estreitando os olhos. — Acho que ela é a mulher do bar de karaokê, aquela que arremessou aquele gigante para longe.

— Elizabeth?

Jensen franziu a testa, espantado. Havia se esquecido do incidente.

Sabia que ela possuía incrível força física. Isso não o surpreendia. Mas lembrou-se de outro comentário de Brian sobre ela ter rosnado.

Jensen também havia se esquecido do estranho rosnado que ouvira naquela noite, quando tinha encontrado Elizabeth nua no celeiro. No entanto, ainda estava surpreso por ouvi-lo novamente. Em algum lugar ao longo do caminho, ele se esquecera da história de Brian.

— Tem certeza de que foi ela? — insistiu, mesmo sabendo que a descrição era compatível.

— Certeza absoluta. Eu me lembro bem daqueles olhos.

Jensen se virou para estudá-la e percebeu que ela os observava. Desviou o rosto quando os olhares se encontraram. Outra coisa que a mulher do bar não teria feito. Apesar dos momentos de ousadia, Elizabeth era tímida. A mudança o intrigava, e ele decidiu que não era momento para pensar naquilo.

— Com licença, Brian. Tenho de pegar água para Elizabeth.

Pediu uma garrafa de água gelada ao garçom e correu de volta para perto dela.

Ela tomou um longo gole e o encarou.

— Como foi com seu amigo?

A voz soou casual, mas Jensen teve a impressão de que havia indiferença na pergunta.

— Nada de mais — ele respondeu, omitindo os detalhes. — Eu devia tê-los apresentado. Brian é meu melhor amigo.

— Ele é casado com a morena que cantou no bar?

— Sim. Jill. Os dois cresceram juntos.

— Ele ficou surpreso por você estar comigo, não é? Jensen considerou mentir, mas soube que não conseguiria.

— Por que você acha isso?

— Foi muito evidente no rosto dele — Elizabeth declarou com serenidade.

— Bem, ele não acreditou que uma mulher como você poderia sair com um homem como eu.

— Isso não é verdade. E ele está certo. Você não deveria estar aqui comigo.

Elizabeth percebeu que as palavras confundiram Jensen.

Porém, para ela, estava mais do que claro. O olhar de surpresa no rosto do amigo dissera tudo. Sentira-se flagrada na fantasia de ser normal, humana e capaz de viver num mundo que julgava perdido para ela.

— Seu amigo deve ter perguntado por que você me escolheu em vez da loira da outra noite.

Não era uma pergunta, embora Jensen se sentisse compelido a responder.

— Ele não disse isso.

— Mas fez algum comentário sobre mim, não foi?

— Sim, que você é linda.

Elizabeth soltou o ar ruidosamente, sem se importar que o gesto fosse deselegante.

— Está bem, ele estranhou estarmos juntos — ele admitiu por fim. — Na verdade, meus amigos têm uma idéia sobre o que julgam ser meu tipo de mulher, e Brian não considera que você se

encaixa no perfil.

Ela começou a dizer alguma coisa, mas Jensen a interrompeu.

— Acho que me conheço melhor do que eles. Muito melhor, na verdade. E você é absolutamente o meu tipo. — Ele se aproximou e a envolveu pela cintura. — Eu nunca me senti tão atraído por ninguém. Nunca.

Jensen se inclinou para beijá-la. Mas antes que os lábios se encontrassem, alguma coisa a distraiu. Havia algo quase melancólico misturando-se ao seu desejo.

Não era certo fazer o papel de namorada dele. Em algum lugar dentro dela, era como se o estivesse usando para montar sua cena de sonho.

E o pior era que gostava de Jensen... Não, ela o amava, e a noção de que poderia feri-lo a mortificava.

Mas em vez de se afastar, ela fechou os olhos e se entregou ao encanto daquele beijo. Um gemido abafado cresceu em sua garganta, e ela o envolveu num abraço quase desesperado. Nenhum dos dois pareceu se lembrar de que estavam numa festa, rodeados de pessoas. A única coisa de que tinham consciência era da presença um do outro.

— Elizabeth? — ele murmurou contra os lábios dela.

— Sim?

— Acho que devemos sair daqui. Não porque você não seja o tipo certo para mim, nem pelo que meu amigo disse, mas porque eu simplesmente não consigo mais me controlar.

Ela fixou os olhos transbordantes de desejo, perdendo-se no brilho sedutor.

Eles saíram sem se despedirem de ninguém, e correram de mãos dadas até a caminhonete.

Jensen abriu a porta para ela e, quando ocupou o assento do motorista, Elizabeth estava rindo.

— O que foi? — perguntou, girando a chave na ignição. — Você está rindo de mim?

O sorriso desapareceu dos lábios dela.

— É claro que não!

— Então, diga o que é tão engraçado.

Elizabeth o encarou e outro sorriso impertinente iluminou o rosto bonito.

— Eu estou pensando que talvez nosso segundo encontro acabe muito bem...

Do arvoredo, Brody observou o casal correndo de mãos dadas pelo jardim, assustando dois cervos que andavam pelo gramado. Ele rosnou baixinho, rangendo os dentes. Aqueles animais estúpidos tinham algum sentido, ao contrário de Lizzie e seu mortal. Furioso, pôs-se a andar de um lado para outro no interior da mata.

O disparo daquele velho idiota quase o matara. O projétil ainda estava alojado sob a caixa torácica, perigosamente perto do coração. Abaixou a cabeça e tentou lamber o ferimento, sem conseguir alcançá-lo.

O velho também morreria, lenta e dolorosamente, decidiu, sentando-se com as patas estendidas diante dele como uma esfinge. A posição não aliviava a dor, mas era melhor do que se movimentar. Precisava de tempo para se curar, e permanecer na forma de lobo ajudaria. Por alguma razão, lobisomens se recuperavam com muito mais rapidez que os humanos.

Os mortais eram as mais fracas das criaturas. Seria fácil matar o bastardo que estava acasalando com Lizzie. Ele só precisava estar curado antes de atacar. Sempre fora o lobo mais forte da alcateia, mas ferido como estava, ela teria chance de lutar. Não podia se arriscar. Queria ver aquele humano despedaçado. E queria que Lizzie visse isso acontecer. Então, ela aprenderia a lição.

Ela também estava destinada a morrer, a menos que concordasse com seus termos. Todos eles.

Capítulo IX

— Hmm... — Charles ergueu os olhos das palavras cruzadas com expressão de falsa censura. — Achei que vocês só chegariam para o almoço.

Jensen sorriu para o avô, e os dois trocaram um olhar tipicamente masculino. Elizabeth, por sua vez, corou até a raiz dos cabelos.

Jensen puxou-a para seu lado, admirado que ela pudesse ser a amante selvagem da noite anterior e, ao mesmo tempo, ficar tão constrangida na manhã seguinte.

— Posso ajudá-lo? — ela ofereceu, tentando se desvencilhar do abraço.

— Bobagem. Você é a convidada. Jensen vai me ajudar. Ele sabe cozinhar melhor do que eu.

— Foi você quem me ensinou, vovô — ele retrucou, começando a arregañar as mangas da camisa.

Elizabeth abriu a boca como se quisesse argumentar, mas mudou de idéia.

— Bem, acho que é melhor se eu ficar fora do caminho. Sou péssima cozinheira, o que é inexplicável, porque eu adoro comer.

Jensen sorriu. A maioria das mulheres não admitiria a gula.

— Quer uma aula de culinária absolutamente grátis? — Charles ofereceu, dobrando cuidadosamente o jornal antes de se levantar.

— Você estaria disposto a me ensinar?

— Claro. Cozinhar não tem segredo algum.

— Não é verdade — Elizabeth disse com uma careta. — Cozinhar é uma verdadeira arte. Eu tento, mas sou um desastre.

— Bem, você ainda não provou nenhum dos meus pratos. Pode ser que eu também seja um desastre.

— Mas eu já provei o guisado de Jensen, e se foi você que o ensinou, é um verdadeiro *chef*.

Charles riu e pousou as mãos nos ombros de Elizabeth.

— Jensen, você encontrou uma jóia encantadora!

Com o braço sobre os ombros dela, levou-a para a pia e os dois puseram-se a conversar como velhos amigos.

Consciente de que o avô tinha acabado de roubar sua mulher, Jensen sentou-se para ler o jornal, o que acabou por ser impossível. A interação entre seu avô e Elizabeth era muito divertida.

— É só quebrar aqui?

Elizabeth segurava um ovo como se ele pudesse explodir espontaneamente em sua mão. Charles acenou e indicou a tigela sobre a pia.

— Sim. Direito lá dentro.

Ela hesitou antes de bater a casca com tanta delicadeza na borda de louça que o ovo permaneceu intacto. Bateu com mais força, e dessa vez, pedaços da casca se misturaram com a clara e a gema dentro da tigela.

— Oh, não! — ela gemeu, decepcionada.

— Não tem problema.

Jensen reconheceu o mesmo tom compreensivo que ele ouvira durante toda a sua infância. Charles mostrou como quebrar o ovo corretamente até que Elizabeth conseguisse a performance de uma profissional.

Ela sorriu como se tivesse conquistado o mundo, e Jensen não pôde deixar de sorrir de volta.

De repente, imaginou como seria ver aquela cena todas as manhãs. A imagem o assustou, como se a felicidade fosse extrema demais para suportar.

Elizabeth bateu as panquecas, atenta como uma aluna aplicada. Quando colocou a travessa na mesa, ao lado dos ovos com bacon, Jensen se aproximou e beijou-a nos lábios.

— Eu diria que você tem um dom natural — comentou, roubando um pedaço de toucinho do prato.

— Quem diria? Até eu me surpreendi! Mas não se esqueça de que tive um mestre especial — ela admitiu com um sorriso triunfante.

Esperaram que Charles se juntasse a eles antes de se sentarem. Ele passou a travessa de panquecas para Elizabeth.

— Vá em frente, desfrute do seu trabalho.

Com água na boca, ela espetou um disco dourado com o garfo. Depois de hesitar um segundo, pegou mais um, e cobriu as panquecas com melado. Acrescentou um pouco da omelete com fatias de bacon e, para completar, duas fatias de pão caseiro cobertos com uma camada generosa de manteiga.

Quando Elizabeth puxou o prato para mais perto, notou que os dois homens a fitavam com admiração. O rosto alvo se coloriu de vermelho.

— Desculpem... — murmurou, abaixando o rosto. — Eu não sei cozinhar, mas sei como comer.

O sorriso de Jensen se ampliou ainda mais. Era inédito para ele ouvir uma mulher fazer aquele tipo de comentário.

— Eu também gosto de comer. — Ele apanhou o frasco de melado e cobriu as panquecas do prato, como se quisesse deixar claro que não via nenhum problema nos hábitos alimentares dela.

Elizabeth levou a primeira porção à boca, de olhos fechados, demonstrando a mais pura satisfação enquanto mastigava.

— É bom, não é? — Charles sorriu, observando-a tão encantado quanto Jensen. Ela abriu os olhos e acenou com a cabeça.

— Delicioso!

— E foi você que fez.

— Com a sua ajuda — ela acrescentou, rapidamente.

— Eu apenas a orientei. Você fez o trabalho. — Charles levou uma porção do omelete à boca.
— E foi um trabalho muito bem feito.

Elizabeth se sentiu aquecer com o elogio, e voltou a atenção para o prato. A conversa fluiu fácil e naturalmente enquanto comiam, todos fazendo seu quinhão para limpar as travessas. Ao terminarem, Charles se inclinou para trás, jogando o guardanapo sobre a mesa.

— Aposto que essa mesa não via tanta ação há anos!

Jensen quase se engasgou com um gole de café, e Elizabeth se pôs a brincar com as migalhas de pão para fugir do contato visual. Charles endireitou a coluna, atento à reação dos dois. Permaneceu em silêncio por um momento, obviamente, tentando decifrar a tensão que pairou no ar. Finalmente, ele se levantou.

— Jensen, você não mostrou a casa para Elizabeth. Por que não faz isso enquanto eu limpo cozinha?

— Eu vou limpar, vovô. Você e Elizabeth cozinham, então, eu lavo a louça.

— Não. Vocês são jovens. Tratem de encontrar algo mais divertido para fazer.

"Como sexo por exemplo", Jensen quase jurou que ele fosse acrescentar.

— Você gostaria de ver a casa? — perguntou a Elizabeth. O rosto dela ainda estava vermelho pelo comentário de

Charles sobre a atividade na mesa. Era óbvio que também se lembrara que fora ali que haviam feito amor pela primeira vez. Quando começava a se sentir bem, alguma coisa sempre a fazia se lembrar quem de fato era.

Felizmente, a perspicácia do adorável senhor lhes dera a deixa para saírem.

— Eu adoraria ver o restante da casa — disse ela, conseguindo manter tom casual.

Jensen levantou-se e esperou que ela o seguisse. Elizabeth parou à porta e se dirigiu a Charles.

— Tem certeza de que não quer ajuda?

Ele sacudiu a cabeça, ocupado em colocar as travessas na máquina de lavar pratos.

— Certeza absoluta. Podem ir. Elizabeth assentiu com um sorriso.

— Obrigada pela aula de culinária.

— Sou eu quem agradece por você fazer meu neto parar de agir como um zumbi.

— Vovô! — Jensen ralhou, puxou-a para a sala.

Ela o seguiu, com o comentário ecoando em sua cabeça.

— Esta é a sala de estar. Você já deve ter visto na noite em que veio para cá.

— Por que você estava agindo como um zumbi? — ela perguntou de repente. Jensen riu, sem conseguir disfarçar a tensão.

— Meu avô tem um estranho senso de humor.

Elizabeth não compartilhava da opinião, tampouco achava que o comentário fora dito como uma brincadeira. Mas, não insistiu.

— Este é o escritório do meu avô.

Ele abriu uma das portas do hall e acendeu a luz. Afastou-se para deixá-la espreitar o aposento revestido de madeira escura, estantes cheias de livros e uma lareira de mármore.

— É adorável — murmurou, com o pensamento fixo no comentário sobre Jensen agir como um zumbi.

O que acontecera com ele? A idéia de que algo o levara a parar de viver e de ser a pessoa alegre que ela conhecia a incomodou profundamente.

Jensen mostrou o armário e o lavabo antes de tomá-la pela mão para subir a escada.

— Ignore as paredes — ele informou ao galgar os degraus.

— Por quê?

No instante seguinte, ela soube da resposta. Todos os espaços estavam preenchidos com fotografias, principalmente de Jensen. Notou o retrato de Jensen com seu avô, ambos de botas até a metade das coxas, segurando um peixe imenso. Porém, o que mais atraiu sua atenção foram as fotos dele quando criança. Ela parou na frente de cada uma, e reconheceu o sorriso que ele tinha desde os quatro anos de idade.

Ela balançou a cabeça com aprovação. Jensen ficara mais bonito e irresistível a cada ano que se passava.

— Oh! Veja essa aqui! — Ela riu, inclinando-se para estudar uma foto dele com cerca de nove anos de idade, trajando jaleco branco e máscara de cirurgião atada ao pescoço, juntamente com um estetoscópio. — Você já estava treinando para ser veterinário?

Jensen olhou para a foto por um momento e ofereceu-lhe um sorriso encabulado.

— Sim, embora meu objetivo nessa época fosse conquistar todas as meninas brincando de médico.

Ela se virou, erguendo uma sobrancelha.

— Sério?

Jensen assentiu e tomou-a ela mão.

— Quer vir ao meu quarto jogar algum jogo divertido?

Ele se inclinou e beijou a lateral do pescoço, a língua saboreando a pele sensível. Elizabeth inalou fundo, o desejo preenchendo cada poro do seu corpo.

— Jensen... — ela conseguiu murmurar. — Seu avô...

Ele ergueu a cabeça e espiou a cozinha.

— Relaxe. Ele é esperto demais para sair da cozinha.

Os lábios voltaram ao pescoço, traçando a pele acetinada até chegarem ao lóbulo da orelha.

— Vamos. — As palavras suaves fizeram cócegas no ouvido dela. — Vou lhe mostrar o meu quarto.

— Você é um menino mau — ela murmurou, provocante.

— Só com você.

Por alguma razão, as palavras despertaram um sentimento novo e assustador, que ela não conseguiu discriminar. Medo? Será que ela estava fazendo mal a Jensen? Seu passado o afetaria, fazendo com que ele agisse de forma diferente?

Porém, ele não lhe deu chance de considerar a dúvida. Levou-a diretamente para o aposento ao final do longo corredor. Uma vez dentro do quarto, fechou a porta e puxou-a para seus braços.

Dessa vez, Elizabeth ofereceu os lábios sem reserva, e o beijo a absorveu até que ela se esquecesse dos pensamentos.

— Este é meu quarto — ele finalmente murmurou contra seus lábios.

— É muito agradável — Elizabeth balbuciou, com os lábios curvando-se contra os dele.

Ela se entregou ao beijo, sem perceber que Jensen a empurrava para trás até que suas pernas esbarrassem na beirada da cama. Ela riu e sentou-se, estendendo os braços para chamá-lo.

O colchão afundou com o peso dos corpos, e o gosto inconfundível dos lábios de Jensen preencheu os sentidos de Elizabeth. Mãos ávidas exploraram todas as curvas do seu corpo, levando-a à loucura.

— Sabe, essa cama tem visto muito menos ação do que a mesa da cozinha — ele murmurou com voz rouca de desejo.

— É mesmo? — Ela tentou não rir. — Sinto muito.

— Bem, eu estava pensando que você podia corrigir essa falha.

Ela ergueu a cabeça e enviou-lhe olhar dubio.

— Jensen, seu avô está lá embaixo.

— Ele vai sair daqui a pouco para jogar golfe. — Ele olhou para o relógio digital em forma de bola de futebol na mesa de cabeceira. — Dentro de quinze minutos, para ser mais preciso. Então, se começarmos em silêncio...

Ele voltou a beijá-la, e Elizabeth colocou a mão no peito largo para detê-lo.

— Não, Jensen. Eu não consigo.

— Farei valer a pena.

— Não tenho a menor dúvida disso — ela concordou com uma risada.

Deus, ele era irresistível! Elizabeth concluiu pela centésima vez que era o homem mais sexy que ela já conhecera.

Ele se levantou de repente e colou o ouvido à porta. Em seguida, caminhou de volta para a cama com expressão provocante.

— Acho que estamos seguros. Vovô acabou de sair do banheiro e está descendo a escada.

Elizabeth arqueou as sobrancelhas. Charles era um homem perspicaz, e ela tinha certeza de que ele estava consciente do que estavam fazendo no quarto. Mas já sabia que ela e Jensen tinham passado a noite juntos. Sabia que estavam se relacionando intimamente, e parecia não só aprovar como estimular a relação dos dois. Tal constatação a tranqüilizou, e ela fechou os olhos quando Jensen se inclinou para beijá-la.

Batidas discretas na porta se intrometeram na intimidade dos dois. Ambos congelaram, e mesmo estando completamente vestidos, estavam conscientes de que o ar estava carregado de tensão sexual.

— Jensen? — Charles chamou do outro lado da porta. Jensen olhou para Elizabeth e saltou da cama num gesto rápido, como um adolescente flagrado numa travessura.

Elizabeth sentou-se e endireitou as roupas, enquanto ele seguia para a porta arrumando os cabelos.

Ao abrir, Charles estendeu o telefone sem fio pela fresta.

— É uma emergência com um cavalo — explicou, calmamente.

Jensen apanhou o telefone e se virou para Elizabeth com um sorriso frustrado.

— Eu já volto.

Ela assentiu e fez um gesto indicando que fosse. Levantou-se e caminhou para a porta, consciente do rubor no rosto.

Charles sorriu e ergueu as mãos com um pedido silencioso de desculpa, como se estivesse pouco confortável por interrompê-los.

— Quer ajuda com a cozinha? — ela perguntou, na esperança de dissipar a estranheza do momento.

— Eu já terminei — ele assegurou. — Agora, vou me encontrar com um amigo para jogar golfe. Fique à vontade enquanto Jensen não volta.

— Obrigada. Divirta-se.

Ele acenou em despedida e piscou com cumplicidade.

— Tenho certeza de que nos veremos mais tarde.

— Espero que sim — ela afirmou, acenando de volta.

Depois que Charles saiu, Elizabeth sentou-se na cama e olhou ao redor, notando pela primeira vez o quarto onde Jensen passara todas as noites da infância.

As paredes estavam cobertas por flâmulas de times esportivos. Um bastão e uma luva de beisebol enfeitavam a cômoda, provavelmente intocados desde os tempos de colégio. Ela caminhou até a estante perto das janelas, com livros técnicos misturados com ficção. Sorriu ao imaginá-lo deitado naquela cama, compenetrado com a leitura.

Ela pegou um exemplar e folheou as páginas, distraída. O cheiro de papel velho flutuou no ar. Devolveu-o à prateleira e passeou pelo aposento antes de se sentar e repousar a cabeça no encosto da cama.

Estava cansada, o que não era de estranhar. Dormira pouco na noite anterior. Jensen estivera insaciável.

Ela sorriu com a lembrança e olhou para o relógio, perguntando-se se era muito cedo para

cochilar um pouco. Riu do relógio em forma de bola de futebol, e então, seu olhar recaiu no porta-retrato colocado de bruços na mesa de cabeceira. Quase com relutância, ela estendeu a mão e o apanhou.

Estudou a fotografia de Jensen com uma bela loira. Era uma pose tirada alguns anos atrás. Ele parecia mais maduro e sério agora, mas foi a loira que chamou sua atenção.

Ela era linda, com traços delicados e cabelos louro-claros. Os olhos, de um azul da cor do céu, mostravam a mais pura alegria. Jensen mantinha o braço ao redor dos ombros dela. Algo na postura dele revelava uma ligação mais íntima do que as aparências demonstravam.

Elizabeth olhou para o casal mais um momento e voltou a colocar o porta-retrato no lugar em que o encontrara.

Ela respirou fundo, tentando não pensar na imagem, nem se perguntar por que aquela foto inocente a abalara tanto. Com um suspiro, inclinou a cabeça para trás, olhando pela janela.

Quem era aquela mulher? Seria alguém importante para Jensen? Obviamente, pois ele ainda tinha a foto em sua cabeceira. Mas por que a mantinha virada para baixo?

Ela se deitou de costas e, no processo, avistou algo no topo da estante. Um livro, ou melhor, o que parecia ser um álbum de fotos de capa cor-de-rosa deslocado dos outros livros na prateleira. Mesmo sabendo que estava bisbilhotando, ela não resistiu ao impulso. Levantou-se e caminhou até a estante, esticando-se na ponta dos pés para alcançar o livro.

Era um álbum de fotografias decorado com corações vermelhos e um laço branco. Ela hesitou, dizendo a si mesma que devia colocá-la de volta. Estava invadindo a privacidade de Jensen.

Contudo, suas mãos não pareciam dispostas a ouvir. Abriu o livro, e seus olhos registraram as imagens e as legendas adicionadas às páginas. Ela virou outra página, sem conseguir para até que tivesse visto o álbum inteiro.

Apesar de quase todo preenchido com fotografias, o livro contava uma história vivida de um menino e uma menina que tinham sido loucamente apaixonados e planejavam ficar juntos para sempre. Bailes, festas, a praia com os amigos, a graduação... Cada imagem declarava com nitidez somente uma verdade: Jensen amara aquela mulher. Estava escrito em seus olhos e no sorriso arrogante. E a mulher o amava com a mesma devoção.

Ela folheou o álbum mais uma vez, mesmo que isso a machucasse.

Estava devolvendo-o à prateleira quando Jensen voltou para o quarto. Virou-se rapidamente para encará-lo, aliviada ao constatar que ele não notara a culpa em sua conduta.

— Desculpe por isso. Um de meus clientes tem uma égua doente. Tenho de ir à fazenda examiná-la.

— Está bem — Elizabeth concordou, sentindo necessidade de ficar longe de Jensen por algum

tempo.

Ficara abalada com as imagens, mesmo sabendo que era injusto. Era óbvio que Jensen tivera uma vida antes dela. Estava sendo ridícula.

— Por que você não vem comigo? — Jensen perguntou, retirando uma maleta do armário.

A sugestão a desviou dos pensamentos.

— Ah, eu não acho que seja uma boa idéia.

— Acho que sei qual é o problema da égua. Se eu estiver certo, não vai demorar muito. Podemos voltar e mostrar à minha pobre cama negligenciada um pouco de ação. Ele sorriu, provocante, e Elizabeth mordeu os lábios.

— Acho melhor não.

— Por que não? A beleza de ser veterinário é que meus pacientes não se importam com privacidade.

Ela levantou uma sobrancelha duvidosa.

— Você pode se surpreender.

Lobisomens definitivamente se importavam, ela pensou em segredo.

— Você tem medo de cavalos?

A questão a assustou. Ela estava tão focada no medo que os cavalos pudessem ter dela que não havia pensado no reverso.

— Não. Eu adoro cavalos.

Elizabeth fechou os olhos por um momento. Era a primeira vez que pensava em Sunny naqueles anos todos. Ela nunca soubera o que havia acontecido com seu adorado cavalo, e fez uma nota mental para perguntar, quando visse algum dos irmãos.

— O que foi então?

— Nada. Eu... — O sorriso aberto da loira nas fotos dançou em sua mente. — Eu não tenho contato com cavalos há muito tempo.

Jensen segurou-a pela mão e a conduziu para a porta.

— Nesse caso, você deve vir comigo.

Antes que Elizabeth pudesse responder, ele a arrastou escada abaixo e atravessou o jardim,

ignorando os protestos. Colocou-a dentro da caminhonete e correu para o lado do motorista, arrancando com um rangido dos pneus.

— Você está me raptando! — ela gemeu, sem conseguir conter o riso.

— Eu não podia correr o risco de perdê-la. — Ele desviou os olhos da estrada e a fitou de soslaio. — Qual é seu problema com cavalos?

— Bem, os animais em geral tendem a ser ariscos comigo.

— É, eu notei — ele comentou com expressão de descrença.

— Por que você diz isso?

— Você tem a companhia de corujas e gambás pendurado no seu celeiro enquanto você trabalha. Quando chegamos na sua casa ontem à noite, havia dois cervos no jardim. E, se me lembro bem, era um rato na pia da cozinha, esta manhã, passeando tranqüilamente como se fosse seu animal de estimação.

— Um rato? Argh!

Ela fez uma careta, disfarçando a tensão. Mesmo que Jensen achasse estranho o comportamento dos animais, ele não tinha a história toda. No entanto, cavalos pareciam ser particularmente sensíveis a lobisomens.

— Vou esperar no carro.

Jensen fez menção de argumentar, mas só balançou a cabeça. Depois de alguns minutos, passou pelo portão de ferro e estacionou a caminhonete diante de uma construção de madeira. Um homem saiu para encontrá-los antes que ele tivesse tempo de descer.

— Lee, como ela está? — Jensen perguntou, apanhando a valise antes de descer.

— Na mesma. Ouça, eu tenho de ir buscar Missy. Ela está em Hillsboro com as crianças, e o carro quebrou. Eu avisei que aquele carro velho não agüentaria, mas você sabe como são as mulheres... — Ele balançou a cabeça com desgosto. — Você pode cuidar de Ginger sem mim?

— Claro. Vá em frente. Tenho Elizabeth comigo se eu precisar de alguém para ajudar a segurá-la.

Lee, um homem nos seus trinta anos, com cabelos salpicados de fios grisalhos, acenou para ela e tirou o chapéu desgastado de caubói.

— Agradeço por você ter vindo em pleno sábado.

— Não tem problema. Vá em frente, e fique tranqüilo. Eu cuidarei de Ginger.

— Odeio ter de sair e deixá-lo sozinho com aquela égua. — Lee balançou a cabeça. — Ginger costuma ser um doce, mas ela está irritada. Tenha cuidado.

— Está tudo bem — assegurou-lhe Jensen, sem demonstrar preocupação com a advertência do proprietário.

Lee agradeceu novamente e entrou numa caminhonete caindo aos pedaços, que parecia tão sem esperança quanto o referido carro velho da esposa. O motor roncou com potência surpreendente, e Lee seguiu para a estrada principal.

Jensen começou a caminhar em direção ao celeiro, e Elizabeth suspirou. Embora não acreditasse que poderia ajudar ou até piorar a situação, ela o chamou.

— Espere!

Ele parou e olhou por sobre o ombro. Elizabeth abriu a porta e saltou da cabine.

— Quero ir com você. Não que eu vá ajudar muito, mas pelo menos, posso ligar para o serviço de emergência se a situação sair do controle.

— Elizabeth, se cavalos a deixam nervosa, você não tem de ir.

— Tarde demais — ela declarou, tomando o braço dele com uma risada.

Quando se aproximaram do celeiro, Elizabeth reduziu os passos. Receava assustar o pobre cavalo e Jensen sair ferido daquela história.

Ainda assim, sentiu que tinha de estar lá. Jensen não devia ficar sozinho com um animal sensível que poderia entender o cuidado como ataque.

De repente, ela se lembrou do seu comportamento naquela noite que se transformara. Na ocasião, ainda acreditava que podia ficar longe de Jensen. E ele estivera muito perto de uma criatura muito mais selvagem e perigosa do que uma égua domesticada. Felizmente, ela havia conseguido se controlar. Porém, a noção do que poderia ter acontecido ainda a fazia estremecer.

Jensen abriu a porta do celeiro seguiu pelo largo corredor com baias dos dois lados, enquanto ela o esperava na entrada.

— Você já esteve aqui antes? — ela perguntou de longe, lançando um olhar cauteloso para os cavalos presos nas baias.

Eles farejavam o ar, dilatando as narinas e se contorcendo ao pressentir a presença estranha. No entanto, nenhum deles reagiu com medo.

— Sim. Eu sei que Lee coloca os cavalos doentes na baia dos fundos. É mais espaçosa que as outras.

Ele parou no último portão e o abriu lentamente. Antes de entrar, dirigiu palavras amigáveis a égua, em voz baixa e uniforme. Assegurou a ela que não pretendia feri-la, consciente de que não era às palavras que o animal reagiria, e sim, ao tom. Manteve os movimentos lentos e fluidos, de forma que não a ameaçasse, e colocou a maleta no chão. Com cuidado, ele estendeu a mão perto do focinho do animal. Tocou-o, murmurando palavras tranquilizadoras, e deu palmadas suaves no pescoço longo e delgado.

Pressentindo que o ambiente estava tranqüilo, Elizabeth se arriscou a entrar, e parou no portão da baia.

— Ela está tranqüila. Acho que posso cuidar disso sozinho — ele se dirigiu a Elizabeth.

— Não — disse ela, mantendo a voz baixa. — Eu estou bem.

Na verdade, estava fascinada, vendo-o trabalhar. A doçura e a tranqüilidade dele a acalmaram.

Ele se abaixou e alcançou a maleta. A égua se inquietou, reagindo ao movimento. Jensen voltou a falar com ela, chamando-a pelo nome, mas dessa vez, a égua não respondeu tão prontamente. Ela se pôs a bater as patas dianteiras no chão e empinou as orelhas, visivelmente tensa.

— Shh... — ele murmurou, retirando rapidamente duas seringas da maleta. — Não se preocupe, garota. Eu só vou tirar um pouco de sangue e lhe dar um medicamento que vai fazer você se sentir melhor.

Ginger se empinou mais, e Elizabeth teve a impressão de que os enormes olhos castanhos a fulminaram com um brilho selvagem. Jensen continuou a falar calmamente, enquanto preparava as seringas.

A égua se acalmou. Porém, quando Jensen se levantou, embora com movimento fluido, ela empinou para trás e relinchou, assustada.

— Elizabeth — ele murmurou, mantendo os olhos treinados no animal. — Acho que vou precisar de ajuda. Tente tranquilizá-la. Se ela ficar muito agitada, teremos de esperar até que Lee volte.

Elizabeth hesitou, receando ser ela própria o problema. Não acreditava que se aproximar da égua ajudaria muito. Ainda assim, tinha de ajudar Jensen.

Cuidadosamente, ela entrou na baia, sentindo a maciez do feno sob os pés. Parou a poucos passos de Ginger, evitando pensar no que aconteceria se o animal se assustasse e saísse correndo.

A égua chicoteou a cabeça na direção dela, com um brilho selvagem no olhar. Para se acalmar, Elizabeth decidiu que aquela era uma reação típica da doença. Lutando para não fugir dali, ela estendeu a palma da mão para o animal. As narinas se alargaram. Então, para seu espanto, Ginger deu um passo adiante e roçou o focinho na palma.

Ela riu e acariciou o nariz aveludado, lembrando o quanto adorava acariciar Sunny. A égua se

aproximou, como se quisesse mais. Encantada, Elizabeth acariciou a testa e pescoço enquanto murmurava palavras carinhosas.

— Boa garota! Você é linda, sabia? Como é boazinha... Você gosta de carinho, não é?

Ginger se aninhou a ela, satisfeita com os mimos.

— Está feito.

Elizabeth piscou e se virou para Jensen. Ele guardava a seringa com a amostra de sangue na bolsa térmica da maleta, e ela notou duas ampolas de antibiótico vazias no chão.

— Você já acabou? — Ela franziu a testa. — Ela sequer reagiu!

— Ginger estava muito ocupado adorando você — Jensen comentou com um sorriso.

Para confirmar, a égua esfregou o focinho nos cabelos de Elizabeth, e o toque do nariz gelado a fez rir.

Jensen recolheu as ampolas vazias e apanhou a maleta. Afagou o pêlo macio de Ginger para se despedir e saiu da baia. Esperou por Elizabeth, que se despedia da égua com sussurros carinhosos.

— Você devia ter me avisado que era encantadora de cavalos — ele comentou ao saírem do estábulo.

— Nem eu sabia que era capaz de me relacionar tão bem com eles! — Elizabeth admitiu, ainda chocada com a forma como Ginger reagira.

— Acho que vou ter de incluí-la na minha folha de pagamento. Você pode me poupar de muitas lesões por coices e mordidas.

Elizabeth tinha certeza de que a reação da égua fora mero acaso, assim como as corujas e o gambá no seu celeiro.

— Bem, eu só tenho de levar a amostra de sangue ao laboratório em West Pines, e serei todo seu.

Elizabeth sorriu, tentada com a oferta. No entanto, voltou a se lembrar da loira nas fotos. Ao mesmo tempo, ponderou que não era justo ser tão possessiva. Jensen não deixava dúvida que era totalmente dela. Afinal, ela estava longe de ser honesta com ele. Tinha mais segredos do que ele jamais poderia imaginar.

Como podia exigir que Jensen lhe dissesse quem era aquela loira, se ela jamais dissera quem fora Brody? Ela nunca revelara que era praticamente casada. Não fizera nenhum voto, não havia nenhum anel, mas em muitos aspectos, o vínculo com Brody era ainda mais definitivo por se tratar de união entre lobisomens.

Enquanto Jensen discorria sobre a hipótese de uma infecção facilmente tratável em Ginger, Elizabeth ouvia sem dizer nada. Sua mente girava em torno da loira que fora dona do coração dele.

Jensen parou no laboratório para deixar as amostras e voltou rapidamente para o carro.

— O que faremos agora? — Ele tamborilou os dedos no volante. — Devo admitir que estou desapontado por não conseguir brincar de médico no meu quarto.

Elizabeth sorriu, mas a piada não provocou a reação que ele esperava.

— O que está acontecendo? — perguntou, virando-se de frente para ela. — Você está preocupada desde que saímos de casa. A princípio, achei que estava nervosa por causa do medo de cavalos. Agora, tenho certeza de que há alguma incomodando.

— Tem razão. — Ela respirou fundo. — Quem é a moça da foto ao lado da cama?

Jensen se esticou como se a pergunta o atingisse fisicamente.

— Desculpe — Elizabeth balbuciou, embaraçada. — Eu não devia ter perguntado.

— Não precisa se desculpar. Eu esqueci que a fotografia estava lá. Era apenas uma amiga de infância.

Elizabeth soube, pela hesitação na resposta, que havia mais do que isso. Pensou por uma fração de segundo se ela tinha o direito de saber. Mesmo consciente de que não tinha, ela prosseguiu:

— Eu também vi o álbum de fotos que acho que ela deve ter feito. — Deus, o que estava fazendo?! — Vocês dois pareciam muito apaixonados.

Jensen não respondeu por um momento. Seu olhar permaneceu concentrado em algum ponto à frente como se ele estivesse estudando algo de grande interesse fora do carro. Finalmente, ele limpou a garganta.

— Pois é. Estávamos muito apaixonados sim. E ela... Ah... Ela morreu.

Uma estranha mistura de dor e ciúme percorreu Elizabeth. Imaginou o sofrimento de Jensen ao perder a mulher amada. No entanto, tudo o que conseguia pensar era que ele ainda a amava. E se a jovem ainda estivesse viva, Elizabeth não estaria naquela caminhonete.

Ela fez um ruído leve, horrorizada com seu próprio egoísmo interminável. Estava com ciúmes de uma mulher morta, enquanto ela própria tinha um companheiro. Pelo menos Jensen estava livre, mesmo que não fosse a escolha dele.

Deus, ela precisava ir embora! Tinha de elaborar todos os pensamentos loucos girando em sua cabeça.

— Quero ir para casa.

Esperava que Jensen argumentasse, ou esclarecesse sobre a loira. No fundo, esperava que ele dissesse que a amava ainda mais do que amara aquela mulher. Em vez disso, ele assentiu e ligou a ignição.

Nenhum dos dois falou no percurso para a fazenda. Por mais que ela procurasse desesperadamente pelas palavras, a boca rebelde não obedecia ao comando do cérebro. Como era possível que, depois de conhecer Jensen, ela perdesse por completo o controle sobre o próprio corpo?

Jensen parou a caminhonete diante da casa e não desligou a ignição. Ela abriu a porta, registrando também que era a primeira vez que ele não saltava para ajudá-la a descer. Deslizou para fora do banco e bateu a porta, com o coração apertado.

— Nós nos veremos mais tarde — ele disse sem sorrir. Foi uma promessa frágil. Contudo, Elizabeth se agarrou a ela como uma tábua de salvação.

— Claro. Então, até mais tarde.

Jensen balançou a cabeça com expressão sombria. Nenhum sorriso arrogante. Nenhum brilho nos olhos verdes.

Elizabeth rezou para que fosse verdade. Ela não podia perdê-lo.

Sorriu em despedida, sabendo que o gesto era tão frágil quanto as palavras. Antes de entrar na casa, ele arrancou e a caminhonete sumiu na estrada, deixando para trás uma nuvem de poeira.

Capítulo X

Jensen parou o carro na calçada e se debruçou sobre o volante. A imagem de Elizabeth, insegura e triste, o assombrava. O jeito desconfiado como o fitou quando saiu da caminhonete, a forma quase desesperada quando ele disse que a veria mais tarde...

Ela estava confusa. Mas, como poderia ser diferente? Ele a deixara confusa. Quando ela havia perguntado sobre Katie, foi como se tivesse trazido à tona um outro mundo do qual não fazia parte, tampouco ele queria incluí-la.

Mas, por que não deveria saber sobre Katie? Ela tinha o direito de estar curiosa. Ele próprio mal continha a curiosidade de saber sobre outros homens da vida dela.

Jensen desligou o motor e saiu da caminhonete. Quando a porta se fechou com um ruído alto, ele ponderou que o som pontuava seu monumental erro.

Não deveria ter levado Elizabeth para casa. E, pior, não deveria ter saído deixando-a na varanda, confusa e magoada. Era natural que ela ficasse abalada. Elizabeth não sabia que uma simples questão pudesse fazer emergir o caos dentro dele. Não havia nada de errado com a pergunta. Fora ele quem não pudera responder.

Jensen entrou em casa e quase gemeu ao encontrar o avô sentado à mesa da cozinha, dedicando-se a uma das suas palavras-cruzadas.

— Olá. Onde está Elizabeth?

Ele suspirou com desespero. Devia ter previsto que o avô focalizaria exatamente no tópico que ele não queria falar.

— Eu a levei para casa. Ela estava cansada.

Charles concordou e escreveu uma palavra no diagrama.

— Ela parece ser uma ótima garota, Jen.

Jensen assentiu. Sim, ela era. E talvez a tivesse perdido, só porque não conseguia lidar com seu próprio passado.

— E gosta muito de você. Dá para ver nos olhos dela.

Seria bom se as palavras do avô o enchessem de satisfação. Mas seu egoísmo e carência o impediam de desfrutar plenamente de uma nova paixão.

Talvez Elizabeth pudesse perdoá-lo pela relutância em falar sobre Katie. Mas ele podia dizer, a partir da expressão triste no rosto dela, que Elizabeth acreditava que o amor por Katie ainda estava vivo.

Até uma semana atrás, ele teria concordado. Teria dito que ainda a amava e jamais se apaixonaria por outra mulher. Agora, não tinha tanta certeza. Na verdade, havia uma certeza: ele se apaixonara novamente.

Então, por que sua inclinação em fugir das perguntas de Elizabeth?

Porque, seu tolo, não quer que ela veja o fracasso absoluto que você é. Você deixou Katie morrer, pelo amor de Deus! Como dizer à mulher que você ama que você desempenhou papel importante na morte de seu primeiro amor?

— Sabe, eu tenho a sensação de que Elizabeth é uma pessoa muito boa.

O comentário do avô dissolveu as auto-acusações que martelavam na cabeça de Jensen. Ele apanhou um copo no armário e encheu-o de suco.

— Eu não deixaria uma mulher como aquela escapar. Jensen olhou para o avô, curvado sobre o quebra-cabeça.

O que ele sabia? Não estava lá naquela noite em que Katie saíra dirigindo como louca depois da briga estúpida que tinham tido. E quem havia pagado pela sua estupidez? Katie. Ela pagara com a própria vida.

Não disse nada quando deixou a cozinha e correu para o quarto que era dele desde que fora morar com os avós. Grande parte da infância era ainda visível naquele aposento, e, na verdade, Jensen nem notava mais.

Apanhou a fotografia sobre o criado-mudo e sentou-se na cama. Ele e Katie estavam se preparando para ir para a faculdade. Todas as noites, ele olhava para a foto e se perguntava como teria sido se as coisas tivessem corrido de maneira diferente.

Teve de admitir que, desde que assumira a paixão por Elizabeth, não havia mais pensado naquele retrato. Passara a ser um adereço do quarto, como as flâmulas na parede e o projeto de ciências da nona série, ainda na estante, juntando poeira.

Contudo, a idéia de que ele poderia simplesmente esquecer Katie não o fez se sentir melhor. Ele olhou para a foto, lembrando de tudo que acontecera naquele dia...

As rosas no jardim da avó estavam florescendo, e o perfume doce no ar ainda estava vivido em sua lembrança. Ele e o avô tiveram de se empenhar para que a bagagem coubesse no porta-malas do velho Cadillac, tentando encontrar a posição certa para que tudo se encaixasse.

Katie se desculpara pelo excesso de malas e caixas, embora não se oferecesse para deixar nada para trás. Não porque fosse gananciosa, e sim porque tinha a certeza de que tudo o que havia embalado era absolutamente necessário. Ela acreditava estar deixando West Pines para sempre.

De certa forma, a previsão de Katie se concretizara.

Jensen se lembrou da fita cassete que ela colocara enquanto dirigia, com canções que haviam marcado a adolescência dos dois. Ela estava feliz com a perspectiva de avançar para uma nova etapa da vida.

Não. Ele não havia esquecido nada sobre Katie. Ao contrário, tentava reviver todos os momentos que vivera com ela mais e mais, com medo de perder algum detalhe.

— Jensen?

Ele ergueu os olhos para o avô, parado ao batente da porta.

— Eu sei que você amava Katie. Sei que ainda a ama e, se ela tivesse vivido, vocês dois estariam juntos agora. Mas ela não está mais aqui. Você está, filho, e não pode deixar de viver.

Jensen o encarou sem dizer nada.

— Deixar Elizabeth ir embora não é o tributo que Katie teria desejado.

Charles cruzou o quarto e deu palmadas carinhosas no ombro do neto. Voltou-se para sair do quarto e parou à porta.

— Só para constar, eu realmente gosto Elizabeth. Jensen assentiu em silêncio. Ele também gostava dela.

Aquele não era o problema.

Será que Elizabeth continuaria a gostar dele se soubesse da verdade? Ela ainda o amaria se descobrisse como ele podia ser egoísta?

Elizabeth abriu os olhos, desorientada, e pestanejou várias vezes para encontrar o foco. Ela havia cochilado no sofá.

Ficou deitada por um momento, tentando se orientar. Então, lembrou-se da última conversa com Jensen. Ou falta de conversa, corrigiu com um sorriso amargo.

Ela se espreguiçou, surpresa por ter conseguido dormir. Sua mente fervilhava quando se recostou no sofá, depois de entrar em casa.

Talvez o sono fora sua defesa para lidar com os problemas emocionais. Tudo o que ela queria era se aconchegar nas almofadas e cair no esquecimento.

Em vez disso, sentou-se e manteve as costas eretas, sentindo todos os músculos doloridos. A sesta não aliviara seu cansaço.

No entanto, ela não podia ceder à exaustão que convidava seu corpo a se deitar. Levantou-se e caminhou com vagar, sentindo cada um dos seus cento e oitenta e nove anos. O amor não deveria fazê-la se sentir velha.

O cérebro mal registrou o pensamento, pois ela tropeçou no tapete da porta da cozinha e se chocou contra o batente.

— Droga! — gemeu, massageando o ombro.

Porém, ela sabia que a dor não era no corpo. Seu coração estava ferido.

Estaria ela realmente apaixonada por Jensen? Como era possível? Eles não tinham o que

ninguém chamaria de uma relação convencional. Na verdade, sequer haviam compartilhado o suficiente para constituir um relacionamento.

Ela cambaleou até a geladeira e abriu a porta. O estômago reclamou de fome, como se tivesse mente própria.

Apanhou um iogurte e abriu a porta do armário para alcançar a caixa de granola, tentando dar algum sentido aos pensamentos desordenados.

— O que você realmente espera de Jensen? — perguntou em voz alta, como se a resposta pudesse brotar espontaneamente das profundezas de sua mente.

Claro, a cozinha permaneceu em silêncio, exceto pelo ruído macio das patas do camundongo passeando calmamente por ali.

— Como se minha vida não fosse estranha o suficiente... — disse ao pequeno roedor, que se ergueu sobre as patas traseiras para observá-la, sem demonstrar o menor receio.

Ela balançou a cabeça e se sentou à mesa para comer. Levou a primeira colherada à boca e começou a fazer uma lista mental do que queria e do que era viável acontecer.

— Eu quero Jensen — admitiu para si e para o camundongo. — Eu o amo.

Dizer em voz alta a assustou. Amá-lo era quase um castigo, um desejo condenado, doloroso e completamente inalcançável. No entanto, ela não conseguiu convencer o coração.

— Não é uma escolha real. Apenas deixe tudo terminar naturalmente. Basta deixá-lo ir embora.

Ela sabia que as palavras eram as mais acertadas, como também sabia que estava pedindo o impossível.

Tinha de ver Jensen novamente. De alguma forma, naquele breve período de tempo, ele se tornara vital como a água e o ar.

Elizabeth sustentou a colher no ar. Não era normal sentir aquilo, e, certamente, não era saudável. Mas, talvez, ela não tivesse de debater sobre isso. Jensen podia ter decidido que não estava interessado nela. Se a reação às suas perguntas fosse alguma indicação, ele ainda amava a loira das fotografias. Talvez a culpa fosse dela, por trazer à tona velhas recordações. Lembrar-se da antiga paixão o fizera perceber como era estranha a relação atual. Ou então, ele simplesmente descobrira que ela não era seu tipo.

Ela apoiou o rosto nas mãos, cada vez mais confusa. E isso por que ainda não havia colocado em pauta o maior problema, que jamais poderia ser superado: ela era uma mulher-lobo. Como se não bastasse, tinha um companheiro.

— Você não pode amá-lo. Basta deixá-lo ir — murmurou com tristeza.

— Minha doce Lizzie, essa é a melhor coisa que ouvi nos últimos tempos.

Elizabeth quase caiu da cadeira ao ouvir a voz sussurrada perto do seu ouvido.

Girou o corpo lentamente, consciente da presença indesejada.

— Brody.

Ela se levantou, obrigando-se a disfarçar o medo.

— Sim, sou eu. Em carne e osso.

Ele ergueu uma sobrancelha e deu um passo adiante. Elizabeth recuou, num gesto involuntário.

— Posso ver que você está feliz em me ver.

— Como... Por que você está aqui?

Brody sorriu, revelando os dentes brancos. O sorriso era a melhor característica do rosto largo e severo.

Quando ela o conheceu, disse a si mesma que qualquer homem com um sorriso como o dele não podia ser de todo mau. Estava enganada. Não havia bondade alguma em Brody. A vida o endurecera, deixando apenas egoísmo no lugar da generosidade.

— Bem, eu não poderia permitir que minha companheira me deixasse para sempre.

Ele caminhou até a mesa e se sentou como se fosse dono do lugar. Ergueu a tigela de iogurte com granola que ela estava comendo e cheirou com uma careta antes de empurrá-la para longe.

— Você não foi uma companheira leal, Lizzie.

Elizabeth congelou, sentindo as garras geladas do pânico dominá-la. Respirou fundo, disposta a manter a calma. Brody podia sentir. Um lobisomem podia sentir o medo acima de todas as emoções humanas. E ele tinha um prazer particular em se alimentar do medo que provocava.

— Eu não sei do que você está falando.

— Não mesmo? — Ele ergueu a sobrancelha espessa com descrença.

Ela balançou a cabeça, determinada a não ceder terreno, como fizera tantas vezes, evitando confrontos com Brody. Embora não saísse vencedora, ao menos ficava incólume.

— Deixe-me refrescar sua memória. O banco da frente de uma caminhonete, a mesa na cozinha de um velho impertinente... Ah, e seu quarto.

O gosto amargo do medo subiu à garganta de Elizabeth, e ela se forçou a engolir a náusea. Oh,

Deus! Brody assistia enquanto ela e Jensen faziam amor.

A ira explodiu no peito dela, fazendo-a estremecer. Brody havia testemunhado momentos que deveriam ter sido apenas dela e de Jensen. Ele os contaminara com sua presença. Tal noção a deixou doente, mas ela não demonstrou.

— Não foi nada além do que você fez — retrucou com bravura, espantada com a própria convicção.

— Então, você estava apenas retribuindo?

Ela assentiu, tentando transmitir a ira acima do medo.

Brody curvou os lábios, como se considerasse a informação. Por um momento, ela pensou que aceitaria a justificativa. Afinal, Brody a traía desde o dia em que ela aceitara ser sua companheira. Não era o comportamento natural de um lobisomem, contudo, Brody nunca fora convencional em nenhum aspecto de seus traços de lobisomem, incluindo a fidelidade.

Na verdade, ela ficava feliz quando ele procurava outras fêmeas. Acasalara com Brody apenas para sobreviver, e não por amor. Nunca sentira prazer com ele, e somente descobrira o que era ser mulher em sua plenitude, quando se entregara a Jensen.

Entretanto, a esperança de que aceitara o argumento dela foi rapidamente destruída. Brody se levantou e caminhou em sua direção. Ela recuou até sentir a maçaneta da geladeira nas costas e se viu encurralada, com o corpo maciço bloqueando a fuga.

Brody possuía a mesma estatura de Jensen, embora fosse duas vezes mais corpulento. Mesmo assim, ela se forçou a não demonstrar o pânico.

— Bem, querida, entendo que você ache justo se vingar. Mas eu não vejo assim.

Elizabeth empinou o queixo numa atitude insolente.

— É mais uma das suas regras aleatórias de macho alfa? Ele riu, um som baixo e perigoso.

— Não. São as minhas regras particulares. E a número um é que a companheira de Brody não trai, especialmente com um humano. — Os olhos percorreram o corpo dela, fazendo-a arrepiar. — Você se deixou contaminar.

Ela concordou em silêncio, ponderando para si que fora Brody que a maculara, e não Jensen. Com ele, percebera o que ela poderia ter tido, se ela não estivesse tão assustada e patética.

Aproveitando-se da distração de Brody, ela se afastou da geladeira e se aproximou da porta. Ele se virou para encará-la, fazendo-a congelar.

— Na verdade, eu poderia deixar como está. Afinal, pelo que vi, o humano ensinou-lhe um ou dois truques. — Ele sorriu, e os olhos refletiram brilho lascivo, provocando repulsa em Elizabeth.

Ela permaneceu absolutamente imóvel quando Brody se pôs a andar, e pela primeira vez, percebeu que o movimento não era fluido, como se algo o estivesse ferindo. Observou com atenção, tentando descobrir o que estava errado.

Mas, mesmo machucado, ele ainda a sobrepujava em força e agilidade. Por mais rápido que ela conseguisse correr pela porta dos fundos, Brody a alcançaria num piscar de olhos. Ela precisava de uma arma.

Seus olhos pousaram no suporte de facas sobre a pia. Se ao menos pudesse alcançá-lo...

Brody se virou, e os olhos escuros a percorreram da cabeça aos pés. Ela não se moveu, mal conseguindo respirar. Contudo, sabia que se manter congelada não a salvaria.

Ele se projetou para a frente, e antes que Elizabeth pudesse se preparar para o impacto, encontrou-se presa à parede, esmagada pelo peso do corpo maciço. Tentou puxar o fôlego, mas não conseguiu.

— Mas... — ele murmurou com um dos seus sorrisos enganosamente atraentes. — Eu não posso permitir que mais ninguém sinta o seu gosto.

Para pontuar suas palavras, ele se inclinou e a língua quente e molhada percorreu a extensão do rosto de Elizabeth. Dessa vez, ela não conseguiu reprimir um tremor violento.

Quando Brody se afastou, o sorriso dera lugar a uma carranca sombria. Os olhos negros queimavam com repulsa.

— Oh, Lizzie, você selou o destino daquele humano. Ele morrerá por sua causa.

As palavras tiveram o efeito de reanimá-la como um balde de água fria.

— Por quê? — perguntou, sem entender qual era a motivação dele. — Por que se importar com um reles mortal?

Brody balançou a cabeça de um lado para outro, numa negativa veemente.

— Ele não é importante. Eu não deveria ter saído com ele. Só fiz isso para machucar você.

Ela sabia que o argumento era frágil, mas diria qualquer coisa para que Brody deixasse Jensen em paz, ou ele morreria antes mesmo de perceber o que o atingira.

— Para me machucar? — Ele riu, deixando evidente que não acreditava. — Se é assim, acho que você gostaria de me mostrar um pouco dessa paixão por mim.

Brody não esperou que ela respondesse. Capturou a boca de Elizabeth com violência, e ela lutou para reprimir a onda de náusea. Para se preservar, tentou manter os lábios relaxados e não opor resistência, ou ficaria ainda mais ferida pela agressão dolorosa.

Com vagar, ela se esgueirou com sutileza até conseguir se apoiar na pia. Estendeu o braço na direção das facas, e seus dedos roçaram nos cabos de madeira.

— Querida, eu não estou sentindo a paixão que você demonstrou com o humano — ele reclamou, afastando-se para fitá-la.

Elizabeth se aproveitou do momento e, com um gesto rápido, puxou uma faca e cravou-a sem hesitar. A lâmina penetrou nos músculos do braço com mais facilidade do que ela esperava, e Brody se afastou com um pulo.

Incrédulo, ele olhou para a faca com um rosnado gutural.

— Sua vadia!

Sem perder tempo, Elizabeth correu para a porta dos fundos e voou pela escada de pedras, com a adrenalina que corria nas veias alimentando a velocidade. Quando chegou ao bosque, ela parou e olhou para a casa. Refletiu por um momento, e ponderou que seria capaz de chegar à casa de Jensen mais rapidamente se assumisse a forma de lobo. Tinha de chegar até ele antes de Brody.

Ela respirou fundo para se acalmar e se preparou para a transformação. A mudança de forma era dolorosa, mas uma vez feita, a dor ficaria esquecida. E, como a lua não estava cheia, ela seria capaz de pensar como humana.

Depois de dolorosos gemidos e estalar de juntas, ela começou a correr, as patas macias mal tocando o chão, ganhando distância entre ela e Brody.

Jensen pegou o livro de recordações de Katie pela primeira vez desde que ela morrera. A dor ainda enchia o peito enquanto olhava para as fotos. Se pudesse, tudo teria sido diferente. Ele daria a própria vida para que Katie ainda estivesse viva.

Porém, ela se fora, e lamentaria eternamente por isso.

E ele também lamentava pelo olhar no rosto de Elizabeth quando a deixara em casa.

Ele olhou pela janela. A noite havia caído. Ele passara a tarde toda olhando fotos, tentando resolver seus sentimentos, e não estava mais perto de uma resposta.

A única coisa que sabia era que não havia mais nada que pudesse fazer por Katie, mas podia fazer por Elizabeth.

Levantou-se da cama e enfiou os pés nos sapatos. Ao sair do quarto vestindo a jaqueta de couro, ele ouviu a porta dos fundos bater, seguido da voz abafada do avô gritando alguma coisa.

Jensen desceu correndo a escada, preocupado, e ao chegar à saída, ele ouviu um disparo.

— Oh, vovô... De novo? — gemeu baixinho.

Ele correu para a cozinha, e a mesma cena de noites atrás se repetiu. Encontrou Charles com seu velho rifle na varanda dos fundos, fazendo mira para o quintal escuro.

— Vovô! — gritou acima do estampido de outro tiro. — Que diabos você está fazendo?

Charles não respondeu. Permaneceu imóvel, com o dedo no gatilho, pronto para disparar. Jensen parou atrás dele, certo de que veria o Terra Nova de Tim McCormacks caído sobre uma poça de sangue.

O avô abaixou a arma e perscrutou a escuridão, obviamente, à procura de algum rastro de sangue.

— Vovô, estou começando a ficar preocupado com você.

— Não é comigo que você tem de se preocupar, e sim com aquele maldito lobo.

Jensen balançou a cabeça. Aquela obsessão do avô por lobos estava assumindo proporções assustadoras. Horrorizado, ele notou a mancha de sangue na relva úmida, e se pôs a pensar no que diria para Tim McCormacks. Sem contar que, conhecendo o avô e a paixão dele por animais, sabia que ficaria arrasado se tivesse matado um cachorro.

Decidiu que era melhor seguir o rastro de sangue e, se houve algum pobre animal ferido, cuidaria dele sem que o avô soubesse.

— Vovô, fique vigiando enquanto verifico se há algum animal ferido — avisou, saindo para o quintal.

Ele seguiu o rastro de sangue até a velha cabana atrás da garagem. Aproximou-se lentamente, receando que o animal ferido o atacasse numa reação de defesa natural. Atento a qualquer ruído que denunciasse a presença do cão, ele notou que as portas duplas estavam fechadas, indicando que o animal não havia entrado. Deu dois passos para contornar a construção quando ouviu um gemido.

Jensen parou e prendeu a respiração. Foi então que ele viu um vulto negro desmoronado no chão como uma mancha gigante. Ele avançou um pouco mais e viu o piscar de olhos pálidos, seguido de outro som abafado, embora dessa vez não parecesse ser o ganido de um animal. O gemido tinha uma qualidade quase humana.

Com o coração disparado no peito, Jensen deu outro passo, assustado com o que estava vendo. De repente, algo o atingiu por trás, lançando-o no ar.

Jensen caiu no chão com um baque violento. Alimentado pela descarga maciça de adrenalina, ele rolou para o lado e, antes que conseguisse se sentar, a coisa pulou sobre ele, prendendo-o ao chão com uma força descomunal. Ele olhou para a criatura, incerto de que seus olhos estivessem enxergando bem. Entre a escuridão e sua própria desorientação, era impossível reconhecer o animal que o atacara. Entretanto, ele sabia que não era uma forma humana, tampouco qualquer animal

familiar àquela região. Embora fosse tão negro que se confundisse com a noite, o tamanho e o peso monumentais indicavam que não se tratava de um cão.

O animal rosnou, e o som aterrorizante congelou o sangue de Jensen. Ele podia sentir a respiração quente no rosto. Apoiou as mãos no pescoço da fera, tentando empurrá-la. Os músculos se tensionaram sob a pelagem grossa. Ele sentiu os tendões e ossos do animal que mais se parecia com um tanque de guerra vivo.

A criatura rugiu novamente e investiu contra ele, com os maxilares avançando diretamente para seu pescoço.

Jensen fechou os olhos, pressentindo os dentes afiados rasgando a pele. Esperou pela dor lancinante que antecederia a morte certa. Porém, a dor não veio.

Um estampido ensurdecador o desnorteou. A criatura sobre ele estremeceu, e Jensen percebeu que fora atingida. A fera se afastou, rosnando ferozmente, e ele não perdeu tempo em se por de pé e correr para longe.

Mesmo ferido, o animal investiu contra ele novamente. Jensen conseguiu se manter de pé, com as patas da besta pesando sobre seus ombros. Lutou com todas as forças para empurrá-lo, porém, viu-se impotente frente à força esmagadora que o pressionava para baixo.

— Maldita coisa! — Ouviu o grito do avô perto dali, seguido do som característico da arma sendo recarregada.

O próximo disparo fez o animal recuar com um som entre um grito e um grunhido quase sobrenatural. A criatura se apoiou nas quatro patas, e Jensen viu o brilho dos olhos negros, fitando-o como se considerasse atacá-lo. No entanto, virou-se e correu para dentro da noite.

Jensen caiu no chão duro, ofegante, com o coração batendo tão forte que ele receou explodir a qualquer momento.

— Jensen? Você está bem?

Ele acenou com a cabeça indistintamente antes de perceber que o avô não poderia vê-lo na escuridão.

— Sim. Estou sem fôlego.

Charles ajoelhou-se ao lado dele e as mãos experientes procuraram por algum osso quebrado ou ferimento.

— Eu estou bem, vovô — tranquilizou-o, pondo-se de pé.

— Por Deus, essa coisa poderia ter matado você!

— Se não fosse pelo seu tiro, ele teria rasgado minha garganta.

Abalado, Jensen se apoiou no ombro do avô, enquanto recuperava o fôlego. Aquela tinha sido a experiência mais estranha e assustadora da sua vida. Ele passou a mão trêmula sobre o rosto e respirou fundo para acalmar a frequência cardíaca.

— Acho que você conseguiu feri-lo.

— Só lastimo não ter matado aquela coisa de uma vez por todas. — Charles balançou a cabeça e olhou ao redor. — E o pior é que existem duas dessas criaturas por aí.

Jensen teve de concordar. Ele sabia que havia dois, e o outro poderia estar por trás do galpão, esperando o momento certo para atacá-los.

— Dê-me a arma e espere lá dentro, vovô.

Charles não argumentou. Entregou o rifle ao neto e entrou, arrastando os chinelos de couro.

Jensen contornou a cabana, ouvindo atentamente. Por alguma razão, o ruído da brisa agitando as copas das árvores e das folhas sob seus pés pareciam muito mais altos do que o habitual, sem mencionar os aromas de terra úmida, terra molhada e gasolina do sedan antigo do avô. Tudo parecia mais intenso e pronunciado. Na certa, porque os sentidos estavam em alerta pelo incidente anterior, ele deduziu.

Jensen olhou ao redor, e discriminou com facilidade a garagem e parte de trás da cabana. Ele piscou, perguntando-se como conseguia enxergar com tanta nitidez agora, quando antes ele mal conseguira discernir as formas do animal que estava a apenas alguns centímetros de seu rosto.

E o mais estranho era que não estava em pânico agora, mesmo sabendo que seu coração batia com ritmo acelerado contra a caixa torácica.

Um som o deteve, e ele ergueu a arma. Congelou, com todos os sentidos em alerta. Ouviu um gemido fraco, mas cheio de dor. Ele olhou ao redor, tentando localizar a fonte. Outro gemido débil, baixo e distintamente feminino.

Ele concentrou a atenção na cabana. O som vinha do mesmo lugar onde ele vira a primeira criatura, antes de ser atacado. Fez uma pausa, pensando se deveria chamar o avô e pedir que se juntasse a ele com outro rifle.

Decidiu que não havia tempo a perder e caminhou na direção do som. Quando chegou mais perto, um cheiro familiar flutuou em torno dele.

— Elizabeth?

Ele abriu as portas e perscrutou o interior da construção de madeira. O velho sedan do avô ocupava o centro. Prateleiras de madeira revestiam as paredes, com instrumentos de jardinagem, ferramentas e caixas perfeitamente organizadas.

Elizabeth estivera ali. Ele sabia. Fechou as portas e deu a volta no galpão. E foi então que ele a

viu.

Elizabeth estava caída de encontro à parede dos fundos da construção.

Jensen correu para perto e a chamou, receando tocá-la. Ela gemeu, sem conseguir responder. Talvez estivesse inconsciente.

Ele a estudou, sem saber o que pensar. Sabia o que tinha visto, e não fora Elizabeth. No entanto, era ela quem estava, ali agora.

O que significava aquilo?

Ela gemeu de novo, e o som aflito o tirou das reflexões. Elizabeth estava ferida.

Jensen tirou a jaqueta e a envolveu antes de erguê-la contra o peito. Correu em direção à casa, atravessando o quintal num piscar de olhos.

— Querido Deus! Ela está bem? — Charles se aproximou quando ele emergiu na cozinha.

— Não sei. Encontrei-a atrás do galpão.

Jensen puxou a toalha da mesa no caminho, espalhando as folhas de jornal, e foi para a sala, seguido pelo avô.

Colocou Elizabeth com cuidado sobre as almofadas do sofá e cobriu-a com a toalha. Ela gemeu, sugerindo que alguma coisa causara dor.

Jensen a inspecionou com atenção. O rosto estava livre de arranhões, assim como os braços. Notou a mancha úmida e escura que cresceu na parte da frente da toalha xadrez de azul-marinho e branco. Quando olhou para suas mãos, o coração bateu mais rápido no peito ao constatar que estavam cobertas de sangue.

Jensen abaixou o tecido até encontrar o ferimento no ombro direito. Não podia ter sido causado por um animal. Definitivamente, ela fora atingida por uma arma de fogo.

— Eu atirei nela... — Jensen ouviu a voz esganiçada e confusa do avô.

Jensen o encarou, atônito. Era difícil acreditar que seu avô pudesse ter confundido Elizabeth com o que ele vira lá fora. Ele sabia o que tinha encontrado, e não havia nenhuma dúvida de que a criatura não era um ser humano.

— Talvez a bala tenha ricocheteado e atingido o ombro de Elizabeth — tentou tranquilizar o avô, mesmo sem acreditar nas palavras. — Temos de levá-la ao hospital.

Jensen começou a levantá-la, assustado com a palidez das feições. O movimento provocou um gemido alto, e Elizabeth abriu os olhos com expressão atordoada, tentando encontrar o foco.

— Jensen...

Ela fez menção de erguer o braço para tocá-lo, mas estremeceu e deixou-o cair sobre o ventre. Ainda assim, olhou para Jensen como se ele fosse uma alucinação.

— Você está vivo... — murmurou, e os olhos claros se encheram de lágrimas.

— Sim, querida, eu estou vivo.

— Onde está seu avô?

— Estou aqui, querida. — Charles tocou-a de leve nos cabelos.

— Graças a Deus... — ela gemeu, fechando os olhos.

Jensen se perguntou se Elizabeth teria visto o ataque da fera, e ponderou que sim, pois era a única razão para aquela reação emocional.

— Ele veio matá-lo — ela sussurrou, apavorada.

— Não se preocupe, querida. Vovô o atingiu e ele desapareceu. Está tudo bem agora.

Ela o fitou por um momento e soltou um suspiro de alívio.

— Ele se foi?

— Sim. Foi embora para sempre.

— Oh, Deus!

Os olhos se fecharam, e Jensen receou que ela tivesse perdido a consciência. Tentou levá-la com cuidado, e ela abriu os olhos.

— Por favor, Jensen, não.

O apelo partiu o coração dele.

— Querida, eu tenho que levá-la ao hospital.

Ela arregalou os olhos em pânico, e a expressão lívida o fez lembrar-se da noite em que a encontrara com febre no celeiro da fazenda.

— Não! Não! — ela gritou, debatendo-se para se sentar. Jensen a segurou com gentileza, impedindo que se agitasse.

— Elizabeth, pare! Você vai se machucar ainda mais.

Ela obedeceu, mas os olhos suplicantes insistiam no pedido silencioso.

— Nada de hospital, Jensen. Prometa-me.

Ele hesitou, preocupado com a palidez do rosto banhado de suor.

Olhou para o avô, e Charles fez um gesto indicando que não a forçasse.

Resignado, ele virou-a com cuidado ela gemeu alto.

— Desculpe, querida, mas tenho de ver se a bala atravessou o ombro.

Charles se aproximou e balançou a cabeça em negativa, com expressão preocupada.

— Elizabeth, eu tenho de levá-la ao hospital. A bala ainda está alojada no ombro. É preciso removê-la, ou pode infeccionar, sem mencionar o dano que pode causar aos ossos e nervos.

— Não — disse ela com firmeza. — Você mesmo pode retirar a bala.

— Não, Elizabeth.

— Você é veterinário. Pode cuidar de mim melhor do que ninguém no hospital.

Jensen franziu a testa, e um lampejo de pânico o assaltou. Um veterinário podia cuidar melhor dela? O que ela estava querendo dizer?

Ele afastou o pensamento, voltando a se preocupar com a gravidade da situação.

— Elizabeth... — começou, mas ela o interrompeu.

— Se me levar para o hospital, vou fugir de lá assim que você virar as costas...

Jensen trocou um olhar preocupado com o avô, incerto sobre o que fazer.

— Leve-a para o quarto — Charles sugeriu, erguendo as mãos com expressão resignada. — Posso ajudar, se for o caso, mas acho que você saberá o que fazer.

Ele hesitou por um segundo e balançou a cabeça.

— Agüente firme, Elizabeth. Tenho de carregá-la.

Dessa vez, ela não emitiu nenhum som quando Jensen a tomou nos braços, na certa, tentando provar que não precisa ser levada para o hospital.

Ele a carregou para o quarto e colocou-a na cama. Voltou-se para Charles, que os acompanhava de perto.

— Eu preciso da maleta, vovô. Está na caminhonete. Charles assentiu e saiu para apanhá-la. Jensen se voltou para Elizabeth.

— Querida, eu vou ter de tirar a toalha.

— Nada que você não tenha visto antes — ela balbuciou, tentando sorrir.

— Tem razão. — Ele riu e jogou a toalha e a jaqueta ensangüentadas no chão. — Mas tenho de admitir que gosto muito mais quando faço isso por outras razões.

— Eu também — ela murmurou.

Jensen apanhou um lençol limpo e o enrolou ao redor do busto de Elizabeth, tomando o cuidado de movimentá-la o menos possível. A pele queimava, tão quente quanto naquela noite no celeiro. Ele franziu a testa, preocupado com a possibilidade de infecção.

Deixou-a apenas o tempo suficiente para pegar toalhas limpas no armário do banheiro. Quando voltou para o quarto, ele se assustou ao ver a palidez da pele, tão alva quanto o lençol.

E se ele não conseguisse cuidar dela? E se a matasse, da mesma forma que fizera com Katie?

Ele fechou os olhos brevemente, tentando resgatar o controle sobre o medo absoluto que o paralisava. Quando ergueu as pálpebras, Elizabeth o observava com um sorriso triste.

— Minha aparência deve estar péssima.

Jensen balançou a cabeça com força e se sentou ao lado dela na cama.

Naquele momento, Charles entrou carregando uma bandeja de inox e a maleta de primeiros-socorros.

— Chame se precisar de ajuda — Charles avisou antes de sair.

Jensen agradeceu e retirou bisturi, pinça de cabo longo, gaze e antibióticos, e colocou na bandeja. Levou-a para o criado-mudo ao lado da cama e posicionou o abajur do modo que a luz incidisse na região ferida. A seguir, vestiu as luvas cirúrgicas e preparou uma seringa com anestesia tópica, tentando esconder a imensa agulha para não assustar Elizabeth.

— Ouça, eu tenho de anestesiar a região do ferimento. Usarei um anestésico poderoso. Você não vai sentir nada.

— Está bem — ela concordou, fechando os olhos para receber a picada.

Jensen respirou fundo. De alguma forma, não ver a confiança refletida na profundidade daqueles olhos claros facilitava o trabalho.

Ele fez a assepsia em torno da área ferida e preparou a seringa.

— Certo, isso vai doer um pouco.

A ponta da agulha penetrou no músculo tenro do ombro ela se retesou com um gemido.

— Pronto. Agora, vamos esperar entorpecer.

Ela abriu os olhos e ofereceu-lhe outro sorriso débil.

— Não é tão ruim, doutor.

Jensen sorriu e olhou para o avô, assistindo da porta. Ele sorriu de volta, encorajando-o.

— Está bem. — Tocou de leve na área afetada e procurou os olhos de Elizabeth. — Sente alguma coisa?

Ela balançou a cabeça em negativa.

— Ótimo. Prometo que não vai doer.

Jensen colocou as toalhas sob o ombro ferido e apanhou uma pinça previamente desinfetada. Quando o instrumento estava próximo do orifício no ombro, ele hesitou. Mesmo com o agente anestésico, Elizabeth sentiria certo desconforto. A idéia de causar-lhe dor o abalou. No entanto, se não agisse, colocaria a vida dela em risco.

Ele respirou fundo, buscando manter a imparcialidade profissional, e se pôs ao trabalho. Elizabeth contraiu de leve os ombros, mas se manteve firme. A mão dela pousou na perna de Jensen e os dedos se agarraram ao tecido da calça.

— Está tudo bem. Vou encontrar a bala e nós vamos acabar com isso o mais rápido possível.

Ele continuou a acalmá-la, encorajando-a e elogiando sua coragem. E Elizabeth pareceu escutá-lo, mantendo-se absolutamente imóvel.

Finalmente, as pontas da pinça encontraram algo rígido. Os dedos firmes de Jensen se movimentaram com habilidade, abrindo caminho entre a musculatura para prender a massa sólida. Puxou com delicadeza, e o projétil saiu com facilidade.

Jensen estendeu a pinça contra a luz e avaliou o metal acinzentado recoberto de sangue com uma prece silenciosa de gratidão.

— Muito bem, filho. Você conseguiu — Charles murmurou com um suspiro, deixando o quarto.

— Até que não foi difícil — Elizabeth murmurou com um sorriso.

— Não. — Ele sorriu de volta. — Admito que, de todos os meus pacientes, você foi a que mais colaborou.

Ele desinfetou o ferimento e aplicou uma pomada, esclarecendo que o processo de cicatrização deveria começar de dentro para fora. A seguir, aplicou gaze e esparadrapo, num curativo digno de um

profissional.

Jensen avaliou os frascos da maleta e decidiu administrar antibiótico e anti-inflamatório que costumava prescrever para cães de grande porte. Uma vez que Elizabeth foi medicada e repousava sob o edredon, ele deixou o quarto para limpar seus instrumentos e mudar de roupa.

Quando voltou, Elizabeth havia adormecido. A pele ainda estava pálida, mas perdera o tom acinzentado. Ele tocou a testa, aliviado ao perceber que a febre havia abaixado. Puxou uma cadeira para perto da cama e sentou-se, admitindo para si que estava exausto.

Ainda não entendia o que havia acontecido lá fora, nem por que Elizabeth estava nua no seu quintal. Porém, não era momento para pensar a respeito. Agora, tudo o que importava era a vida de Elizabeth.

Capítulo XI

Jensen acordou sobressaltado e olhou ao redor. A exaustão o vencera, e ele acabara adormecendo na cadeira.

— Olá.

Ele se virou e sorriu. Elizabeth o fitava com expressão serena.

— Olá. Como está se sentindo?

— Muito bem — ela assegurou.

Ele ergueu a sobrancelha em descrença. Inclinou-se sobre a cama e soltou o curativo para inspecioná-lo. Surpreso, ele franziu o cenho e a encarou.

— É incrível! — Tocou a borda da ferida, onde a pele já parecia totalmente curada. — Eu não entendo. Nunca vi cicatrização tão rápida, nem mesmo em animais.

Elizabeth apertou os lábios. Como ela explicaria? Talvez devesse ter deixado a bala alojada em seu ombro. Chumbo interferiria com o processo de cura de um lobisomem, enquanto prata acabaria por matá-lo.

— Eu sempre tive cicatrização rápida — ela disse com hesitação.

— Posso ver. — Ele sacudiu a cabeça quando analisou novamente o ferimento antes de substituir o curativo. — Mas ainda não está de todo bom. Você tem de repousar.

Ela sorriu e se recostou no travesseiro, obediente.

— Você se lembra de ontem à noite? Elizabeth se virou para fitá-lo. Como responder?

— Não muito. O que aconteceu?

— Havia um animal imenso lá fora — Jensen disse com expressão distante, como se ainda não acreditasse no que tinha visto.

Elizabeth não podia culpá-lo. Não era fácil acreditar em lobisomens.

— Você chegou a vê-lo?

— Não — ela mentiu, abaixando o rosto para que ele não percebesse seu constrangimento.

No entanto, podia ler no olhar atordoado de Jensen que ele a vira na forma de lobo, embora ainda não tivesse se dado conta. Ele fez menção de se sentar, e ele a impediu.

— Elizabeth, tente relaxar. Você está pálida.

Ela esperou que Jensen ajeitasse os travesseiros e se acomodou. Fechou os olhos, sem a menor idéia do que fazer.

— Vou buscar algo para comer. Você deve estar com fome. — Ele retirou uma calça de moletom e uma camiseta, limpos, da gaveta da cômoda. — Enquanto isso, vista isso. Vai ficar enorme em você, mas é melhor do que nada.

Pela primeira vez desde que ela se lembrava, Elizabeth se sentia incapaz de engolir qualquer coisa. Porém, Jensen entendeu seu olhar confuso como consentimento e saiu com a promessa de trazer algo delicioso.

Elizabeth observou-o ir, incapaz de compreender como ele ainda não percebera a verdade. Ele a vira, assim como Brody. E, de alguma forma, ele sobrevivera. Tinha de agradecer por isso.

Ela fechou os olhos, engolindo a onda de náusea. Mesmo que Jensen pudesse aceitar a verdade, como ela poderia permitir que se envolvesse com a bagunça da sua vida?

Brody não se manteria afastado por muito tempo.

Ela puxou o ar lentamente pelo nariz, repetidas vezes, tentando se acalmar. Com esforço, vestiu as roupas que Jensen deixara e inalou o aroma de sabão e sol que se misturava ao cheiro da pele dourada.

Jensen não merecia ser envolvido nos seus erros. Brody era o único que merecia punição.

Ela se recostou na cabeceira e fechou os olhos. Faltava apenas um dia até a lua cheia. Tinha de dizer a Jensen antes para que ele estivesse preparado. Ele a odiaria, mas precisava saber a verdade.

Com o canto do olho, viu o porta-retrato com a fotografia de Jensen e da loira, ainda voltado para baixo, onde tinha estado. Apanhou-a e avaliou o belo rosto com sorriso fácil e olhos azuis. Ela nunca fizera mal a Jensen. Teria sido a companheira perfeita para ele. Ela era exatamente o que aparentava: uma mulher simpática e doce que amava Jensen.

— O nome dela era Katie.

Elizabeth virou o rosto e viu Jensen parado à porta com um bandeja enorme carregada com fatias de pão, ovos com bacon e salada de frutas. Quando arregalou os olhos, ele pareceu pensar que estava chocada com a quantidade de comida.

— Vovô está se sentindo culpado, e preparou o lanche para se redimir.

— Tenho de dizer a Charles que, na verdade, ele salvou a nossa vida — ela murmurou, reprimindo a súbita vontade de chorar.

Jensen cruzou o aposento e colocou a bandeja sobre o colo dela antes de se sentar na cadeira.

A expressão terna no rosto dele aumentou a vontade de chorar. Ela não merecia o carinho daquele homem.

— Eu sinto muito por tê-la magoado ontem.

Elizabeth fez uma careta e balançou a cabeça. Ele ainda se desculpava, quando era quem deveria ouvir as desculpas! Afinal, era o único enganado naquela história, além de ter sido colocado em risco de vida.

— Eu não queria falar sobre Katie, mas não pelos motivos que você pensa.

Ela pestanejou, espantada ao constatar que tinham falado sobre Katie naquela mesma manhã. Parecia ter se transcorrido um século!

De qualquer forma, Elizabeth julgava ter ainda menos direito de saber, depois de tudo o que fizera. Se pudesse realizar seu maior desejo, Katie ainda estaria viva e levaria Jensen para longe dali.

— Katie e eu éramos namorados no colégio — disse ele, lentamente. — Começamos a namorar no segundo ano. Nós nos formamos juntos e fomos juntos para Nova York. Katie não tinha dinheiro para se dedicar aos estudos, mas conseguiu emprego numa escola particular e dava aulas em período integral. Eu morava no campus da universidade, e ela dividia uma quitinete barata com uma amiga. Estávamos noivos e muito, muito apaixonados.

Mesmo tendo em mente o destino trágico que poderia se abater sobre Jensen, Elizabeth queria saber da história. Adorava Jensen e queria conhecer toda a história dele, apesar de saber que, em breve, ele a odiaria.

— Katie tinha uma vida familiar difícil. Criada por uma mãe solteira, que não era a melhor das mães, ela mal podia esperar para sair de West Pines. Ansiava por uma nova vida. Então, no final do meu segundo ano de faculdade, ela descobriu que eu havia decidido voltar e trabalhar com meu avô. — Ele sacudiu a cabeça com evidente aborrecimento. — E o pior foi ter me ouvido falar sobre meu projeto com alguns amigos em uma festa no campus. Katie ficou furiosa e me acusou de tê-la traído. Viver em Nova York era sua rota de fuga. Ela não queria voltar para West Pines. Nós discutimos, e ela saiu da festa furiosa comigo.

Elizabeth fechou os olhos, consciente de que a história não tinha final feliz. Estendeu a mão para interrompê-lo. Sentia-se indigna de saber da história quando ela lhe contara somente mentiras.

— Por favor, deixe-me terminar. — Jensen respirou fundo e abaixou o rosto. — Esperei alguns minutos para que ela se acalmasse e saí atrás dela. Quando cheguei ao portão do campus, vi o carro

que havia acabado de se chocar contra uma árvore. — Jensen sacudiu a cabeça com olhar distante, como se estivesse lá, naquela estrada. — Não pude acreditar quando corri até lá e vi Katie no assento do motorista. Ela estava esmagada contra o volante.

— Oh, Jensen... Eu sinto muito! — Elizabeth estendeu o braço e segurou a mão dele.

Ele apertou os dedos delgados como se quisesse buscar forças antes de prosseguir:

— Tinha acabado de acontecer, e alguns curiosos se agruparam ao redor do carro. Eu não conseguia tirá-la. Ela estava pálida... — Ele riu com amargura. — Nunca vou me esquecer da cor acinzentada da pele. Lembro-me também que eu não parava de repetir que sentia muito. Mas ela não ouviu o meu pedido de desculpas. Ela não resistiu, e eu não pude fazer nada.

Elizabeth se inclinou e tocou-o no rosto e nos cabelos, mas ele não pareceu notar.

— Eu sabia que ela odiava essa cidade. Mas deixei meus próprios sonhos destruírem os dela.

— Não é sua culpa — Elizabeth assegurou. — Foi um acidente.

— Eu não devia ter sido tão egoísta.

As palavras caíram sobre Elizabeth com peso descomunal, refletindo seus próprios sentimentos.

— Você não estava sendo egoísta. Tenho certeza de que poderiam ter conversado e chegado a um acordo. Ela estava furiosa quando pegou o carro, e, na certa, dirigiu com imprudência. Como você pode se culpar por isso? Por acaso, você é Deus? — Ela segurou o rosto dele entre as mãos, forçando-o a encará-la. — Eu não sei dizer por que isso aconteceu. Sei apenas que não foi culpa sua. Nós todos cometemos erros, mas o acidente não foi um deles.

Jensen fixou os olhos dela por alguns segundos antes de beijá-la. Todas as dores, toda a culpa e sofrimento se diluíram naquele beijo.

E Elizabeth deixou que ele depositasse nela as emoções, engolindo sua própria angústia. A boca acariciou a dela com tanta ternura, que seus olhos se encheram de lágrimas.

Ao sentir o gosto salgado, Jensen se afastou.

— Elizabeth? Por que está chorando? Ela balançou a cabeça, tentando disfarçar.

— Você não deve acreditar que foi sua culpa. Por favor, faça isso por mim. Você não merece carregar esse fardo injusto. É muito bom e gentil para carregá-lo por mais tempo. E Katie sabia disso. Por que acha que ela estava apaixonada por você? Ela sabia, Jensen.

Jensen não tinha certeza, mas quando olhou nos olhos claros, ele quis acreditar.

Ele apertou os lábios suavemente contra os dela, sussurrando um doce beijo.

Separaram-se e ficaram em silêncio, ambos visivelmente abalados. Contudo, por mais doloroso que tivesse sido falar sobre Katie, ele se sentia purificado. Agora, Elizabeth o conhecia, e ele também queria conhecê-la. Precisava saber tudo o que ela estava escondendo desde o momento em que tinham se conhecido.

— Você vai derrubar a comida — ele murmurou com um sorriso, apontando para a bandeja no colo dela.

A manteiga do pão estava espalhada pelo lençol e os ovos mexidos caíram do prato, mas a refeição ainda parecia comestível.

— Tente comer — ele sugeriu. — Vou para a cozinha apanhar uma xícara de café.

Jensen precisava de um momento sozinho para se recompor. Além disso, tinha de descobrir como fazê-la falar da mesma forma sincera.

Encarou Elizabeth, e seu coração se expandiu no peito. Ele a amava loucamente, precisava de um momento para lidar com a intensidade desse amor.

— Quer que eu traga alguma coisa? — Elizabeth recusou com um gesto. — Certo. Voltarei logo.

Antes de sair, ele notou que os olhos estavam marejados. Hesitou, mas a necessidade de elaborar tudo o que acontecera foi mais forte.

Elizabeth retirou a bandeja e colocou-a sobre o criado-mudo antes de sair silenciosamente da cama. Não havia tempo a perder. Tinha de impedir Brody de matar Jensen, e só tinha duas escolhas: procurar os antigos membros da matilha para ajudá-la, e rezar para que o dr. Fowler tivesse analisado seu soro. Aquela era a única maneira de se libertar.

Ela arregaçou a barra da calça e arrastou-se até a porta. Trancou-a e seguiu na ponta dos pés para a janela. Abriu-a com cautela e olhou para fora, avaliando as possibilidades de fuga. Poderia saltar sobre o telhado da varanda e dali, para o chão, mas teria de assumir a forma de lobo.

Ela respirou fundo e rosnou quando a transformação começou. As articulações se retorceram dolorosamente quando ela se firmou sobre as quatro patas.

Ela fez uma pausa, atenta às vozes de Jensen ou Charles. Podia ouvi-los na cozinha, apesar de não discernir o que diziam. Não havia tempo para bisbilhotar, decidiu, saltando com agilidade pela janela. Ela se equilibrou sobre o telhado e pulou para o chão, e os músculos e ossos receberam o impacto com facilidade.

Sem olhar para trás, ela correu para o arvoredor. Sabia que Jensen sairia para procurá-la, mas esperava ter tempo de fazer os contatos que precisava. E talvez, apenas talvez, o soro pudesse curá-la para sempre.

Brody rosnou, o som áspero e cru. Estava seriamente ferido. As duas balas ainda estavam alojadas no músculo dos ombros, e a punhalada no braço, embora quase curada, ainda doía. Ele se deitou a um canto do celeiro de Elizabeth, onde planejava esperar até que ela retornasse.

Até lá, precisava retirar os projéteis. O chumbo o deixava mais fraco. Porém, ele não tinha para onde ir. Não podia voltar para a matilha sem Lizzie. Quando chegasse com ela e a alcateia visse que merecia respeito, então, mataria aquela vadia. Depois de conseguir o que queira, ela perderia a utilidade.

Na verdade, dado seu estado atual, ele não faria mais do que revidar por todos os prejuízos que ela causara.

Brody lambeu os ferimentos, tentando amenizar a dor. Sim, ela ia morrer, assim como seu companheiro atual.

* * *

Jensen bateu na porta do quarto pela terceira vez.

— Elizabeth?

Girou a maçaneta com força, mesmo sabendo que estava trancada por dentro.

— Elizabeth?

A preocupação o sufocou. E se ela tivesse se levantado para se vestir e desmaiado?

Ele fez uma pausa, imaginando o que fazer, quando de repente foi atingido pela certeza absoluta de que ela tinha ido embora.

Num impulso, ele arrombou a porta com um pontapé, e a madeira rachou com o golpe.

Mesmo sabendo o que ia encontrar, seu olhar passou da cama vazia para a janela aberta. As cortinas azuis esvoaçavam com a brisa, o único vestígio que Elizabeth deixara.

Elizabeth subiu correndo a escada para o quarto. Abriu a porta do armário, tateando na escuridão até encontrar as roupas. Trocou-se rapidamente e apanhou uma mochila grande. Em tempos difíceis como aqueles, ter apenas uma motocicleta como meio de transporte era um obstáculo real.

Ela abriu o zíper da sacola de lona, ponderando se teria espaço suficiente para tudo o que precisava levar. Depois de alguns minutos, jogou a mochila sobre o ombro e correu escada abaixo. Verificou as mensagens, rezando para que o dr. Fowler tivesse ligado. Frustrada por não haver nenhuma chamada dele, apanhou o celular e saiu correndo pela porta da frente.

O sol tinha declinado rapidamente, e a noite cobria o jardim com seu manto negro. Ela

atravessou o gramado com passadas rápidas, consciente de que Jensen iria atrás dela assim que descobrisse a fuga. Na verdade, ficou surpresa por ele ainda não ter chegado. A caminhonete era muito mais rápida que suas quatro patas.

Empurrou as portas do celeiro e não perdeu tempo em acender a luz, mais preocupada em chegar ao laboratório improvisado. Precisava de todas as amostras de soro que pudesse levar.

Quando afastou a cortina de plástico, ela estacou. Algo não estava certo. Ela olhou ao redor, as pupilas se adaptando facilmente à escuridão. Levantou o nariz e farejou o ar. Todos os aromas eram familiares: feno mofado, madeira, velha, terra úmida... Então, ela parou. Não sentiu o cheiro almiscarado do gambá nem o odor sutil das corujas.

Ela olhou para o teto. As corujas não estavam lá. O que isso significaria?

— Olá, Lizzie.

Elizabeth se virou para ver um vulto escuro se movendo na direção dela, com passadas desajeitadas. Reconheceu a voz inconfundível de Brody, e tentou se concentrar, percebendo que sua melhor aposta era a transformação.

Mas, antes que pudesse iniciar a mudança de forma, Brody estava em cima dela, com o peso esmagador sufocando a respiração. Ela tentou lutar, mas não conseguiu sobrepujar a força monumental do lobo alfa.

— Você não pode me vencer — ele disse, soprando o hálito quente no rosto de Elizabeth. — Mas se é luta que você quer...

A última coisa que Elizabeth se lembrou foi do golpe estrondoso no rosto.

Os pneus da caminhonete derraparam com a freada brusca quando Jensen parou na entrada da casa de Elizabeth. Ele pulou da cabine sem se preocupar em desligar a ignição. Assim que pisou no gramado, soube que ela estivera ali. Como sabia, era um mistério.

Talvez tivesse chegado tarde demais. Ele perdera tempo com o avô, que o crivara de perguntas, perplexo com o fato de uma mulher ferida ter escapado da janela do segundo andar.

Tinha de admitir que era um mistério, mais um da série de coisas improváveis e misteriosas sobre Elizabeth. Mas o fato era que ela havia fugido. E estivera na fazenda.

Correu até a casa e entrou sem se preocupar em bater à porta.

— Elizabeth?

Procurou na cozinha e subiu a escada. Antes de verificar o segundo quarto, ele sabia que a casa estava vazia. Não perdeu tempo em ponderar como sabia, e voou pelos degraus, seguindo para o único lugar onde ela poderia estar.

Jensen empurrou as portas duplas do celeiro e não precisou sequer entrar na construção antiga para constatar que ela tampouco estava lá. Porém, o cheiro dela ainda pairava no ar.

Novamente ele se perguntou como diabos sabia disso. Desde quando reconhecia o cheiro de Elizabeth no ar?

Jensen guardou a pergunta em algum lugar da mente com a inquietante sensação de que não tinha tempo para questionamentos. Elizabeth estava em apuros.

Imagens da besta da noite anterior brilharam em sua mente. Ele correu de volta para a caminhonete, engatou a marcha à ré e uma cascata de pedregulhos chicoteou ao redor dos pneus quando arrancou a toda velocidade. Só havia um lugar onde Elizabeth poderia estar: Leo's.

Minutos depois, Jensen estacionou diante do bar e saltou sem perder tempo em tirar a chave da ignição. Entrou no bar e percorreu a sala com o olhar à procura dos longos cabelos escuros e dos inconfundíveis olhos claros. Elizabeth não estava ali. Mais uma vez, a certeza o preencheu, junto com o pânico.

— Jensen?

Ele se virou para ver Christian se aproximar.

— Olá. Você viu Elizabeth esta noite?

Já sabia a resposta, mas tinha de perguntar. Afinal a trilha de Elizabeth não podia simplesmente desaparecer.

— Não. — A preocupação carregou a fisionomia de Christian. — Por quê? O que aconteceu?

Jensen tentou encontrar as melhores palavras. Dado que já tinha experimentado na pele o temperamento de Christian, decidiu que não era prudente mencionar o tiroteio.

Na verdade, ele não tinha idéia de por onde começar. Contar que Elizabeth pulara da janela do segundo andar tampouco parecia adequado.

— Olá, Jensen. Onde está Elizabeth?

Sebastian, parado a poucos passos dali, o fitava com os olhos arregalados, como se alguma coisa na aparência dele o deixasse chocado.

Jensen suspeitou que seu aspecto não devia ser dos melhores. Estava exausto, preocupado e consumido pelo medo, sem que pudesse dizer exatamente o motivo.

— O que está acontecendo? — Sebastian insistiu, aproximando-se.

— Não consigo encontrar Elizabeth. Ela desapareceu da minha casa. Acabo de voltar da fazenda, e ela não está lá. E estou com um pressentimento muito ruim.

— Isso não é bom — Sebastian murmurou, preocupado.

— Não, não é — Christian concordou. — Ela disse alguma coisa antes de desaparecer?

— Não. Vocês têm alguma idéia de onde ela pode ter ido?

Jensen foi atingido por uma estranha vibração, mas dessa vez, não se originara dos irmãos de Elizabeth. Ele olhou para a porta a tempo de ver três motociclistas entrar no bar. Reconheceu-os da outra noite, e notou que Christian e Sebastian também os observava.

— Interessante... — Sebastian comentou.

— Você os conhece?

— Não — Sebastian fitou Jensen com expressão preocupada. — Mas sou capaz de apostar que eles conhecem Elizabeth.

Jensen franziu a testa, perguntando-se por que isso importava.

— Por que você acha que a conhecem?

Os irmãos não responderam. Christian voltou para trás do balcão para tomar os pedidos. Jensen o seguiu e se sentou no banco próximo a um dos motociclistas, com uma extravagante tatuagem da lua cheia com nuvens e árvores sombrias. Por alguma razão, Jensen achou a imagem encantadora.

— Pare de encará-lo — Sebastian sussurrou ao sentar do lado dele.

Ele assentiu, encabulado, sem saber por que aquela lua cheia tatuada o fascinara tanto.

Christian colocou três canecas de cerveja diante deles e os homens agradeceram com um gesto discreto da cabeça.

— Como estão as cervejas?

Os homens ofereceram respostas evasivas, mas Christian não desistiu.

— Vocês estão de passagem?

Ele manteve tom casual, enquanto lavava os copos da pia por trás do balcão.

— Sim — o rapaz tatuado afirmou, tomando um longo gole da cerveja.

Christian assentiu, obviamente, tentando pensar em um novo ângulo de abordagem para fazê-los falar.

— Não recebemos muitos motociclistas nessa época do ano.

Um dos homens resmungou alguma coisa incompreensível e Jensen se virou para Sebastian.

— Isso é perda de tempo.

Sebastian não respondeu. A expressão se tornou distante, como se ele estivesse se concentrando.

— Não. Acho que estamos no caminho certo — declarou depois de um segundo.

— Por que você acha disso? — ele insistiu com uma careta, ponderando que aqueles irmãos tinham problemas mentais.

— Por que Christian está deixando-os nervosos.

Jensen olhou de volta para os motociclistas. Um deles tomava grandes goles de cerveja e os outros dois fixavam algum ponto à frente, aparentando estarem muito mais aborrecidos do que nervosos.

— Sim, eles parecem realmente abalados — Jensen disse com ironia.

— Shh! — sussurrou Sebastian, enviando um olhar como se ele fosse o único louco ali.

Que diabos aqueles irmãos estavam vendo que ele não conseguia captar? Estavam num beco sem saída, e mesmo que os motociclistas conhecessem Elizabeth, como isso poderia ser útil?

Não havia tempo a perder. Jensen sentia nas profundezas de suas entranhas que Elizabeth corria perigo real. Ele franziu o cenho para seu próprio pensamento. Como sabia disso? Afinal, Elizabeth tinha histórico de fugir. E ele acabara de revelar como tinha falhado com Katie. Era o suficiente para deixá-la em pânico. Ela podia simplesmente ter decidido que não queria aquele relacionamento.

Jensen considerou a possibilidade por um momento e balançou a cabeça. Não. Ela estava em apuros, e precisava de ajuda. Agora.

— Bem, eu vou procurá-la — anunciou de repente, pondo-se de pé.

— Não. — Sebastian o segurou com força pelo ombro. — Nós não sabemos onde procurar. Não adianta ir sem um plano.

— E esse é o plano? — Jensen percebeu que sua voz estava ficando alta demais, e sussurrou: — Investigar esses motociclistas desconhecidos e esperar que aconteça um milagre?

— Confie em mim. É um plano melhor do que você imagina. Logo, você vai saber porquê.

Sebastian olhou para a parede atrás do bar. Jensen seguiu o olhar e se deparou com um calendário. Que diabos estava acontecendo ali?

Christian colocou duas cervejas diante dos homens e se inclinou sobre o balcão.

— Eles estão desconfortáveis — murmurou com discrição.

— Eu também notei — Sebastian concordou.

Jensen olhou para o grupo. O que eles estavam vendo, além de três motociclistas tomando cerveja?

— Vocês dois estão totalmente loucos! — resmungou, começando a ficar irritado.

— Shh! — Sebastian sibilou outra vez, com um olhar sutil para os motociclistas.

— Sinto muito, mas eu não sigo essa linha de raciocínio. Por que esses homens conhecem Elizabeth?

Os irmãos se entreolharam.

— Você terá de confiar em nós por enquanto. Lembre-se apenas de que queremos encontrar Elizabeth tanto quanto você.

— Então, vamos sair e procurar por ela, em vez de perdermos tempo com esse plano ridículo.

— Tudo bem — Christian murmurou, mantendo a voz baixa e calma.

— Você está brincando, certo? — Sebastian se virou para o irmão. — Ridículo seria simplesmente sair e procurar Elizabeth. É como tentar encontrar uma agulha no palheiro!

Christian suspirou e olhou de soslaio para os motociclistas.

— Jensen, dê-me mais alguns minutos, e se eu não conseguir nada, pensaremos num novo plano.

Jensen hesitou, sem encontrar motivo para perder mais tempo com a estratégia. Contudo, argumentar com aqueles dois não levaria a nada. Além disso, Christian era dono de tamanha persuasão que parecia absurdo discordar dele.

Sentou-se novamente, olhando para a caneca de cerveja diante dele. Pensou em tomar um gole, mas não era o momento para começar a beber. Elizabeth precisava dele com os pensamentos claros e sensatos.

Sebastian, no entanto, parecia não ter essa preocupação, pois sorveu metade do conteúdo da caneca de um só trago.

— Querem mais alguma coisa? — Jensen ouviu Christian perguntar aos motociclistas.

Um dos homens pediu outra cerveja, e os outros dois disseram que estavam bem. Christian se afastou para encher outra caneca e, quando voltou, perguntou com naturalidade a um deles:

— Por acaso você saberia me dizer se viu uma de nossas clientes? Elizabeth é o nome dela. — Christian manteve tom casual, como se a resposta não importasse muito.

Certamente, os motociclistas não sabiam que a mulher em questão era alguém tão próximo de Christian. O rapaz com a tatuagem sacudiu a cabeça em negativa, sem dar atenção à pergunta.

— Não. Nunca ouvi falar dela.

Jensen soltou o ar com força e começou a se levantar, quando Sebastian o segurou pelo braço, forçando-o a permanecer sentado.

A carranca de Jensen se fechou ainda mais, mas ele permaneceu no lugar.

— O apelido dela é Lizzie — Christian acrescentou.

— Veja. — Sebastian riu baixinho. — Acho que agora, conseguimos a atenção deles.

Jensen observou os rapazes sem notar nada de diferente além de se mostrarem entediados com os comentários de Christian.

— Ela não aparece há algum tempo — ele prosseguiu no mesmo tom desinteressado.

— Ouça — o rapaz tatuado disse de repente. — Eu não sei porque você está falando conosco.

— Bem... — Christian deu de ombros. — Ela é como vocês.

— Nós não a conhecemos.

Pela primeira vez, Jensen também sentiu que eles estavam mentindo. Os irmãos estavam certos.

— Desculpe incomodá-los. — Christian sorriu em desculpa. — Eu apenas pensei que... Bem, nunca se sabe. É um mundo pequeno, como dizem.

O homem tatuado enfiou a mão no bolso de trás da calça jeans e tirou uma carteira preta. Jogou uma nota de cinquenta dólares, mais do que suficiente para cobrir as despesas, e se levantou.

— Nós não sabemos dela — reafirmou antes de sair, seguido pelos outros dois.

Logo que a porta se fechou atrás deles, Christian retirou o avental e fez um gesto indicando os fundos do bar.

— Vou avisar Jolee que estamos saindo.

— E eu vou pedir a Mina para ajudá-la com o bar — Sebastian saiu atrás dele.

Jensen franziu a testa, sem entender o que estava acontecendo. Contudo, alguma coisa lhe dizia que aqueles dois sabiam o que estavam fazendo. E, mesmo contrariado, resignou-se a acompanhá-los.

Cinco minutos depois, os três homens estavam na cabine da caminhonete, seguindo em direção às montanhas.

— Como você sabe que eles foram por aqui? — Jensen perguntou, chacoalhando pela estrada poeirenta.

— Eu sei — Sebastian assegurou, olhando em frente como se pudesse rastrear os motociclistas com alguma espécie de poder mental.

— Sabe... — Jensen disse lentamente, virando a direção para seguir pela rota 219 —, eu realmente não entendo, mas como vocês parecem ter certeza absoluta do que estão fazendo, vou confiar nesse plano.

— Nós somos sua melhor aposta no momento — Christian garantiu com convicção.

Jensen pisou mais fundo no acelerador e o carro ganhou velocidade. Pouco habituado a dirigir à noite na estrada tortuosa e íngreme da montanha Blue Ridge, ele seguiu as orientações dos irmãos sem questioná-los sobre a estranha habilidade de navegação. De alguma forma, sentia que eles estavam no caminho certo. Não podia dizer por que ou como, mas pressentia que estavam chegando mais perto de Elizabeth.

— Quem levaria Elizabeth para o topo da montanha? — ele perguntou depois de uma curva sinuosa.

— Eu não tenho certeza — Christian admitiu.

— Elizabeth não nos disse muito sobre o passado dela desde que nos reencontramos — Sebastian acrescentou, e fez uma careta como se percebesse ter falado demais.

— Ela me contou que só recentemente descobriu que vocês estavam vivos. Mas também não me disse muita coisa sobre seu passado, embora eu tenha o pressentimento de que não foi bom.

— É verdade — Christian afirmou. — Elizabeth não disse muito sobre o que aconteceu naqueles anos. Então, não sei quem pode estar querendo ela de volta.

Foi a vez de Christian morder os lábios como se tivesse falado demais. Porém, era tarde.

— Querendo ela de volta? — Jensen franziu a testa. — Ela viveu com uma gangue de motoqueiros ou algo assim?

— Algo assim — Sebastian respondeu de forma vaga. — Não sabemos os detalhes. Agora, arrependo-me por não tê-la pressionado para falar sobre isso.

Jensen sentia o mesmo. Entretanto, jamais imaginaria que alguém desejasse magoar Elizabeth. E esse fora mais um de seus erros. Deveria tê-la protegido, e falhara mais uma vez.

Contudo, tranquilizou-se ao pensar que a sensação de que estavam no caminho certo ficava

cada vez mais forte. Estavam se aproximando.

— Nós não temos muito tempo — Christian avisou. — Sebastian e eu não podemos prosseguir.

— O quê? — Jensen desviou os olhos da estrada para fitá-lo.

— Eu sei que não faz muito sentido, mas nós temos de nos recolher antes de o nascer do sol.

— Por quê? — Jensen lançou outro olhar na direção dele.

— Bem, nós não podemos ficar expostos ao sol. Nossa pele não tolera os raios solares.

— O quê? Como vampiros? — ele perguntou, incrédulo.

— Sim — Sebastian confirmou com um leve sorriso. — Exatamente como vampiros.

Jensen olhou para eles, subitamente cauteloso. Eles não estavam brincando... Ou estavam?

— Jensen, nossa pele é muito sensível. Os raios solares provocam bolhas e queimaduras — Christian explicou em tom sensato e calmo. — É muito perigoso para nós. Eu sei que você quer continuar, mas não podemos. E não acho que deva prosseguir sozinho.

— Está bem. Há um motel alguns quilômetros à frente. Podemos esperar lá até o anoitecer. Vamos torcer para que esteja aberto nessa época do ano.

Jensen olhou para as montanhas, notando que o céu começava a clarear.

Pisou mais fundo e, minutos depois, avistou a entrada do motel. Felizmente, estava aberto e dispunha de vagas. Christian e Sebastian foram para o quarto, e Jensen permaneceu no balcão para fazer o registro. Quando terminou e apanhou sua chave, os raios do sol incidiram sobre as copas das árvores como longos dedos tocando tudo que estivesse ao alcance.

Os irmãos de Elizabeth tinham sido sábios ao se apressarem em ir para o quarto, ponderou ao passar pela porta. Bateu de leve, para ter certeza de que havia chegado bem.

— Sim? — Christian respondeu do outro lado.

— Está tudo bem?

— Sim, obrigado. Não vá a lugar algum sem nós.

— Como se eu pudesse! Você e Sebastian são meu sistema de navegação.

A porta estremeceu e se abriu com um rangido. Jensen não conseguia ver quem era, pois o quarto repousava na mais completa escuridão.

— Estamos falando sério — ele reconheceu a voz de Sebastian. — Você vai precisar da nossa

ajuda.

Jensen assentiu com um gesto, mesmo sabendo que Sebastian não podia vê-lo.

— Está bem. Vou esperar. — Ele hesitou em deixar a porta. — Mas estou com o forte pressentimento de que Elizabeth está em perigo real.

Houve um longo silêncio do outro lado da porta até que Sebastian se manifestasse.

— Receio que seu pressentimento esteja correto. E é por isso mesmo que você vai precisar de nós.

Jensen concordou a contragosto e foi para seu quarto, vizinho ao dos irmãos. Caiu na cama sabendo que, mesmo exaurido, não conseguiria dormir.

Entretanto, não havia mais nada a fazer a não ser esperar.

Não tinha idéia de onde procurar por Elizabeth, e por mais estranho que pudesse parecer, ele confiava naqueles dois irmãos malucos.

Ele fechou os olhos, sabendo que teria longas horas pela frente, e rezou baixinho para que não fosse tarde demais para Elizabeth.

Capítulo XII

— Sabe, Lizzie, quando eu a vi pela primeira vez, mesmo semi-morta como você estava, eu pressenti que haveria algo grande entre nós. Você foi colocada nesta terra para ser uma companheira alfa.

Elizabeth permaneceu perfeitamente imóvel. A posição pouco confortável, agachada, estava começando a incomodar. Os músculos das coxas doíam, sem contar a sensação de que o ombro queimava no processo de cicatrização do ferimento. Ainda assim, seus instintos de animal lhe disseram para permanecer quieta e deixar Brody se divertir.

Ele a deixara sozinha, amarrada e amordaçada, por quase duas horas. Voltara furioso, incerto

sobre a reação da matilha. Os anciãos não estavam convencidos de que deveriam aceitá-lo de volta. Ele se irritara com a incerteza, incapaz de aceitar a dúvida do conselho de lobos mais velhos.

Elizabeth tampouco sabia o que os esperava. Porém, ela tinha uma certeza: Brody não era o mesmo homem que ela deixara muito tempo atrás. Ele estava magro, com os ossos se destacando sob a pele macilenta. E ficara ainda mais selvagem do que fora um dia. Brody nunca fora apegado a regras de civilidade. A fome e a miséria esculpiram-lhe o caráter, tornando-o um homem perigoso.

Ele a desamarrou e retirou a mordaça com movimentos bruscos. O olhar que ela via agora estava além da ferocidade. Era como se Brody tivesse se tornado mais animal do que homem.

— Você sempre soube que eu estava destinado a ser o alfa.

Elizabeth não discutiu, embora não concordasse. A matilha sabia que ele era demasiado perigoso para ser alfa.

Brody interrompeu o discurso retórico e olhou para ela. Elizabeth engoliu em seco, com medo do ódio que se refletia nas profundezas escuras.

— E foi você que estragou tudo! — ele rosnou de forma ameaçadora.

Ela respirou fundo, buscando se tranquilizar.

— Estraguei o quê?

Brody se pôs a andar de um lado para outro, como se não tivesse ouvido.

— A alcateia, aquele bando de canalhas estúpidos, me baniu há sete anos, logo depois de você ter me abandonado.

Elizabeth o encarou, boquiaberta. Não podia ajudá-lo. A matilha sempre tivera problemas com Brody. O conselho de anciãos nunca aceitara sua imprevisibilidade, sua propensão para a violência. Não que os demais machos fossem muito melhores. Todos eram rudes e selvagens. Ela sabia, pois viajara com a gangue de motociclistas que causava problemas onde quer que passasse.

O que Brody fizera para merecer a punição máxima para um lobisomem?

Ela deixara a alcateia, mas a verdade era que nunca pertencera àquele lugar. Tivera a sorte de encontrar o dr. Fowler e seus seguidores e constituir vínculos sociais saudáveis.

Elizabeth observou Brody, seus movimentos rígidos e desajeitados. Podia ver que ele estava com dor, o que significava que Charles o atingira. Na certa, a bala ainda estava alojada no corpo.

Talvez aquela fosse sua oportunidade de fugir. Conseguiria ser rápida o suficiente para escapar?

Ela olhou ao redor. Não sabia sequer onde estava. Avaliou a porta do outro lado da sala,

ponderando se conseguiria alcançá-la a tempo.

— Nem pense nisso — resmungou Brody.

Elizabeth o encarou, irritada por ele adivinhar seus pensamentos.

— Se tentar alguma coisa, juro que vou matá-la.

Ela não duvidou. A raiva era evidente no rosto dele. Mas, por que a culpava? O que queria dela?

— Brody, por que você me trouxe aqui? Como posso ajudá-lo?

Os olhos selvagens a percorreram com brilho de ironia.

— Eu achei que você pudesse me ajudar, especialmente no estado em que está agora. Mas não tenho mais certeza.

Ela pestanejou sem entender. A que estado ele se referia?

As botas pesadas ecoaram no assoalho de madeira quando ele se aproximou. Elizabeth lutou contra o impulso de se encolher para se proteger.

Brody agarrou-a pelo braço dela, cravando os dedos nos músculos tenros, e suspendeu-a com brusquidão.

— Sabe por que você está aqui, Lizzie? Por que você me dá credibilidade perante os perdedores da matilha. Eles sabem que você é superior. E, como eu sou seu companheiro, isso me coloca acima deles.

Ela abriu a boca para argumentar. A matilha nunca a respeitara, tampouco sua linhagem aristocrática. Brody, no entanto, jamais acreditara nisso.

Porém, ela segurou a língua. Tinha a sensação de que a única coisa que poderia salvá-la era deixá-lo continuar a acreditar que tinha razão.

— Mas você sabe que estamos numa situação complicada, não é?

Elizabeth não tinha idéia do que ele estava falando. Não houve tempo para explicitar a confusão, pois Brody apertou ainda mais seu braço, deixando hematomas na pele alva. Ela gritou, assustada, certa de que ele realmente estava louco.

— Você vai fazer o que eu mandar — ele sussurrou perto do ouvido de Elizabeth, os dedos apertando furiosamente o braço dela. — Vamos voltar para a matilha e você vai fingir que reatamos. Vai se comportar como uma mulher apaixonada, agradável e melosa. E nós vamos fingir que o filho que você está carregando é meu.

Elizabeth sentiu que todo o ar fora drenado da sala. Uma onda de vertigem fez o chão sumir sob seus pés. A única coisa que a mantinha ereta era a mão cruel segurando-a com força.

Brody riu ao ver a confusão dela.

— Você não sabia, não é?

Ela não reagiu, atordoada demais para pensar. Um bebê? Ela estava grávida? Não podia ser! No entanto, em algum lugar dentro dela, sabia que era verdade. Ela estava carregando o bebê de Jensen.

Jensen sentou-se com um sobressalto. A exaustão o vencera, e ele havia adormecido. A sensação cada vez mais forte de que Elizabeth estava em real perigo o despertara.

Ele saiu da cama e foi até a janela. O sol ainda estava brilhando. Faltavam duas horas para o anoitecer, mas a lua já despontava, pálida como um fantasma, quase invisível contra o céu azul.

Quando olhou para o corpo celeste, ele viu num clarão a imagem de Elizabeth.

Ela estava num chalé, agachada no chão. Mantinhas os braços cruzados, protegendo-se como se estivesse doente ou com dor.

Sem pensar, Jensen cruzou o quarto e pegou as chaves da caminhonete. Não podia esperar pelos irmãos de Elizabeth. Havia algo muito errado. Ela precisava de ajuda imediata.

Ele considerou bater à porta de Sebastian e Christian para dizer-lhes que estava saindo, mas mudou de idéia. Sabia que tentariam convencê-lo a ficar, e nada poderia detê-lo.

A compulsão de entrar na caminhonete se tornou urgente. Ele deslizou para o banco e colocou a chave na ignição. Parou com a mão na alavanca do câmbio, subitamente assustado.

O que estava fazendo? Ele não tinha a menor pista de onde encontrar Elizabeth. Mas, por alguma razão, o pensamento desapareceu da sua cabeça. Ele engatou a marcha à ré e saiu do estacionamento. Manobrou e hesitou um minuto, olhando para os dois lados da estrada.

— Isso é loucura — murmurou, apoiando as mãos no volante.

De súbito, outra imagem vivida encheu sua mente. Elizabeth olhava para alguém, e os olhos arregalados refletiam o medo visceral.

Ele piscou para afastar a cena e sua atenção voltou para a estrada. Esquerda. Ele precisava ir para a esquerda. Os pneus cantaram quando virou a direção.

No primeiro cruzamento, ele ignorou o sinal de contramão e entrou novamente à esquerda. A luz mudou quando ele se embrenhou na floresta.

Jensen reduziu a marcha da caminhonete, questionando como ele sabia para onde estava indo.

Não sabia como explicar. Sabia apenas que estava no caminho certo, assim como sabia que Elizabeth precisava dele.

— Eu planejava matá-la. Afinal, você está carregando um pirralho humano. E você me abandonou e traiu. Certamente, tenho bons motivos.

Elizabeth tentou não se mexer enquanto Brody caminhava para mais perto dela. No entanto, não pôde evitar que os braços se cruzassem sobre o ventre, protegendo a vida crescendo dentro dela.

— Depois de pensar melhor, eu me acalmei. — Ele se inclinou para fitá-la. — Você sabe, ter sido baleado pode prejudicar o julgamento de uma pessoa.

Brody riu e se afastou, e ela se lembrou de respirar.

— De qualquer forma, decidi mantê-la. Você ainda é minha melhor aposta para voltar para a matilha. E, dessa vez, vou provar que eu deveria ser o alfa. O líder da alcateia.

Mesmo sabendo que seria melhor ficar em silêncio, Elizabeth não conseguiu.

— Como você acha que eu posso ajudar? A matilha nunca permitirá que você seja o líder.

Em vez de ficar furioso, Brody sorriu, embora a curvatura dos lábios fosse cruel.

— Sim, eu serei aceito. E você vai me ajudar, porque se não fizer isso, eu vou matar o seu humano e o filho dele que está em sua barriga.

Uma onda de medo cresceu dentro dela. Não podia deixar que ele ferisse Jensen ou o bebê. Mas o que Brody pedia não podia ser feito. A alcateia jamais o aceitaria como líder. Ele estava se iludindo, e os delírios o tornavam ainda mais perigoso.

— Como você sabe que estou grávida?

Como aquele lunático podia ter certeza, quando *ela* própria nem imaginava?

— Eu senti o gosto da mudança dos seus hormônios. Elizabeth arregalou os olhos, confusa.

— Estive no seu quarto noites atrás. Não resisti, e tive de matar a saudade do seu gosto. Você não percebeu que sua boca estava molhada com a minha saliva quando acordou?

Ela apertou os braços ao redor da cintura, enojada.

— Ainda bem que fiz isso. Um filho tem um grande poder de barganha. Como pai, terei mais prestígio com a matilha.

— Não há nenhuma chance de eu voltar para você, muito menos permitir que fique perto do meu filho! — ela bradou, motivada pela onda de ira que a assolou.

Logo que disse as palavras, Elizabeth percebeu seu erro. O sorriso de Brody desapareceu, e ele deu um passo rápido em sua direção. As costas da mão larga deixaram a pele de seu rosto em brasa quando ele a atingiu com violência. Estrelas pequeninas brilharam diante das pálpebras fechadas de Elizabeth, apagando todo o resto.

— Você vai fazer o que eu disser — ele rosnou —, ou todos que você ama vão pagar caro!

Jensen viu outra imagem vivida de Elizabeth, e um rosnado baixo brotou em sua garganta. A fúria cresceu dentro dele, mas ele lutou para se manter calmo e concentrado. Estava próximo agora. Na verdade, chegara muito perto. Sem questionar suas ações, ele conduziu a caminhonete para o acostamento da via íngreme da montanha. Desligou o motor e pulou para a estrada deserta, cercada de mata fechada. Sabia que Elizabeth estava muito perto dali.

Ele se embrenhou pelo arvoredo e seguiu em frente até avistar uma pequena cabana parcialmente escondida entre as árvores.

Elizabeth estava ali. Ele sabia, tão certo como sabia seu próprio nome. Mas em vez de correr em direção à construção em ruínas, esgueirou-se furtivamente, com a paciência de uma fera à espreita da presa.

Em suas visões, ele não fora capaz de identificar o algoz de Elizabeth, embora tivesse a impressão de ser um homem alto, magro e de ossatura grande: Mas o que mais o assustara era a crueldade. Percebera do que ele era capaz a partir do que vira em Elizabeth. Ela estava com hematomas no rosto e sangue nos lábios.

A ira explodiu dentro dele. Aquele homem morreria pelo que estava fazendo a Elizabeth. Ao se aproximar do chalé, ele escutou o eco de vozes no interior. Parou e inclinou a cabeça, mas não estava perto o suficiente para ouvir claramente. Ele avançou com passadas cautelosas até identificar o timbre masculino, rouco e ameaçador.

— Então, vamos direto ao ponto. Se você me ajudar, deixarei o humano e o bebê vivos.

Jensen fez uma careta. O humano e o bebê? Do que ele estava falando?

— O plano é muito simples, não acha?

A voz soava como um sorriso de escárnio. Jensen avançou para mais perto.

— Não acha, Lizzie?

Jensen discriminou um ruído baixo que adivinhou ter escapado dos lábios de Elizabeth, mas não podia dizer o que ela afirmara. A resposta soara como um gemido.

De repente, ele foi tomado por uma intensa dor, tanto física como mental. Era como se pudesse sentir tudo o que Elizabeth estava vivendo.

Um impulso incontrollável o impeliu a correr em direção à cabana, desistindo do ataque de surpresa. Ela precisava de ajuda naquele momento.

Agarrou a maçaneta da porta, e as palavras do homem ecoaram no ar:

— Então, você concorda, Lizzie? Você vai voltar comigo? Vai fazer o papel de companheira perfeita? Pense bem, pois eu não tenho nada a perder.

— Sim — Elizabeth respondeu em tom desolado.

— Ótimo. Nós vamos nos transformar em breve. Se você fizer algo estúpido como tentar fugir, eu vou matá-la e, em seguida, matarei seu mortal. Ah, e aquele velho, também.

Os músculos de Jensen se enrijeceram. Sabia que seria loucura confrontar aquele homem, mas tinha consciência de que preferia morrer com Elizabeth a deixá-la nas mãos daquele bastardo.

Girou a maçaneta da porta com vagar, tentando não fazer ruído. A surpresa seria sua melhor estratégia. Atravessou o batente, espreitando o interior escuro. Não podia ver o homem, mas via Elizabeth.

Os olhos se alargaram, e ela abriu a boca para chamá-lo. Antes que Jensen pudesse reagir, a porta sacudiu violentamente, e ele foi arremessado para dentro. Elizabeth gritou e se pôs de pé, preparando-se para correr.

Jensen se levantou rapidamente e deu um passo na direção dela. No instante seguinte, mãos gigantescas o prenderam pelo pescoço.

Ele engasgou, sem ar. Elizabeth gritou, e tudo o que ele registrou foi o rosto dela, com os olhos arregalados de horror. Ao ver os hematomas no rosto, o filete de sangue no canto dos lábios, a fúria tomou o lugar da desorientação. Jensen pousou ambas as mãos no braço que o segurava, usando-o como ponto de apoio. Com uma força que ele próprio desconhecia, empurrou-o para trás, usando todo o peso do seu corpo.

O homem tropeçou, surpreendido pelo movimento. Ambos caíram no chão, e Jensen aproveitou a oportunidade para se libertar. Pôs-se de pé e correu para Elizabeth, virando as costas para ela a fim de protegê-la com o próprio corpo.

O homem já estava de pé, e Jensen avaliou os cabelos escuros ao redor das feições ásperas, a ossatura pronunciada e os olhos escuros. Ele parecia mais animal do que humano.

Preparou-se para o confronto, esperando que ele atacasse primeiro.

Em vez disso, seu oponente inclinou a cabeça, examinando-o.

— Como você é corajoso, humano! Mas é muito, muito estúpido.

Elizabeth emitiu um som abafado, mas Jensen não se virou para fitá-la. Não podia deixar que aquela fera tivesse oportunidade de atacar.

O gigante, porém, não pensava da mesma forma. Olhou para a mata escura através da janela e riu, o som tão grosseiro quanto ele.

— Bem, essa vai ser uma briga patética.

— Por favor — Elizabeth implorou. — Jensen, fuja! Por favor. — Então, ela se virou para o homem. — Brody, ele não sabe o que vai acontecer. Ele não pode lutar. Por favor, deixe-o em paz. Eu vou com você. Vou ajudá-lo.

— Ajudá-lo com o quê? — Jensen perguntou.

O vulto avançou, e ele se posicionou diante de Elizabeth, certificando-se de que seu corpo a bloqueava completamente. Esperou pelo ataque fulminante, mas o homem ficou parado sob o círculo de luz da lua que entrava pela janela, olhando para eles.

De repente, o rosto imóvel começou a se contorcer em uma máscara horrenda de músculos deformados. Jensen abriu a boca para perguntar o que estava acontecendo, mas as palavras não saíram. O horror o emudeceu quando, diante dos seus olhos, o corpo do homem se modificou monstruosamente. Estalos agudos ecoaram em seus ouvidos, e ele percebeu que eram os ossos e juntas se alongando e retorcendo de maneira surreal.

— Tudo bem — Elizabeth murmurou atrás dele.

A voz soou estranha, grossa e arrastada, abafada pela dor. Jensen conseguiu com esforço arrastar o olhar da cena grotesca à sua frente e se virou para Elizabeth. Um ruído consternado escapou dos lábios dele. Ela estava sofrendo o mesmo processo de deformação, e não havia a menor semelhança entre o rosto distorcido, com o maxilar proeminente se alongando cada vez mais, e a belas feições de Elizabeth. Somente os olhos eram os mesmos.

— Meu Deus! — ele gemeu com voz esganiçada.

Ela fez uma careta, e os olhos intensos sugeriam que estava tentando controlar as mudanças indescritíveis que ocorriam.

— Por favor, fuja. Por favor!

Aquelas palavras haviam realmente saído dos lábios de Elizabeth? Não, aquilo era loucura! Mas, por mais inacreditável que parecesse, em algum lugar obscuro de sua mente, Jensen sabia que Elizabeth era... Era...

— Nós somos lobisomens — ela completou, lendo o pensamento dele.

Jensen olhou para trás, e o homem agora estava apoiado nos quatro membros. A pele parecia borbulhar, os músculos se retesavam e dilatavam e os ossos estalavam, reorganizando-se numa nova e assustadora forma.

— Isso é real — ele murmurou, sem reconhecer o eco da própria voz.

— Sim. Eu sou assim. Sinto muito, Jensen.

Ele se virou para ver Elizabeth cair de joelhos. Ajoelhou-se ao lado dela.

— Você... — Um grito agoniado a impediu de prosseguir, e ela abaixou a cabeça, conseguindo acalmar-se. — Você tem de ir. Agora!

Jensen sacudiu a cabeça com força.

— Não. Eu não posso.

— Corajoso — a criatura na frente dele rosnou, as palavras quase inteligíveis. — Admirável e estúpido.

— Jensen, ele vai matá-lo. Por favor.

As características de Elizabeth haviam mudado, mas os olhos pálidos eram os mesmos. Jensen se fixou neles para manter o foco.

— Não. — disse Jensen. — Faça-me ser como você. Dê-me uma chance de lutar com ele.

Elizabeth sacudiu a cabeça, e agora, os cabelos sedosos haviam dado lugar à pelagem espessa.

De repente, a criatura perto deles grunhiu, e o som alto e assustador reverberou pelas paredes frágeis da cabana. Jensen levantou-se, afastando-se do lobo gigantesco e mortal. Elizabeth completou a transformação e se colocou entre eles, rosnando para o outro lobisomem. A forma de lobo era maior que a forma humana, mas ela ainda era menor do que Brody. Jensen assistiu, chocado com o que via. Então, a necessidade de proteger sua mulher provocou uma intensa explosão dentro dele.

As palavras de Brody ecoaram em sua mente. Elizabeth estava grávida.

Antes de perceber o que pretendia fazer, ele se colocou entre os dois lobos no instante em que avançavam simultaneamente para o ataque. O impacto que recebeu foi proporcional a dois aríetes esmagando-o. Ele foi derrubado e rolou pelo chão.

Os lobos paralisaram, como se tivessem se surpreendido com seu movimento.

Jensen olhou para Elizabeth, rezando para que, mesmo em forma de lobo, ela entendesse que ele não ia deixá-la.

— Faça-me ser como você — ele gritou. — Faça isso. Agora!

Olhos claros piscaram rapidamente. Em seguida, ela avançou e a pata monumental atingiu-o no ombro. As garras afiadas rasgaram o tecido da camisa e da pele como se fossem navalhas. O impacto do arranhão foi instantâneo. Ele caiu para trás, com o ferimento queimando como fogo.

Jensen teve a vaga noção de que os dois lobos rosnavam um para o outro. Elizabeth arreganhava os dentes de forma ameaçadora, tentando mantê-lo fora do alcance de Brody, enquanto ele se transformava.

Atordado, ele sentiu o mundo girar ao mesmo tempo em que era tragado por uma vertigem dolorosa. A próxima coisa que soube foi que havia se transformado, e se apoiava sobre quatro patas. Ele saltou com agilidade, desconhecendo a própria força, e atacou o lobo que ameaçava sua companheira.

A luta não foi longa. Mesmo maior que ele e Elizabeth, Brody não foi páreo para os dois. Jensen o prendeu no chão com o peso do corpo, suas presas posicionadas na garganta do macho.

De repente, toda a cabana estava repleta de lobos, todos circulando Jensen e Brody com rosnados ameaçadores.

O tempo pareceu se deslocar, e uma espiral vertiginosa o trouxe para a escuridão.

Quando Jensen acordou, estava deitado no chão da cabana com Elizabeth ao seu lado, com o corpo colado ao dele de forma protetora. Ela levantou a cabeça ao pressentir que estava acordando e fitou-o com fisionomia preocupada.

— Jensen, eu sou assim. Sinto muito — ela balbuciou com olhos marejados de lágrimas. Ele se sentou e franziu a testa, ainda confuso. O chalé estava vazio, apesar dos sinais de luta.

— Onde ele está?

— Brody se foi. Os membros da nossa antiga matilha o rastrearam e o levaram. Agora, cuidarão dele conforme as leis da alcateia.

Jensen estendeu o braço e secou as lágrimas de Elizabeth com as costas das mãos.

— Então, por que você está se desculpando?

— Porque... — Um soluço escapou dos lábios dela. — Porque eu o transformei num monstro!

— Fui eu quem pediu. E não vai ser fácil você me convencer que é um monstro.

— Jensen, eu sou uma mulher-lobo! — O grito foi seguido por outro soluço alto.

Ele balançou a cabeça com um sorriso indulgente.

— Sim. E eu também, porque quero ser igual a você. Porque eu te amo.

Elizabeth o fitou com lágrimas correndo pelo rosto.

— Deus, eu também te amo, Jensen!

Ela se atirou nos braços dele, e seu peito transbordou com o amor que não podia mais caber no coração.

Jensen se surpreendeu com a própria reação. Era de se esperar que estivesse apavorado. Talvez ainda não estivesse raciocinando bem depois de tudo o que acontecera, mas o fato era que se transformar numa criatura da mesma espécie de Elizabeth parecia ser justo e natural. Afinal, ela era sua companheira e esperava um filho dele.

Ele se afastou para examiná-la, procurando qualquer sinal de lesão.

— Você está bem? O bebê está bem?

Elizabeth assentiu, sorrindo em meio às lágrimas.

— Sim. Estamos bem.

Jensen a abraçou e fechou os olhos. Deus, como amava aquela mulher!

— Sabe, eu acho que temos problemas maiores — ele conseguiu falar, mesmo que as emoções o sufocassem.

— O quê?

— Nossa roupa está totalmente rasgada. Não temos nada para vestir.

Elizabeth emitiu um ruído entre um riso e um soluço.

— Esse é apenas um dos problemas de se transformar em lobo. — Ela se inclinou para beijá-lo, e as mãos traçaram a curva suave das costas. — Ou não... — acrescentou com um gemido provocante.

Ele fechou os olhos para receber o beijo repleto de promessas.

— Seus irmãos são vampiros? — perguntou, interrompendo o contato.

— Temo que sim.

Jensen apertou os lábios e considerou a resposta.

— Bem, isso deve facilitar muito as explicações para meu avô aceitar melhor tudo isso.

E ele capturou a boca de Elizabeth, sorvendo a risada alegre que se confundiu com sua própria felicidade.

* * *

Elizabeth parou à entrada do bar de braços dados com Rhys. As cadeiras que ela, Mina e Jolee haviam coberto com tecido branco e laços de cetim estavam alinhadas em fileiras retas. Luzes brancas piscavam das vigas e ao longo das paredes, substituindo as habituais lâmpadas coloridas. No palco do karaokê, Jensen esperava por ela sob o imponente arco revestido de papel crepom branco e flores coloridas.

Ele estava pecaminosamente bonito dentro do smoking preto, com os olhos verdes a fitá-la com devoção e aquele sorriso irresistível curvando os lábios bonitos.

Charles estava ao lado dele como padrinho, com um sorriso satisfeito e os olhos claros transbordando de carinho.

— Está pronta? — Rhys murmurou.

Elizabeth assentiu, e começaram a atravessar a nave improvisada sob os olhares sorridentes de todos os amigos e familiares. Christian, ainda mais bonito no elegante smoking, acenou discretamente, e Sebastian sorriu, igualmente elegante no traje formal.

— Quando sonhei com esse momento, não imaginei que fosse bem assim — Rhys murmurou com um sorriso.

— É engraçado, porque foi exatamente o que imaginei — ela murmurou de volta, com o olhar fixo em Jensen.

Quando chegaram ao altar, Rhys a abraçou apertado e, em seguida, entregou-a a Jensen. Os dois homens apertaram as mãos, e os olhos de Elizabeth se encheram com a visão.

O restante da cerimônia transcorreu numa bruma nebulosa para ela. Elizabeth estava capturada pela perfeição do momento e pela alegria de ter sua família reunida para compartilhar o momento mais feliz da sua vida. A noção de que Jensen estaria do seu lado por toda a eternidade a fazia flutuar. Ele era o homem dos seus sonhos, seu companheiro, sua metade.

Quando a cerimônia terminou, eles se misturaram aos convidados. Ela observou Jensen conversando com seus irmãos, perfeitamente à vontade, os amigos servindo-se no farto bife, a alegria que pairava no ar... E Elizabeth teve medo de chorar.

Jensen olhou para ela do outro lado da sala, captando suas emoções. Pediu licença a Rhys e Sebastian para se juntar a ela.

— Você está bem?

Ela acenou, sorrindo através das lágrimas.

— Só estou ridiculamente feliz. Deve ser por causa dos hormônios da gravidez.

Ele riu e passou o braço ao redor da cintura que começava a mostrar as marcas da gestação.

— Vá em frente — sugeriu, beijando-a com delicadeza.

Quando o beijo se aprofundou, alguém limpou a garganta atrás deles. Voltaram-se para ver Brian de pé, sorrindo ao lado de Jill, visivelmente constrangida.

— Desculpem pela interrupção.

Brian ergueu os ombros, e Elizabeth sorriu. Ela aprendera rapidamente que o melhor amigo de Jensen adorava uma provocação.

— Nós só queríamos cumprimentá-los. Estamos felizes por vocês.

Jensen abraçou seus velhos amigos com carinho genuíno. Brian deu palmadas vigorosas nas costas do amigo e abraçou Elizabeth.

— Você é exatamente o que ele precisava — Jill declarou com um sorriso amigável.

Os olhos de Elizabeth voltaram a se encher de lágrimas. As palavras de Jill significavam muito para ela.

Quando o casal se afastou, Jensen puxou-a de volta para si e aproveitou o momento à sós para roubar outro beijo.

— Desculpem-me, crianças...

Elizabeth se afastou, ainda atordoada pelo beijo. Então, soltou uma exclamação entusiasmada ao perceber quem estava na frente dela.

— Dr. Fowler!

O homem mais velho, trajando seu habitual terno de tweed, acenou para ela.

— Parabéns, Elizabeth.

Ela deu um passo à frente e abraçou o dr. Fowler, sentindo verdadeira satisfação em vê-lo. Em seguida, apresentou Jensen ao seu mentor.

— Desculpe-me por não ter entrado em contacto. Eu estava na Europa há várias semanas, trabalhando com um grupo de... — o médico abaixou a voz — homens-ovelha.

Jensen emitiu um ruído abafado, e Elizabeth percebeu que estava tentando conter uma gargalhada. A variedade de criaturas ainda o surpreendiam e divertiam.

— Mas eu tive oportunidade de estudar o seu soro. — O homem mais velho enviou-lhes olhar decepcionado. — Eu odeio dizer isso Elizabeth, mas, tanto quanto pude ver, a transformação celular só consegue mudar seus feromônios para que você não se torne ameaçadora para outros animais.

Elizabeth arqueou as sobrancelhas, intrigada. Isso explicava as corujas e o gambá no celeiro, além do camundongo na cozinha e de Ginger, a égua que ela conseguira acalmar para que Jensen tratasse.

— Quer dizer que o soro só age para que outros animais gostem de mim?

— Isso mesmo. O soro promove uma alteração química que faz com que outros animais a reconheçam como se fosse da mesma espécie que eles.

Jensen e Elizabeth ficaram em silêncio por um momento. Então, Jensen começou a rir.

— Isso é excelente — explicou em meio à risada. —, porque sou veterinário, e não pretendo mudar de profissão.

Mesmo confuso, o dr. Fowler balançou a cabeça em concordância. Porém, Elizabeth não compartilhou a felicidade de Jensen.

— Será que as mudanças nos feromônios permitem que Jensen e eu sejamos compatíveis?

— Não se preocupe, isso não deverá ter nenhuma influência sobre vocês. Jensen é seu companheiro de alma e coração, isso é muito claro. É raro, mas há casos de seres humanos e lobisomens que formam uniões naturais.

Elizabeth sorriu, entendendo o motivo da atração visceral que sentia por Jensen, assim como a concepção de um filho dele antes que tivesse se transformado.

O médico conversou por mais algum tempo e os deixou para falar com Rhys e Jane.

Quando ela olhou para Jensen, encontrou-o sorrindo.

— O que foi?

— Este é um grande dia. Eu tenho o amor da minha vida e minha alma gêmea, um bebê a caminho, e serei o melhor veterinário do condado se você me der um pouco do seu soro. Os animais vão me adorar!

— E você é um lobo — ela acrescentou com um sorriso hesitante.

Ele considerou por um instante e ergueu os ombros.

— Eu posso pensar em centenas de coisas piores. Sendo lobo, eu terei você por um longo, longo tempo.

— Para sempre — ela prometeu com os lábios roçando os dele.

— Eu te amo, Elizabeth — ele murmurou antes que as bocas se encontrassem.

Pela primeira vez, Elizabeth estava feliz por ser uma mulher-lobo. Somente assim ela poderia ter um macho alfa como companheiro.

fim